

LIVRO QUE INSPIROU A SÉRIE HOMÔNIMA



OS ESCOLHIDOS



KASS MORGAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



KASS MORGAN

THE
100

OS ESCOLHIDOS

— **Galera** —

Tradução de
Rodrigo Abreu

1ª edição — Rio de Janeiro, 2014

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Morgan, Kass

The 100 [recurso eletrônico] / Kass Mor
tradução Rodrigo Abreu. - 1ª ed. - Rio de Janeiro :

Tradução de: The 100

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Edit

Modo de acesso: World Wide Web

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Rodr
ISBN 978-85-01-02606-4

14-10787

M846c CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês: The 100

Copyright © 2013 by Aloy Entertainment Publicado mediante acord

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de

Os direitos morais do autor foram asseguri

Texto revisado pelo novo Acordo Ortográfico da Líng

Composição de miolo: Abreu's System Direitos exclusivos de publicação em língua p

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 –

que se reserva a propriedade literária desta t

Produzido no Brasil

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para meus pais e avós, com amor e gratidão

A porta de correr se abriu, e Clarke soube que era hora de morrer.

Seus olhos se fixaram nas botas do guarda, e ela se preparou para a descarga de medo, a inundação de pânico desesperado. Mas, enquanto se apoiava sobre o cotovelo, desgrudando sua camisa da cama encharcada de suor, tudo o que sentiu foi alívio.

Ela tinha sido transferida para uma cela individual depois de atacar um guarda, mas, para Clarke, não existia algo como uma solitária. Ela ouvia vozes em todos os lugares. Elas a chamavam dos cantos de sua cela escura. Preenchiam o silêncio entre as batidas de seu coração. Gritavam das mais profundas reentrâncias de sua mente. Não era a morte o que ela desejava, mas, se aquela fosse a única forma de silenciar as vozes, então estava preparada para tal.

Ela tinha sido Confinada por traição, mas a verdade era muito pior do que qualquer um poderia imaginar. Mesmo se, por algum milagre, ela fosse perdoada em seu rejuízo, não haveria um verdadeiro indulto. Suas lembranças eram mais opressivas do que as paredes de qualquer cela.

O guarda limpou a garganta enquanto transferia o peso de um pé ao outro: — Prisioneira número 319, por favor, levante-se.

Ele era mais novo do que ela tinha esperado, e seu uniforme ficava folgado em seu corpo magro, entregando seu status de recruta recente. Alguns meses de rações militares não foram suficientes para fazer sumir o fantasma da subnutrição que assombrava as pobres naves externas da Colônia, Walden e Arcadia.

Clarke respirou fundo e se colocou de pé.

— Estique seus braços — disse ele, tirando um par de algemas do bolso de seu uniforme azul.

Clarke tremeu quando a pele dele roçou na sua. Ela não via outra pessoa desde que a tinham trazido para a nova cela, muito menos tocado numa. — Estão muito apertadas? — perguntou, seu tom brusco abrandado por uma nota de piedade que fez o peito de Clarke doer. Há muito tempo nenhuma pessoa além de Thalia, sua antiga companheira de cela e única amiga no mundo, lhe mostrava alguma compaixão.

Ela balançou a cabeça. Ele prosseguiu:

— Apenas sente-se na cama. O doutor está a caminho.

— Vão fazer isso aqui? — perguntou Clarke com a voz rouca, as palavras arranhando sua garganta.

Se um médico estava vindo, significava que estavam dispensando seu rejuízo. Aquilo não deveria ser uma surpresa. De acordo com a lei da Colônia, adultos eram executados imediatamente após a condenação e menores eram confinados até completarem 18 anos, quando recebiam uma última chance de se defenderem. Mas ultimamente as pessoas estavam sendo executadas horas depois de seus rejuízos por crimes que, há alguns anos, teriam sido perdoados.

Ainda assim, era difícil acreditar que eles realmente fariam aquilo em sua cela. De

uma forma perversa, ela estava contando com uma última caminhada até o hospital em que passou tanto tempo durante seu estágio médico — uma última chance de vivenciar algo familiar, mesmo que fosse apenas o cheiro do desinfetante e o zumbido do sistema de ventilação — antes de perder a capacidade de sentir para sempre.

O guarda falou sem olhar em seus olhos:

— Preciso que você se sente.

Clarke deu alguns passos curtos e se empenhou rigidamente na borda da cama estreita. Embora ela soubesse que a solitária distorcia sua percepção do tempo, era difícil acreditar que estava ali, sozinha, há quase seis meses. O ano que ela tinha passado com Thalia e a terceira companheira de cela, Lise — uma garota com a expressão fechada que sorriu pela primeira vez quando levaram Clarke embora —, tinha parecido uma eternidade. Mas não havia outra explicação. Hoje tinha que ser seu aniversário de 18 anos, e o único presente esperando por Clarke era uma seringa que paralisaria seus músculos até que seu coração parasse de bater. Depois disso, seu corpo sem vida seria lançado no espaço, como era o costume na Colônia, deixado para vagar infinitamente pela galáxia.

Um vulto apareceu na porta, e um homem alto e esbelto entrou na cela. Embora o cabelo grisalho na altura dos ombros cobrisse parcialmente o broche no colarinho de seu jaleco, Clarke não precisava da insígnia para reconhecê-lo como o consultor-chefe de medicina do Conselho. Ela tinha passado a maior parte do ano anterior ao confinamento à sombra do Dr. Lahiri, e não era capaz de contar o número de horas que tinha ficado ao seu lado durante cirurgias. Os outros aprendizes invejavam a posição de Clarke e tinham se queixado de nepotismo ao descobrirem que o Dr. Lahiri era um dos amigos mais próximos de seu pai. Pelo menos tinha sido antes de seus pais serem executados.

— Olá, Clarke — disse ele de forma agradável, como se a estivesse cumprimentando no refeitório do hospital e não numa cela de detenção. — Como você está?

— Melhor do que estarei em alguns minutos, imagino.

O Dr. Lahiri costumava rir do humor negro de Clarke, mas dessa vez ele franziu a testa e se virou para o guarda:

— Você pode tirar as algemas e nos dar um momento, por favor?

O guarda se moveu de forma desconfortável:

— Não devo deixá-la desacompanhada.

— Você pode esperar do lado de fora da porta — falou o Dr. Lahiri, com uma paciência exagerada. — Ela é uma garota desarmada de 17 anos. Acho que serei capaz de manter tudo sob controle.

O guarda evitou os olhos de Clarke enquanto removia as algemas. Ele assentiu rapidamente para o Dr. Lahiri enquanto saía da cela.

— Você quis dizer que sou uma garota desarmada de 18 anos — disse Clarke, forçando o que ela achou ser um sorriso. — Ou você está se transformando num daqueles cientistas malucos que nunca sabem em que ano estamos?

Seu pai era assim. Ele se esquecia de programar as luzes circadianas em seu apartamento e acabava indo trabalhar às 4h da manhã, muito envolvido com sua pesquisa para notar que os corredores da nave estavam desertos.

— Você ainda tem 17 anos, Clarke — falou o Dr. Lahiri, da forma calma e lenta que

ele normalmente reservava a pacientes acordando de uma cirurgia. — Você está na solitária há três meses.

— Então o que você está fazendo aqui? — perguntou ela, incapaz de dominar o pânico que surgia em sua voz. — A lei diz que vocês têm que esperar até eu ter 18 anos.

— Houve uma mudança de planos. Isso é tudo que fui autorizado a dizer.

— Então você tem autorização para me executar, mas não para falar comigo? — Ela se lembrou de observar o Dr. Lahiri durante o julgamento de seus pais. Naquela época, ela tinha lido sua expressão carrancuda como uma mostra de sua reprovação ao processo, mas agora não tinha mais certeza. Ele não tinha se manifestado em defesa deles. Ninguém tinha. Ele tinha simplesmente ficado sentado ali calado enquanto o Conselho declarava que seus pais, dois dos mais brilhantes cientistas de Phoenix, tinham violado a Doutrina Gaia, as regras estabelecidas depois do Cataclismo para garantir a sobrevivência da raça humana. — E quanto aos meus pais? Você os matou também?

O Dr. Lahiri fechou os olhos, como se as palavras de Clarke tivessem se transformado em algo visível. Algo grotesco.

— Não estou aqui para matá-la — disse ele, calmamente. Ele abriu os olhos e então apontou para o banco no pé da cama de Clarke. — Posso? — Quando Clarke não respondeu, o Dr. Lahiri seguiu adiante e se sentou para ficar de frente para ela: — Posso ver seu braço, por favor?

Clarke sentiu seu peito se contrair e se forçou a respirar. Ele estava mentindo. Aquilo era cruel e perverso, mas tudo acabaria em um minuto.

Ela esticou o braço na direção dele. O Dr. Lahiri colocou a mão no bolso de seu jaleco e tirou um pano que tinha cheiro de antisséptico. Clarke se arrepiou quando ele o esfregou na parte interna de seu braço.

— Não se preocupe. Isso não vai doer.

Clarke fechou os olhos.

Ela se lembrou da expressão angustiada com que Wells tinha olhado para ela enquanto os guardas a escoltavam para fora das câmaras do Conselho. Embora a raiva que tinha ameaçado consumi-la durante o julgamento tivesse há muito tempo se esgotado, pensar em Wells enviou uma nova onda de calor por seu corpo, como uma estrela agonizante emitindo um último raio de luz antes de se apagar e se transformar em nada.

Seus pais estavam mortos, e era tudo culpa dele.

O Dr. Lahiri segurou o braço dela, seus dedos procurando a veia.

Até breve, mãe e pai.

Ele segurou mais firme. Estava na hora.

Clarke respirou fundo ao sentir uma picada na face interna de seu pulso.

— Pronto. Você está preparada.

Os olhos de Clarke se abriram rapidamente. Ela olhou para baixo e viu um bracelete de metal preso em seu braço. Ela passou o dedo sobre ele, se encolhendo ao sentir o que parecia ser uma dúzia de pequenas agulhas pressionando contra sua pele.

— O que é isso? — perguntou ela freneticamente, se afastando do médico.

— Apenas relaxe — respondeu ele com uma indiferença irritante. — É um transmissor vital. Ele vai acompanhar sua respiração e a composição de seu sangue,

recolhendo todo tipo de informação relevante.

— Informação relevante para quem? — perguntou Clarke, embora ela já pudesse sentir o tipo de resposta na massa crescente de terror em seu estômago.

— Tivemos alguns progressos empolgantes — falou o Dr. Lahiri, soando como uma imitação vazia do pai de Wells, o Chanceler Jaha, fazendo um de seus discursos do Dia da Lembrança. — Você deveria estar muito orgulhosa. É tudo por causa de seus pais.

— Meus pais foram executados por traição.

O Dr. Lahiri olhou para ela com desaprovação. Há um ano, aquilo teria feito Clarke se encolher de vergonha, mas agora ela mantinha seu olhar firme.

— Não estrague isso, Clarke. Você tem uma chance de fazer a coisa certa, de compensar pelo crime escandaloso de seus pais.

Um estalo seco foi ouvido quando o punho de Clarke se chocou contra o rosto do médico, seguido de um som oco quando a cabeça do homem bateu na parede. Segundos depois, o guarda apareceu e torceu as mãos de Clarke nas costas dela.

— O senhor está bem? — perguntou ele.

O Dr. Lahiri se sentou lentamente, esfregando seu maxilar enquanto examinava Clarke com uma mistura de raiva e prazer:

— Pelo menos sabemos que você será capaz de se garantir entre os outros delinquentes quando chegar lá.

— Chegar aonde? — grunhiu Clarke, tentando se soltar das mãos do guarda.

— Estamos esvaziando o centro de detenção hoje. Uma centena de criminosos sortudos vai ter a chance de fazer história. — Os cantos de sua boca se contorceram num sorriso malicioso. — Você vai para a Terra.

O Chanceler tinha envelhecido. Apesar de fazer menos de seis semanas desde a última vez que Wells tinha visto seu pai, ele parecia anos mais velho. Havia novos fios brancos em suas têmporas, e as rugas em volta de seus olhos estavam mais profundas.

— Você finalmente vai me contar por que fez aquilo? — perguntou o Chanceler com um suspiro cansado.

Wells se moveu em sua cadeira. Ele podia sentir a verdade tentando se arrastar para fora. Ele daria quase qualquer coisa para apagar a decepção no rosto de seu pai, mas não podia arriscar — não antes de saber se seu plano imprudente tinha realmente funcionado.

Wells evitou o olhar de seu pai ao examinar a sala ao redor, tentando memorizar as relíquias que poderia estar vendo pela última vez: o esqueleto de águia empoeirado num mostrador de vidro, as poucas pinturas que tinham sobrevivido ao incêndio no Louvre e as fotos das lindas cidades mortas cujos nomes nunca pararam de causar calafrios em Wells.

— Foi um desafio? Você estava tentando se exibir para seus amigos? — O Chanceler continuou no mesmo tom grave e constante que ele usava em audições do Conselho, então levantou uma sobrancelha para indicar que era a vez de Wells falar.

— Não, senhor.

— Você foi acometido por um acesso temporário de insanidade? Você estava drogado? — Havia um leve toque de esperança em sua voz que, em outra situação, Wells poderia ter achado divertido.

Mas não havia nada engraçado na expressão nos olhos de seu pai, uma combinação de fadiga e confusão que Wells não via desde o funeral de sua mãe.

— Não, senhor.

Wells sentiu um impulso passageiro de tocar o braço do pai, mas algo além das algemas em seus pulsos o impedia de esticar o braço por cima da escrivaninha. Mesmo quando eles tinham se juntado ao redor do portal de lançamento, dando seus últimos e silenciosos adeuses à mãe de Wells, eles nunca diminuíram os 20 centímetros de espaço entre seus ombros. Era como se Wells e o pai fossem dois ímãs e a carga de seu pesar os repelisse.

— Foi alguma espécie de declaração política? — Seu pai franziu a testa levemente, como se a ideia o atingisse como um golpe físico. — Alguém de Walden ou Arcadia o obrigou a fazer isso?

— Não, senhor — disse Wells, engolindo sua indignação.

Seu pai tinha aparentemente passado as últimas seis semanas tentando remodelar Wells como uma espécie de rebelde, reprogramando suas memórias para ajudá-lo a compreender por que o filho, anteriormente um aluno exemplar e agora o cadete mais graduado, tinha cometido a infração mais pública da história. Mas nem mesmo a verdade seria suficiente para diminuir a confusão na cabeça dele. Para o Chanceler, nada poderia justificar atear fogo na Árvore do Éden, a muda que tinha sido trazida a Phoenix logo antes do Êxodo. No entanto, para Wells, aquilo não tinha sido uma escolha.

Assim que tinha descoberto que Clarke estaria entre os cem enviados à Terra, ele tivera que fazer algo para se juntar a eles. E, como o filho do Chanceler, apenas a mais pública das infrações o levaria ao confinamento.

Wells se lembrou de si mesmo se movendo entre a multidão na Cerimônia de Lembrança, sentindo o peso de centenas de olhos sobre ele, sua mão tremendo ao tirar o isqueiro de seu bolso e criar uma centelha que brilhou com força na penumbra. Por um momento, todos tinham olhado em silêncio enquanto as chamas envolviam a árvore. E, mesmo enquanto os guardas corriam em sua direção num caos repentino, ninguém tinha sido capaz de se enganar sobre quem eles estavam arrastando dali.

— O que diabos você estava pensando? — perguntou o Chanceler, olhando para ele com descrença. — Você poderia ter incendiado todo o salão e matado todos que estavam ali.

Seria melhor mentir. Seria mais fácil para seu pai acreditar que Wells estava agindo em resposta a um desafio. Ou talvez ele devesse tentar fingir que estava drogado. Qualquer desses dois cenários seria mais palatável para o Chanceler do que a verdade — que ele tinha arriscado tudo por uma garota.

A porta do hospital se fechou atrás dele, mas o sorriso de Wells permaneceu congelado, como se a força que tinha sido necessária para levantar os cantos de sua boca tivesse danificado permanentemente os músculos de seu rosto. Através da névoa das drogas, sua mãe tinha provavelmente pensado que seu sorriso parecia real, e isso era tudo o que importava. Ela tinha segurado a mão de Wells enquanto as mentiras se derramavam de dentro dele, amargas, porém inofensivas. Sim, papai e eu estamos bem. Ela não precisava saber que eles mal tinham trocado algumas poucas palavras em semanas.

Quando você estiver melhor, vamos terminar A história do declínio e queda do império romano. Os dois sabiam que ela nunca chegaria ao último volume.

Wells saiu do hospital e começou a cruzar a plataforma B, que estava misericordiosamente vazia. Àquela hora, a maioria das pessoas estava nos seminários, no trabalho ou no Entrepasto. Ele deveria estar numa aula de história, normalmente sua matéria favorita. Ele sempre tinha amado as narrativas sobre cidades antigas como Roma e Nova York, cujos triunfos deslumbrantes apenas eram rivalizados pela magnitude de suas ruínas. Mas ele não podia passar duas horas cercado pelos mesmos companheiros de seminário que tinham enchido sua fila de mensagens com condolências vagas e desconfortáveis. A única pessoa com quem ele podia falar sobre sua mãe era Glass, mas ela andava estranhamente distante.

Wells não sabia muito bem quanto tempo tinha ficado parado em frente à porta antes de perceber que tinha chegado à biblioteca. Ele permitiu que o scanner examinasse seus olhos, esperou o sinal e então pressionou seu polegar contra a tela. A porta se abriu apenas por tempo suficiente para que Wells entrasse e então se fechou atrás dele com um baque arrogante, como se tivesse feito um enorme favor a Wells apenas por deixá-lo entrar.

Wells soltou o ar enquanto o silêncio e as sombras o envolviam. Os livros que tinham sido trazidos a Phoenix antes do Cataclismo eram mantidos em grandes mostruários sem oxigênio, que retardavam significativamente o processo de deterioração,

e essa era a razão para eles terem que ser lidos na biblioteca e apenas por algumas horas de cada vez. O enorme salão era escondido das luzes circadianas, num estado de perpétua penumbra.

Desde quando ele conseguia se lembrar, Wells e a mãe passavam as noites de domingo ali, sua mãe lendo em voz alta para ele quando ele era pequeno, depois os dois lendo lado a lado enquanto ele ficava mais velho. Mas, à medida que sua doença progredia e suas dores de cabeça ficavam piores, Wells tinha começado a ler para ela.

Eles tinham acabado de começar o volume dois de A história do declínio e queda do império romano na noite anterior à sua internação no hospital.

Ele ziguezagueou entre corredores estreitos até a seção de língua Inglesa e então até a de História, que ficava escondida num canto escuro no fundo do salão. A coleção era menor do que deveria ser. O primeiro governo colonial tinha conseguido que textos digitais fossem carregados em Phoenix, mas, menos de cem anos depois, um vírus apagou a maior parte dos arquivos digitais, e os únicos livros que restaram foram aqueles em coleções privadas — bens de família passados dos colonos originais aos seus descendentes. Ao longo do último século, a maioria das relíquias tinha sido doada à biblioteca.

Wells agachou até seu olho ficar na altura dos Gs. Então pressionou seu polegar contra a trava, e o vidro se abriu com um chiado, rompendo o lacre a vácuo. Ele esticou a mão até o interior para pegar Declínio e queda, mas parou no meio do caminho. Queria continuar lendo para poder ser capaz de contar a sua mãe sobre o livro, mas aquilo seria equivalente a chegar ao seu quarto do hospital com sua placa memorial e pedir a opinião dela sobre o que seria escrito nela.

— Você não deve deixar o mostruário aberto — disse uma voz atrás dele.

— Sim, obrigado — disse Wells, de forma mais seca do que gostaria que soasse. Ele se colocou de pé e se virou, encontrando uma garota de aparência familiar olhando para ele. Era a aprendiz de médica do hospital. Wells sentiu uma pontada de raiva dessa fusão dos mundos. A biblioteca era aonde ele ia para se esquecer do cheiro enjoativo do antisséptico, do bipe do monitor cardíaco que, longe de um sinal vital, se parecia com uma contagem regressiva para a morte.

A garota deu um passo atrás e inclinou a cabeça, seu cabelo claro caindo para um lado.

— Ah. É você. — falou ela. Wells se preparou para o chique de reconhecimento e os rápidos movimentos oculares que significavam que ela já estava mandando mensagens a seus amigos em seu implante de córnea. Mas os olhos dessa garota focaram diretamente sobre ele, como se estivessem olhando apenas para seu cérebro, arrancando as camadas para revelar todos os pensamentos que Wells tinha intencionalmente escondido. — Você não queria aquele livro? — Ela acenou com a cabeça para a prateleira em que Declínio e queda estava guardado.

Wells balançou a cabeça.

— Lerei outra hora.

Ela ficou em silêncio por um momento:

— Acho que você deveria levá-lo agora. — O maxilar de Wells enrijeceu, mas, quando

ele não disse nada, ela continuou. — Eu costumava vê-lo aqui com a sua mãe. Você devia levá-lo para ela.

— Só porque meu pai está à frente do Conselho, não quer dizer que eu possa violar uma lei de trezentos anos — disse ele, permitindo apenas uma sombra de desdém para tornar seu tom mais pesado.

— O livro ficará bem por algumas horas. Eles exageram sobre os efeitos do ar.

Wells levantou uma sobrancelha:

— E eles exageram sobre o poder do scanner de saída? — Havia scanners na maioria das portas públicas de Phoenix, que podiam ser programados para quaisquer especificações. Na biblioteca, o aparelho monitorava a composição molecular de cada pessoa que saía, para garantir que ninguém saísse com um livro em suas mãos ou escondido debaixo de suas roupas.

Um sorriso se acendeu no rosto da menina.

— Resolvi isso há muito tempo. — Ela olhou para trás em direção ao corredor sombrio entre as estantes de livros, então enfiou a mão no bolso e tirou um pano cinza. — Isso impede o scanner de reconhecer a celulose no papel. — Ela o ofereceu a ele. — Toma.

Pode pegar.

Wells deu um passo atrás. As chances de essa garota tentar envergonhá-lo eram muito maiores do que a probabilidade de ela ter um pedaço de tecido mágico escondido em seu bolso.

— Por que você tem isso?

Ela deu de ombros:

— Gosto de ler em outros lugares. — Quando ele não disse nada, ela sorriu e esticou sua outra mão. — Apenas me dê o livro. Eu vou tirá-lo daqui e o levar ao hospital.

Wells ficou surpreso consigo mesmo ao entregar o livro a ela.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele.

— Para saber com quem você terá uma dívida eterna?

— Para saber quem culpar quando for preso.

A garota colocou o livro debaixo do braço e esticou a mão: — Clarke.

— Wells — respondeu, esticando a mão para apertar a dela. Ele sorriu, e dessa vez não doeu.

— Eles mal conseguiram salvar a árvore. — O Chanceler olhou fixamente para Wells, como se estivesse procurando um sinal de remorso ou satisfação, qualquer coisa que o ajudasse a entender por que seu filho tinha tentado atear fogo à única árvore trazida de seu planeta devastado. — Alguns dos membros do Conselho queriam executá-lo na mesma hora, menor de idade ou não, sabia? Só fui capaz de poupar sua vida ao fazer com que concordassem em enviá-lo à Terra.

Wells soltou o ar, aliviado. Havia menos de 150 jovens no Confinamento, então ele tinha imaginado que levariam todos os adolescentes mais velhos, mas até esse momento ele não tinha certeza de que seria mandado na missão.

Os olhos de seu pai se arregalaram com surpresa e compreensão enquanto ele olhava fixamente para Wells:

— Era isso que você queria, não era?

Wells balançou a cabeça.

O rosto do Chanceler se contorceu.

— Se soubesse que você estava tão desesperado para ver a Terra, eu poderia ter conseguido que você se juntasse à segunda expedição. Assim que determinássemos que era seguro.

— Eu não queria esperar. Quero ir com os primeiros cem.

O Chanceler estreitou os olhos levemente enquanto examinava o rosto impassível de Wells: — Por quê? Você mais do que qualquer um sabe dos riscos.

— Com todo o devido respeito, foi você quem convenceu o Conselho de que o inverno nuclear tinha acabado. Você disse que era seguro.

— Sim. Seguro o suficiente para os cem criminosos condenados que morreriam de qualquer forma — disse o Chanceler, sua voz em uma mistura de condescendência e descrença. — Eu não quis dizer que era seguro para meu filho.

A raiva que Wells vinha tentando asfixiar se inflamou, reduzindo sua culpa a cinzas. Ele sacudiu as mãos para as algemas fazerem barulho:

— Acho que sou um deles agora.

— Sua mãe não gostaria que você fizesse isso, Wells. Só porque ela gostava de sonhar com a Terra não quer dizer que gostaria que você se colocasse em perigo.

Wells se inclinou para a frente, ignorando a pressão do metal afundando em sua carne.

— Não é por causa dela que estou fazendo isso — falou ele, olhando diretamente nos olhos de seu pai pela primeira vez desde que tinha se sentado. — Embora eu realmente ache que ela ficaria orgulhosa de mim.

Era parcialmente verdade. Ela tinha um lado romântico e teria incentivado o desejo de seu filho de proteger a garota que ele amava. Mas seu estômago se contorceu ao pensar na possibilidade de sua mãe saber o que ele realmente tinha feito para salvar Clarke. A verdade faria colocar fogo na Árvore do Éden parecer uma pegadinha inofensiva.

Seu pai olhou para ele:

— Você está me dizendo que todo esse desastre é por causa daquela garota?

Wells balançou a cabeça lentamente:

— É minha culpa ela estar sendo mandada para lá como um rato de laboratório. Vou garantir que ela tenha a maior chance de sair viva.

O Chanceler ficou em silêncio por um momento. Mas quando falou novamente, sua voz estava calma:

— Isso não será necessário. — O Chanceler tirou algo da gaveta de sua escrivaninha e o colocou na frente de Wells. Era uma argola de metal na qual estava fixado um chip do tamanho do polegar de Wells. — Cada membro da expedição está nesse momento sendo equipado com uma dessas pulseiras — explicou seu pai. — Elas mandarão informações de volta à nave para podermos acompanhar sua localização e monitorar seus sinais vitais. Assim que tivermos provas de que o ambiente é receptivo, começaremos a recolonização. — Ele forçou um sorriso sinistro. — Se tudo correr como planejado, não demorará muito até que o resto de nós desça para se juntar a vocês, e tudo isso — ele apontou para as

mãos acorrentadas de Wells — será esquecido.

A porta se abriu, e um guarda entrou:

— Está na hora, senhor.

O Chanceler concordou com a cabeça, e o guarda cruzou a sala para colocar Wells de pé.

— Boa sorte, filho — disse o pai de Wells, assumindo sua rispidez característica. — Se alguém é capaz de tornar essa missão um sucesso, é você.

Ele esticou a mão para apertar a de Wells, mas então a abaixou ao perceber sua falha. Os braços de seu único filho ainda estavam acorrentados às costas.

É claro que o desgraçado convencido estava atrasado. Bellamy batia com o pé no chão impacientemente, sem se importar com o eco que ressoava pelo depósito. Ninguém mais ia ali; qualquer coisa valiosa tinha sido levada há anos. Todas as superfícies estavam cobertas de lixo — peças sobressalentes de máquinas cujas funções há muito tempo tinham sido esquecidas; papel moeda; infinitos emaranhados de cabos e fios; telas e monitores rachados.

Bellamy sentiu a mão de alguém em seu ombro e se virou, levantando os punhos para proteger o rosto enquanto esquivava para o lado.

— Relaxe, cara — falou Colton enquanto ligava sua lanterna, apontando o feixe de luz bem nos olhos de Bellamy. Ele examinou-o com uma expressão entretida em seu rosto longo e estreito. — Por que você quis que nos encontrássemos aqui embaixo? — Ele sorriu de forma desdenhosa. — Procurando pornografia dos homens das cavernas em computadores quebrados? Não vou julgar. Se eu ficasse preso com o que se passa por uma garota lá em Walden, eu provavelmente desenvolveria meus próprios hábitos indecentes.

Bellamy ignorou a implicância. Apesar da nova função de seu ex-amigo como guarda, Colton não tinha chance com nenhuma garota, independentemente de em qual nave ela morasse.

— Apenas me diga o que está acontecendo, certo? — falou Bellamy, se esforçando para manter seu tom leve.

Colton se recostou na parede e sorriu:

— Não deixe o uniforme enganá-lo, irmão. Eu não me esqueci da primeira regra dos negócios.

— Ele esticou a mão. — Pode passar para mim.

— É você quem está confuso, Colt. Sabe que sempre cumpro minha parte. — Ele bateu com a mão no bolso que guardava o chip carregado com os pontos de ração roubados. — Agora me conte onde ela está.

O guarda sorriu de forma maliciosa, e Bellamy sentiu algo apertar seu peito. Ele vinha subornando Colton para obter informações sobre Octavia desde que ela tinha sido presa, e o idiota sempre parecia ter prazer em dar más notícias.

— Vão enviá-los hoje. — As palavras atingiram Bellamy com um baque. — Colocaram um dos módulos de transporte da plataforma G para funcionar. — Ele esticou a mão novamente. — Agora chega. Essa missão é sigilosa e estou arriscando meu pescoço por você. Cansei de brincadeira.

O estômago de Bellamy embrulhou enquanto uma série de imagens piscava diante de seus olhos: sua irmãzinha presa numa velha jaula de metal, arremessada pelo espaço a milhares de quilômetros por hora. Seu rosto ficando roxo ao lutar para respirar o ar tóxico. Seu corpo enrugado caído, tão imóvel quanto...

Bellamy deu um passo para a frente.

— Sinto muito, cara.

Colton estreitou os olhos:

— Por quê?

— Por isso.

Bellamy dobrou o braço, então acertou um soco bem no maxilar do guarda. Houve um estalo alto, mas ele não sentiu nada além de seu coração disparado enquanto observava Colton cair no chão.

Trinta minutos depois, Bellamy estava tentando entender a cena estranha diante dele. Suas costas estavam encostadas à parede de um amplo saguão que levava a uma rampa íngreme. Condenados entravam aos montes usando jaquetas cinza, levados rampa abaixo por um punhado de guardas. Ao fundo, estava o módulo de transporte, uma geringonça redonda equipada com fileiras de assentos com travas de segurança, que levaria os pobres e indefesos jovens à Terra.

Tudo aquilo era completamente doentio, mas ele imaginava que era melhor do que a alternativa.

Embora você devesse ter a chance de um rejuízo no seu aniversário de 18 anos, há cerca de um ano praticamente todos os réus juvenis vinham sendo considerados culpados. Sem essa missão, eles estariam contando os dias até suas execuções.

O estômago de Bellamy embrulhou quando seus olhos se fixaram sobre uma segunda rampa e, por um momento, ele se preocupou com a possibilidade de ter deixado de ver Octavia. Mas não importava se ele ia vê-la embarcar. Os dois se reuniriam em pouco tempo.

Bellamy puxou as mangas do uniforme de Colton. Ele mal cabia na roupa, mas até agora nenhum dos outros guardas parecia notar. Estavam concentrados na parte mais baixa da rampa, onde o Chanceler Jaha falava com os passageiros.

— Vocês receberam uma oportunidade sem precedentes de deixar o passado para trás — dizia o Chanceler. — A missão em que vocês estão prestes a embarcar é perigosa, mas sua bravura será recompensada. Se vocês tiverem sucesso, suas infrações serão perdoadas e vocês serão capazes de começar novas vidas na Terra.

Bellamy mal conseguiu evitar bufar. O Chanceler tinha muita cara de pau de ir até ali e vomitar qualquer baboseira que o ajudava a dormir à noite.

— Estaremos monitorando seu progresso muito atentamente para mantê-los em segurança — continuou o Chanceler enquanto os próximos dez prisioneiros enchiam a rampa, acompanhados por um guarda que fez uma breve saudação para o Chanceler antes de depositar seu carregamento no módulo de transporte e subir a rampa de volta para esperar no saguão. Bellamy examinou a multidão à procura de Luke, o único waldenita que ele conhecia que não tinha se transformado em um completo babaca depois de se tornar um guarda. Mas havia menos de uma dúzia de guardas na plataforma de lançamento; o Conselho tinha claramente decidido que o sigilo era mais importante do que a segurança.

Ele tentou não bater com o pé no chão de forma impaciente enquanto a fila de prisioneiros seguia descendo a rampa. Se ele fosse descoberto fazendo se passar por guarda, a lista de infrações seria infinita: suborno, chantagem, roubo de identidade, conspiração e o que mais o Conselho decidisse acrescentar à lista. E, como ele tinha 20

anos, não haveria Confinamento para ele; vinte e quatro horas depois do anúncio de sua sentença, ele estaria morto.

O peito de Bellamy se contraiu quando um familiar laço vermelho apareceu no fundo do saguão, por entre uma cortina de cabelo preto lustroso. Octavia.

Durante os últimos dez meses, ele tinha sido consumido por preocupações agonizantes sobre o que estava acontecendo a ela no Confinamento. Será que ela estava recebendo o suficiente para comer? Será que estava encontrando formas de se manter ocupada? Manter a mente sã? Embora o Confinamento fosse brutal para qualquer um, Bellamy sabia que aquilo seria infinitamente pior para O.

Bellamy tinha praticamente criado sua irmã mais nova. Ou pelo menos tinha tentado. Depois do acidente de sua mãe, ele e Octavia tinham sido deixados sob os cuidados do Conselho. Não havia precedentes sobre o que fazer com irmãos — com as rígidas leis populacionais, um casal nunca tinha permissão para ter mais do que um filho e, algumas vezes, nem para ter um —, então ninguém na Colônia entendia o que significava ter um irmão ou uma irmã. Bellamy e Octavia viveram em lares coletivos diferentes durante muitos anos, mas Bellamy sempre tinha cuidado dela, lhe passando escondido rações adicionais toda vez que ele “vagava” por uma das instalações restritas de armazenamento, confrontando as meninas mais velhas falastronas que achavam que seria divertido pegar no pé da órfã bochechuda com grandes olhos azuis. Bellamy se preocupava com ela constantemente. Sua irmã era especial, e ele faria qualquer coisa para lhe dar a chance de ter uma vida diferente. Qualquer coisa para compensar o que ela teve de suportar.

Enquanto o guarda de Octavia a levava até a rampa, Bellamy escondeu um sorriso. Embora os outros jovens se arrastassem passivamente pelo saguão enquanto sua escolta os levava na direção do módulo de transporte, estava claro que era Octavia que estava ditando o ritmo. Ela se movia intencionalmente, forçando seu guarda a encurtar seu passo enquanto ela descia a rampa calmamente.

Ela na verdade parecia melhor do que da última vez que ele a tinha visto. Ele imaginou que aquilo fazia sentido. Ela tinha sido condenada a quatro anos de Confinamento, até um rejuvimento no seu aniversário de 18 anos que certamente levaria à sua execução. Agora ela estava recebendo uma segunda chance na vida. E Bellamy fazia questão de garantir que ela aproveitasse.

Ele não se importava com o que precisaria fazer. Ele iria à Terra com ela.

A voz do Chanceler ribombava sobre o clamor dos passos e dos sussurros nervosos. Ele ainda se portava como um soldado, mas seus anos no Conselho tinham lhe dado um brilho de político.

— Ninguém na Colônia sabe o que vocês estão prestes a fazer, mas, se forem bem-sucedidos, todos nós lhe deveremos nossas vidas. Sei que vocês farão o melhor possível em nome de si mesmos, de suas famílias e de todos a bordo dessa espaçonave: toda a raça humana.

Quando o olhar de Octavia se fixou sobre Bellamy, seu queixo caiu de surpresa. Ele podia ver sua mente se agitando para compreender a situação. Ambos sabiam que ele nunca seria selecionado como guarda, o que significava que ele tinha que estar ali como impostor. Mas exatamente quando ela começou a mover os lábios para mandar um aviso,

o Chanceler se virou para se dirigir aos prisioneiros que ainda estavam descendo a rampa. Octavia virou a cabeça relutantemente, mas Bellamy podia ver a tensão em seus ombros.

Seu coração acelerou quando o Chanceler terminou suas observações e gesticulou para que os guardas terminassem de carregar os passageiros. Ele tinha que esperar o momento exato. Se agisse cedo demais, haveria tempo para arrancá-lo de dentro. Se esperasse demais, Octavia seria arremessada no espaço na direção de um planeta tóxico enquanto ele permaneceria para enfrentar as consequências de atrapalhar o lançamento.

Finalmente, foi a vez de Octavia. Ela se virou e olhou em seus olhos, sacudindo a cabeça levemente: um aviso claro para ele não fazer nada estúpido.

Mas Bellamy vinha fazendo coisas estúpidas durante toda sua vida e não tinha nenhuma intenção de parar agora.

O Chanceler acenou com a cabeça para uma mulher com um uniforme preto. Ela se virou para o painel de controle ao lado do módulo de transporte e começou a pressionar uma série de botões.

Grandes números começaram a piscar na tela.

A contagem regressiva tinha começado.

Ele tinha três minutos para passar pela porta, descer a rampa e entrar no módulo de transporte, ou perderia sua irmã para sempre.

Quando os últimos passageiros foram carregados, o clima no saguão mudou. Os guardas próximos a Bellamy relaxaram e começaram a conversar em voz baixa entre si. Do outro lado da plataforma, na outra rampa, alguém soltou uma risada irritante.

2:48...2:47...2:46...

Bellamy sentiu uma maré de raiva crescer dentro dele, momentaneamente dominando seus nervos. Como esses babacas podiam rir enquanto sua irmã e outros 99 jovens estavam sendo enviados no que poderia ser uma missão suicida?

2:32...2:31...2:30...

A mulher junto ao painel de controle sorriu e sussurrou algo para o Chanceler, mas ele franziu a testa e virou para o outro lado.

Os guardas de verdade tinham começado a subir a rampa e encher o saguão. Ou eles achavam que tinham coisas melhores a fazer do que testemunhar a primeira tentativa da humanidade de voltar à Terra ou achavam que o velho módulo de transporte ia explodir e estavam procurando um local seguro.

2:14...2:13...2:12...

Bellamy respirou fundo. Estava na hora.

Ele abriu caminho na multidão com empurrões e passou por trás de um guarda parrudo cujo coldre estava preso de forma descuidada em seu cinto, deixando o cabo da arma exposto. Bellamy tomou a arma e desceu correndo a rampa de carregamento.

Antes que qualquer um soubesse o que estava acontecendo, Bellamy acertou uma cotovelada na barriga do Chanceler e passou um braço em volta de seu pescoço, o segurando numa chave de braço.

A plataforma de lançamento explodiu em gritos e passos pesados, mas antes que qualquer um tivesse tempo de alcançá-lo, Bellamy posicionou o cano da arma contra a tampa do Chanceler. De forma alguma ele atiraria no desgraçado, mas os guardas

precisavam pensar que ele não estava de brincadeira.

1:12...1:11...1:10...

— Todos para trás — gritou Bellamy, intensificando o aperto. O Chanceler gemeu. Houve um apito alto, e os números piscantes mudaram de verde para vermelho. Faltava menos de um minuto.

Tudo o que ele precisava fazer era esperar até que a porta do módulo de transporte começasse a se fechar, então empurrar o Chanceler para fora do caminho e pular para dentro. Não haveria tempo para impedi-lo.

— Deixem-me entrar no módulo de transporte ou eu atiro.

O salão ficou em silêncio, a não ser pelo som de uma dúzia de armas sendo engatilhadas.

Em trinta segundos, ou ele estaria seguindo para a Terra com Octavia ou voltando a Walden num saco mortuário.

Glass tinha acabado de acionar a trava de seu assento quando ouviu uma rajada de gritos. Os guardas estavam cercando dois vultos perto da entrada do módulo de transporte. Era difícil ver através da massa de uniformes que se movia, mas Glass viu de relance a manga de um terno, um pouco de cabelos grisalhos e o brilho de metal. Então metade dos guardas ajoelhou e levantou suas armas até seus ombros, dando a Glass uma visão desobstruída: o Chanceler estava sendo mantido como refém.

— Todos para trás — gritou o captor, sua voz tremendo.

Ele estava usando um uniforme, mas claramente não era um guarda. Seu cabelo era muito mais comprido do que o oficial, sua farda não era do tamanho certo e a forma desajeitada de segurar a arma mostrava que ele nunca tinha sido treinado para usá-la.

Ninguém se moveu.

— Eu disse para trás.

O entorpecimento que tinha tomado conta de seu corpo durante a longa caminhada de sua cela à plataforma de lançamento derreteu como um cometa de gelo passando pelo sol, deixando uma tímida trilha de esperança. Ali não era o seu lugar. Ela não podia fingir que eles estavam prestes a partir numa aventura histórica. No momento em que o módulo de transporte se separasse da nave, o coração de Glass começaria a se partir. Essa é a minha chance, pensou ela repentinamente, com excitação e terror disparando dentro dela.

Glass soltou a trava de seu assento e se levantou num pulo. Alguns outros prisioneiros notaram, mas a maioria estava ocupada observando o drama que se desenrolava no alto da rampa. Ela correu até o outro lado do módulo de transporte, onde outra rampa levava até a plataforma de carregamento.

— Eu vou com eles — gritou o rapaz enquanto dava um passo para trás na direção da porta, arrastando o Chanceler com ele. — Eu vou com a minha irmã.

Um silêncio chocado recaiu sobre a plataforma de lançamento. Irmã. A palavra ecoou na cabeça de Glass, mas, antes de ela ter tempo de processar seu significado, uma voz familiar a tirou de seus pensamentos.

— Deixem-no ir.

Glass olhou rapidamente para o fundo do módulo de transporte e congelou, momentaneamente chocada por ver o rosto de seu melhor amigo. É claro que ela tinha ouvido os boatos ridículos de que Wells tinha sido confinado, mas não tinha dado importância. O que ele estava fazendo ali? Enquanto ela olhava para os olhos cinzentos de Wells, que estavam fixados com atenção sobre seu pai, a resposta veio até ela: ele deve ter tentado seguir Clarke. Wells faria qualquer coisa para proteger as pessoas com quem se importava, acima de tudo Clarke.

E então houve um ruído ensurdecedor — um tiro? — e algo dentro dela estalou. Sem parar para pensar ou respirar, ela saiu correndo pela porta e começou a subir a rampa apressadamente. Lutando contra o impulso de olhar para trás, Glass manteve a cabeça abaixada e correu mais rápido do que já tinha corrido em toda sua vida.

Ela tinha escolhido o momento perfeito. Durante alguns segundos, os guardas ficaram imóveis, como se a reverberação do disparo tivesse travado suas juntas.

Então eles a viram.

— Prisioneiro em fuga! — gritou um deles, e os outros rapidamente se viraram em sua direção.

O movimento rápido ativou os instintos fixados em seus cérebros durante o treinamento. Não importava se ela era uma garota de 17 anos. Eles tinham sido programados para não dar importância ao cabelo louro esvoaçante e aos grandes olhos azuis que sempre tinham feito as pessoas quererem proteger Glass. Tudo o que eles viam era uma condenada em fuga.

Glass se jogou pela porta, ignorando os gritos furiosos que a seguiam de perto. Ela disparou pelo corredor que levava de volta a Phoenix, seu peito inflando, sua respiração vindo em arfadas cansadas.

— Você! Pare nesse instante! — gritou um guarda, seus passos ecoando atrás dela, mas Glass não parou. Se corresse o suficiente, e se a sorte que vinha fugindo dela durante toda sua vida finalmente desse o ar de sua graça, talvez ela pudesse ver Luke uma última vez. E talvez, apenas talvez, conseguisse fazer com que a perdoasse.

Ofegante, Glass cambaleou por um corredor com portas sem placas. Seu joelho direito falhou e ela se apoiou na parede para se equilibrar. O corredor estava começando a ficar desfocado. Ela olhou em volta e foi capaz de distinguir apenas o formato de um duto de ventilação. Enganchou seus dedos debaixo de uma das lâminas e puxou. Nada aconteceu. Com um gemido, ela puxou novamente, sentindo a grade de metal ceder. Então a escancarou, revelando um túnel de metal escuro cheio de canos com aparência antiga.

Glass subiu no pequeno peitoril, então se arrastou de barriga para baixo até que houvesse espaço para levantar os joelhos até o peito. O metal estava frio contra sua pele que ardia. Com seu último miligrama de força, ela se arrastou para mais dentro do túnel e fechou o duto de ventilação atrás dela. Manteve os ouvidos atentos a sinais de perseguição, mas não havia mais gritaria nem mais passos, apenas a batida desesperada de seu coração.

Glass piscou na quase escuridão, tentando entender onde ela estava. O espaço apertado se estendia nas duas direções, cheio de poeira. Aquela tinha que ser uma das tubulações originais, de antes de a Colônia construir seus novos sistemas de circulação e filtragem de ar. Glass não fazia ideia de aonde aquilo a levaria, mas não tinha outras opções. Começou rastejar para a frente.

Depois do que pareceu horas, com os joelhos dormentes e as mãos queimando, ela chegou a uma bifurcação. Se seu senso de direção estivesse certo, então o túnel à esquerda levaria a Phoenix e o outro seguiria paralelo à ponte suspensa — na direção de Walden. E de Luke.

Luke, o rapaz que ela amava e que tinha sido obrigada a abandonar há tantos meses. Sobre quem ela tinha pensado durante cada noite no Confinamento, tão desesperada por seu toque que quase sentia a pressão de seus braços em volta dela.

Ela respirou fundo e seguiu pela direita, sem saber se estava indo na direção da liberdade ou da morte certa.

Dez minutos depois, Glass deslizou silenciosamente para fora do duto de ventilação e deixou seu corpo chegar ao chão. Deu um passo para a frente e tossiu enquanto uma nuvem de poeira envolvia seu rosto, grudando na pele suada. Ela estava em alguma espécie de depósito.

À medida que seus olhos se ajustavam à escuridão, formas começavam a se materializar na parede — palavras, Glass percebeu. Ela deu mais alguns passos adiante, e seus olhos se arregalaram. Havia mensagens entalhadas nas paredes.

Descanse em paz

In memoriam

Das estrelas aos céus

Ela estava na plataforma de quarentena, a seção mais antiga de Walden. Quando a guerra nuclear e biológica ameaçou destruir a Terra, o espaço tinha sido a única opção para aqueles suficientemente afortunados para sobreviver aos primeiros estágios do Cataclismo. Mas alguns sobreviventes infectados conseguiram entrar nas cápsulas de transporte — apenas para se verem barrados de Phoenix, abandonados para morrer em Walden. Agora, toda vez que existia a menor ameaça de doença, qualquer um que estivesse infectado era colocado em quarentena, afastado do resto da população vulnerável da Colônia, o que sobrara da raça humana.

Glass tremia ao se mover rapidamente na direção da porta, rezando para que não estivesse emperrada por causa da ferrugem. Para seu alívio, ela foi capaz de abri-la, e começou a correr pelo corredor. Tirou a jaqueta molhada de suor; com sua camiseta branca e sua calça modelo prisão, ela podia se passar por uma operária, alguém da área de saneamento, talvez. Ela olhou de forma nervosa para o bracelete em seu pulso. Não sabia se ele funcionaria dentro da nave ou se apenas deveria transmitir informações da Terra. De qualquer forma, ela precisava descobrir uma forma de tirar aquilo o mais rápido possível. Mesmo se evitasse as passagens com scanner de retina, todos os guardas na Colônia estariam procurando por ela.

Sua única esperança era que eles estivessem esperando que ela corresse de volta para Phoenix.

Eles nunca adivinhariam que ela viria para cá. Glass subiu a escadaria principal de Walden até chegar à entrada da unidade residencial de Luke. Então virou em seu corredor e desacelerou, esfregando as mãos suadas na calça, repentinamente mais nervosa do que tinha estado no módulo de transporte.

Ela não conseguia imaginar o que ele diria, a expressão em seu rosto quando a visse na porta de sua casa depois de seu desaparecimento, mais de nove meses antes.

Mas talvez ele não tivesse que dizer nada. Quem sabe, assim que a visse, assim que as palavras comessem a se derramar da boca de Glass, ele a silenciaria com um beijo, contando com seus lábios para lhe dizer que tudo estava bem. Que ela estava perdoada.

Glass olhou para trás e saiu cuidadosamente pela porta. Ela não achava que alguém a tinha visto, mas tinha que ser cuidadosa. Era incrivelmente grosseiro abandonar uma Cerimônia de União antes da bênção final, mas Glass não achava que seria capaz de passar mais um minuto sentada ao lado de Cassius, com sua mente suja e seu bafo ainda mais podre. Suas mãos bobas faziam Glass se lembrar de Carter, o traiçoeiro colega de

apartamento de Luke que só deixava seu lado nojento sair das sombras quando Luke estava no plantão da guarda.

Glass subiu a escadaria na direção da plataforma de observação, tomando o cuidado de levantar a barra do vestido a cada passo. Tinha sido uma tolice gastar tantos pontos de razão juntando os materiais para o vestido, um pedaço de lona que ela tinha escrupulosamente costurado a uma combinação prata. Aquilo parecia completamente sem sentido quando Luke não estava ali para vê-la.

Ela odiava passar a noite com outros rapazes, mas sua mãe se recusava a deixar Glass ser vista num evento social sem um par e, até onde ela sabia, sua filha era solteira.

Ela não conseguia entender por que Glass não tinha “fisgado” Wells. Por mais que Glass lhe explicasse que não tinha aquele tipo de sentimento por ele, sua mãe sempre suspirava e murmurava alguma coisa sobre não deixar alguma menina cientista malvestida roubá-lo. Mas Glass estava feliz por Wells ter se apaixonado pela bela, apesar de um pouco séria demais, Clarke Griffin. Ela apenas gostaria de poder contar a verdade à sua mãe: que ela estava apaixonada por um lindo e brilhante rapaz que nunca poderia acompanhá-la a um concerto ou a uma Cerimônia de União.

— A senhorita me concede esta dança?

Glass se assustou e virou. Quando seus olhos se fixaram num par de familiares olhos castanhos, seu rosto se abriu num grande sorriso.

— O que você está fazendo aqui? — sussurrou ela, olhando ao redor para se assegurar de que eles estavam sozinhos.

— Eu não podia deixar aqueles garotos de Phoenix ficarem com você só para eles — disse Luke, dando um passo para trás para admirar o vestido. — Não quando você está linda assim.

— Você sabe em que tipo de confusão você vai se meter se o descobrirem?

— Deixe que tentem me pegar. — Ele passou os braços em volta da cintura de Glass e, enquanto a música no andar de baixo ficava mais alta, a rodou no ar.

— Bote-me no chão! — falou Glass, parte um sussurro, parte uma risada enquanto batia de brincadeira no ombro dele.

— É assim que mocinhas são ensinadas a falar com cavalheiros admiradores? — perguntou ele, usando um terrível sotaque falso de Phoenix.

— Vamos lá — disse ela, sorrindo enquanto segurava a mão dele. — Você realmente não deveria estar aqui.

Luke parou e a puxou para mais perto dele:

— Onde quer que você esteja é onde eu deveria estar.

— É muito arriscado — falou ela suavemente, levantando seu rosto até o dele.

Ele sorriu:

— Então é melhor garantirmos que valeu a pena. — Ele posicionou a mão atrás da cabeça de Glass e levou seus lábios até os dela.

Glass levantava a mão para bater uma segunda vez quando a porta abriu. Seu coração pulou.

Lá estava ele, seu cabelo louro e seus olhos de um castanho profundo, exatamente como ela se lembrava deles, exatamente como eles apareciam em seus sonhos todas as

noites no Confinamento.

Os olhos dele se arregalaram de surpresa.

— Luke — sussurrou ela, toda a emoção dos últimos nove meses ameaçando dominá-la. Ela estava desesperada para lhe contar o que tinha acontecido, por que ela tinha terminado com ele e desaparecido. Que ela tinha passado cada minuto dos últimos seis meses de pesadelo pensando nele.

Que ela nunca tinha deixado de amá-lo. — Luke — disse ela novamente, uma lágrima escorrendo por sua bochecha. Depois de incontáveis vezes que tinha se desesperado em sua cela, murmurando seu nome entre soluços, parecia surreal dizer aquilo para ele.

Mas antes que ela tivesse a chance de capturar qualquer uma das palavras borboleteando em sua mente, outro vulto apareceu na porta, uma garota com cabelo ruivo ondulado.

— Glass?

Glass tentou sorrir para Camille, a amiga de infância de Luke, uma garota que era tão próxima dele quanto Glass era de Wells. E agora ela estava aqui... no apartamento de Luke. Claro, pensou Glass, com amargura. Ela sempre tinha imaginado se havia algo mais do que Luke tinha admitido na relação entre os dois.

— Você gostaria de entrar? — perguntou Camille com uma educação exagerada.

Ela envolveu a mão na de Luke, mas Glass sentiu como se os dedos de Camille tivessem afundado em seu coração. Enquanto Glass tinha passado meses no Confinamento sofrendo por Luke até que a ausência dele parecesse uma dor física, ele tinha seguido adiante com outra pessoa.

— Não... não, está tudo bem — disse Glass, sua voz rouca. Mesmo se ela conseguisse encontrar as palavras, seria impossível dizer a Luke a verdade agora. Ver os dois juntos tornou ainda mais ridículo o fato de ela ter vindo de tão longe, de ter arriscado tanto, para ver um rapaz que já tinha seguido com sua vida.

— Apenas passei para dizer oi.

— Você apenas passou para dizer oi? — repetiu Luke. — Depois de quase um ano ignorando minhas mensagens, você achou que podia simplesmente dar um pulo aqui? — Ele nem estava tentando esconder a raiva, e Camille soltou sua mão. O sorriso dela foi se fechando numa careta.

— Eu sei. Eu... sinto muito. Vou deixar vocês dois em paz.

— O que está realmente acontecendo? — perguntou Luke, trocando um olhar com Camille que fez Glass se sentir ao mesmo tempo desesperadamente tola e terrivelmente solitária.

— Nada — falou Glass rapidamente, tentando e não conseguindo evitar que sua voz tremesse. — Falo com você... vejo você... — Ela interrompeu o que estava falando com um sorriso fraco e respirou fundo, ignorando o apelo furioso de seu corpo para ficar perto dele.

Mas, exatamente quando se virou, ela viu de relance o uniforme de um guarda. Respirou fundo e virou o rosto enquanto o guarda passava.

Luke apertou os lábios enquanto olhava para algo logo atrás da cabeça de Glass. Ele estava lendo uma mensagem em seu implante de córnea, Glass percebeu. E pela forma que seu maxilar estava enrijecendo, ela teve a sensação nauseante de que era sobre ela.

Os olhos dele se arregalaram com compreensão e então horror.

— Glass — disse ele, com a voz rouca. — Você foi Confinada.

Não era uma pergunta. Glass assentiu.

Ele voltou seu olhar para Glass por um momento, então suspirou e esticou o braço, colocando a mão nas costas dela. Ela podia sentir a pressão de seus dedos através do tecido de sua camiseta fina e, apesar da ansiedade, sua pele se arrepiou com o toque dele.

— Vamos lá — disse ele, a puxando em sua direção. Camille deu um passo para o lado, parecendo irritada enquanto Glass cambaleava para dentro do apartamento. Luke rapidamente fechou a porta atrás deles.

A pequena sala de estar estava escura — Luke e Camille estavam no lado de dentro com as luzes apagadas. Glass tentou afastar as implicações daquele fato enquanto observava Camille se sentar na poltrona que a bisavó de Luke tinha encontrado no Entreposto. Glass se movia de forma desconfortável, sem saber se sentava. Ser ex-namorada de Luke de alguma forma parecia mais esquisito do que ser uma condenada em fuga. Ela tivera seis meses no Confinamento para se acostumar à ficha criminal, mas Glass nunca tinha imaginado como seria entrar nesse apartamento se sentindo uma desconhecida.

— Como você fugiu? — perguntou ele.

Glass parou. Ela tinha passado todo seu tempo no Confinamento imaginando o que diria a Luke se um dia tivesse a chance de vê-lo novamente. E agora que tinha finalmente conseguido voltar até ele, todos os discursos que tinha praticado pareciam fracos e egoístas. Ele estava bem; ela podia ver isso agora. Por que lhe contaria a verdade, a não ser para recuperá-lo e ficar menos solitária? Então, com uma voz trêmula, Glass rapidamente lhe contou sobre os cem e sua missão secreta, a situação com o refém e a perseguição.

— Mas ainda não compreendo. — Luke olhou para trás em direção a Camille, que tinha desistido de fingir que não estava prestando atenção. — Por que você foi Confinada em primeiro lugar?

Glass afastou o olhar, incapaz de encará-lo enquanto seu cérebro buscava desesperadamente uma explicação. Ela não podia lhe contar; não agora, quando ele tinha seguido com sua vida. Não quando era tão óbvio que ele não sentia o mesmo em relação a ela.

— Não posso falar sobre isso — disse ela em voz baixa. — Você não entend...

— Está tudo bem. — Luke a interrompeu bruscamente. — Você deixou bem claro que há muitas coisas que não sou capaz de entender.

Por um breve momento, Glass desejou ter permanecido no módulo de transporte com Clarke e Wells. Apesar de estar parada ao lado do rapaz que amava, não conseguia se imaginar sentindo mais solidão na Terra abandonada do que nesse momento.

Durante os primeiros dez minutos, os prisioneiros estavam muito agitados por causa do tiroteio para perceber que estavam flutuando pelo espaço, os únicos humanos a sair da Colônia em quase trezentos anos. O guarda impostor tinha conseguido o que queria: tinha empurrado o corpo inerte do Chanceler para a frente exatamente quando a porta do módulo de transporte estava fechando, e então se jogado num assento. Mas pela expressão chocada em seu rosto pálido, Clarke percebeu que tiros nunca tinham sido parte de seu plano.

Ainda assim, para Clarke, ver o Chanceler levar um tiro era menos alarmante do que o que ela tinha visto nos momentos antes de aquilo acontecer.

Wells estava no módulo de transporte.

Quando ele apareceu na porta pela primeira vez, ela teve certeza que era uma alucinação. A chance de ela ter enlouquecido na solitária era infinitamente maior do que a chance de o filho do Chanceler acabar no Confinamento. Ela já tinha ficado suficientemente chocada quando, um mês depois de sua própria condenação, a melhor amiga de Wells, Glass, tinha aparecido numa cela da mesma fileira da dela. E agora Wells também? Aquilo parecia impossível, mas não havia como negar. Ela o tinha visto se levantar num salto durante o impasse, então se encolher em seu assento quando a arma do guarda de verdade disparou e o impostor entrou correndo pela porta, coberto de sangue. Por um momento, um velho instinto quis que ela corresse até Wells e o confortasse. Mas algo muito mais pesado que a trava de seu assento mantinha seus pés enraizados no chão. Por causa dele, ela tinha visto seus pais serem arrastados até a câmara de execução. Qualquer dor que ele estivesse sentindo não era menos do que ele merecia.

— Clarke.

Ela olhou para o lado e viu Thalia sorrindo para ela, algumas fileiras à sua frente. Sua antiga companheira de cela se contorceu em seu assento, a única pessoa no módulo de transporte que não estava olhando fixamente para o guarda. Apesar das circunstâncias sinistras, Clarke não conseguiu resistir e sorriu de volta. Thalia tinha aquele efeito. Nos dias depois da prisão de Clarke e da execução de seus pais, quando seu pesar parecia tão intenso que ficava difícil respirar, Thalia tinha na verdade feito Clarke rir com sua imitação do guarda convencido cujo andar arrastado se empertigava toda vez que ele achava que as garotas estavam olhando para ele.

— É ele? — perguntou Thalia sem emitir som, acenando com a cabeça na direção de Wells.

Thalia era a única pessoa que sabia tudo; não apenas sobre os pais de Clarke, mas sobre a coisa indizível que Clarke tinha feito.

Clarke balançou a cabeça para sinalizar que agora não era a hora de falar sobre aquilo. Thalia gesticulou novamente. Clarke começou a falar para ela parar com aquilo quando os propulsores principais começaram a funcionar, arrancando as palavras de sua boca.

Tinha realmente acontecido. Pela primeira vez em séculos, humanos tinham saído da Colônia.

Ela olhou para os outros passageiros e viu que todos também tinham ficado calados, um espontâneo minuto de silêncio em homenagem ao mundo que eles estavam deixando para trás.

Mas o clima solene não durou muito. Durante os vinte minutos seguintes, o módulo de transporte se encheu com o burburinho nervoso e muito excitado de cem pessoas que, até poucas horas atrás, nunca nem tinham pensado em ir à Terra. Thalia tentou gritar algo para Clarke, mas suas palavras se perderam na balbúrdia.

A única conversa que Clarke foi capaz de acompanhar foi a de duas garotas à sua frente, que discutiam a respeito da probabilidade de o ar na Terra ser respirável.

— Eu preferiria cair morta de uma vez a passar dias sendo envenenada lentamente — disse uma delas de forma sinistra.

Clarke de certa forma concordava, mas manteve a boca fechada. Não havia motivo para especular. A viagem à Terra seria curta; em poucos minutos eles conheceriam seu destino.

Clarke olhou para fora das janelas, que agora estavam se enchendo de nuvens cinzentas. O

módulo de transporte sacudiu repentinamente, e o zumbido de conversas deu lugar a uma série de exclamações.

— Está tudo bem — gritou Wells, falando pela primeira vez desde que as portas se fecharam. — É esperado passarmos por turbulência ao entrarmos na atmosfera da Terra... — Mas suas palavras foram cobertas pelos berros que tomaram conta da cabine.

A trepidação aumentou, seguida de um zumbido estranho. A trava de Clarke se afundava em sua barriga conforme seu corpo era arremessado de um lado para o outro, então para cima e para baixo e depois de um lado para o outro novamente. Ela se engasgou quando um cheiro rançoso chegou ao seu nariz, e percebeu que a garota à sua frente tinha vomitado. Clarke fechou os olhos com força e tentou se manter calma. Tudo estava bem. Aquilo tudo acabaria em um minuto.

O zumbido se transformou num uivo penetrante, marcado por um estalo nauseante. Clarke abriu os olhos e viu que as janelas tinham rachado e já não estavam mais cheias de nuvens cinzentas.

Elas estavam cheias de chamas.

Pedaços de metal incandescente começaram a voar sobre eles. Clarke levantou os braços para proteger sua cabeça, mas ainda podia sentir os detritos queimando seu pescoço.

O módulo de transporte sacudiu ainda mais forte e, com um estrondo, parte do teto foi arrancada.

Houve um estalo ensurdecedor seguido de um baque que enviou ondas de dor por todos os ossos em seu corpo.

Tão rápido quanto começou, aquilo tudo tinha terminado.

A cabine estava escura e silenciosa. Fumaça saía do buraco onde o painel de controle estivera, e o ar ficou espesso com o cheiro de metal derretido, suor e sangue.

Clarke se contorceu enquanto mexia com os dedos das mãos e dos pés. Estava doendo, mas nada parecia estar quebrado. Ela soltou sua trava e se levantou ainda tremendo, se segurando ao assento chamuscado para se equilibrar.

A maior parte das pessoas ainda estava em seus assentos, mas algumas estavam caídas para os lados ou esparramadas no chão. Clarke apertou os olhos enquanto examinava as fileiras à procura de Thalia, seu coração acelerando toda vez que seus olhos paravam sobre um assento vazio. Uma percepção aterrorizante surgiu na confusão da cabeça de Clarke. Alguns dos passageiros tinham sido arremessados para fora na queda.

Clarke caminhou com dificuldade, cerrando os dentes por causa da dor que subia por sua perna.

Ela chegou até a porta e a puxou com o máximo de força que conseguiu. Então respirou fundo e passou o corpo pela abertura.

Por um momento, ela percebeu apenas cores, sem formas. Listras de azul, verde e marrom tão vibrantes que seu cérebro não era capaz de processar. Uma lufada de vento passou por ela, fazendo sua pele se arrepiar e inundando seu nariz com cheiros que Clarke não era capaz de começar a identificar. A princípio, tudo o que foi capaz de ver foram as árvores. Havia centenas delas, como se todas as árvores da Terra tivessem vindo lhes dar as boas-vindas. Seus enormes galhos estavam levantados na direção do céu, que tinha uma cor azul cheia de vida. O solo se estendia por todas as direções — dez vezes mais extenso do que a plataforma mais comprida da nave. A quantidade de espaço era quase inconcebível, e Clarke repentinamente sentiu sua cabeça leve, como se estivesse prestes a flutuar para longe dali.

Ela percebeu vagamente algumas vozes atrás dela e se virou, avistando alguns dos outros saindo do módulo de transporte.

— É lindo — sussurrou uma garota de pele escura enquanto se abaixava para passar a mão trêmula sobre a grama verde brilhante.

Um rapaz baixo e parrudo deu alguns passos claudicantes para a frente. A atração gravitacional na Colônia deveria imitar a da Terra, mas, comparada à verdadeira, ficava claro que não tinham conseguido acertar em cheio.

— Tudo está bem — disse o garoto, com uma mistura de alívio e confusão na voz. — Poderíamos ter voltado há muito tempo.

— Você não sabe disso — respondeu a menina. — Só porque podemos respirar agora, não significa que o ar não seja tóxico. — Ela se contorceu para ficar de frente para ele e mostrou seu pulso, gesticulando com seu bracelete. — O Conselho não nos deu essas coisas como joias. Eles querem ver o que acontece conosco.

Uma menina menor que vagava perto do módulo de transporte gemeu enquanto colocava a jaqueta sobre a boca.

— Você pode respirar normalmente — falou Clarke para ela, olhando ao seu redor para ver se Thalia já tinha aparecido. Ela esperava ter algo mais reconfortante para dizer, mas não havia como saber quanta radiação ainda estava na atmosfera. Tudo o que eles podiam fazer era esperar e torcer.

— Voltaremos logo — disse seu pai enquanto enfiava seus longos braços no paletó de um terno que Clarke nunca tinha visto antes. Ele caminhou até o sofá onde ela estava

enroscada com seu tablet e bagunçou seu cabelo. — Não fique fora até tarde. Eles têm sido rigorosos com o toque de recolher recentemente. Algum problema em Walden, acho.

— Não vou a lugar nenhum — disse Clarke, apontando para seus pés descalços e a calça cirúrgica que ela usava para dormir. Para o cientista mais famoso da Colônia, o raciocínio dedutivo de seu pai deixava um pouco a desejar. Embora ele passasse tanto tempo envolvido com sua pesquisa, era improvável que ele não soubesse que uniformes de médico não eram considerados a alta moda entre garotas de 16 anos.

— De qualquer forma, seria melhor se você ficasse longe do laboratório — falou ele com um descaso calculado, como se a ideia tivesse acabado de passar por sua cabeça.

Na realidade, ele falava aquilo umas cinco vezes por dia desde que tinham se mudado para o novo apartamento. O Conselho tinha aprovado seu pedido por um laboratório particular feito sob encomenda, pois o novo projeto de seus pais exigia que eles monitorassem experimentos durante a noite.

— Prometo — disse Clarke a eles, com paciência exagerada.

— É só porque é perigoso se aproximar dos materiais radioativos — explicou sua mãe de onde estava, em frente ao espelho, arrumando o cabelo. — Especialmente sem o equipamento adequado.

Clarke repetiu sua promessa até eles saírem, então foi finalmente capaz de voltar a seu tablet, embora não conseguisse evitar se perguntar preguiçosamente o que Glass e suas amigas diriam se soubessem que Clarke estava passando a noite de sexta-feira trabalhando numa dissertação. Clarke normalmente era indiferente ao seu seminário de Literatura Terrena, mas esse trabalho tinha despertado seu interesse. Em vez de mais um trabalho previsível sobre a visão mutante da natureza na poesia pré-Cataclísmica, seu tutor tinha lhes pedido para comparar e contrastar as febres por vampiros nos séculos XIX e XXI.

Ainda assim, embora a leitura fosse interessante, ela deve ter apagado a certa altura, porque, quando se sentou, as luzes circadianas estavam mais fracas e a sala de estar havia se transformado em um amontoado de sombras desconhecidas. Ela se levantou e estava pronta para seguir para seu quarto quando um som estranho perfurou o silêncio.

Clarke congelou. Quase soava como um grito. Ela se forçou a respirar fundo; devia saber que não era uma boa ideia ler sobre vampiros antes de dormir.

Clarke se virou e começou a descer o corredor, mas então outro som surgiu — um guincho que causou calafrios em sua espinha.

Pare com isso, Clarke se reprimiu. Ela nunca conseguiria ser uma médica se deixasse sua mente pregar peças nela mesma. Estava apenas perturbada por causa da escuridão ainda desconhecida do novo apartamento. Pela manhã, tudo voltaria ao normal. Passou a palma da mão em frente ao sensor na porta de seu quarto, e estava prestes a entrar quando ouviu novamente — um gemido angustiado.

Com o coração batendo forte, Clarke se virou e seguiu pelo longo corredor que levava ao laboratório. No lugar de um scanner de retina, havia um teclado. Clarke passou os dedos sobre o painel, brevemente se perguntando se seria capaz de adivinhar a senha, então agachou e pressionou o ouvido contra a porta.

A porta vibrou quando outro som zumbiu no ouvido de Clarke. O ar ficou preso em sua garganta. Isso é impossível. Mas quando o som veio novamente, ficou ainda mais claro.

Não era apenas um grito de angústia. Eram palavras.

— Por favor.

Os dedos de Clarke voaram sobre o teclado enquanto ela digitava a primeira coisa que veio à sua mente: Pangea. Esse era o código que sua mãe usava para arquivos protegidos. A tela apitou e uma mensagem de erro apareceu. Em seguida ela digitou Elysium, o nome de uma cidade subterrânea mítica na qual, de acordo com as histórias que os pais contavam para as crianças dormirem, humanos se refugiaram depois do Cataclismo. Outro erro. Clarke vasculhou sua memória, buscando palavras que ela tinha armazenado. Seus dedos pairavam sobre o teclado. Lucy. O nome do vestígio hominídeo nascido na Terra mais antigo que os arqueólogos tinham descoberto. Ela ouviu uma série de campainhas baixas, e a porta de correr se abriu.

O laboratório era muito maior do que ela tinha imaginado; maior do que o apartamento inteiro e repleto de fileiras de camas estreitas, como no hospital.

Os olhos de Clarke se arregalaram enquanto passavam de uma cama para outra.

Cada cama tinha uma criança. A maioria delas estava deitada, dormindo, conectada a vários monitores de sinais vitais e suportes para soro, embora alguns estivessem recostados em travesseiros, mexendo em tablets em seus colos. Uma pequena menina, que dificilmente tinha mais de 2 anos, estava sentada no chão ao lado de sua cama, brincando com um urso de pelúcia esfarrapado enquanto um líquido transparente pingava de uma bolsa de soro em seu braço.

O cérebro de Clarke disparou em busca de uma explicação. Essas tinham que ser crianças doentes que exigiam cuidado permanente. Talvez elas estivessem sofrendo de alguma doença rara que apenas sua mãe sabia como curar, ou quem sabe seu pai estivesse próximo de inventar um novo tratamento e precisasse de acesso a elas 24

horas por dia. Eles deveriam saber que Clarke ficaria curiosa, mas como a doença era provavelmente contagiosa, tinham mentido para Clarke a fim de mantê-la em segurança.

O mesmo grito que Clarke tinha ouvido do apartamento surgiu novamente, dessa vez muito mais alto. Ela o seguiu até uma cama do outro lado do laboratório.

Uma garota de sua própria idade — uma das mais velhas no salão, Clarke percebeu — estava deitada de barriga para cima, com o cabelo louro-escuro espalhado em volta de seu rosto com formato de coração. Durante um momento, ela simplesmente olhou para Clarke.

— Por favor — disse ela. Sua voz tremeu. — Ajude-me.

Clarke olhou para a etiqueta no monitor de sinais vitais da menina. PACIENTE 121.

— Qual é o seu nome? — perguntou ela.

— Lilly.

Clarke ficou parada ali de forma constrangida, mas quando Lilly chegou para trás nos travesseiros, Clarke se abaixou para sentar na cama ao lado dela. Ela tinha acabado de começar seu treinamento em medicina e ainda não tinha interagido com pacientes, mas

sabia que uma das partes mais importantes de ser um médico eram os modos junto à cama.

— Tenho certeza de que você poderá ir para casa logo — falou ela. — Assim que você estiver se sentindo melhor. — A menina puxou os joelhos até o peito e enterrou a cabeça, dizendo algo muito abafado para Clarke poder distinguir. — O quê? — perguntou.

A menina olhou por cima do ombro, se perguntando por que não havia uma enfermeira ou um aprendiz de médico substituindo seus pais. Se algo acontecesse a uma das crianças, não haveria ninguém para ajudá-las.

A garota levantou a cabeça, mas não olhou para Clarke. Ela mordeu o lábio enquanto as lágrimas em seus olhos recuavam, deixando um vazio em seu lugar.

Quando ela finalmente falou, foi com um sussurro: — Ninguém nunca melhora.

Clarke reprimiu um calafrio. Doenças eram raras na nave; não tinha havido nenhuma epidemia desde o último surto que eles tinham colocado em quarentena em Walden.

Clarke olhou em volta, procurando algo que indicasse o que seus pais estavam tratando, e seus olhos se fixaram sobre um enorme monitor na parede do outro lado do salão.

Dados piscavam por todos os lados, formando um grande gráfico. Paciente 32. Idade 7.

Dia 189. 3.4 Gy. Contagem de hemácias. Contagem de leucócitos. Respiração.

Paciente 33. Idade 11. Dia 298. 6 Gy. Contagem de hemácias. Contagem de leucócitos.

Respiração.

A princípio, Clarke não deu atenção aos dados. Fazia todo sentido que seus pais monitorassem os sinais vitais de crianças doentes sob seus cuidados. Só que Gy não tinha nada a ver com sinais vitais. Um Gray era uma medida de radiação, um fato que ela sabia muito bem, pois seus pais vinham investigando os efeitos da exposição à radiação há anos, parte da tarefa em andamento de determinar quando seria seguro para que os humanos voltassem à Terra.

O olhar de Clarke se fixou no rosto pálido de Lilly enquanto uma percepção assustadora saía de um buraco escondido de sua mente. Clarke tentou escondê-la de volta, mas ela se enroscou em sua negação, sufocando todos os pensamentos a não ser a verdade, que era tão aterrorizante que ela quase vomitou.

A pesquisa de seus pais não era mais limitada à cultura de células. Eles tinham passado a fazer testes em humanos.

Sua mãe e seu pai não estavam curando essas crianças. Eles as estavam matando.

Eles tinham pousado em alguma espécie de clareira, um espaço em forma de L cercado por árvores.

Não havia muitos ferimentos graves, mas eram suficientes para manter Clarke ocupada. Durante quase uma hora, ela usou mangas de jaquetas e pernas de calças rasgadas como torniquetes improvisados e pediu para as poucas pessoas com ossos quebrados ficarem deitadas sem se mover até que ela encontrasse uma forma de produzir talas. Seus suprimentos estavam espalhados pela grama, mas, embora ela tivesse mandado várias pessoas à procura do baú de medicamentos, ele não tinha sido recuperado.

O módulo de transporte danificado estava na ponta mais estreita da clareira e,

durante os primeiros quinze minutos, os passageiros tinham se amontoado em volta dos destroços em brasa, muito assustados e chocados para dar mais do que alguns passos trêmulos. Mas agora eles tinham começado a se dispersar. Clarke não tinha avistado Thalia nem Wells, embora ela não soubesse muito bem se aquilo a deixava mais ansiosa ou aliviada. Talvez ele estivesse por aí com Glass.

Clarke não a tinha visto no módulo de transporte, mas ela tinha que estar ali em algum lugar.

— Como você está se sentindo? — perguntou Clarke, voltando a envolver o tornozelo inchado de uma bela menina de olhos arregalados e com uma fita vermelha puída no cabelo escuro.

— Melhor — disse ela, limpando o nariz com a mão e involuntariamente espalhando o sangue do corte em seu rosto. Clarke tinha que achar gaze de verdade e antisséptico. Eles todos estavam sendo expostos a germes que seus corpos nunca tinham encontrado, e o risco de uma infecção era alto.

— Volto num instante. — Clarke lhe ofereceu um sorriso rápido e se levantou. Se o baú de medicamentos não estava na clareira, aquilo significava que ele provavelmente ainda estava no módulo de transporte. Ela correu de volta até os destroços que ainda soltavam fumaça, dando a volta enquanto procurava a forma mais segura de entrar novamente. Clarke chegou ao fundo da nave, que estava a apenas alguns metros da linha das árvores, e sentiu um calafrio. As árvores ficavam tão juntas nesse lado da clareira que suas folhas bloqueavam a maior parte da luz, criando sombras intrincadas no solo que mudavam de forma quando o vento soprava.

Seus olhos se estreitaram quando focaram em algo que não se movia. Não era uma sombra.

Uma garota estava caída no chão, aninhada contra as raízes de uma árvore. Ela devia ter sido arremessada pelos fundos do módulo de transporte durante a aterrissagem. Clarke partiu em sua direção e sentiu um soluço se formar em sua garganta quando reconheceu o cabelo curto e encaracolado da menina e as sardas em seu nariz. Thalia.

Clarke correu e ajoelhou ao lado dela. Sangue estava jorrando de um ferimento na lateral de suas costelas, manchando a grama debaixo dela de vermelho-escuro, como se a própria terra estivesse sangrando. Thalia estava respirando, mas suas arfadas eram cansadas e curtas.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou Clarke, segurando a mão sem força de sua amiga enquanto o vento farfalhava sobre elas. — Prometo, Thalia, vai ficar tudo bem.

Aquilo soava mais como uma reza do que uma garantia, embora ela não tivesse certeza de para quem estava rezando. Os humanos tinham abandonado a Terra em seu momento mais sombrio; ela não se importaria com quantos morreriam tentando retornar.

Wells tremeu no frio do fim da tarde. Nas poucas horas desde que eles tinham pousado, o ar tinha ficado cada vez mais frio. Ele se aproximou da fogueira, ignorando os olhares maliciosos dos dois rapazes arcadianos que o cercavam. Em cada noite que tinha passado no Confinamento, ele tinha caído no sono sonhando em chegar à Terra com Clarke. Mas, em vez de segurar sua mão enquanto eles admiravam o planeta, maravilhados, Wells tinha passado o dia organizando os suprimentos queimados e tentando esquecer a expressão que cruzou o rosto de Clarke quando ela o viu. Ele não esperava que ela jogasse seus braços em volta dele, mas nada poderia tê-lo preparado para a expressão de puro ódio em seus olhos.

— Acha que seu pai já bateu as botas? — perguntou um garoto de Walden alguns anos mais novo do que Wells enquanto os rapazes à sua volta riam.

O peito de Wells se apertou, mas ele se forçou a permanecer calmo. Podia encarar um ou dois dos pequenos delinquentes sem nem suar. Tinha sido o campeão incontestado do curso de combate corpo-a-corpo durante o treinamento para oficial. Mas ele era apenas um contra 95 — 96 se contasse Clarke, que era possivelmente menos fã de Wells do que qualquer um no planeta nesse momento.

Quando eles foram levados ao módulo de transporte, ele tinha ficado consternado por não ver Glass lá. Para o choque de todos em Phoenix, Glass tinha sido Confinada não muito depois de Clarke, embora, por mais que ele tivesse pressionado seu pai, Wells nunca descobrira o que ela tinha feito. Ele gostaria de saber por que Glass não tinha sido selecionada para a missão. Embora ele tentasse se convencer de que ela tinha sido perdoada, era muito mais provável que ainda estivesse no Confinamento, contando os dias até seu aniversário de 18 anos. Pensar naquilo fez seu estômago se revirar.

— Será que o Chanceler Júnior acha que ele pode reivindicar primazia sobre toda a comida? — perguntou um rapaz arcadiano cujos bolsos estavam abarrotados de embalagens de nutrientes que ele tinha recolhido durante o tumulto após a queda.

Segundo os cálculos de Wells, parecia que eles tinham sido enviados com o equivalente a menos de um mês de comida, que desapareceria rapidamente se as pessoas continuassem a embolsar tudo que achavam. Mas aquilo não podia ser verdade; tinha que haver mais um container em algum lugar.

Eles achariam a comida quando acabassem de organizar os destroços.

— Ou que ele espera que façamos a cama para ele — caçoou uma menina miúda com uma cicatriz na testa.

Wells os ignorou, levantando os olhos para o céu azul profundo. Era realmente espantoso.

Apesar de ter visto fotografias, ele nunca tinha imaginado que a cor seria tão vívida assim. Era estranho pensar que um cobertor azul — composto de nada mais substancial do que cristais de nitrogênio e luz refratada — o separava do mar de estrelas e do único mundo que ele conhecia. Wells sentiu seu peito doer pelos três jovens que não tinham

sobrevivido para ver tudo isso. Seus corpos estavam do outro lado do módulo de transporte.

— Camas? — falou um garoto, bufando. — Pode me dizer onde vamos encontrar uma cama nesse lugar.

— Então em que merda de lugar devemos dormir? — perguntou a garota com a cicatriz, olhando para a clareira como se esperasse que um alojamento fosse aparecer num passe de mágica.

Wells limpou a garganta:

— Nossos suprimentos incluíam barracas. Apenas precisamos acabar de organizar os containers e recolher todas as peças. Enquanto isso, deveríamos mandar alguns batedores para procurar água, assim saberemos onde montar acampamento.

A menina fez questão de olhar para todos à sua volta.

— Isso parece bom para mim — disse ela, causando mais risadas.

Wells tentou se forçar a permanecer calmo:

— A questão é: se estivermos próximos de um córrego ou de um lago, será mais fácil para...

— Ah, sim. — Uma voz grave o interrompeu. — Cheguei bem a tempo da aula.

Wells olhou para o lado e viu um rapaz chamado Graham andando na direção deles. Além de Wells e Clarke, ele era a única pessoa de Phoenix, embora parecesse conhecer a maioria dos waldenitas e dos arcadianos pelo nome e de eles o tratarem com surpreendente respeito. Wells não queria imaginar o que ele teve que fazer para merecer aquilo.

— Eu não estava dando nenhuma aula. Estou apenas tentando nos manter vivos.

Graham levantou uma sobrancelha:

— Isso é interessante, levando em consideração que seu pai não para de condenar nossos amigos à morte. Mas não se preocupe, sei que você está do nosso lado. — Ele sorriu para Wells. — Não é mesmo?

Wells olhou para ele com precaução, então assentiu de forma breve: — Claro.

— Então — prosseguiu Graham, seu tom amigável contrastando com o brilho hostil em seus olhos —, qual foi sua infração?

— Essa não é uma pergunta muito educada, você não acha? — Wells tentou mostrar o que ele esperava ser um sorriso enigmático.

— Sinto muito. — O rosto de Graham assumiu uma expressão de horror fingido. — Você precisa me perdoar. Veja bem, quando você passou os últimos 847 dias da sua vida trancado no fundo de uma nave, você tende a esquecer o que é considerado uma conversa educada em Phoenix.

— 847 dias? — repetiu Wells. — Acho que podemos presumir que você não foi Confinado por errar nas contas das ervas que você provavelmente roubou do armazém.

— Não — disse Graham, dando um passo na direção de Wells. — Não fui. — A multidão se calou, e Wells foi capaz de ver algumas pessoas se movendo de forma desconfortável enquanto outras se aproximavam, ansiosas. — Fui Confinado por assassinato.

Os dois se olharam fixamente. Wells manteve sua expressão cuidadosamente

desprovida de emoção, se recusando a dar a Graham a satisfação de ver o choque em seu rosto.

— Ah? — falou ele, de forma indiferente. — Quem você matou?

Graham sorriu friamente.

— Se você tivesse passado algum tempo com o resto de nós, saberia que essa não é considerada uma pergunta muito educada. — Houve um momento de silêncio tenso antes de Graham mudar de enfoque. — Mas eu já sei o que você fez de qualquer forma. Quando o filho do Chanceler é encarcerado, a notícia corre rápido. Não me surpreende que você não confesse. Mas agora que estamos tendo uma conversa agradável, talvez você possa nos contar exatamente o que estamos fazendo aqui embaixo. Talvez você possa nos explicar por que tantos dos nossos amigos continuam sendo executados depois de seus rejuvimentos. — Graham ainda estava sorrindo, mas seu tom tinha ficado grave e perigoso. — E por que agora? O que fez seu pai decidir nos mandar para cá de repente?

Seu pai. O dia todo, imerso na novidade de estar na Terra, Wells tinha quase sido capaz de se convencer de que aquela cena na plataforma de lançamento — o som seco do disparo, o sangue brotando como uma flor escura no peito de seu pai — tinha sido um sonho assustador.

— É claro que ele não vai nos dizer — continuou Graham, zombando. — Vai, soldado? — acrescentou com uma saudação debochada.

Os arcadianos e waldenitas que vinham observando Graham se viraram ansiosamente para Wells, a intensidade de seus olhares fazendo sua pele se arrepiar. Obviamente, ele sabia o que estava acontecendo. Por que tantos jovens estavam sendo executados nos seus aniversários de 18 anos por crimes que poderiam ter sido perdoados no passado. Por que a missão tinha sido preparada e levada a cabo com pressa antes que houvesse tempo para planejar adequadamente.

Ele sabia melhor do que qualquer um, porque era tudo sua culpa.

— Quando vamos poder ir para casa? — perguntou um menino que não parecia ter muito mais do que 12 anos. Wells sentiu uma inesperada pontada de pena da mãe desolada que ainda estava em algum lugar na nave. Ela não tinha ideia de que seu filho tinha sido arremessado no espaço na direção de um planeta que a raça humana tinha abandonado.

— Nós estamos em casa — disse Wells, forçando tanta sinceridade quanto podia em suas palavras.

Se ele dissesse isso o suficiente, talvez começasse a acreditar.

Ele quase tinha perdido o concerto aquele ano. Sempre tinha sido seu evento favorito, a única noite em que as relíquias musicais eram tiradas de suas câmaras de preservação a vácuo. Assistir aos músicos, que passavam a maior parte de seu tempo praticando em simuladores, arrancarem notas e acordes das relíquias era como testemunhar uma ressurreição. Esculpidos e soldados por mãos mortas há muito tempo, os únicos instrumentos que tinham sobrado no universo produziam as mesmas melodias exorbitantes que um dia tinham ecoado pelos salões de concerto de civilizações arruinadas. Uma vez por ano, o Salão do Éden se enchia de música que tinha durado mais do que o tempo da humanidade na Terra.

Mas enquanto Wells entrava no salão, um grande espaço oval limitado por uma janela panorâmica curva, o pesar que vinha vagando em seu corpo durante a última semana se solidificou em seu estômago. Normalmente ele achava a vista incrivelmente bela, mas, naquela noite, as estrelas cintilantes que cercavam a Terra coberta por nuvens o fizeram se lembrar de velas numa vigília. Sua mãe amava música.

Estava lotado como sempre, com a maioria da população de Phoenix conversando animadamente. Muitas das mulheres estavam ansiosas para estrear novos vestidos, uma proeza cara e potencialmente enlouquecedora dependendo do tipo de recortes têxteis que você encontrava no Entrepasto. Ele deu alguns passos adiante, causando uma onda de sussurros e olhares sugestivos na multidão.

Wells tentou focar na parte da frente do salão, onde os músicos se reuniam sob a árvore que deu o nome ao Salão do Éden. A lenda era que o broto tinha sobrevivido milagrosamente ao incêndio da América do Norte e tinha sido carregado para Phoenix logo antes do Êxodo. Agora ela alcançava o topo do salão, seus galhos finos se esticando mais de dez metros em cada direção, criando uma cobertura de folhas que escondia parcialmente os músicos com um véu de sombras tingidas de verde.

— Aquele é o filho do Chanceler? — perguntou uma mulher atrás dele. Uma nova onda de calor subiu até suas bochechas já coradas. Ele nunca tinha se tornado imune ao rastro de reações atrasadas e aos olhares curiosos que ele arrastava por onde passava, mas essa noite aquilo parecia insuportável.

Ele se virou e começou a andar na direção da porta, mas congelou quando alguém segurou seu braço. Ele se virou e viu Clarke olhando para ele com surpresa: — Para onde você está fugindo?

Wells sorriu de forma sombria:

— Parece que não estou no clima para escutar música.

Clarke olhou para ele por um momento, então colocou a mão na dele: — Fique. Como um favor para mim. — Ela o acompanhou até dois assentos vagos na última fileira. — Preciso que você me diga o que estamos escutando.

Wells suspirou ao se sentar ao lado de Clarke.

— Eu já lhe disse que eles vão tocar Bach — falou ele, olhando ansiosamente para a porta.

— Você sabe do que estou falando. — Clarke entrelaçou os dedos nos dele. — Esse movimento, aquele movimento. — Ela sorriu. — Além disso, sempre aplaudo na hora errada.

Wells apertou sua mão de leve.

Não havia nenhuma necessidade de apresentação ou anúncio. Desde o momento em que as primeiras notas soaram, o público ficou em silêncio, o arco do violinista acabando com o burburinho enquanto passava sobre as cordas. Então o violoncelo se juntou, seguido do clarinete. Não havia percussão essa noite, mas não importava. Wells podia praticamente ouvir a batida oca dos duzentos corações pulsando no ritmo da música.

— É assim que sempre imaginei que soaria um pôr do sol — sussurrou Wells. As palavras fugiram de sua boca antes que ele tivesse tempo de pensar, e ele se preparou para uma expressão de tédio, ou pelo menos um olhar confuso.

Mas a música também tinha lançado seu feitiço sobre Clarke.

— Eu adoraria ver um pôr do sol — murmurou ela, descansando a cabeça em seu ombro.

Wells passou a mão distraidamente pelo cabelo sedoso dela.

— Eu adoraria ver um pôr do sol com você. — Ele se curvou e beijou sua testa. — O que você vai fazer daqui a 75 anos? — sussurrou ele.

— Vou limpar minha dentadura — disse Clarke, com um sorriso. — Por quê?

— Porque tenho uma ideia para nosso primeiro encontro na Terra.

A luz estava enfraquecendo, a fogueira bruxuleando nos rostos ao redor de Wells.

— Sei que isso tudo parece estranho e aterrorizante e, sim, injusto, mas estamos aqui por uma razão — disse ele ao grupo. — Se nós sobrevivermos, todos sobrevivem.

Quase cem cabeças se viraram em sua direção e, por um momento, ele achou que suas palavras tinham descascado as camadas de rebeldia e ignorância calcificadas. Mas então uma nova voz quebrou o silêncio.

— Cuidado aí, Jaha. — Wells se virou e viu um jovem alto com um uniforme de guarda manchado de sangue. O rapaz que tinha forçado sua entrada no módulo de transporte, que tinha tomado o pai de Wells como refém. — A Terra ainda está em fase de recuperação. Não sabemos a quantidade de papo furado que ela aguenta.

Outra onda de risadas maldosas se espalhou ao redor do fogo, e Wells sentiu uma descarga de raiva repentina e aguda. Por causa desse sujeito, seu pai, a pessoa responsável por proteger toda a raça humana, tinha levado um tiro, e ele tinha a coragem de chegar ali e acusar Wells de papo furado?

— O que você disse? — falou Wells, levantando seu queixo para oferecer ao rapaz sua melhor encarada de oficial.

— Pare de palhaçada, certo? Apenas diga o que você realmente quer dizer. Se fizermos exatamente o que você diz, então você não vai nos delatar para seu pai.

Wells estreitou os olhos:

— Graças a você, meu pai está provavelmente no hospital. — Recebendo o melhor tratamento possível e a caminho de uma pronta recuperação, acrescentou Wells em silêncio. Ele esperava que fosse verdade.

— Isso se ele estiver vivo — interrompeu Graham, que então riu. Por um instante, Wells achou que viu o outro rapaz franzir a testa.

Wells deu um passo para a frente, mas então outra voz gritou do meio da multidão, o interrompendo:

— Então você não é um espião?

— Um espião? — Wells riu da acusação.

— Sim — concordou o guarda impostor. — Para nos espionar exatamente como essas pulseiras, não é?

Wells olhou o rapaz com o uniforme de guarda de tamanho inadequado com mais atenção. Será que tinham lhe contado sobre o propósito dos braceletes ou ele tinha descoberto por conta própria?

— Se o Conselho quisesse espioná-los — disse ele, ignorando o comentário sobre os transmissores —, você não acha que escolheriam alguém menos óbvio?

O rapaz com o uniforme ensanguentado sorriu:

— Podemos discutir os prós e contras da administração de seu pai em algum outro momento.

Mas agora, apenas nos diga: se você não é um espião, o que diabos está fazendo aqui? Não há como alguém acreditar que você foi realmente Confinado.

— Sinto muito — falou Wells com um tom que mostrava qualquer coisa menos arrependimento.

— Você apareceu com um uniforme de guarda roubado e fez meu pai de refém para poder invadir essa nave. Acho que é você quem nos deve uma explicação.

Os olhos do rapaz se estreitaram:

— Fiz o que precisava fazer para proteger minha irmã.

— Sua irmã? — repetiu Wells. As pessoas infringiam leis populacionais mais frequentemente em Walden do que em Phoenix, mas Wells nunca tinha ouvido falar de alguém que tivesse um irmão, não desde o Cataclismo.

— É isso mesmo. — O rapaz cruzou os braços e encarou Wells com um olhar desafiador. — Agora vou lhe perguntar mais uma vez: o que você está realmente fazendo aqui?

Wells deu um passo em sua direção. Ele não devia nenhuma explicação a ninguém, muito menos a esse criminoso, que provavelmente estava mentindo sobre ter uma irmã e quem sabe o que mais.

Mas então ele percebeu um movimento no canto de seu olho. Clarke estava vindo na direção do fogo da parte mais afastada da clareira, onde vinha tratando os passageiros feridos.

Wells se virou novamente para o rapaz alto e suspirou, sua raiva se dissipando: — Estou aqui pelo mesmo motivo que você. — Seus olhos se viraram na direção de Clarke, que ainda estava longe demais para ouvi-lo. — Consegui ser Confinado para proteger alguém com quem me importo.

A multidão ficou em silêncio. Wells virou de costas para eles e começou a caminhar, sem se importar se os olhares o seguiam enquanto ele andava na direção de Clarke.

Por um momento, apenas olhar para ela confundiu seu cérebro. A luz na clareira tinha mudado à medida que o céu ficava mais escuro, fazendo pontos dourados em seus olhos verdes parecerem brilhar. Ela estava mais bonita na Terra do que nunca.

Seus olhos se encontraram, e um calafrio correu pela espinha dele. Há menos de um ano, ele tinha sido capaz de dizer o que ela pensava apenas olhando para ela. Mas agora sua expressão estava impenetrável.

— O que você está fazendo aqui, Wells? — perguntou ela, sua voz cansada e aborrecida.

Ela está em choque, disse Wells a si mesmo, forçando sua mente a se agarrar à explicação sem sentido.

— Eu vim por sua causa — disse ele gentilmente.

O rosto dela assumiu uma expressão que ia além dos limites, uma mistura de tristeza, frustração e pena que pareceu viajar dos olhos de Clarke diretamente para o peito de Wells.

— Gostaria que você não tivesse feito isso. — Ela suspirou e o empurrou para passar, caminhando a passos largos sem olhar para trás.

Essas palavras tiraram o ar de dentro dele, e por um instante tudo em que Wells foi capaz de pensar era como se respirava. Então ele ouviu sussurros na fogueira atrás dele e virou, curioso, contra sua vontade. Todos estavam apontando para o céu, que se transformava numa sinfonia de cores.

Primeiro, faixas alaranjadas apareceram no azul, como um oboé se juntando a uma flauta, transformando um solo num dueto. Aquela harmonia seguiu num crescendo de cores enquanto amarelo e depois rosa acrescentaram suas vozes ao refrão. O céu escureceu, dando às cores ainda mais nitidez. A expressão pôr do sol não poderia de forma alguma conter aquela beleza, e, pela milionésima vez desde que tinham pousado, Wells percebeu que as palavras que lhes foram ensinadas para descrever a Terra empalideciam em comparação à realidade.

Até Clarke, que não tinha parado de se mexer desde a queda, ficou imóvel, sua cabeça inclinada para trás para melhor apreciar o milagre que ocorria acima dela. Wells não precisou ver seu rosto para saber que seus olhos estariam arregalados com admiração, sua boca levemente aberta com a respiração entrecortada enquanto ela assistia a algo sobre o que ela apenas tinha sonhado. Algo sobre o que eles apenas tinham sonhado, Wells se corrigiu. Ele afastou os olhos, incapaz de continuar a olhar para o céu, a dor endurecendo e se transformando em algo denso e afiado em seu peito.

Aquele era o primeiro pôr do sol que humanos testemunhavam em três séculos, e ele estava assistindo a tudo sozinho.

Bellamy apertou os olhos para ver o nascer do sol. Ele sempre tinha suposto que aqueles poetas de antigamente eram cheios de merda, ou pelo menos tinham drogas muito melhores do que as que ele já tinha provado. Mas eles estavam certos. Era uma loucura observar o céu ir de preto a cinza e então explodir em faixas de cor. Aquilo não o fazia querer começar a cantar ou algo parecido, mas, para dizer a verdade, Bellamy nunca fora o tipo artístico.

Ele se inclinou e puxou o cobertor de Octavia mais para cima. Ele o achara dentro de um container de suprimentos na noite anterior e tinha praticamente arrancado o dente de um garoto no conflito para consegui-lo. Bellamy soltou o ar, observando enquanto seu hálito se condensava diante dele, permanecendo por muito mais tempo no ar do que na nave, onde o sistema de ventilação praticamente sugava o ar de seus pulmões antes de ele ter a chance de sair pela boca.

Ele olhou para a clareira ao seu redor. Depois que aquela tal de Clarke tinha terminado de avaliar Octavia e determinado que ela tinha apenas um tornozelo torcido, Bellamy a tinha carregado na direção das árvores, onde eles tinham passado a noite. Eles manteriam distância até ele descobrir quantos desses jovens eram verdadeiros criminosos e quantos tinham apenas estado no lugar errado e na hora errada.

Bellamy apertou a mão de sua irmã. Era sua culpa ela ter sido Confinada. Era sua culpa ela estar aqui. Ele deveria saber que ela estava planejando algo; ela vinha falando há semanas sobre como algumas crianças de sua unidade estavam famintas. Tinha sido apenas uma questão de tempo até ela fazer algo para alimentá-las — mesmo se isso significasse roubar. Sua irmã altruísta foi condenada a morrer por ter um coração muito grande.

Era seu dever protegê-la. E, pela primeira vez na vida dela, ele tinha fracassado.

Bellamy estufou o peito e levantou o queixo. Ele era alto para um menino de 6 anos, mas aquilo não impedia que as pessoas olhassem para ele enquanto ele abria caminho pela multidão no centro de distribuição. Não era contra as regras crianças virem sozinhas, mas era raro. Ele repassou a lista que sua mãe o tinha feito repetir três vezes antes de deixá-lo sair do apartamento. Refeição de fibras — dois créditos. Pacote de glicose — um crédito. Grão desidratado — dois créditos. Flocos de tubérculo — um crédito. Pão de proteína — três créditos.

Ele passou apressadamente ao lado de duas mulheres que tinham parado para resmungar em frente a algumas coisas brancas que se pareciam com cérebros. Bellamy olhou com uma expressão de tédio e continuou andando. Quem se importava com o fato de Phoenix ficar com todas as coisas boas dos campos solares? Qualquer um que quisesse comer vegetais provavelmente tinha cérebros pequenos, brancos e pastosos.

Bellamy juntou as mãos debaixo do distribuidor de grãos, segurou o pacote que caiu e o colocou debaixo do braço. Ele começou a andar na direção da seção de tubérculos quando algo brilhante e lustroso chamou sua atenção. Bellamy se virou e viu uma pilha de frutos

vermelhos redondos dentro de um mostruário. Normalmente, ele não se importava com as coisas caras que ficavam trancadas — cenouras retorcidas que lembravam Bellamy de dedos de bruxa cor de laranja, e cogumelos horríveis que se pareciam mais com zumbis devoradores de cérebros do buraco negro do que com comida. Mas isso era diferente. A fruta tinha uma cor rosada, a mesma cor do rosto de sua vizinha, Rilla, quando eles brincavam de invasão alienígena no corredor. Ou costumavam brincar, antes de o pai de Rilla ser levado pelos guardas e ela ser mandada para o centro de custódia.

Bellamy ficou nas pontas dos pés para ler o número no painel de dados. Onze créditos. Aquilo parecia muito, mas ele queria fazer uma coisa boa para sua mãe. Ela não saía da cama há três dias. Bellamy não conseguia imaginar como era ficar tão cansado.

— Você quer uma? — perguntou uma voz irritada. Ele levantou os olhos e viu uma mulher com um uniforme verde olhando para ele. — Peça ou afaste-se.

Um calor subiu até as bochechas de Bellamy e, por um instante, ele pensou em sair correndo. Mas então um surto de indignação dominou sua vergonha. Ele não deixaria uma funcionária mal-humorada do centro de distribuição impedir que ele comprasse a guloseima que sua mãe merecia.

— Vou levar duas — disse ele, com a voz arrogante que sempre fazia sua mãe perder a paciência e se perguntar: de quem você puxou isso?. — E não encoste seus dedos nelas — acrescentou enfaticamente.

A mulher levantou uma sobrancelha antes de olhar para os guardas atrás da mesa de transação. Ninguém em Walden gostava dos guardas, mas sua mãe parecia particularmente assustada por eles. Ultimamente, ela segurava a mão de Bellamy e virava na outra direção toda vez que via uma equipe de patrulha se aproximando. Será que ela tinha feito algo errado? Será que os guardas viriam levá-la embora como tinham feito com o pai de Rilla? Não, ele dizia a si mesmo. Não vou deixar que façam isso.

Ele pegou suas maçãs e marchou até a mesa de transação. Outra funcionária passou seu cartão na máquina, olhando por um momento para a informação no painel antes de dar de ombros e gesticular para ele seguir. Um dos guardas o olhou com uma expressão curiosa, mas Bellamy permaneceu olhando para a frente. Ele se forçou a andar até sair do centro de distribuição e então disparou numa corrida, apertando as embalagens contra seu peito enquanto cruzava a passagem que levava à sua unidade residencial.

Entrou em seu apartamento, fechando a porta cuidadosamente ao passar. Ele mal podia esperar para mostrar à sua mãe o que tinha comprado para ela. Entrou na sala de estar, mas as luzes não se acenderam. Será que o sensor estava quebrado de novo? Seu estômago se embrulhou levemente. Sua mãe odiava fazer pedidos de manutenção. Ela não gostava de receber estranhos em casa. Mas quanto tempo eles poderiam passar no escuro?

— Mãe! — gritou Bellamy, entrando correndo no quarto dela. — Voltei! Comprei tudo!

— As luzes estavam funcionando ali, e se acenderam com um zumbido quando Bellamy passou pela porta. Mas a cama estava vazia.

Bellamy congelou enquanto uma onda de terror o varria. Ela tinha sumido. Eles a tinham levado. Estava sozinho. Mas então um passo abafado na cozinha alcançou seus ouvidos. Suspirou enquanto seu pânico era rapidamente substituído por alívio, depois

excitação. Sua mãe tinha saído da cama!

Correu até a cozinha. Ela estava de frente para a pequena janela redonda que dava para a escadaria escura. Uma das mãos estava posicionada na região lombar, como se sentisse dor.

— Mãe! — falou ele. — Veja o que trouxe para você.

Sua mãe respirou fundo, mas não se virou.

— Bellamy — disse ela, como se ele fosse um vizinho aparecendo para uma visita inesperada. — Você está de volta. Deixe a comida na mesa e vá para seu quarto. Já vou até lá.

Um sentimento de decepção caiu sobre ele, prendendo seus pés ao chão. Ele queria ver a expressão no rosto de sua mãe quando visse as frutas.

— Veja! — disse ele, esticando os braços, sem certeza de que ela era capaz de ver no reflexo da janela escura e empoeirada.

Ela virou a cabeça para olhar.

— O que é isso? — Ela apertou os olhos. — Maçãs? — Então apertou os lábios e esfregou a lateral de sua cabeça como costumava fazer quando voltava para casa do trabalho. Antes de ficar doente. — Quanto elas... Esqueça. Apenas vá para seu quarto, certo?

As palmas das mãos de Bellamy tinham começado a suar quando ele colocou as embalagens na mesa perto da porta. Será que ele tinha feito algo errado? As luzes piscaram e se apagaram.

— Droga — murmurou ela enquanto olhava para o teto. — Bellamy, agora — ordenou sua mãe. Ou pelo menos ele achava que era sua mãe. Ela estava virada de costas para ele novamente, e sua voz rodopiava pela escuridão até não soar mais como ela.

Enquanto saía apressado, Bellamy olhou por cima do ombro. Ela nem mesmo se parecia consigo mesma. Tinha virado de lado e sua barriga parecia enorme e redonda, como se estivesse escondendo algo debaixo da camisa. Ele piscou e saiu, convencido de que seus olhos estavam lhe pregando peças, ignorando o calafrio que descia por sua espinha.

— Como ela está?

Bellamy levantou os olhos para ver Clarke parada sobre ele, dividindo sua atenção de forma desconfortável entre ele e sua irmã. Balançou a cabeça: — Acho que está bem.

— Que bom. — Ela levantou uma sobrancelha levemente chamuscada. — Porque seria uma pena se você levasse a cabo sua ameaça de ontem à noite.

— O que eu falei?

— Você me disse que, se eu não salvasse sua irmã, você explodiria todo o maldito planeta e todo mundo que está nele.

Bellamy sorriu:

— Que bom que é apenas um tornozelo torcido. — Ele inclinou a cabeça para o lado e examinou Clarke com curiosidade. A pele sob seus olhos estava marcada pela exaustão, mas as olheiras apenas os deixavam mais verdes. Ele sentiu uma pontada de culpa por ter sido tão estúpido com ela na noite anterior. Tinha suposto que ela era mais uma garota egoísta de Phoenix que estava treinando para ser médica porque aquilo lhe dava algo sobre

o que se gabar em festas. Mas o cansaço em seu rosto delicado e o sangue empapado em seu cabelo dourado-avermelhado deixava claro que ela não tinha parado para descansar desde que pousaram.

— Então — continuou Bellamy, se lembrando da declaração de Wells à beira da fogueira na noite passada e da forma como Clarke tinha fugido dele com raiva —, por que você foi tão cruel com o Chanceler Júnior?

Clarke olhou para ele com uma mistura de choque e indignação. Por um instante, ele achou que ela poderia realmente bater nele, mas então ela sacudiu a cabeça: — Isso não é da sua conta.

— Ele é seu namorado? — pressionou Bellamy.

— Não — disse Clarke, de forma seca. Mas sua boca se contorceu num sorriso inquisitivo. — Por que você se importa?

— Estou apenas fazendo um censo — respondeu Bellamy. — Especificamente para determinar o estado civil de todas as garotas bonitas na Terra.

Clarke olhou para ele com uma expressão de impaciência, depois se virou novamente para Octavia e a seriedade voltou ao seu rosto.

— O que foi? — perguntou Bellamy, voltando o olhar de Clarke para a irmã.

— Nada — respondeu ela rapidamente. — Apenas gostaria de ter um pouco de antisséptico para aquele corte no rosto dela. E alguns dos outros vão precisar de antibióticos.

— Então não temos nenhum medicamento? — perguntou Bellamy, franzindo a testa com preocupação.

Clarke olhou para ele, perplexa:

— Acho que os kits de suprimentos médicos foram arremessados para fora do módulo de transporte na queda. Mas ficaremos bem — falou rapidamente, a mentira escapando de sua boca antes de ela ter tempo de fazer suas feições combinarem com as palavras. — Ficaremos bem por um tempo. O corpo humano tem uma habilidade extraordinária de se curar... — As palavras foram desaparecendo enquanto seus olhos se fixavam nas manchas de sangue do uniforme roubado.

O rosto de Bellamy se contorceu, imaginando se ela estava pensando no Chanceler. Esperava que ele tivesse sobrevivido — já tinha sangue suficiente nas mãos. Mas provavelmente não importava de uma forma ou de outra. Quem quer que o Conselho enviasse no próximo grupo certamente estaria autorizado a executar Bellamy assim que o encontrasse, independentemente do fato de o ferimento do Chanceler ter sido um acidente. Assim que Octavia estivesse bem para se mover, os dois iriam embora dali. Caminhariam por alguns dias, ganhariam alguma distância do grupo e acabariam encontrando algum lugar onde pudessem se estabelecer. Ele não tinha passado meses debruçado sobre aqueles velhos guias de sobrevivência que descobrira na plataforma B sem motivo. Estaria pronto para o que quer que estivesse esperando por eles naquelas florestas. Não poderia ser pior do que o que cairia do céu.

— Quanto tempo até ela ser capaz de andar?

Clarke se virou novamente para Bellamy:

— É uma torção muito forte, então eu diria alguns dias, mas uma semana ou duas

até estar totalmente curado.

— Mas possivelmente antes?

Ela inclinou a cabeça e lhe deu um breve sorriso que, por um instante, o fez se esquecer de que ele estava abandonado num planeta potencialmente tóxico com 99 delinquentes juvenis: — Qual é a pressa?

Mas antes que ele tivesse tempo para responder, alguém gritou o nome de Clarke e ela foi embora.

Bellamy respirou fundo. Para sua surpresa, aquilo clareou sua mente, o deixando mais acordado e alerta. Provavelmente acabaria sendo tóxico, mas, cada vez que puxava o ar, sentia algo intrigante e impossível de descrever, como uma garota misteriosa que não olhava em seus olhos, mas passava perto o suficiente para você sentir o cheiro de seu perfume.

Ele deu alguns passos na direção das árvores, ansioso para ter uma visão melhor, mas sem querer se afastar muito de Octavia. Elas não pareciam ser de nenhuma espécie que ele reconhecia, mas, de qualquer forma, o único livro de botânica que ele tinha sido capaz de encontrar era sobre plantas nativas da África, e ele achava que tinha escutado Wells falar que eles estavam na costa leste do que um dia fora os Estados Unidos.

Um galho fino estalou ao seu lado. Bellamy se virou rapidamente e viu uma garota com um rosto longo e estreito e cabelo pegajoso:

— Posso ajudá-la?

— Wells disse que todos que não estiverem feridos devem recolher lenha.

Um fio de irritação se enroscou no estômago de Bellamy, e ele sorriu secamente para a garota: — Não acho que Wells está em nenhuma posição de dar ordens, então, se for tudo bem para você, vou me preocupar comigo mesmo, certo? — Ela se moveu desconfortavelmente por um momento antes de olhar de forma nervosa para trás. — Pode ir — disse Bellamy, gesticulando para que fosse embora. Observou com satisfação enquanto ela se afastava.

Ele entortou o pescoço e olhou para o céu, seus olhos absorvendo nada além de um vazio em todas as direções. Não importava onde eles estavam. Qualquer lugar nesse planeta seria infinitamente melhor do que o mundo que eles tinham deixado para trás.

Pela primeira vez em sua vida, estava livre.

Glass passou o resto da noite no sofá de Luke, agradecida por Camille não ter perguntado por que ela se recusou a dormir no antigo quarto de Carter. Eles decidiram que era melhor Glass permanecer escondida ali até a mudança de turno, às 6h, quando haveria menos guardas na patrulha.

Ela teve dificuldades para dormir a noite toda. Toda vez que se virava, o bracelete machucava sua pele, uma lembrança dolorosa de que, enquanto estava em perigo, Wells estava a centenas de quilômetros, lutando para sobreviver num planeta que não tinha sido capaz de suportar vida durante séculos. Sempre tinha sido um sonho de seu amigo ver a Terra, mas não dessa forma. Não quando ainda podia ser tóxica. Não depois de ver seu pai ser baleado.

Enquanto permanecia deitada olhando para o teto, ela não podia impedir que seus ouvidos procurassem sons na escuridão. O sussurro mais tímido do outro lado da porta do quarto de Luke era o suficiente para revirar seu estômago. Mas o silêncio era ainda pior.

No momento que as luzes circadianas começaram a entrar por baixo da porta da frente, a porta do quarto de Luke se abriu, e ele e Camille saíram com uma expressão cansada. Claramente, nenhum dos dois também tinha dormido muito. Luke já estava vestido com roupas civis, mas Camille estava usando apenas uma das camisetas de Luke, que mal alcançava o topo de suas pernas esguias. Glass ruborizou e afastou os olhos.

— Bom dia. — A formalidade na voz de Luke fez Glass se contrair. Na última vez que Luke tinha dito aquelas palavras a ela, os dois estavam na cama dele e o cumprimento tinha sido sussurrado no seu ouvido.

— Bom dia — respondeu ela, empurrando a memória para fora de sua cabeça.

— Precisamos tirar esse bracelete. — Luke apontou para o pulso de Glass.

Ela concordou e se levantou do sofá, se movendo de forma desconfortável enquanto Camille olhava alternadamente dela para Luke. Finalmente, cruzou os braços e se virou para ele: — Você tem certeza de que isso é uma boa ideia? E se alguém os vir?

A expressão de Luke se fechou:

— Nós conversamos sobre isso. — Ele falava em voz baixa, mas Glass ouvia o tom de frustração em sua voz. — Se não a ajudarmos, vão matá-la. É a coisa certa a ser feita.

A coisa certa a ser feita, pensou Glass. Isso era tudo o que ela significava para ele agora, uma vida que ele não queria em sua consciência.

— Melhor ela do que você — disse Camille, sua voz tremendo.

Luke se inclinou e beijou o topo de sua cabeça: — Vai ficar tudo bem. Vou levá-la a Phoenix e então voltarei direto para casa.

Camille suspirou e jogou uma camisa e uma calça para Glass.

— Aqui — falou ela. — Sei que não está à altura de seus padrões de Phoenix, mas você vai parecer um pouco mais aceitável assim. Não vai passar por uma funcionária da área de saneamento com esse cabelo. — Ela apertou o braço de Luke e então voltou ao quarto, deixando Glass e Luke sozinhos.

Glass ficou parada, segurando as roupas de forma constringida e, por um instante, eles se olharam. Na última vez que ela tinha visto Luke, não teria problema nenhum em se trocar na frente dele.

— Será que devo... — As palavras foram perdendo a força enquanto ela apontava na direção do quarto de Carter.

— Ah — disse Luke, ruborizando levemente. — Não. Vou apenas... eu já volto. — Ele voltou ao seu quarto. Glass se trocou o mais rápido que conseguiu, tentando ignorar os sussurros que escapavam pela porta, picando sua pele como agulhas.

Quando Luke voltou, Glass estava vestida com uma calça cinza frouxa que mal se prendia à sua cintura e uma camiseta azul surrada que irritava sua pele. Luke a examinou de forma crítica: — Algo ainda está errado — disse ele. — Você não se parece com uma prisioneira, mas definitivamente não se parece com uma waldenita.

Glass começou a alisar as laterais de sua calça amarrotada, preocupada com sua aparência, se perguntando se Luke preferia estar com uma garota que parecesse confortável com aquelas roupas.

— Não é isso — falou ele. — É seu cabelo. As garotas daqui não usam cabelo tão longo.

— Por quê? — perguntou ela, percebendo com uma pequena dose de culpa que nunca nem tinha notado aquilo.

Luke tinha se virado e começado a vasculhar uma pequena caixa encostada à parede.

— Provavelmente porque seria muito difícil cuidar dele. Não recebemos em Walden a mesma quantidade de água que vocês recebem em Phoenix. — Ele se virou com um olhar de triunfo e esticou na direção dela um gorro manchado que parecia muito velho.

Glass deu um sorriso tímido:

— Obrigada. — Ela pegou o gorro da mão de Luke, seus dedos roçando nos dele, e o colocou na cabeça.

— Ainda não acho que chegamos lá — disse ele, examinando-a com a testa franzida. Ele se aproximou dela, tirou o gorro com uma das mãos e, com a outra, juntou o cabelo sobre seu ombro, o torcendo num nó sobre a cabeça. — Pronto — falou ele, satisfeito, colocando o gorro por cima.

O silêncio se estendeu entre eles. Lentamente, Luke esticou o braço e prendeu alguns fios de cabelo que tinham sobrado atrás da orelha de Glass. Seus dedos ásperos se demoraram sobre seu pescoço, e ele olhou para os olhos dela sem piscar.

— Pronto? — perguntou Glass, quebrando o encanto enquanto dava um passo para o lado.

— Sim. Vamos. — Luke se afastou rigidamente e a acompanhou até o corredor do lado de fora do apartamento.

Não havia tantas luzes circadianas em Walden quanto em Phoenix, então, apesar de tecnicamente estar na alvorada, os corredores estavam escuros em sua maioria. Glass não sabia dizer aonde Luke a estava levando, e fechou as mãos para se impedir de segurar a mão dele.

Finalmente, Luke parou diante do contorno apagado de uma porta. Ele enfiou a mão em seu bolso, tirando algo que Glass não foi capaz de ver e posicionando o objeto em

frente ao scanner. A porta apitou e se abriu. As entranhas de Glass se contorceram ao perceber que aonde quer que Luke a levasse, deixaria um rastro de registros e códigos de acesso. Ela não podia suportar pensar no que aconteceria quando o Conselho descobrisse que ele tinha ajudado uma criminosa fugitiva.

Mas não havia outra opção. Depois que ela dissesse um último adeus à sua mãe, esperaria que os guardas a encontrassem. Não tentaria ver Luke novamente. Não podia lhe pedir para arriscar sua segurança por ela. Não depois do que tinha feito.

Uma luz fraca ganhou vida com dificuldade, criando um brilho sujo e amarelado sobre máquinas que Glass não reconheceu.

— Onde estamos? — perguntou ela, sua voz ecoando de forma estranha.

— Numa das antigas oficinas. É aqui que costumavam reparar os equipamentos construídos na Terra, antes de serem todos substituídos. Eu vim até aqui para parte de meu treinamento.

Glass começou a indagar por que guardas praticariam aqui, mas engoliu a pergunta. Sempre se esquecia que Luke já tinha começado seu aprendizado em mecânica quando foi aceito no corpo de engenharia da guarda. Ele raramente falava sobre aquela parte de sua vida. Olhando para o passado, Glass se envergonhava de não ter se esforçado mais para aprender sobre o mundo de Luke; não era surpresa que ele tivesse se voltado a Camille.

Luke ficou parado ao lado de uma enorme máquina, apertando botões diferentes, sua testa franzida de concentração.

— O que é isso? — perguntou Glass quando a máquina começou a zumbir de forma ameaçadora.

— Um cortador a laser — disse Luke, sem levantar os olhos.

Glass puxou seu pulso de forma protetora para junto do peito: — De forma nenhuma.

Luke olhou para Glass com uma expressão que tinha partes iguais de surpresa e irritação: — Sem discussão. Quanto antes tirarmos essa coisa de seu braço, melhores são suas chances de se esconder.

— Não podemos simplesmente descobrir como destravá-la?

Luke sacudiu a cabeça:

— Tem que ser cortada. — Quando ela não se moveu, ele esticou o braço com um suspiro. — Venha aqui, Glass — falou, gesticulando para que se aproximasse.

Os pés de Glass permaneceram fincados no chão. Embora tivesse passado os últimos seis meses imaginando Luke chamar seu nome, ela nunca imaginou que uma peça de maquinário mortal estaria envolvida. Luke levantou uma sobrancelha:

— Glass?

Ela deu um passo hesitante para a frente. Não era como se tivesse algo a perder. Era melhor que Luke cortasse seu pulso fora do que um médico injetasse veneno em sua veia.

Luke apontou para uma superfície plana no meio da máquina: — Apenas coloque sua mão aqui. — Ele acionou um interruptor, e a máquina começou a vibrar.

Glass tremeu quando sua pele fez contato com o metal frio. — Vai ficar tudo bem — falou. — Prometo. Apenas fique parada.

Glass balançou a cabeça, muito assustada para falar. O zumbido continuou, e logo era acompanhado de um chiado agudo.

Luke fez mais alguns ajustes, então se posicionou ao lado dela: — Pronta?

Ela engoliu em seco:

— Sim.

Ele posicionou a mão esquerda sobre o braço de Glass e, com a direita, começou a mover outra alavanca em sua direção. Para seu horror, ela viu que aquilo estava emitindo uma linha fina vermelha de luz que pulsava com uma energia perigosa.

Ela começou a tremer, mas Luke segurou seu braço com mais força.

— Está tudo bem — murmurou ele. — Apenas fique parada.

A luz estava se aproximando. Glass podia sentir o calor em sua pele. O rosto de Luke ficou tenso de concentração, seus olhos fixos no pulso da menina enquanto movia o laser de forma constante.

Glass fechou os olhos, se preparando para a dor lancinante, para os gritos de seus nervos enquanto eles perdiam contato com sua mão.

— Perfeito. — A voz de Luke se intrometeu em seu pesadelo. Glass olhou para baixo e viu que o bracelete tinha se dividido em duas partes distintas, libertando seu pulso.

Ela suspirou, com a respiração ofegante:

— Obrigada.

— De nada. — Ele sorriu, ainda segurando seu braço.

Nenhum dos dois falou enquanto eles saíam da oficina discretamente e começavam a seguir de volta para a ponte suspensa.

— O que houve? — sussurrou Luke enquanto guiava Glass por uma esquina e um lance de escada, mais estreito e escuro do que qualquer coisa em Phoenix.

— Nada.

No passado, Luke teria esticado o braço, segurando o queixo de Glass em sua mão e olhado em seus olhos até ela sorrir. Você mente muito mal, Rapunzel, ele diria, uma referência ao conto de fadas sobre a garota cujo cabelo crescia 30 centímetros toda vez que ela mentia. Mas dessa vez, a mentira de Glass evaporou no ar.

— Então, como você está? — perguntou ela finalmente quando não conseguia mais suportar o peso do silêncio.

Luke olhou por cima do ombro e levantou uma sobrancelha: — Ah, você sabe, tirando ter sido abandonado pela garota que eu amava e o fato de meu melhor amigo ter sido executado por uma infração inventada, eu diria que não estou nada mal. — Glass se encolheu quando as palavras dele atingiram seu peito. Ela nunca tinha ouvido aquele tipo de mágoa na voz de Luke antes. — Mas pelo menos eu tinha Camille...

Glass assentiu, mas enquanto olhava de forma furtiva para o perfil familiar de Luke, cacos de indignação se juntavam, afiados e perigosos, em sua mente. O que será que ele pensava que ela tinha feito para ser Confinada? Por que ele não estava mais curioso ou surpreso? Será que ele achava que ela era uma pessoa tão terrível a ponto de cometer uma infração?

Luke parou abruptamente, fazendo com que Glass tropeçasse nele: — Desculpe — murmurou ela, tentando recuperar o equilíbrio.

— Sua mãe sabe o que aconteceu? — perguntou Luke, se virando para ficar de frente para ela.

— Não — disse Glass. — Quer dizer, ela soube que eu fui Confinada, mas não pode ter ficado sabendo da missão à Terra. — O Chanceler tinha deixado claro que a operação era sigilosa. Os pais não seriam informados até que fosse certo que seus filhos tinham sobrevivido à viagem; ou até que o Conselho tivesse certeza de que eles nunca retornariam.

— É bom que você vai vê-la.

Glass não disse nada. Ela sabia que ele estava pensando em sua própria mãe, que tinha morrido quando ele tinha apenas 12 anos e era a razão para ele acabar indo viver com seu vizinho que na época tinha 18 anos, Carter.

— Sim — disse Glass, com a voz tremida. Ela estava desesperada para ver a mãe, mas, mesmo sem o bracelete, não demoraria muito para que os guardas a encontrassem. O que era mais importante? Dizer adeus? Ou poupar a dor da sua mãe ao ver a filha ser carregada para a morte certa? — Deveríamos continuar andando.

Eles cruzaram a ponte em silêncio enquanto Glass se maravilhava com a visão do brilho das estrelas. Não tinha percebido o quanto ela amava a vista da ponte suspensa até ser trancada numa cela pequena e sem janela. Ela olhou de relance para Luke, sem saber se ficava magoada ou aliviada por ele não se virar para olhá-la.

— Você deveria voltar — disse Glass enquanto eles chegavam ao posto de controle de Phoenix, que estava, como Luke tinha prometido, livre de guardas. — Eu ficarei bem.

O maxilar de Luke se retesou, e um sorriso amargo se formou em seu rosto: — Você é uma condenada em fuga e eu ainda não sou bom o suficiente para conhecer sua mãe.

— Não foi isso o que eu quis dizer — falou ela, pensando na trilha de registros que ele já tinha deixado. — Não é seguro para você me ajudar. Não posso deixá-lo arriscar sua vida. Você já fez muito.

Luke respirou fundo, como se fosse dizer algo, então balançou a cabeça: — Tudo bem, então.

Ela forçou o que esperava ser um sorriso, segurando as lágrimas: — Obrigada por tudo.

O rosto de Luke ficou um pouco menos fechado:

— Boa sorte, Glass. — Ele começou a se inclinar, e ela não conseguiu evitar levantar o queixo, por força do hábito, mas então ele se afastou, afastando o olhar do dela com uma força quase física.

Sem dizer uma palavra, Luke se virou e seguiu na direção de onde eles tinham vindo. Glass observou enquanto ele ia embora, seus lábios sofrendo pela falta do beijo de despedida que eles nunca sentiriam novamente.

Quando chegou à entrada de seu apartamento, Glass levantou o punho e bateu de leve. A porta se abriu, e sua mãe, Sonja, abriu. Uma sinfonia de emoções percorreu seu rosto num instante: surpresa, alegria, confusão e medo.

— Glass? — falou com a respiração entrecortada, esticando o braço para tocar a filha como se não tivesse certeza de que ela realmente estava ali. Glass se aproximou com satisfação do abraço da mãe, absorvendo o cheiro de seu perfume. — Achei que nunca a veria novamente. — Ela apertou Glass mais uma vez antes de puxá-la para dentro

e fechar a porta. Então deu um passo para trás e olhou fixamente para a filha. — Eu já estava contando os dias. — A voz de sua mãe se transformou num sussurro. — Você completa 18 anos em três semanas.

Glass segurou a mão suada de sua mãe e a guiou até o sofá.

— Eles iam nos enviar à Terra — disse Glass. — Cem pessoas. — Ela respirou fundo. — Eu deveria ser uma delas.

— Terra? — repetiu Sonja lentamente, mantendo a palavra quase a distância, como se quisesse ver melhor. — Oh, meu deus.

— Houve uma confusão no lançamento. O Chanceler... — A mente de Glass vagou enquanto ela se recordava da cena na plataforma de lançamento. Ela fez uma prece silenciosa, esperando que Wells estivesse bem na Terra, que estivesse com Clarke e não precisasse sofrer sozinho. — No caos, eu consegui escapar — continuou Glass. Os detalhes não eram importantes nesse momento. — Apenas vim dizer que a amo.

Os olhos de sua mãe se arregalaram.

— Então foi assim que o Chanceler foi baleado. Ah, Glass — sussurrou ela, envolvendo a filha nos braços.

O som de passos ecoou no corredor, e Glass se encolheu. Ela olhou com precaução para a porta antes de se virar novamente para a mãe.

— Não posso ficar muito — disse, se levantando de forma trêmula.

— Espere! — Sonja deu um salto e segurou o braço de Glass, a puxando de volta para o sofá.

Seus dedos se apertaram em volta do pulso da filha. — O Chanceler está sendo mantido por aparelhos, o que significa que o Vice-Chanceler Rhodes está no comando. Você não deveria partir ainda. — Ela fez uma pausa. — Ele tem uma abordagem muito diferente do... governo. Existe a possibilidade de perdô-la. Ele pode ser convencido. — Sonja se levantou e sorriu para Glass de uma forma que não ajudou muito a iluminar seus olhos cintilantes. — Apenas espere aqui.

— Você tem que sair? — perguntou Glass, sua voz fraca. Ela não suportava dizer mais um adeus.

Não quando todos poderiam ser para sempre.

Sua mãe se abaixou e beijou a testa dela:

— Não vou demorar.

Ela observou Sonja aplicar uma camada apressada de batom e sair para o corredor ainda vazio, então puxou os joelhos até o peito e os abraçou com força, como se estivesse tentando impedir que tudo que estava dentro dela se derramasse.

Glass não sabia bem o quanto tinha dormido, mas enroscada sobre as almofadas que ainda se lembravam do formato de seu corpo, parecia possível que os últimos seis meses tivessem sido um pesadelo. Que ela não tivesse verdadeiramente sido aprisionada numa cela que não tinha nada além de duas camas de metal, uma companheira de cela arcadiana calada e raivosa e os fantasmas dos soluços que permaneciam muito depois de as lágrimas secarem.

Quando ela abriu os olhos, sua mãe estava sentada ao seu lado no sofá, acariciando seu cabelo embaraçado:

— Tudo está resolvido — disse ela delicadamente. — Você foi perdoada.

Glass se virou para olhar o rosto da mãe.

— Como? — perguntou ela, a surpresa a fazendo despertar num choque de seu sono, expulsando as imagens de Luke que ocupavam suas pálpebras quando ela acordou. — Por quê?

— As pessoas estão ficando inquietas — explicou sua mãe. — Nenhum dos jovens condenados sobreviveu aos seus rejugamentos no último ano, e isso faz o sistema de justiça parecer qualquer coisa menos justo. Você será a exceção; a prova de que o sistema ainda está funcionando da forma como deveria, de que aqueles que podem contribuir para a sociedade recebem a chance de voltar a ela. Foi necessário um pouco de convencimento, mas o Vice-Chanceler Rhodes acabou vendo meu lado das coisas — completou, se afundando novamente no sofá, parecendo exausta, porém aliviada.

— Mãe... não posso... não consigo... Obrigada. — Glass não sabia o que mais dizer. Ela sorriu ao erguer o corpo até ficar sentada e recostou a cabeça no ombro da mãe. Ela estava livre? Quase não era capaz de compreender o significado da palavra.

— Não precisa me agradecer, querida. Eu faria qualquer coisa por você. — Sonja colocou uma mecha do cabelo de Glass atrás da orelha e sorriu. — Apenas lembre-se de que você não deve contar a ninguém sobre a missão à Terra... É sério.

— Mas o que aconteceu aos outros? Wells está bem? Você pode descobrir?

Sonja sacudiu a cabeça.

— Até onde você sabe, não houve missão alguma. O que importa é que está em segurança agora.

Tem uma segunda chance — murmurou sua mãe. — Apenas me prometa que não vai fazer nenhuma tolice.

— Prometo — disse Glass finalmente, balançando a cabeça sem acreditar. — Prometo.

Clarke saiu da barraca da enfermaria em direção à clareira. Mesmo sem o luxo de janelas, ela sentiu que a alvorada tinha chegado. O céu explodia em cores e o ar pungente estimulava sensores em seu cérebro que Clarke nunca soube que existiam. Ela desejou poder compartilhar a experiência com as duas pessoas que a tinham feito ansiar ver a Terra em primeiro lugar. Mas Clarke nunca teria essa oportunidade.

Seus pais estavam mortos.

— Bom dia.

Clarke enrijeceu. Era quase incompreensível que a voz de Wells um dia tivesse sido seu som favorito no universo. Ele era o motivo de seus pais estarem mortos, seus corpos flutuando nas profundezas do espaço, se afastando cada vez mais de tudo que eles tinham conhecido e amado. Num momento de fraqueza, Clarke tinha confiado um segredo que não era seu. E apesar de ter jurado que não contaria a ninguém, Wells não esperara nem 24 horas antes de correr até seu pai, tão desesperado para ser o filho perfeito, o menino dourado de Phoenix, e trair a garota que ele tinha fingido amar.

Ela se virou para ficar de frente para Wells. Não havia nada para impedi-la de atacá-lo, mas ela quis evitar qualquer confronto que prolongasse a exposição.

Enquanto passava por ele, Wells segurou seu braço: — Espere um segundo, eu queria apenas...

Clarke se virou e sacudiu o braço para se libertar.

— Não me toque — falou, com raiva.

Wells deu um passo para trás, os olhos arregalados.

— Sinto muito — disse ele. Sua voz estava firme, mas ela era capaz de ver a mágoa em seu rosto. Clarke sempre foi capaz de dizer o que Wells sentia. Ele mentia muito mal, e foi assim que ela tinha descoberto, naquele breve momento, que sua promessa de guardar seu segredo tinha sido sincera. Mas algo o tinha feito mudar de ideia, e foram os pais de Clarke que tiveram que pagar o preço.

Wells não se moveu.

— Eu apenas queria me assegurar de que você estava bem — continuou ele, em voz baixa. — Vamos terminar de ordenar os destroços hoje. Há alguma coisa em particular que você precise para seus pacientes?

— Sim. Uma sala de operação estéril, soros, um tomógrafo de corpo inteiro, médicos de verdade...

— Você está fazendo um trabalho incrível.

— Eu estaria me saindo ainda melhor se tivesse passado os últimos seis meses estagiando no hospital, e não no Confinamento. — Dessa vez, Wells tinha se preparado para a farpa, e seu rosto permaneceu impassível.

O céu estava ficando mais claro, enchendo a clareira com uma luz quase dourada que fazia tudo parecer que tinha sido polido durante a noite. A grama parecia mais verde, cintilando com pequenas gotas de água. Botões roxos começaram a florescer no que tinha

parecido ser um arbusto comum. As pétalas longas e pontudas se esticavam na direção do sol, se contorcendo no ar como se dançassem uma música que só elas podiam ouvir.

Wells pareceu ler sua mente.

— Se você não tivesse sido Confinada, nunca teria vindo até aqui — falou calmamente.

Ela virou rapidamente para encará-lo:

— Você acha que eu deveria ficar agradecida pelo que você fez? Eu vi jovens morrerem, jovens que nunca quiseram vir aqui, mas foram obrigados porque um merdinha como você os entregou para se sentir importante.

— Não foi essa a minha intenção. — Wells suspirou e olhou diretamente para os olhos dela. — Sinto muito, Clarke. Não tenho como dizer o quanto. Mas não fiz aquilo para me sentir importante. — Ele começou a andar em sua direção, mas então pareceu pensar melhor e parou. — Você estava sofrendo e eu quis ajudar. Eu não conseguia suportar aquilo, ver você daquele jeito. Eu apenas quis ajudar a fazer a dor desaparecer.

A ternura na voz dele fez o estômago de Clarke se contorcer.

— Mataram meus pais — disse ela em voz baixa, imaginando a cena como tinha feito tantas vezes. Sua mãe se preparando para a espetada de uma agulha, seu corpo sistematicamente parando de funcionar até os momentos finais de terror em que tinha sobrado apenas o cérebro. Será que lhes foi oferecida a costureira última refeição? Clarke sentiu uma pontada no coração ao imaginar o corpo sem vida de seu pai numa cápsula de descarga, seus dedos manchados de vermelho graças às pequenas frutas que ele tinha comido sozinho. — Esse tipo de dor nunca desaparece.

Por um instante, eles apenas olharam um para o outro, o silêncio assumindo um peso físico. Mas então Wells afastou os olhos e virou a cabeça na direção das árvores acima. Havia sons musicais tímidos vindo das folhas.

— Você está escutando isso? — sussurrou Wells sem olhar para ela.

A canção era ao mesmo tempo assustadora e alegre, as primeiras notas de uma elegia às estrelas que se apagavam. Contudo, exatamente quando Clarke teve certeza de que seu coração se partiria com o encanto agridoce, a melodia se elevou, alardeando a chegada do amanhecer.

Pássaros. Pássaros de verdade. Ela não podia vê-los, mas sabia que estavam ali. Imaginou se os primeiros colonos tinham ouvido pássaros cantando enquanto embarcavam na última nave. Será que a música teria sido uma canção de adeus? Ou será que as criaturas já tinham juntado suas vozes num réquiem para a Terra moribunda?

— É incrível — disse Wells, se virando para olhar para ela com um sorriso que ela reconhecia de muito tempo atrás. Clarke sentiu um calafrio. Era como ver um fantasma: um espectro do rapaz a quem ela tinha sido tola o suficiente para dar seu coração.

Clarke não foi capaz de evitar um sorriso ao ver Wells se mover de um lado para o outro na porta da sua casa. Ele sempre ficava nervoso ao beijá-la em público, mas aquilo tinha piorado desde que havia começado o treinamento para oficial. A ideia de se agarrar com sua namorada enquanto estava de uniforme parecia deixá-lo desconfortável, o que era uma pena, porque vê-lo com o uniforme a fazia querer beijá-lo ainda mais do que o habitual.

— Vejo você amanhã — falou Clarke, se virando para pressionar seu polegar contra o scanner.

— Espere — disse Wells, olhando para trás antes de segurar o braço da namorada. Clarke suspirou.

— Wells — começou ao tentar se soltar. — Eu preciso ir.

Ele sorriu enquanto a segurava com mais força:

— Seus pais estão em casa?

— Sim. — Ela inclinou a cabeça na direção da porta. — Estou atrasada para o jantar.

Wells olhou para ela de forma esperançosa. Ele gostava muito mais de comer com a família dela do que de se sentar em frente a seu pai em silêncio, mas ela não podia convidá-lo a se juntar a eles. Não naquela noite.

Wells inclinou a cabeça de lado:

— Não vou fazer careta dessa vez, independentemente do que o seu pai tiver adicionado à pasta de proteína. Andei praticando. — Seu rosto se abriu num sorriso comicamente brilhante enquanto ele sacudia a cabeça enfaticamente. — Uau. Isso é delicioso!

Clarke apertou os lábios por um instante antes de responder: — Eu apenas preciso ter uma conversa particular com eles.

O rosto de Wells ficou sério:

— O que está acontecendo? — Ele soltou o braço de Clarke e colocou a mão em sua bochecha. — Está tudo bem?

— Tudo certo. — Ela deu um passo para o lado e inclinou a cabeça para seus olhos não a traírem, mandando sinais de aflição por trás das mentiras. Ela precisava confrontar seus pais a respeito dos experimentos, e não podia mais adiar.

— Certo, então — falou ele, lentamente. — Vejo você amanhã?

Em vez de beijá-la na bochecha, Wells surpreendeu Clarke ao passar os braços em volta de sua cintura e a puxar para perto. Seus lábios pressionaram os dela e, por um instante, ela não pensou em nada a não ser o calor do corpo de Wells. Mas, ao fechar a porta, o comichão do toque de Wells na sua pele tinha sido substituído por um calafrio de terror.

Seus pais estavam sentados no sofá. As cabeças viraram para ela.

— Clarke. — Sua mãe se levantou, sorrindo. — Era Wells com você do lado de fora?

Será que ele quer se juntar a nós para o jan...

— Não — disse Clarke, de forma mais seca do que pretendia. — Vocês podem se sentar? Precisamos conversar. — Ela cruzou a sala e se sentou numa cadeira de frente para os pais, tremendo enquanto duas forças violentas entravam em guerra pelo controle de seu corpo: fúria ardente e esperança desesperada. Ela precisava que seus pais admitissem o que tinham feito para justificar sua raiva, mas ela também rezava para que eles tivessem uma boa desculpa. — Eu descobri a senha — falou, simplesmente. — Entrei no laboratório.

Os olhos de sua mãe se arregalaram enquanto ela afundava no sofá. Então ela respirou fundo e, por um momento, Clarke esperou que fosse tentar explicar, que tivesse palavras para tornar aquilo tudo melhor. Mas então ela sussurrou o que Clarke vinha

temendo:

— Sinto muito.

Seu pai segurou a mão da esposa, os olhos sobre Clarke.

— Sinto muito por você ter visto isso — falou ele em voz baixa. — Sei que é... chocante. Mas eles não sentem nenhuma dor. Nós nos asseguramos disso.

— Como vocês podem fazer isso? — A pergunta parecia superficial, incapaz de suportar o peso de sua acusação, mas ela não conseguiu pensar em mais nada para perguntar. — Vocês estão testando em pessoas. Em crianças. — Dizer aquilo em voz alta fez seu estômago se contorcer. Bile subiu pela garganta.

Sua mãe fechou os olhos.

— Não tivemos escolha — argumentou ela, delicadamente. — Passamos anos tentando testar níveis de radiação de outras formas. Você sabe disso. Quando relatamos ao Vice-Chanceler que não havia como juntar provas conclusivas sem estudos em humanos, achamos que ele entendia que era um beco sem saída. Mas então ele insistiu que nós... — A voz dela falhou. Clarke não precisava que ela terminasse a frase. — Não tivemos escolha — repetiu de forma desesperada.

— Sempre temos escolha — disse Clarke, tremendo. — Vocês poderiam ter dito não. Eu teria deixado que eles me matassem antes de concordar em fazer aquilo.

— Mas ele não ameaçou nos matar. — A voz de seu pai era irritantemente calma.

— Então por que vocês estão fazendo isso? — perguntou Clarke, com a voz esganiçada.

— Ele disse que mataria você.

O canto dos pássaros desapareceu, deixando um silêncio carregado em seu lugar, como se a música tivesse se infiltrado no silêncio, enchendo o ar de melodia.

— Uau — disse Wells delicadamente. — Isso foi incrível. — Ele ainda estava olhando para as árvores, mas tinha estendido o braço na direção de Clarke, como se estivesse esticando o braço ao longo do tempo para segurar a mão da garota que um dia o amou.

O encanto se quebrou. Ela se retesou e, sem dizer uma palavra, voltou à enfermaria.

Estava escuro dentro da barraca. Clarke quase tropeçou enquanto entrava, fazendo uma anotação mental para trocar as ataduras na perna de um garoto e ajeitar os pontos desleixados que ela tinha dado na garota com o corte profundo na coxa. Ela finalmente tinha encontrado um container com ataduras de verdade e linha cirúrgica, mas não haveria muito mais que pudesse fazer se não achassem o verdadeiro baú de medicamentos. Ele não tinha aparecido nos destroços, tendo muito provavelmente sido arremessado do módulo de transporte durante a queda e acabado destruído.

Thalia estava deitada numa das camas dobráveis. Ela ainda estava adormecida, e a última atadura parecia estar aguentando bem. Clarke já tinha trocado o curativo três vezes desde que tinha encontrado Thalia, com sangue jorrando de um corte feito no torso.

A lembrança de costurar o ferimento fez o estômago de Clarke embrulhar, e ela torceu para que sua amiga se lembrasse de ainda menos. Thalia tinha desmaiado por causa da dor, e vinha recuperando e perdendo a consciência desde então. Clarke se ajoelhou e tirou uma mecha de cabelo úmido da testa da amiga.

— Oi — sussurrou ela, enquanto os olhos de Thalia se abriam com dificuldade. —

Como você está se sentindo?

A garota ferida forçou um sorriso que pareceu esgotar a energia do resto de seu corpo.

— Estou simplesmente maravilhosa — disse Thalia, mas então se contorceu, a dor piscando em seus olhos.

— Você já soube mentir muito melhor.

— Eu nunca menti. — Sua voz estava rouca, mas ainda cheia de indignação brincalhona. — Apenas disse ao guarda que tinha um problema no pescoço e precisava de um travesseiro adicional.

— Então o convenceu de que conhaque do mercado negro a impediria de cantar enquanto “dormia” — acrescentou Clarke, com um sorriso.

— Sim... Foi uma pena Lise não estar disposta a entrar no jogo.

— Ou você não conseguir cantar afinado nem se sua vida dependesse disso.

— Foi isso que tornou tudo tão incrível! — protestou Thalia. — O guarda noturno teria feito qualquer coisa para me calar àquela altura.

Clarke balançou a cabeça com um sorriso:

— E você diz que garotas de Phoenix são lunáticas. — Ela apontou para o cobertor fino sobre o corpo de Thalia. — Posso?

Thalia assentiu, e Clarke o puxou, tentando manter o rosto neutro enquanto tirava as ataduras. A pele ao redor do ferimento estava vermelha e inchada, e pus se acumulava nas frestas entre os pontos.

O ferimento em si não era o problema, Clarke sabia. Embora a aparência estivesse ruim, aquele era o tipo de machucado que não causaria nenhuma preocupação num centro médico. A infecção era a verdadeira ameaça.

— Está ruim assim? — perguntou Thalia em voz baixa.

— Que nada, você está ótima — disse Clarke, a mentira saindo tranquilamente de seus lábios.

Seus olhos se voltaram involuntariamente para a cama vazia na qual um garoto que tinha morrido no dia anterior passara suas últimas horas.

— Não foi sua culpa — disse Thalia em voz baixa.

— Eu sei. — Clarke suspirou. — Eu apenas queria que ele não estivesse sozinho.

— Ele não estava. Wells estava aqui.

— O quê? — perguntou Clarke, confusa.

— Ele veio checar como ele estava algumas vezes. Acho que a primeira vez que entrou na barraca, estava procurando por você, mas quando viu como o garoto estava...

— Sério? — perguntou Clarke, sem saber bem se devia confiar nas observações de uma garota que tinha passado a maior parte do dia anterior inconsciente.

— Era ele com certeza — falou outra voz. Clarke se virou e viu Octavia se sentando com um sorriso animado. — Não é todo dia que Wells Jaha vem se sentar ao lado de sua cama.

Clarke olhou para ela sem acreditar:

— Como você conhece Wells?

— Ele visitou o centro de custódia com seu pai há alguns anos. As meninas ficaram

falando disso durante semanas. Ele é uma espécie de supernova.

Clarke sorriu ao ouvir a gíria de Walden enquanto Octavia continuava: — Eu perguntei se ele se lembrava de mim. Ele disse que sim, mas é muito educado para dizer que não. — Octavia soltou um suspiro exagerado e colocou as costas da mão na testa. — Uma pena.

Minha única chance de amar.

— Ei, e quanto a mim? — Um garoto que Clarke achava que estava dormindo olhou para Octavia com a expressão ofendida, e ela lhe mandou um beijo.

Clarke apenas sacudiu a cabeça e se virou novamente para Thalia, seus olhos viajando do rosto da amiga ao ferimento infeccionado.

— Não é um bom sinal, é? — perguntou Thalia em voz baixa, a fadiga começando a deixar sua voz ainda mais fraca.

— Podia ser pior.

— Sua habilidade para mentir também está deficiente. O que está acontecendo? — Ela conseguiu levantar uma sobrancelha. — É o amor que está deixando você mole?

Clarke enrijeceu e tirou sua mão do cobertor de Thalia: — Seu ferimento está fazendo você delirar? — Ela olhou por cima do ombro e ficou aliviada ao ver Octavia ocupada conversando com o menino arcadiano. — Você sabe o que ele fez comigo. — Ela parou, seu estômago se revirando com repulsa. — O que ele fez com meus pais.

— É claro que sei. — Thalia olhou para Clarke com uma mistura de frustração e pena. — Mas também sei o que ele arriscou para vir até aqui. — Ela sorriu. — Ele a ama, Clarke. O tipo de amor que a maioria das pessoas passa uma vida inteira procurando.

Clarke suspirou:

— Certo. Espero, para o seu próprio bem, que você nunca o encontre.

Era uma loucura o quanto os arredores podiam mudar ao longo do dia. Pelas manhãs, tudo parecia fresco e novo. Até mesmo o ar era penetrante. No entanto, à tarde, a luz amadurecia e as cores ficavam mais suaves. Era disso que Bellamy mais gostava em relação à Terra até agora — a imprevisibilidade. Como uma garota que o deixava na dúvida. Ele sempre tinha sido atraído por aquelas que ele não conseguia entender completamente.

Uma risada surgiu no outro lado da clareira. Bellamy se virou e viu duas meninas empoleiradas num galho baixo de árvore, rindo enquanto atacavam o garoto que tentava subir para se juntar a elas.

Perto dali, um grupo de garotos de Walden estava brincando de bobinho com o sapato de uma menina arcadiana, cuja dona ria enquanto escorregava, descalça, sobre a grama. Por um instante, ele sentiu uma pontada de pena por Octavia ainda não estar bem o suficiente para participar — ela tinha se divertido tão pouco em sua vida. Mas, de qualquer forma, era provavelmente melhor ela não formar nenhuma conexão real. Assim que seu tornozelo estivesse curado, ela e Bellamy iriam embora para sempre.

Bellamy rasgou uma embalagem de nutrientes amarrotada, espremeu metade do conteúdo na boca, então colocou a embalagem cuidadosamente dobrada em seu bolso. Depois de organizar o restante dos destroços, eles tinham descoberto o que tanto temiam: o equivalente a poucas semanas de embalagens de nutrientes que eles tinham achado assim que pousaram era tudo o que tinha sido enviado. Ou o Conselho presumia que os cem descobririam uma forma de viver com o que a terra lhes desse depois de um mês... ou não fazia parte de seus planos que eles sobrevivessem tanto tempo.

Graham tinha usado a força para obrigar a maioria das pessoas a lhe entregar quaisquer embalagens que tivesse recuperado, e tinha supostamente deixado um arcadiano chamado Asher encarregado de distribuí-las, mas já existia um crescente mercado negro; as pessoas estavam trocando embalagens de nutrientes por cobertores e assumindo turnos adicionais no transporte de água em troca de locais reservados dentro das barracas lotadas. Wells tinha passado o dia tentando fazer com que todos concordassem com um sistema mais formal e, embora algumas pessoas tivessem parecido interessadas, não tinha demorado muito para Graham atrapalhar seus planos.

Bellamy se virou quando as risadas no outro lado da clareira se transformaram em gritos.

— Entregue isso para mim! — gritou um dos waldenitas, tentando arrancar algo da mão de outro.

Ao se aproximar, apressado, Bellamy percebeu que era um machado. O primeiro garoto estava segurando o cabo com as duas mãos e tentava puxá-lo enquanto o segundo tentava alcançar a lâmina.

Outros começaram a se aproximar dos dois, mas, em vez de separá-los, eles corriam entre as árvores, carregando itens em seus braços. Ferramentas estavam

espalhadas no chão — mais machados, facas, até mesmo lanças. Bellamy sorriu quando seus olhos se fixaram sobre um arco e flechas.

Naquela mesma manhã, ele tinha descoberto pegadas de animais — marcas totalmente reais que levavam para dentro da floresta. Sua descoberta tinha causado uma enorme comoção. A certa altura, havia pelo menos três dúzias de pessoas reunidas, todas fazendo observações inteligentes e úteis como provavelmente não é um pássaro e parece ter quatro patas. Finalmente, Bellamy foi a pessoa a assinalar que aqueles eram cascos, não patas, o que significava que era provavelmente um herbívoro e, dessa forma, algo que eles podiam teoricamente caçar e comer. Ele estava apenas esperando por algo que pudesse usar na caçada e, agora, em seu primeiro golpe de sorte na Terra, tinha encontrado.

Ele esperava que ele e Octavia já tivessem partido muito antes de as embalagens de nutrientes acabarem, mas não queria correr risco.

— Esperem um pouco, todos vocês — ecoou uma voz por cima do burburinho da multidão.

Bellamy levantou os olhos enquanto Wells chegava à linha de árvores. — Não podemos simplesmente deixar pessoas aleatórias carregarem armas. Precisamos separar e organizar tudo, e então decidir quem deve ficar com quais.

Uma lufada de risos desdenhosos e olhares desafiadores surgiu na multidão.

— Aquele sujeito tomou o Chanceler como refém — continuou Wells, apontando para Bellamy, que já tinha pendurado o arco e as flechas no ombro. — Quem sabe de que mais ele é capaz? Vocês querem alguém como ele andando por aí com uma arma mortal? — Wells ergueu o queixo. — Deveríamos pelo menos votar.

Bellamy não conseguiu evitar uma risada. Quem esse garoto achava que era, afinal? Ele se abaixou, pegou uma faca do chão e começou a andar na direção de Wells.

Ele manteve sua posição, e Bellamy se perguntou se ele estava tentando não se contrair ou se talvez fosse menos frouxo do que ele tinha imaginado. Bem quando parecia que ele poderia apunhalar Wells no peito, Bellamy girou a arma para que o cabo ficasse virado para Wells e a empurrou sobre sua mão.

— Novidade, bonito. — Bellamy deu uma piscadela. — Somos todos criminosos aqui.

Mas antes que ele tivesse tempo de responder, Graham se aproximou. Enquanto seu olhar ia de Wells a Bellamy, um sorriso irônico se formou em seu rosto.

— Concordo com o honorável mini-Chanceler — disse Graham. — Deveríamos trancar as armas.

Bellamy deu um passo para trás:

— O quê? E deixar que você fique encarregado delas também? — Ele passou o dedo no arco. — De forma alguma. Estou pronto para caçar.

Graham bufou:

— E o que exatamente você caçava em Walden a não ser garotas com padrões baixos e autoestima ainda mais baixa?

Bellamy enrijeceu, mas não falou nada. Era perda de tempo morder a isca de Graham, mas ele podia sentir seus punhos se cerrando.

— Ou talvez você nem precise caçá-las — continuou Graham. — Imagino que esse

seja o benefício de ter uma irmã.

Com um estalo nauseante, o punho de Bellamy acertou o maxilar de Graham. Ele cambaleou alguns passos para trás, muito atordoado para levantar os braços antes de levar outro soco. Então se endireitou e acertou Bellamy com um poderoso e bem-posicionado golpe no queixo, que partiu para cima com um rosnado, usando todo o peso de seu corpo para arremessar Graham. Ele caiu sobre a grama com um baque pesado, mas exatamente quando Bellamy estava prestes a dar um chute rápido, Graham rolou de lado e lhe passou uma rasteira.

Bellamy tentou se levantar a tempo de dominar seu oponente, mas era tarde demais. Ele se posicionou sobre o adversário e segurou algo bem próximo de seu rosto, algo que brilhava no sol.

Uma faca.

— Chega! — gritou Wells. Ele segurou Graham pelo colarinho e o arrancou de cima de Bellamy, que se virou de lado, ofegante.

— O que diabos você está fazendo? — berrou Graham, se levantando.

Bellamy se contraiu enquanto ajoelhava e então lentamente se colocou de pé e caminhou para pegar o arco. Ele olhou rapidamente para Graham, que estava muito ocupado olhando com raiva para Wells para perceber.

— Só porque o Chanceler costumava colocá-lo para dormir, não quer dizer que você esteja automaticamente no comando — cuspiu Graham. — Não me importo com o que seu papai falou antes de partirmos.

— Não tenho nenhum interesse em estar no comando. Apenas quero garantir que não vamos morrer.

Graham trocou um olhar com Asher:

— Se essa é a sua preocupação, então sugiro que você cuide de sua vida. — Ele se abaixou e apanhou a faca. — Não queremos que ocorra um acidente.

— Não é assim que vamos fazer as coisas aqui — disse Wells, mantendo sua posição.

— Tem certeza? — Graham levantou as sobrancelhas. — E o que o faz acreditar que você manda em alguma coisa aqui?

— Porque não sou um idiota. Mas se você estiver ansioso para se tornar o primeiro delinquente a tentar matar alguém na Terra em séculos, faça as honras.

Bellamy suspirou enquanto cruzava a clareira na direção da área onde ele tinha visto as pegadas de animais. Ele não precisava ser arrastado para uma briga de egos, não quando havia comida para encontrar. Pendurou o arco no ombro e entrou na floresta.

Como ele tinha aprendido ainda jovem, se você quisesse que algo fosse feito, tinha que fazer por conta própria.

Bellamy tinha 8 anos na primeira visita.

Sua mãe não estava em casa, mas tinha lhe dito exatamente o que fazer. Os guardas raramente inspecionavam sua unidade. Muitos deles tinham crescido ali perto e, embora os recrutas gostassem de se exibir em seus uniformes e perturbar seus antigos rivais, investigar os apartamentos de seus vizinhos parecia passar dos limites. Mas era óbvio que o oficial encarregado desse regimento não era local. Não apenas por causa do

sotaque convencido, mas pela forma como ele olhava para o pequeno apartamento com uma mistura de surpresa e nojo, como se não conseguisse imaginar seres humanos vivendo ali.

Ele tinha entrado sem bater enquanto Bellamy tentava lavar a louça do café da manhã. Eles só tinham água corrente poucas horas por dia, geralmente quando sua mãe estava trabalhando nos campos solares. Bellamy ficou tão assustado que deixou cair a xícara, observando com terror enquanto ela quicava no chão e rolava até perto do armário.

Os olhos do oficial dispararam de um lado para o outro enquanto ele lia algo em seu implante de córnea.

— Bellamy Blake? — falou ele com seu estranho sotaque de Phoenix que fazia parecer que sua boca estava cheia de pasta de nutrientes. Bellamy assentiu lentamente. — Sua mãe está em casa?

— Não — respondeu ele, se esforçando para manter a voz firme, exatamente como tinha praticado.

Outro guarda entrou pela porta. Depois de um aceno de cabeça do oficial, ele começou a fazer perguntas com um tom enfadonho que sugeria que já tinha feito o mesmo discurso uma dúzia de vezes naquele dia.

— Você tem mais do que o equivalente a três porções de comida em sua residência?

— perguntou de forma monótona. Bellamy sacudiu a cabeça. — Você tem uma fonte de energia diferente de...

O coração de Bellamy estava batendo tão forte que parecia mais alto do que a voz do guarda. Apesar de sua mãe ter treinado com ele incontáveis vezes, praticando uma grande variedade de cenários, ele nunca imaginou a forma como o olhar do oficial se moveria pelo apartamento. Quando seus olhos pararam sobre a xícara derrubada e então se moveram para o armário, Bellamy achou que seu peito fosse explodir.

— Você vai responder a pergunta?

Bellamy levantou os olhos e viu os dois homens olhando para ele. O oficial estava impaciente, com a testa franzida, e o outro guarda apenas parecia entediado.

Bellamy começou a se desculpar, mas seu "Sinto muito" saiu como uma respiração ofegante.

— Vocês têm algum residente permanente além das duas pessoas registradas nessa unidade?

Bellamy respirou fundo.

— Não — respondeu, forçando a palavra a sair. Então finalmente se lembrou de fazer a expressão aborrecida que sua mãe o tinha feito praticar no espelho.

O oficial levantou uma sobrancelha.

— Sinto muito por fazê-lo perder seu tempo — falou com cordialidade fingida. Com um último olhar ao redor do apartamento, ele saiu, seguido do guarda, que bateu a porta com força.

Bellamy caiu de joelhos, muito aterrorizado para responder a pergunta chacoalhando em sua mente: o que teria acontecido se eles tivessem olhado no armário?

Enquanto seguia atrás de Cora e Huxley para o Entrepasto, Glass se pegou desejando que sua mãe tivesse esperado mais alguns dias antes de espalhar a notícia de seu perdão. A princípio, ela tinha ficado extremamente feliz por ver suas amigas. Quando elas entraram em sua casa naquela manhã, todas as três meninas se debulharam em lágrimas. Mas agora, vendo Cora e Huxley trocando olhares sugestivos ao passarem por um rapaz que Glass não reconheceu, ela se sentiu mais solitária do que já tinha se sentido em sua cela.

— Aposto que você tem uma tonelada de pontos acumulados — disse Huxley enquanto passava seu braço em volta de Glass. — Estou com inveja.

— Tudo o que tenho é o que minha mãe transferiu para mim hoje de manhã. — Glass deu um sorriso tímido. — O resto foi eliminado quando fui presa.

Huxley tremeu de forma dramática:

— Ainda não consigo acreditar. — Ela abaixou a voz. — Você acabou nunca nos contando por que foi Confinada.

— Ela não quer falar sobre isso — disse Cora enquanto olhava de forma nervosa por cima do ombro.

Não, você não quer falar sobre isso, pensou Glass enquanto elas viravam no corredor principal da plataforma B, uma passagem longa e larga limitada por janelas panorâmicas de um lado e bancos posicionados entre plantas artificiais no outro. Era meio-dia, e a maioria dos bancos estava ocupada por mulheres da idade de sua mãe, conversando e bebendo chá de raiz de girassol. Tecnicamente, você deveria usar pontos de ração na barraquinha de chá, mas Glass não conseguia se lembrar da última vez que lhe pediram para colocar seu polegar no scanner. Aquele era apenas um dos muitos pequenos luxos da vida em Phoenix ao qual ela não dava valor até começar a passar tempo com Luke.

Enquanto as meninas desciam o corredor, Glass podia sentir quase todos os pares de olhos se virarem para ela. Seu estômago se contorceu enquanto ela se perguntava o que tinha sido mais chocante — o fato de ter sido Confinada ou o fato de ter sido perdoada. Ela ergueu a cabeça e tentou parecer confiante enquanto passava. Glass deveria ser um exemplo do senso de justiça da Colônia, e teria que manter as aparências como se sua vida dependesse disso. Porque, dessa vez, dependia.

— Você acha que há alguma chance de Clarke ser perdoada também? — perguntou Huxley enquanto Cora olhava para ela com uma expressão de advertência. — Vocês duas de vez em quando, tipo, se encontravam enquanto estavam no Confinamento?

— Meu deus, Huxley, você pode parar com isso? — falou Cora, tocando o braço de Glass num gesto de apoio. — Sinto muito — disse ela. — É só que, quando Clarke foi condenada logo depois de você, ninguém podia acreditar naquilo: duas garotas de Phoenix em alguns meses? Então, quando você voltou, surgiram todos esses rumores...

— Tudo bem — falou Glass, forçando um sorriso para mostrar que ela não tinha problemas em falar sobre isso. — Clarke foi levada para a solitária muito rápido, então

não a vi muito. E não sei se ela vai ser perdoada — mentiu, se lembrando da exigência de sua mãe em relação a não falar sobre a missão à Terra. — Não sei exatamente quando ela completa 18 anos... meu caso foi reavaliado porque está quase no meu aniversário.

— Ah, sim, seu aniversário! — gritou Huxley de forma esgançada, batendo palmas. — Eu me esqueci de que estava chegando. Vamos ter que encontrar algo para você no Entreposto.

Cora concordou, parecendo muito satisfeita por ter encontrado o caminho de volta a um assunto aceitável enquanto se aproximavam de seu destino.

O Entreposto de Phoenix ficava num grande salão no final da plataforma B. Além de janelas panorâmicas, tinha um enorme lustre que supostamente tinha sido tirado da Ópera de Paris horas antes de a primeira bomba cair na Europa Ocidental. Toda vez que Glass escutava aquela história, ela sentia uma pontada de tristeza pelas pessoas que poderiam ter sido salvas em vez do lustre, mas não podia negar que aquela era uma peça de decoração estonteante. Com luz refletida do teto e das janelas, ele se parecia com um pequeno conjunto de estrelas, uma galáxia em miniatura girando e cintilando sobre suas cabeças.

Huxley soltou o braço de Glass e correu para um mostruário de fitas, sem se importar com o grupo de garotas perto delas que ficou em silêncio com a chegada de Glass. Ela ruborizou e se apressou para seguir Cora, cujos olhos estavam fixos em uma barraca de produtos têxteis perto da parede dos fundos.

Glass ficou parada de forma constrangida ao lado de Cora enquanto ela examinava os tecidos, rapidamente reduzindo a pilha organizada a uma bagunça generalizada enquanto as mulheres de Walden atrás da mesa lhe ofereciam um sorriso amarelo.

— Veja toda essa porcaria — resmungou Cora enquanto jogava um pedaço de aniação e algumas tiras de velocino para o lado.

— O que vocês estão procurando? — perguntou Glass, passando o dedo sobre um pequeno recorte de seda rosa-bebê. Era lindo, mesmo com as marcas de ferrugem e manchas de água nas bordas, mas seria impossível encontrar outros pedaços que combinassem para fazer uma pequena bolsa de festa, imagine um vestido.

— Passei um milhão de anos colecionando retalhos de cetim azul, e finalmente tenho o suficiente para o forro, mas preciso colocar algo por cima para não ficar parecendo muito com uma colcha de retalhos. — Cora torceu o nariz enquanto examinava um pedaço grande de vinil claro. — Quanto custa isso?

— Seis — falou a mulher de Walden.

— Você não está falando sério. — Cora olhou para Glass com uma expressão de tédio. — É uma cortina de banheiro.

— Foi feita na Terra.

Cora soltou uma risada irônica:

— Autenticada por quem?

— Que tal isso? — perguntou Glass, mostrando um pedaço de malha azul. Aquilo parecia ter um dia sido parte de uma mala de viagem, mas ninguém seria capaz de dizer quando fosse aplicado ao vestido.

— Oooh — uivou Cora, arrancando o tecido da mão de Glass. — Gostei. — Ela o

segurou junto ao corpo para examinar o comprimento, então sorriu para Glass. — Que bom que seu tempo no Confinamento não afetou seu senso de moda. — Glass enrijeceu, mas não falou nada. — Então, o que você vai vestir?

— Quando?

— Na festa de observação — disse ela, articulando as sílabas como se costuma fazer com uma criança pequena. — Do cometa?

— Sinto muito. — Glass deu de ombros. Aparentemente, passar seis meses no Confinamento não era desculpa para não estar em dia com o calendário social de Phoenix.

— Sua mãe não lhe contou sobre isso quando você voltou? — continuou Cora, passando a malha em volta da cintura como um saio. — Há um cometa em rota para passar bem perto da nave... O

mais perto que qualquer um já chegou desde que a Colônia foi fundada.

— E vai ter uma festa?

Cora assentiu:

— Na plataforma de observação. Estão abrindo todos os tipos de exceções para podermos ter comida, bebidas, música e tudo mais. Eu vou com Vikram. — Ela sorriu, mas então seu rosto ficou sério. — Tenho certeza de que ele não vai se importar se você for conosco. Ele sabe que existem, bem, circunstâncias atenuantes. — Ela ofereceu um sorriso solidário a Glass e se virou para a mulher de Walden. — Quanto?

— Nove.

De repente, a cabeça de Glass começou a latejar. Ela murmurou uma desculpa para Cora, que ainda estava negociando com a lojista, e se afastou para examinar um mostruário de joias numa mesa próxima. Sem se dar conta, passou os dedos em sua garganta nua. Ela sempre tinha usado um chip no colar, o aparelho que algumas garotas em Phoenix escolhiam como uma alternativa a fones de ouvido ou implantes de córnea. Era elegante ter o chip implantado numa joia se você tivesse sorte suficiente de ter uma relíquia na família ou conseguisse encontrar algo no Entrepasto.

Seus olhos viajaram sobre o conjunto reluzente, e um brilho dourado chamou sua atenção — um medalhão oval numa corrente delicada. Glass respirou fundo enquanto uma onda de dor a varria, enchendo cada pedaço do seu corpo com uma mistura palpitante de pesar e mágoa. Ela sabia que devia se virar e continuar andando, mas não conseguiu evitar.

Glass esticou um braço trêmulo e apanhou o colar. O contorno ficou borrado enquanto lágrimas enchiam seus olhos. Ela passou o dedo cuidadosamente sobre o entalhe na parte de trás, sabendo sem ter que olhar que era um G em letra cursiva ornamentado.

— Você tem certeza de que não se importa de passar seu aniversário em Walden? — perguntou Luke, encostando a cabeça contra a dela no sofá. O olhar de preocupação no rosto dele era tão sincero que quase a fez rir.

— Quantas vezes tenho que dizer? — Glass virou as pernas para elas ficarem sobre as de Luke. — Não há outro lugar onde eu gostaria mais de estar.

— Mas sua mãe não queria dar uma festa elegante para você?

Glass apoiou a cabeça no ombro dele:

— Sim, mas de que adianta, se você não pode estar lá?

— Não quero que você abra mão de toda a sua vida apenas porque não posso fazer parte dela. — Luke passou os dedos pelo braço de Glass, repentinamente sério. — Você alguma vez desejou que nós nunca a tivéssemos parado naquela noite?

Como integrante da prestigiosa unidade de engenharia mecânica, Luke não era normalmente designado para o trabalho no posto de controle, mas tinha sido convocado certa noite quando Glass estava voltando apressada depois de estudar com Wells.

— Você está falando sério? — Ela levantou a cabeça para beijar a bochecha dele. O gosto da pele dele era o suficiente para fazer todo seu corpo se arrepiar, e ela desceu seus lábios, seguindo a linha do seu maxilar até sua orelha. — Desobedecer o toque de recolher naquele dia foi a melhor decisão que já tomei — sussurrou ela, sorrindo enquanto ele tremia de leve.

O toque de recolher não era cumprido rigidamente em Phoenix, mas ela tinha sido parada por uma dupla de guardas. Um deles tinha encrocado com Glass, a forçando a passar seu polegar no scanner e fazendo perguntas hostis. Depois de um tempo, o outro guarda interveio e insistiu em escotar Glass o resto do caminho.

— Acompanhá-la até sua casa foi a melhor decisão que já tomei — murmurou ele. — Embora tenha sido uma tortura tentar me impedir de beijá-la naquela noite.

— Bem, então é melhor compensarmos pelo tempo perdido — provocou Glass, movendo seus lábios na direção dos dele. Seus beijos se tornaram mais urgentes enquanto ele posicionava sua mão na parte de trás da cabeça dela e entrelaçava os dedos em seu cabelo. Glass se moveu até estar sentada praticamente no colo de Luke, sentindo o outro braço dele descer até sua cintura para impedir que ela caísse.

— Eu te amo — sussurrou no ouvido dela. Independentemente de quantas vezes ela ouvia aquelas palavras, elas nunca deixavam de lhe causar arrepios.

Ela se afastou apenas por tempo suficiente para respirar: — Eu também te amo. — Então o beijou novamente, passando a mão levemente sobre seu torso e então repousando seus dedos na pequena fatia de pele entre sua camisa e seu cinto.

— Deveríamos fazer uma pausa — disse Luke, delicadamente a empurrando de lado. Durante as últimas semanas, tinha ficado cada vez mais difícil evitar que as coisas fossem longe demais.

— Eu não quero. — Glass lhe ofereceu um sorriso recatado e levou seus lábios de volta até a orelha dele. — E é meu aniversário.

Luke riu, então gemeu quando se levantou com Glass em seus braços.

— Coloque-me no chão! — Glass deu uma risada, sacudindo os pés no ar. — O que você está fazendo?

Luke deu alguns passos:

— Vou levar você ao Entreposto, trocar por uma garota que não vá se esforçar tanto para me criar problemas.

— Ei. — Ela bufou com indignação fingida, então começou a bater com os punhos no peito dele. — Coloque-me no chão!

Ele virou de costas para a porta.

— Você vai se comportar?

— O quê? Não é minha culpa você ser tão gostoso que eu não consigo tirar minhas

mãos de você.

— Glass? — advertiu ele.

— Certo. Sim, eu prometo.

— Bom. — Ele retornou ao sofá e a colocou de volta delicadamente. — Porque seria uma pena se eu não pudesse dar o seu presente.

— O que é? — perguntou Glass, endireitando o corpo numa posição sentada.

— Um cinto de castidade — disse Luke, com um tom grave. — Para mim. Encontrei no Entrepasto. Custou uma fortuna, mas vale a pena para proteger...

Glass deu um soco em seu peito. Luke riu e passou os braços em volta dela.

— Desculpe — disse ele, com um sorriso. Ele enfiou a mão no bolso e então parou. — Não está embrulhado nem nada.

— Não tem problema.

Ele tirou algo do bolso e esticou o braço na direção dela. Um medalhão dourado cintilava na palma de sua mão.

— Luke, é lindo — sussurrou Glass, esticando o braço para pegar o objeto. Seus olhos se arregalaram enquanto ela passava os dedos em suas bordas delicadas. — Foi feito na Terra. — Ela olhou para ele, surpresa.

Ele assentiu:

— Sim, ou pelo menos deveria ter sido feito, de acordo com os registros. — Ele o pegou de volta. — Posso?

Glass consentiu com um aceno, e Luke deu a volta nela para ajustar o fecho. Ela tremeu com o toque da mão dele em seu pescoço ao afastar o cabelo. Ela podia apenas imaginar quanto algo assim custava. — Luke deve ter usado todas as suas economias nisso. Mesmo como guarda, ele não tinha muitos pontos de razão para gastar.

— Amei — disse Glass, passando o dedo na corrente enquanto se virava para ficar de frente para ele.

O sorriso dele iluminou todo seu rosto:

— Fico tão feliz. — Luke desceu a mão pelo pescoço de Glass e virou o medalhão, revelando um G entalhado no ouro.

— Você fez isso? — perguntou Glass.

Luke fez que sim com a cabeça:

— Mesmo daqui a mil anos, quero que as pessoas saibam que ele pertenceu a você.

— Ele pressionou o dedo contra o medalhão, empurrando o metal contra a pele dela.

— Agora você só tem que preenchê-lo com suas memórias.

Glass sorriu:

— Já sei com qual memória quero começar. — Ela levantou os olhos, esperando ver a desaprovação de Luke, mas o rosto dele estava sério. Seus olhos se encontraram e, por um longo momento, o apartamento ficou em total silêncio a não ser pelo som de seus corações batendo.

— Você tem certeza disso? — perguntou Luke, sua testa se franzindo levemente enquanto ele passava um dedo pela parte de dentro do braço dela.

— Tenho mais certeza do que já tive de qualquer coisa em minha vida.

Luke segurou a mão de Glass, e uma corrente de eletricidade percorreu seu corpo.

Ele apertou os dedos em volta dos dela e, sem dizer uma palavra, a levou na direção de seu quarto.

É claro que ele o trocou, disse Glass a si mesmo. Seria ridículo manter um item tão valioso, especialmente depois que ela tinha partido seu coração. Ainda assim, a ideia de seu colar descartado mofando sozinho no Entreposto causava uma pontada de mágoa que ameaçava rasgar seu coração em dois. Um arrepio na nuca a afastou de seus pensamentos. Ela se preparou, esperando ver outro conhecido a encarando sem esconder a suspeita. Mas quando se virou, seus olhos pararam sobre uma pessoa completamente diferente.

Luke.

Ele olhou para ela apenas por tempo suficiente para ela ruborizar, então quebrou o contato visual ao mover os olhos na direção da mesa. Uma expressão estranha cruzou seu rosto enquanto os olhos se fixavam no colar.

— Estou surpreso que ninguém o tenha levado ainda — disse ele em voz baixa. — É tão bonito.

— Seu braço relaxou na lateral do seu corpo, e ele se virou para oferecer a ela um sorriso tímido e triste. — Mas a verdade é que as coisas mais bonitas são as que mais podem magoar.

— Luke — começou Glass —, eu... — Mas então notou um vulto familiar atrás de Luke. Camille estava de pé atrás do balcão de textos em papel, os olhos fixos em Glass.

Luke olhou para trás, então se virou novamente para Glass: — Camille está substituindo o pai dela. Ele está doente.

— Sinto muito — falou Glass. Mas antes que tivesse tempo de falar qualquer outra coisa, foi distraída pelo som de vozes se levantando.

Glass se virou e viu Cora gritando com a mulher de Walden: — Se você se recusar a me cobrar um preço razoável, então não vou ter outra escolha a não ser delatá-la por fraude. — A mulher empalideceu e disse algo que Glass não conseguiu ouvir, mas aparentemente agradou Cora, porque ela sorriu e levantou seu polegar para passar no scanner.

Glass se retraiu, envergonhada com o comportamento da amiga: — Sinto muito... tenho que ir.

— Não — suplicou Luke, tocando seu braço. — Estou preocupado com você. — Ele diminuiu o volume de sua voz. — O que você está fazendo aqui? É seguro?

A preocupação em sua voz preencheu algumas das menores fendas em seu coração maltrapilho, mas não o suficiente para acabar com a dor.

— É seguro. Fui perdoada, na realidade — disse Glass, se esforçando para manter a voz firme.

— Perdoada? — Os olhos dele se arregalaram. — Uau. Nunca achei... Isso é incrível. — Ele parou, como se não soubesse bem como continuar. — Sabe, você nunca me contou por que foi Confinada em primeiro lugar.

Glass olhou para o chão, lutando contra um ímpeto devastador de contar a verdade a Luke. Ele merece ser feliz, disse a si mesma com firmeza. Não é mais seu.

— Não importa — respondeu ela, finalmente. — Quero apenas deixar isso tudo para

trás.

Luke olhou atentamente para ela, e por um instante Glass imaginou se ele podia decifrá-la: — Bem, cuide-se — disse ele, finalmente.

Glass assentiu:

— Pode deixar. — Ela sabia que estava fazendo a coisa certa, para variar. Apenas gostaria que não doesse tanto.

Clarke estava sentada na barraca escura da enfermaria, observando, nervosa, enquanto Thalia se virava em seu sono, inquieta por causa da febre que aumentava à medida que a infecção ficava mais grave.

— Sobre o que você acha que ela está sonhando?

Clarke se virou e viu Octavia se levantando, com os olhos arregalados para Thalia.

— Não tenho certeza — mentiu Clarke. Pela expressão no rosto de Thalia, Clarke sabia que ela estava pensando em seu pai novamente. Ela tinha sido confinada por tentar roubar medicamentos depois de o Conselho ter tomado a decisão de não tratá-lo: com suprimentos médicos limitados, eles tinham considerado suas perspectivas muito sombrias para merecer os recursos. Thalia ainda não sabia o que tinha acontecido com ele: se tinha sucumbido à doença depois da prisão da filha ou se ainda estava se agarrando à vida, rezando para poder vê-la novamente um dia.

Thalia gemeu e se contorceu até ficar em posição fetal, lembrando Clarke de Lilly numa de suas noites ruins, quando Clarke entrava escondida no laboratório para que sua amiga não tivesse que ficar sozinha. Embora ninguém estivesse impedindo Clarke de ajudar Thalia, ela se sentia tão desvairada e impotente quanto com Lilly. A não ser que achassem os medicamentos que tinham sido arremessados do módulo de transporte, não havia nada que ela pudesse fazer para aliviar seu sofrimento.

A entrada da barraca se abriu, inundando o ambiente com luz e ar frio, e Bellamy entrou tropeçando. Ele tinha um arco pendurado no ombro, e seus olhos brilhavam.

— Boa tarde, senhoras — falou ele com um sorriso enquanto caminhava até a cama de Octavia.

Ele se abaixou para acariciar o cabelo dela, que ainda estava preso com um laço vermelho bem-amarrado. Ele estava suficientemente próximo para que Clarke não pudesse evitar perceber o cheiro fraco de suor se agarrando à sua pele, se misturando a outro perfume que ela não era capaz de identificar, mas que a fazia pensar em árvores.

— Como está o tornozelo? — perguntou ele a Octavia, fazendo uma demonstração exagerada de que estava apertando os olhos e o examinando de todos os ângulos.

Ela o flexionou agilmente.

— Muito melhor. — Ela se virou para Clarke. — Já estou pronta para sair?

Clarke hesitou. O tornozelo de Octavia ainda estava frágil, e não havia como fazer uma tala efetiva. Se colocasse muita pressão sobre ele, o torceria como antes, ou pior.

Octavia suspirou, então fez um biquinho:

— Por favor? Não vim até a Terra para ficar sentada numa barraca.

— Você não teve escolha — disse Bellamy. — Mas eu certamente não arrisquei minha pele vindo até aqui para ver sua perna gangrenar.

— Como você sabe sobre gangrena? — perguntou Clarke, surpresa. Ninguém nunca teria desenvolvido aquele tipo de infecção na Colônia, e ela duvidava de que muitas outras pessoas lessem textos antigos sobre medicina por diversão.

— Você me decepciona, Doutora. — Ele levantou uma sobrancelha. — Eu não achava que você era uma dessas.

— Uma dessas o quê?

— Uma dessas fenícias que assumem que todos os waldenitas são analfabetos.

Octavia fez uma expressão de tédio enquanto se virava para Bellamy: — Nem tudo é um insulto, sabia?

Bellamy abriu a boca, mas então pensou melhor e fechou os lábios com um sorriso: — É melhor se comportar, ou vou embora sem você. — Ele ajeitou o arco em seu ombro.

— Não me abandone — disse ela, repentinamente séria. — Você sabe como me sinto em relação a ficar trancada do lado de dentro.

Uma expressão estranha passou pelo rosto de Bellamy, e Clarke se perguntou sobre o que ele estava pensando. Finalmente, ele sorriu:

— Certo. Vou levá-la lá fora, mas só um pouco. Quero tentar caçar novamente antes de ficar escuro. — Então se virou para Clarke. — Quer dizer, se a doutora disser que tudo bem.

Clarke assentiu, dando consentimento:

— Apenas seja cuidadoso. — Ela olhou para ele, curiosa. — Você realmente acha que vai ser capaz de caçar? — Ninguém tinha visto um mamífero até agora, muito menos tentado matar um.

— Alguém precisa fazer isso. Nossas embalagens de nutrientes não vão durar uma semana no ritmo que estão sendo consumidas.

Ela sorriu timidamente:

— Bem, muito boa sorte. — Clarke caminhou até a cama de Octavia e ajudou Bellamy a colocá-la de pé.

— Estou bem — disse Octavia, se equilibrando sobre um dos pés enquanto segurava o braço de Bellamy. Ela pulou num pé só, puxando o irmão na direção da abertura da barraca. — Vamos!

Bellamy girou a fim de olhar para trás:

— Ah, por falar nisso, Clarke, encontrei alguns escombros da queda quando estava na floresta.

Você tem interesse em examiná-los amanhã?

Clarke respirou fundo enquanto seu coração disparava: — Você acha que podem ser os suprimentos desaparecidos? — Ela deu um passo a frente. — Vamos agora.

Bellamy fez que não com a cabeça:

— Era muito longe. Não conseguiríamos voltar antes de ficar escuro. Vamos amanhã.

Ela olhou para Thalia, cujo rosto ainda estava contorcido de dor: — Certo. A primeira coisa a fazer pela manhã.

— Vamos esperar até a tarde. Vou caçar pela manhã. É quando os animais saem à procura de água. — Clarke engoliu o ímpeto de lhe perguntar onde ele tinha aprendido aquilo, embora não conseguisse esconder a surpresa em seu rosto. — Até amanhã, então? — perguntou Bellamy, e Clarke balançou a cabeça com uma resposta positiva. — Ótimo. — Ele sorriu. — É um encontro.

Ela observou enquanto os dois saíam da barraca, então voltou para o lado de Thalia. Os olhos de sua amiga se abriram com dificuldade.

— Oi — disse ela, com a voz fraca.

— Como você está se sentindo? — perguntou Clarke, se movendo para checar os sinais vitais de Thalia.

— Ótima — falou ela com uma voz rouca. — Quase pronta para me juntar a Bellamy em sua próxima expedição de caça.

Clarke sorriu:

— Achei que você estava dormindo.

— Eu estava. Dormindo e acordando.

— Vou apenas dar uma olhada rápida, certo? — perguntou Clarke, e Thalia consentiu.

Clarke puxou o cobertor de lado e levantou a camisa de Thalia. Faixas vermelhas se alastravam do ferimento purulento, sugerindo que a infecção estava atingindo a corrente sanguínea. — Dói?

— Não — respondeu Thalia, de forma vazia. Ambas sabiam que ela não estava melhorando.

— Dá para acreditar que eles são realmente irmãos? — perguntou Clarke, intencionalmente mudando de assunto enquanto substituía o cobertor de Thalia.

— Sim, é uma loucura pensar nisso. — A voz de Thalia ficou mais forte.

— O que é loucura é fazer uma cena daquelas na plataforma de lançamento — disse Clarke. — Mas foi realmente corajoso. Eles o teriam matado se o capturassem. — Ela parou. — Não matá-lo quando descerem.

— Ele fez muita coisa para mantê-la em segurança — concordou Thalia, virando o rosto para longe de Clarke numa tentativa de esconder a careta enquanto uma nova onda de dor a varreu. — Ele realmente a ama, sabe.

— Quem? Bellamy? — perguntou Clarke, perplexa.

— Não. Wells. Ele veio à Terra por você, Clarke.

Ela apertou os lábios:

— Eu não pedi para ele fazer isso.

— Todos fizemos coisas das quais não temos orgulho — falou Thalia, sua voz baixa.

Clarke tremeu e fechou os olhos:

— Não estou pedindo o perdão de ninguém.

— Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe disso. — Thalia parou para respirar. O esforço que fazia para falar a estava deixando exausta.

— Você precisa descansar — disse Clarke, esticando o braço para puxar o cobertor sobre os ombros da amiga. — Podemos falar sobre isso amanhã.

— Não! — exclamou Thalia. — Clarke, o que aconteceu não foi sua culpa.

— Claro que foi minha culpa. — Clarke se recusou a olhar nos olhos de sua amiga. Thalia era a única pessoa que sabia o que ela tinha realmente feito, e Clarke não era capaz de encarar aquilo naquele momento, ver a lembrança refletida nos olhos escuros e expressivos de sua amiga. — E o que isso tem a ver com Wells, de qualquer forma?

Thalia fechou os olhos e suspirou, ignorando a pergunta: — Você precisa se permitir ser feliz. Se não fizer isso, de que adianta qualquer coisa?

Clarke abriu a boca para replicar, mas as palavras desapareceram ao ver Thalia se inclinar, repentinamente tossindo.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou Clarke, passando a mão no cabelo molhado de suor de sua amiga. — Você vai ficar bem.

Dessa vez, as palavras não eram uma prece, mas uma declaração. Clarke se recusava a deixar Thalia morrer, e nada ia impedi-la. Ela não deixaria sua melhor amiga se juntar ao coro de fantasmas em sua cabeça.

Wells levantou os olhos na direção do céu repleto de estrelas. Ele nunca imaginou como sentiria saudades de casa ao olhar para a cena familiar a centenas de quilômetros de distância. Era perturbador ver a lua tão pequena e sem detalhes; como acordar e descobrir que os rostos de seus familiares tinham sido apagados.

Sentados na fogueira ao seu redor, os outros grunhiam. Eles estavam na Terra há menos de uma semana, e suas rações já estavam acabavam. O fato de eles não terem medicamentos era preocupante, mas nesse momento a maior preocupação era o suprimento de comida. Ou a Colônia tinha calculado errado suas provisões, ou Graham e seus amigos vinham acumulando mais do que ele tinha percebido. De qualquer forma, os efeitos já estavam começando a aparecer. Não eram apenas as cavidades se formando abaixo das maçãs do rosto — havia uma fome em seus olhares que apavorava Wells. Ele nunca se permitia esquecer que eles todos tinham sido Confinados por um motivo, que todos à sua volta tinham feito algo para colocar a Colônia em risco.

Wells mais que todos.

Naquele exato momento, Clarke saiu da barraca da enfermaria e caminhou até a fogueira, seus olhos examinando o círculo enquanto ela procurava um lugar para se sentar. Havia um espaço vazio ao lado de Wells, mas seu olhar passou direto por ele. Ela se sentou ao lado de Octavia, que estava empoleirada num tronco, a perna machucada esticada à frente.

Wells suspirou ao se virar para olhar ao redor da clareira, as chamas bruxuleando nas formas escuras das três barracas que eles tinham finalmente construído — a enfermaria, uma estrutura para guardar suprimentos, e a favorita de Wells, uma vala para coletar água se um dia chovesse. Pelo menos, o acampamento não estava se mostrando um fracasso completo. Seu pai ficaria impressionado quando se juntasse a eles.

Se ele se juntasse a eles. Estava ficando cada vez mais difícil se convencer de que seu pai estava bem, de que o ferimento à bala tinha sido apenas superficial. Seu peito se apertou dolorosamente enquanto ele pensava em seu pai se agarrando à vida numa cama de hospital, ou pior, em seu corpo flutuando em algum lugar do espaço. As palavras dele ainda ecoavam em seus ouvidos: se alguém é capaz de tornar essa missão um sucesso, é você. Depois de uma vida inteira incentivando Wells a se esforçar mais e se aprimorar, ele se perguntava se o Chanceler podia ter dado sua última ordem a seu filho.

Um barulho estranho veio das árvores. Wells ajeitou a postura, todos seus sentidos em sinal de alerta. Ele ouviu um som de estalo, seguido por um farfalhar. Os sussurros junto ao fogo se transformaram em engasgos quando uma forma estranha se materializou nas sombras, parte humana, parte animal, como algo dos mitos da antiguidade.

Wells se levantou com um salto. Mas então a criatura passou da linha das árvores e entrou na área iluminada.

Bellamy trazia uma carcaça de animal jogada por sobre os ombros, deixando um rastro de sangue em seu caminho.

Um cervo. Os olhos de Wells examinaram o animal sem vida, reconhecendo sua pele marrom macia, patas compridas, orelhas delicadamente alongadas. Enquanto Bellamy se movia na direção deles, a cabeça do cervo balançava para a frente e para trás a partir de seu pescoço frouxo — mas ela nunca formava um arco completo, porque toda vez que balançava para trás, batia em alguma outra coisa.

Era outra cabeça, balançando de outro pescoço delgado. O cervo tinha duas cabeças.

Wells congelou enquanto todos ao redor da fogueira se levantavam, alguns deles se aproximando para olhar melhor, outros se afastando aterrorizados.

— É seguro? — perguntou uma garota.

— É seguro — disse a voz de Clarke saindo das sombras, e então ela veio até a área iluminada.

— A radiação pode ter mudado o material genético há centenas de anos, mas não existiria nenhum traço dela agora.

Todos ficaram em silêncio enquanto Clarke esticava o braço para acariciar o pelo da criatura.

Parada numa poça de luar, ela nunca tinha parecido tão bonita.

Clarke se virou para Bellamy com um sorriso que fez o estômago de Wells embrulhar: — Não vamos morrer de fome. — Então disse algo que Wells não conseguiu ouvir, e Bellamy balançou a cabeça.

Wells suspirou, desejando que esse ressentimento desaparecesse. Ele respirou fundo novamente antes de andar na direção de Bellamy e Clarke. Ela enrijeceu enquanto ele se aproximava, mas Wells se forçou a manter os olhos sobre Bellamy:

— Obrigado — disse Wells. — Isso vai alimentar muita gente.

Bellamy olhou para ele de forma curiosa enquanto transferia o peso de um pé para o outro.

— Sério — falou Wells. — Obrigado.

Finalmente, Bellamy assentiu. Wells voltou ao seu lugar perto do fogo, permitindo que Bellamy e Clarke conversassem tranquilamente, suas cabeças inclinadas uma para a outra.

A plataforma de observação estava completamente vazia. Olhando para o mar de estrelas imensuravelmente vasto, Wells podia facilmente imaginar que os dois eram as duas únicas criaturas vivas em todo o universo. Ele apertou o braço em volta de Clarke, que pressionou sua cabeça contra seu peito e soltou o ar, se aproximando dele enquanto o ar deixava seu corpo. Como se estivesse feliz em deixar que ele respirasse pelos dois.

— Como foi hoje? — murmurou ela.

— Bem... — respondeu Wells, sem saber muito bem por que estava se dando o trabalho de mentir quando ela estava encostada em seu peito. Ela podia ler seus batimentos cardíacos como se fosse código Morse.

— O que aconteceu? — perguntou ela, preocupação cintilando em seus grandes olhos verdes.

Seu treinamento para oficial envolvia viagens regulares a Walden e Arcadia para monitorar os guardas. Hoje, ele os tinha visto capturar uma mulher que tinha ficado grávida de uma criança não registrada. Não haveria nenhuma chance de perdão. Ela seria Confinada até dar à luz, a criança ficaria sob a custódia do Conselho e a mãe seria

executada. A lei era severa, mas necessária. A nave só podia abrigar certo número de vidas, e permitir que qualquer um perturbasse o delicado equilíbrio colocaria em risco toda a raça. Mas a expressão de pânico nos olhos da mulher enquanto os guardas a arrastavam estava marcada no cérebro de Wells.

Surpreendentemente, tinha sido seu pai que ajudara Wells a lidar com o que ele tinha visto. Aquela noite, no jantar, ele tinha percebido que algo estava errado, e Wells lhe contou sobre o incidente, tentando soar desapegado como um soldado deveria. Mas seu pai tinha percebido a fachada e, num gesto raro, colocou a mão sobre a mão de Wells por cima da mesa.

“O que fazemos não é fácil”, dissera ele a seu filho, “mas é crucial. Não podemos permitir que nossos sentimentos nos impeçam de cumprir nosso dever: manter a raça humana viva.”

— Deixe-me adivinhar — falou Clarke, interrompendo seus pensamentos. — Você prendeu algum gênio do crime por roubar livros da biblioteca.

— Não. — Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Clarke. — Ela ainda está à solta. Estão formando uma força tarefa neste exato momento.

Ela sorriu, e os pontos dourados em seus olhos pareceram cintilar. Ele não conseguia imaginar uma cor mais linda.

Wells voltou a atenção novamente para a enorme janela. Essa noite, as nuvens cobrindo a Terra não o faziam se lembrar de uma mortalha — elas eram meramente um cobertor. O planeta não tinha morrido, tinha apenas caído num sono encantado até que chegasse a hora de receber a humanidade de volta à casa.

— Em que você está pensando? — perguntou Clarke. — Na sua mãe?

— Não — disse ele lentamente. — Na verdade, não. — Wells esticou o braço e, de forma distraída, enrolou um cacho do cabelo de Clarke no dedo, deixando-o cair sobre o ombro em seguida. — Embora eu ache que, de certa forma, estou sempre pensando nela.

— Era difícil acreditar que ela realmente tinha morrido. — Apenas quero me assegurar de que ela esteja orgulhosa de mim, onde quer que esteja — continuou, um calafrio cruzando seu corpo enquanto ele olhava para as estrelas.

Clarke apertou sua mão, transferindo calor para ele: — É claro que ela está orgulhosa de você. Qualquer mãe teria orgulho de um filho como você.

Wells se virou novamente para Clarke com um sorriso: — Apenas mães?

— Imagino que você seja um sucesso com as avós também. — Ela balançou a cabeça com uma expressão séria, então deu uma risada quando Wells deu um soco de brincadeira em seu ombro.

— Há outra pessoa que eu quero deixar orgulhosa.

Clarke levantou uma sobrancelha.

— É melhor ela tomar cuidado — falou, esticando os braços para posicionar as mãos atrás da cabeça de Wells. — Porque não sou muito boa em compartilhar.

Wells sorriu enquanto se inclinava para a frente e fechava os olhos, roçando seus lábios nos dela num beijo provocativo antes de seguir para o pescoço.

— Nem eu — sussurrou ele no ouvido de Clarke, a sentindo tremer quando sua respiração arrepiou a pele dela. Ela o puxou para mais perto, seu toque derretendo a

tensão até ele se esquecer de seu dia, se esquecer de que ele teria que repetir aquilo tudo amanhã e no dia depois daquele. Tudo o que importava era a garota em seus braços.

O aroma de cervo assado era estranho e inebriante. Não havia carne na Colônia, nem mesmo em Phoenix. Toda a criação de gado tinha sido eliminada na metade do primeiro século.

— Como sabemos quando está pronto? — perguntou uma garota arcadiana chamada Darcy a Wells.

— Quando o exterior começar a ficar crocante, e o interior, rosado — gritou Bellamy sem virar a cabeça.

Graham bufou, mas Wells assentiu e falou:

— Acho que você está certo.

Depois que a carne esfriou, eles a cortaram em pedaços menores e começaram a passá-la ao redor da fogueira. Wells levou um pouco para o outro lado do círculo, distribuindo a comida pelo grupo. Ele entregou um pedaço a Octavia, que o segurou na frente do rosto enquanto olhava para Wells:

— Você já provou?

Wells fez que não com a cabeça:

— Ainda não.

— Bem, isso não é justo. — Ela levantou as sobrancelhas. — E se for nojento?

Ele olhou para o círculo ao seu redor:

— Nenhuma outra pessoa parece ter problemas com isso.

Octavia torceu os lábios:

— Não sou como as outras pessoas. — Ela olhou para ele por um instante, como se estivesse esperando ele falar, então sorriu e empurrou seu pedaço na direção de Wells. — Aqui, você fica com a primeira mordida e me diz o que acha.

— Estou bem, obrigado — disse Wells. — Quero me assegurar de que todos os outros...

— Vamos lá. — Ela deu uma risadinha enquanto tentava enfiar a carne em sua boca. — Dê uma mordida.

Wells olhou rapidamente para o círculo à sua volta a fim de se assegurar de que Clarke não estava olhando. Ela não estava — encontrava-se imersa numa conversa com Bellamy.

Wells se virou novamente para Octavia.

— Certo — disse ele, pegando o pedaço de carne de suas mãos. Ela pareceu desapontada por não dar a comida em sua boca, mas Wells não se importou. Deu uma mordida. A parte externa estava dura, mas, à medida que seus dentes afundavam, a carne liberava uma enchente de sabor diferente de qualquer coisa que Wells já tinha provado antes, simultaneamente salgada, defumada e levemente adocicada. Ele mastigou um pouco mais e então engoliu, se preparando para que seu estômago rejeitasse a substância desconhecida. Mas tudo o que sentiu foi um calor.

Os que comeram primeiro tinham se levantado da fogueira e começado a perambular pela clareira e, por alguns minutos, o zumbido suave das conversas se misturou ao crepitar das chamas.

Mas então o som de sussurros confusos começou a se elevar, fazendo a nuca de Wells arrepiar. Ele se colocou de pé e caminhou até onde um grupo estava parado, junto à linha das árvores.

— O que está acontecendo? — perguntou ele.

— Veja. — Uma das meninas apontou para algo nas árvores.

— O quê? — Wells apertou os olhos para a escuridão.

— Ali — falou outra garota. — Você viu?

Por um momento, Wells achou que elas estavam lhe pregando uma peça, mas então algo chamou sua atenção. Uma faísca de luz, tão breve que ele poderia ter imaginado. Percebeu outra faísca a alguns metros, então outra, essa um pouco mais no alto. Ele deu um passo na direção da borda da clareira, que estava agora iluminada por luzes cintilantes, como se mãos invisíveis a tivessem decorado para uma festa. Seus olhos se fixaram numa esfera próxima, uma bola de luz pendurada no galho mais baixo de uma árvore.

Havia algo se movendo dentro dela. Uma criatura. Era algum tipo de inseto, com um pequeno corpo e asas delicadas desproporcionalmente grandes. A palavra tremulou nos lábios de Wells.

Borboleta.

Alguns dos outros o tinham seguido floresta adentro e estavam agora observando, maravilhados, ao seu lado.

— Clarke — sussurrou ele na escuridão. Ela precisava ver aquilo. Ele afastou os olhos e se virou, pronto para sair correndo à sua procura. Mas ela já estava lá.

Clarke estava parada a alguns metros, completamente arrebatada. Um brilho suave iluminava seu rosto, e a expressão tensa e preocupada que tinha se agarrado às suas feições desde a queda tinha desaparecera.

— Ei — disse Wells delicadamente, sem querer perturbar o silêncio. Ele esperava que Clarke fosse repreendê-lo, silenciá-lo, ou que fosse fugir. Mas ela não se moveu. Permaneceu exatamente onde estava, olhando fixamente para as borboletas luminosas.

Wells não ousou se mover ou dizer outra palavra. A garota que ele achava que tinha perdido ainda estava ali, em algum lugar, e naquele instante, ele soube: poderia fazê-la amá-lo novamente.

Bellamy não sabia por que os antigos humanos se davam o trabalho de consumir drogas. Qual era o sentido de injetar alguma porcaria em suas veias se um passeio na floresta tinha o mesmo efeito?

Algo acontecia toda vez que ele cruzava a linha das árvores. Enquanto se afastava do acampamento à luz do sol da manhã, partindo em mais uma expedição de caça, ele começou a respirar fundo. Seu coração tinha batidas fortes, lentas e constantes, e suas pernas marchavam no ritmo de um pulso no chão. Era como se alguém tivesse invadido seu cérebro e aumentado a intensidade de seus sentidos até uma configuração que Bellamy não sabia que existia.

Mas a melhor parte era o silêncio. A nave nunca ficava completamente silenciosa. Havia sempre um barulho como ruído de fundo: o chiado dos geradores, o zumbido das luzes, o eco dos passos no corredor. Ele tinha surtado na primeira vez em que entrou na floresta, sem ter nada para afogar seus pensamentos. Mas, quanto mais tempo passava aqui, mais silenciosa sua mente ficava.

Examinou o solo atentamente, seus olhos pulando as pedras e áreas úmidas enquanto buscavam pistas. Não havia pegadas para seguir como no dia anterior, mas algo disse a Bellamy para virar à direita e entrar mais na floresta, onde as árvores ficavam mais grossas e cobriam o chão com sombras estranhas. É para lá que iria se fosse um animal.

Ele esticou o braço para trás a fim de pegar uma das flechas no suporte que tinha construído.

Apesar de ser terrível vê-los morrer, sua mira tinha se aprimorado muito nos últimos dias, então ele sabia que os animais não sofriam muito. Ele nunca se esqueceria da dor e do medo nos olhos do primeiro cervo enquanto ele ia ao chão. Ainda assim, atirar num animal era menos crime do que muitas das besteiras que outros jovens tinham feito para acabar ali. Embora ele pudesse estar encurtando a vida daquela criatura, Bellamy sabia que ela tinha vivido cada momento daquela vida completamente livre.

Os cem prisioneiros poderiam ter recebido a promessa de liberdade, mas Bellamy sabia que não teria o mesmo privilégio, não depois do que tinha feito ao Chanceler. Se ele ainda estivesse por perto quando a próxima nave pousasse, a primeira pessoa a sair dela provavelmente atiraria nele imediatamente.

Bellamy estava farto de tudo aquilo — das punições, das estações, do sistema. Estava cansado de seguir as regras de outras pessoas. Estava de saco cheio de ter que lutar para sobreviver. Viver na floresta não seria fácil, mas pelo menos ele e Octavia seriam livres.

Abrindo os braços para se equilibrar, ele meio que se arrastou e escorregou por uma ladeira, fazendo o máximo possível para não fazer nenhum barulho que pudesse afugentar um animal. Chegou ao final com um baque, fazendo lama voar por debaixo de suas botas esfarrapadas. Bellamy se retraiu quando a água entrou pela fresta sobre a sola. Seria desconfortável voltar caminhando com meias molhadas, algo que ele tinha aprendido da

maneira mais difícil. Ele não sabia por que aquilo não era mencionado em nenhum dos livros que tinha lido. Qual era o sentido em aprender como construir uma rede com videiras ou quais plantas usar para tratar queimaduras se você não conseguia andar?

Bellamy deixou suas meias sobre um galho para secar, então mergulhou os pés no riacho. Já estava mais quente do que quando ele tinha saído do acampamento, e a água fria causou uma sensação incrível em sua pele. Ele dobrou as pernas de sua calça até os joelhos e continuou entrando na água, sorrindo como um completo idiota enquanto a água envolvia suas panturrilhas. Essa era uma de suas coisas favoritas na Terra: coisas mundanas como lavar os pés repentinamente pareciam tão importantes.

As árvores não eram tão densas perto do riacho, e o sol brilhava com mais intensidade. O rosto e os braços de Bellamy repentinamente pareciam insuportavelmente quentes. Ele tirou a camiseta, a enrolou como uma bola e a arremessou sobre a grama antes de se abaixar para juntar água nas mãos e jogar no rosto. Ele sorriu, ainda estupefato com a revelação de que água podia ter gosto. Eles sempre tinham feito piadas grosseiras sobre o suprimento de água reciclada da nave, sobre como você estava basicamente bebendo o mijo do seu bisavô. Ainda assim, agora ele percebia que os séculos de filtragem e purificação tinham limpado o líquido até ele não ser mais do que uma coleção de moléculas de hidrogênio e oxigênio. Ele se abaixou e encheu as mãos mais uma vez. Se tivesse que descrever aquilo, diria que tinha o gosto de uma combinação de Terra e céu — e então socaria quem quer que risse dele por isso.

Um estalo soou no interior da floresta. Bellamy se virou tão rápido que perdeu o equilíbrio e caiu de costas, espalhando água. Ele rapidamente começou a se levantar, dificultado pelas pedras e lama sob seus dedos do pé, enquanto procurava a origem do som.

— Desculpe, não quis assustar você.

Bellamy empurrou o cabelo para trás e viu Clarke parada na grama. Era surpreendente ver outra pessoa na floresta, que ele tinha passado a achar que pertencia exclusivamente a ele. Mas a faísca de irritação que ele estava esperando nunca veio.

— Você não podia esperar até a tarde? — perguntou ele, voltando até a margem.

Clarke ruborizou.

— Precisamos daqueles medicamentos — disse ela, enquanto afastava os olhos de seu peito nu.

Ela era tão durona na maior parte do tempo que era fácil esquecer que tinha crescido num mundo de concertos elegantes e festas com palestras. Bellamy sorriu enquanto balançava a cabeça, jogando pingos de água por todas as direções.

— Ei — gritou ela, dando um pulo para trás enquanto tentava evitar a água. — Não testamos esse riacho ainda. Ele poderia ser tóxico.

— Quando foi que nossa cirurgiã casca grossa se tornou tão fresca? — Ele se sentou num pedaço de grama ensolarado e bateu com a mão no espaço ao seu lado, num convite.

— Fresca? — Clarke se sentou, bufando. — Você mal conseguiu segurar aquela faca ontem à noite, de tanto que sua mão tremia.

— Ei, eu matei aquele cervo. Acho que fiz mais do que minha parte. Além disso... — ele fez uma pausa enquanto se deitava na grama. — ...você é a única que é treinada para

cortar coisas.

— Não sou, na verdade.

Bellamy colocou as mãos atrás da cabeça e inclinou o rosto na direção do sol, soltando o ar enquanto sentia o calor penetrar na pele. Era quase tão bom quanto estar na cama com uma garota.

Talvez até melhor, porque o sol nunca lhe perguntaria em que ele estava pensando.

— Sinto muito por insultá-la — disse ele, esticando as palavras enquanto um peso relaxado se assentava em seus membros. — Sei que você é uma médica, não uma açougueira.

— Não, eu quis dizer que fui Confinada antes de terminar meu aprendizado.

O tom de tristeza em sua voz reverberou de forma estranha dentro de Bellamy. Ele deu um sorriso tímido:

— Bem, você está fazendo um ótimo trabalho para uma charlatã.

Clarke olhou para ele e, por um segundo, Bellamy se preocupou em tê-la ofendido. Mas então ela balançou a cabeça e se levantou.

— Você tem razão — falou ela. — E é por isso que precisamos encontrar aqueles medicamentos.

Vamos lá. — Bellamy se colocou de pé com um grunhido, vestiu as meias e os sapatos, então jogou a camiseta sobre o ombro. — Eu recomendaria colocar sua camisa de volta. — completou ela.

— Por quê? Está preocupada em não conseguir se controlar? Porque se está preocupada com minha virtude, tenho que lhe dizer, não sou...

— Eu quis dizer — interrompeu ela, com um sorriso — que há algumas plantas venenosas por aí que poderiam fazer suas lindas costas se encherem de bolhas cheias de pus.

Ele deu de ombros:

— Até onde sei, pode ser disso que você gosta, menina doutora. Vou correr o risco.

Ela riu, e Bellamy tinha quase certeza de que fora pela primeira vez na Terra. Sentiu uma surpreendente centelha de orgulho por ter sido a pessoa a causar aquilo.

— Certo — continuou ele levemente, vestindo a camisa e sorrindo para si mesmo quando viu que Clarke estava olhando para sua barriga. — Os destroços estavam mais para oeste. Vamos lá. — Ele começou a subir a inclinação, então se virou a fim de olhar para Clarke. — A direção de onde o sol se põe.

Ela deu alguns passos apressados para alcançá-lo.

— Você aprendeu tudo isso sozinho?

— Acho que sim. Não há muitas aulas sobre geografia da Terra em Walden. — A declaração não carregava a amargura que poderia se tivesse sido direcionada a Wells ou a Graham. — Sempre me interessei por essas coisas e então, quando descobri que estavam planejando enviar Octavia à Terra... — Ele fez uma pausa, sem saber o quanto era seguro compartilhar. Mas Clarke estava olhando para ele com expectativa, seus olhos verdes cheios de curiosidade e algo mais que ele não conseguia identificar. — Percebi que, quanto mais eu soubesse, melhor equipado estaria para mantê-

la em segurança.

Eles chegaram ao topo da inclinação, mas, em vez de voltar diretamente em direção ao acampamento, Bellamy os guiou para mais dentro da floresta. As árvores ficavam tão próximas que suas folhas bloqueavam a maior parte do sol. O pouco da luz que conseguia passar salpicava o solo com poças douradas. Bellamy sorriu quando viu Clarke tomando cuidado para passar ao redor delas, como uma criança pequena tentando evitar as linhas ao cruzar uma ponte suspensa.

— Era assim que eu imaginava a Floresta de Sherwood — disse ela, sua voz cheia de reverência. — Eu quase espero ver Robin Hood sair de trás de uma árvore.

— Robin Hood?

— Você sabe... — ela parou para olhar para ele — o príncipe exilado que roubava medicamentos para dar aos órfãos? — Bellamy olhou fixamente para ela com uma expressão vazia.

— Com o arco e flechas encantados? Você me lembra um pouco ele, agora que parei para pensar — acrescentou, sorrindo.

Bellamy passou a mão num galho coberto de trepadeiras que cintilava levemente na luz fraca.

— Não temos muito tempo para histórias em Walden — respondeu ele de forma seca. Mas então sua voz ficou mais suave. — Não há muitos livros, então eu costumava inventar contos de fadas para Octavia quando ela era pequena. O seu favorito era sobre uma lata de lixo encantada. — Ele bufou.

— Foi o melhor que consegui.

Clarke sorriu.

— Foi corajoso, o que você fez por ela — disse ela.

— Sim, bem, eu diria o mesmo sobre você, mas tenho a sensação de que não está aqui por escolha.

Ela levantou o pulso, que, como os de todos os outros, ainda carregava o bracelete de monitoramento:

— O que será que me entregou?

— Tenho certeza de que ele mereceu — falou Bellamy com um sorriso. Mas, em vez de rir, Clarke se virou. Ele tinha feito uma piada, mas deveria saber que não podia ser tão desinibido com ela; com ninguém que estava ali, na verdade. Todos estavam escondendo alguma coisa. Bellamy mais que os outros. — Ei, sinto muito — disse ele. Ele se desculpava tão raramente que as palavras pareciam estranhas em sua boca. — Vamos encontrar o baú de medicamentos. O que tem dentro dele, afinal?

— Tudo. Ataduras estéreis, analgésicos, antibióticos... coisas que poderiam fazer toda a diferença para... — Ela fez uma pausa por um momento. — Para as pessoas feridas.

Bellamy sabia que ela estava pensando naquela garota de quem ela estava sempre cuidando, sua amiga.

— Você realmente se importa com ela, não é mesmo? — Ele esticou a mão para ajudá-la a subir num tronco coberto de musgo que bloqueava seu caminho.

— É minha melhor amiga — disse Clarke, segurando a mão dele. — A única pessoa na Terra que me conhece de verdade.

Ela disparou um sorriso envergonhado para Bellamy, mas ele assentiu: — Sei o que

você quer dizer. — Octavia era a única pessoa no mundo que verdadeiramente o conhecia. Não havia nenhuma outra pessoa que ele se importava em ver novamente.

Mas então ele olhou para Clarke, que estava inclinada para sentir o aroma de uma flor cor-de-rosa brilhante, o sol batendo nos cachos dourados de seu cabelo, e repentinamente não teve mais tanta certeza.

Bellamy levou Clarke até o pé de um morro íngreme com árvores esbeltas de ambos os lados e cujos galhos se entrelaçavam para formar uma espécie de arco. O silêncio parecia antiquíssimo, como se nem mesmo o vento ousasse perturbar a solidão das árvores há anos.

— Não sei muito bem se já lhe agradei pelo que fez por Octavia — disse Bellamy, quebrando o encanto. — Isso conta como agradecimento? — provocou Clarke.

— Acho que é o mais próximo que você vai conseguir. — Ele olhou para ela com o canto do olho. — Não sou o melhor nesse tipo de coisa.

Clarke abriu a boca, mas, antes que pudesse replicar, tropeçou numa pedra.

— Opa — continuou Bellamy com uma risada, segurando a mão de Clarke para equilibrá-la. — E aparentemente você não é a melhor em coisas como andar.

— Isso não é andar. Isso é caminhar numa trilha... algo que nenhum ser humano faz há centenas de anos, então me dê um desconto.

— Tudo bem. É tudo uma questão de divisão do trabalho. Você nos mantém vivos e eu a mantenho de pé. — Ele deu um apertão amigável em sua mão, e Clarke sentiu o rosto corar. Não tinha percebido que ainda estava segurando a mão dele.

— Obrigada — disse ela, deixando o braço cair na lateral do corpo.

Bellamy parou quando eles chegaram no ponto em que o solo ficava plano novamente.

— Por aqui — disse ele, apontando para a esquerda. — Então, como você acabou se tornando médica?

As sobrancelhas de Clarke se levantaram em confusão: — Eu quis. Você não escolheu ser... — Ela deixou as palavras morrerem, percebendo, para sua vergonha, que não fazia a menor ideia sobre o que Bellamy fazia na nave. Claramente não era um guarda.

Ele olhou para ela, como se estivesse tentando determinar se ela estava brincando ou não.

— Não funciona dessa forma em Walden — respondeu ele lentamente, entrando mais na sombra tingida de verde. — Se você tiver um ótimo histórico e alguma sorte, pode se tornar um guarda. Senão, você simplesmente faz o trabalho que seus pais faziam.

Clarke tentou impedir que a surpresa se registrasse em seu rosto. Obviamente, ela sabia que apenas certos empregos estavam disponíveis para waldenitas, mas não tinha se dado conta de que eles não tinham absolutamente nenhuma escolha.

— Então o que você era?

— Eu era... — Ele juntou os lábios. — Quer saber? Não importa o que eu fazia lá.

— Sinto muito — disse Clarke rapidamente. — Não foi minha intenção...

— Tudo bem — falou Bellamy, a interrompendo e dando um passo adiante. Eles continuaram a andar, embora agora o silêncio fosse um pouco mais tenso.

— Espere — sussurrou Bellamy após um tempo, esticando uma das mãos para

bloquear seu caminho.

Com um movimento ágil, ele tirou uma das flechas armazenadas no suporte e levantou o arco.

Seus olhos se fixaram num ponto em que as árvores estavam tão densas que era quase impossível distinguir os arbustos das sombras. Então ela viu: um lampejo de movimento, um brilho de luz refletido num olho. Clarke prendeu a respiração quando um animal saiu, pequeno e marrom com longas orelhas pontudas que se moviam para a frente e para trás. Um coelho.

Ela observou a criatura dar um salto para a frente, seu rabo quase duas vezes mais longo que o corpo, se contraindo de forma curiosa. Coelhos não deveriam ter rabos pequenos e felpudos?, ela se perguntou. Mas antes que pudesse se lembrar de suas antigas anotações da aula de biologia da Terra, Clarke viu o cotovelo de Bellamy recuar, afastando todos os pensamentos de sua cabeça.

Sua arfada ficou presa na garganta quando a flecha de Bellamy disparou, pousando com um terrível estalo no peito da criatura. Por um segundo, Clarke ficou imaginando se podia salvar o animal — correr até perto dele, remover a flecha e costurar o ferimento.

Bellamy segurou seu braço, apertando com força suficiente para passar tanto certeza quanto advertência. Aquele coelho ia ajudar a mantê-los vivos, Clarke sabia. Ele daria a Thalia um pouco de força. Ela tentou fechar os olhos, mas eles se mantiveram fixos sobre o animal.

— Está tudo bem — disse Bellamy em voz baixa. — Eu o acertei no coração. Não vai sofrer por muito tempo. — Ele tinha razão. O coelho parou de se contrair e caiu lentamente sobre o chão da floresta, então ficou imóvel. Bellamy se virou para ela. — Sinto muito. Sei que não é fácil ver alguém sofrer.

Um calafrio que não tinha nada a ver com o coelho morto cruzou o corpo de Clarke.

— Alguém?

— Algo. — Ele se corrigiu, dando de ombros. — Qualquer coisa.

Clarke observou enquanto Bellamy corria até o coelho, arrancava a flecha e jogava a criatura sobre o ombro.

— Vamos nessa direção — disse ele, inclinando a cabeça.

A tensão parecia ter se dissipado; o humor de Bellamy visivelmente melhorou com a caçada bem-sucedida.

— Então, qual é a história entre você e Wells? — perguntou ele, passando o coelho para o outro ombro.

Clarke se preparou para uma onda de indignação pela intromissão dele, mas isso não aconteceu: — Nós namoramos um pouco, há algum tempo, mas não deu certo.

Bellamy deu uma risada:

— Sim, bem, essa parte era óbvia. — Ele fez uma pausa, esperando que Clarke continuasse. — Então — incitou ele —, o que aconteceu?

— Ele fez algo imperdoável.

Em vez de fazer uma piada ou de usar a oportunidade para atacar Wells, Bellamy ficou sério.

— Não acho que exista alguma coisa que seja imperdoável — falou com a voz baixa.

— Não se tiver sido feita pelos motivos certos.

Clarke não disse nada, mas não conseguiu evitar imaginar se ele estava falando sobre o que Octavia tinha feito para ser Confinada ou alguma outra coisa.

Bellamy olhou para o alto, como se os topos das árvores tivessem chamado sua atenção, então voltou os olhos na direção de Clarke e prosseguiu: — Não estou dizendo que ele não fez algo terrível, o que quer que tenha sido. Só quero dizer que entendo um pouco as motivações dele. — Ele esticou o braço para passar o dedo no musgo amarelo brilhante que formava uma espiral no tronco de uma árvore. — Wells e eu somos as duas únicas pessoas que escolheram estar aqui, que vieram por uma razão.

Clarke começou a responder, mas percebeu que não sabia muito bem o que dizer. Eles eram tão diferentes na superfície — Wells, cuja crença na estrutura e na autoridade tinha resultado na execução de seus pais, e Bellamy, o waldenita de cabeça quente que tinha apontado uma arma para o Chanceler. Mas ambos estavam dispostos a fazer qualquer coisa para conseguir o que queriam: proteger as pessoas com quem eles se importavam.

— Talvez você tenha razão — disse ela em voz baixa, surpresa com o discernimento do rapaz.

Bellamy fez uma pausa, então apertou o passo, repentinamente animado com o que tinha visto.

— Estava aqui em cima — disse ele, a ajudando a subir outra pequena inclinação até chegar numa clareira. A grama estava salpicada de flores brancas, a não ser por um pedaço no meio do descampado que estava queimado. Pedacos do módulo de transporte estavam espalhados como ossos. Clarke disparou numa corrida.

Ela ouviu Bellamy gritar seu nome, mas não se preocupou em olhar para trás. Seguiu adiante, esperança florescendo em seu peito.

— Vamos lá, vamos lá, vamos lá — murmurou ela para si mesma enquanto começava a examinar os destroços num frenesi alucinado.

Então as viu. As caixas de metal que um dia tinham sido brancas, mas que estavam agora descoloridas pela poeira e pelas chamas. Ela segurou a que estava mais próxima e a levantou, seu coração batendo tão rápido que ficava difícil respirar. Clarke tentou abrir o fecho deformado. Estava travado. O calor tinha soldado as dobradiças. Freneticamente, ela balançou a caixa, rezando para os medicamentos terem sobrevivido.

O som de frascos de comprimidos chacoalhando do lado de dentro era a coisa mais linda que ela já tinha ouvido.

— É isso? — perguntou Bellamy, escorregando até parar, ofegante, ao seu lado.

— Você consegue abrir isso? — perguntou Clarke, empurrando a caixa em seu peito.

Ele a levantou, apertando os olhos para o fecho: — Deixe-me ver. — Ele tirou uma faca de seu bolso e, com alguns movimentos rápidos, arrombou o baú.

Entusiasmo correu pelo corpo de Clarke. Antes de perceber o que estava fazendo, ela tinha jogado os braços em volta de Bellamy. Ele se juntou a ela nas risadas quando cambaleou para trás e passou os braços em volta da cintura dela, a levantando e a girando no ar. As cores da clareira se misturaram, verde e dourado e azul, tudo se borrando até que não houvesse nada no mundo além do sorriso de Bellamy, iluminando seus olhos.

Finalmente, ele a colocou no chão delicadamente. Mas não soltou os braços. Ao invés disso, a puxou para ainda mais perto e, antes que Clarke tivesse tempo de recuperar o fôlego, seus lábios estavam sobre os dela.

Uma voz no fundo de seu cérebro a mandava parar, mas ela estava dominada pelo cheiro da pele e a pressão do toque de Bellamy.

Clarke se sentia como se estivesse derretendo em seus braços, se perdendo no beijo. Ele tinha o gosto da alegria, e o gosto da alegria era melhor na Terra.

— Não sei — disse Sonja lentamente, apertando os olhos em direção à filha na luz fraca do quarto.

— E se tirarmos a saia daquele e a combinarmos com o corpete verde?

Glass se forçou a respirar fundo para ficar calma. Estava experimentando vestidos há duas horas, e elas não estavam mais próximas de escolher um para a festa de observação do cometa do que quando começaram.

— O que você achar melhor, mãe — disse ela, esperando que seu sorriso não parecesse tão forçado quanto realmente era.

— Não tenho certeza. — A mãe suspirou. — Vai ser difícil deixá-lo pronto a tempo, mas simplesmente teremos que fazer o melhor possível.

Glass lembrou a si mesma de que sua mãe estava apenas tentando ajudar. Ela via a festa de observação do cometa como o momento perfeito para Glass retornar à sociedade de Phoenix, armada com o perdão oficial e vestida com perfeição. Glass sabia que o Vice-Chanceler estaria lá e que era essencial fazer seu papel; ela tinha recebido sua vida de volta em troca de oferecer uma imagem melhor, o que era uma permuta mais do que justa. Ainda assim, Glass estava se sentindo ansiosa por ter que ser o centro das atenções.

— Ou talvez devêssemos voltar ao tute? — Sua mãe apontou para a pilha de vestidos descartados. — Apenas o vista novamente e podemos... — Mas ela foi interrompida por um alerta de mensagem na cozinha.

— Vou ver o que é — disse Glass rapidamente, saindo correndo do quarto antes que sua mãe tivesse tempo de protestar. Não seria para ela, claro. Seus amigos apenas entravam em contato entre si através de chips; telas de mensagem geralmente eram reservadas a atualizações desnecessárias da área de saneamento ou alertas um pouco mais ameaçadores do Conselho. Mas aquilo pelo menos lhe renderia um breve descanso de toda aquela conversa sobre vestidos. Glass projetou a fila de mensagens no ar à sua frente, e sua respiração ficou presa no peito quando ela viu o nome piscando no topo. Era de Luke.

Cara Srta. Sorenson,

A equipe de segurança recuperou um item desaparecido seu perto dos campos solares.

Ele ficará guardado no posto de controle até as 16h de hoje.

Ela teve que ler várias vezes antes de absorver a mensagem. Ela e Luke tinham criado esse sistema há muito tempo, antes de ela ganhar seu chip, para o caso de sua mãe algum dia bisbilhotar suas mensagens. Ele queria que ela se encontrasse com ele perto dos campos solares naquela tarde.

— Glass? — gritou Sonja do outro aposento. — O que era?

Ela apagou a mensagem rapidamente:

— Apenas um lembrete sobre a observação do cometa, como se pudéssemos nos esquecer! — Ela olhou para o relógio e suspirou. Eram apenas 10h15. As próximas horas

passariam mais devagar do que tinham passado no Confinamento.

— Oh — disse a mãe de Glass com um susto quando a filha entrou de volta no quarto. — Talvez esse seja o ideal, afinal. Você está linda.

Glass se virou hesitantemente de frente para o espelho. Ela viu o que sua mãe queria dizer. Mas não era o vestido. Suas bochechas estavam coradas, seus olhos brilhantes com a expectativa.

Ela parecia uma garota apaixonada.

Às 15h40, Glass subiu o lance de escada infinito que levava aos campos solares que cobriam o topo de Walden. As próprias plantas estavam fora de alcance de todos a não ser cientistas e coletores, mas havia uma pequena plataforma anexa que oferecia uma vista delas. Devia ter sido projetada para supervisionar os trabalhadores, mas tinha perdido o uso e ficava quase sempre vazia.

Quando chegou ao topo, Glass foi até a beira da plataforma e se sentou encostada à balaustrada, as pernas balançando na lateral. Ela sentiu seu corpo relaxar enquanto seus olhos viajavam sobre as fileiras de plantas cujas folhas se esticavam na direção dos painéis solares. O lado mais afastado do campo era limitado por uma enorme janela que fazia parecer que as plantas estavam crescendo diretamente das estrelas. Ela e Luke costumavam se encontrar ali o tempo todo. Era mais seguro do que ele entrar escondido em Phoenix ou ela vagar pela unidade residencial de seu namorado.

— Ei.

Glass se virou, avistando Luke parado de forma tensa atrás dela. Ela começou a se levantar, mas ele balançou a cabeça:

— Posso me juntar a você? — Ela assentiu e moveu as pernas para o lado a fim de criar espaço, e ele sentou no chão ao lado dela. — Obrigado por vir — disse de forma desajeitada. — Sua mãe não suspeitou de nada, suspeitou?

— Está tudo bem. Ela está muito ocupada tentando contornar uma crise com um vestido.

Luke surpreendeu Glass com um sorriso, então limpou a garganta.

— Glass, eu... não fui capaz de parar de pensar no que aconteceu — disse ele, e todo o corpo dela ficou tenso. Ela mantinha os olhos cuidadosamente focados no chão. — Quer dizer, por que alguém como você poderia ter sido Confinada? Mas então me lembrei... Alguns meses depois de nos separarmos, ouvi um rumor sobre uma garota em Phoenix que tinha sido presa por... — Sua voz falhou enquanto as palavras morriam. Glass se virou para olhá-lo e viu que seus olhos estavam úmidos. — O período fazia sentido. Mas nunca acreditei que pudesse ser você. — Luke olhou diretamente para a frente, como se olhando para algo no ar. — Eu disse a mim mesmo que você nunca deixaria de me contar algo como aquilo. Eu precisava acreditar que você confiava em mim mais do que aquilo.

Glass mordeu seu lábio, tentando segurar a enchente de palavras que se juntava em sua garganta.

Ela quis tão desesperadamente contar a ele, mas o que aconteceria de bom em admitir a verdade? Era melhor deixá-lo acreditar que ela era apenas uma garota de Phoenix tola e mimada que tinha partido seu coração. Ele estava feliz com Camille agora — e ele merecia ser feliz.

Mas então Luke esticou o braço e segurou o queixo dela na mão, e todos os seus pensamentos se apagaram.

Glass acordou sorrindo. Embora tivessem se passado algumas semanas desde a noite que ela e Luke ficaram juntos, ela não conseguia parar de pensar naquilo. Mas exatamente enquanto ela começava a repetir os acontecimentos em sua cabeça, uma onda de náusea passou por ela.

Ela saiu da cama com dificuldade e cambaleou pelo corredor até o banheiro, agradecida pelo fato de as luzes estarem funcionando, provavelmente graças ao novo “amigo” de sua mãe, o chefe da Junta de Recursos.

Glass afundou no chão frio do banheiro e rapidamente fechou a porta, seu cérebro lutando contra o estômago. Ela se forçou a respirar, tentando se manter em silêncio. A última coisa de que ela precisava era que sua mãe a arrastasse até o centro médico.

O estômago venceu, e Glass se inclinou sobre a privada na hora exata. Ela vomitou, lágrimas queimando seus olhos, então se recostou contra a parede. Não conseguiria encontrar Wells para almoçar de forma alguma, apesar de se sentir muito mal por dar mais um bolo nele. Ela vinha passando todo seu tempo com Luke, e não tinha sido uma grande amiga para Wells recentemente. Sentia saudades. Ele nunca parecia se ressentir de sua falta de tempo, o que a fazia se sentir ainda pior. Especialmente depois de tudo o que tinha acontecido à sua mãe, e pelo fato de que agora Clarke estava aparentemente agindo de forma estranha... Ela realmente precisava colocar o papo em dia com ele.

— Glass? — chamou sua mãe pelo outro lado da porta. — O que está acontecendo aí dentro?

— Nada — disse Glass, tentando manter a voz leve.

— Você está doente?

Glass gemeu levemente. O novo apartamento não tinha nenhuma privacidade. Ela sentia falta do antigo, espaçoso e com as janelas cheias de estrelas. Ela ainda não entendia por que elas tinham sido rebaixadas simplesmente por seu pai ter tomado a incomum e humilhante decisão de quebrar seu contrato de casamento e sair de casa.

— Vou entrar — disse a voz de sua mãe do outro lado da porta. Glass apressadamente limpou a boca e tentou se colocar de pé, mas deslizou de volta ao chão quando outra onda de náusea causou uma revolta no seu estômago. A porta se abriu e Glass viu sua mãe, vestida para sair à noite apesar do fato de ainda não ser nem meio-dia. Mas antes que ela tivesse uma chance de perguntar aonde ela estava indo, ou de onde estava vindo, os olhos de sua mãe se arregalaram e ela visivelmente empalideceu sob o blush aplicado de forma generosa. — O que está acontecendo?

— Nada — respondeu Glass, tentando afastar a névoa de sua mente durante tempo suficiente para pensar numa explicação que fizesse com que sua mãe a deixasse em paz.

Vírus estomacais eram raros em Phoenix, e qualquer um que parecesse vagamente contagioso era obrigado a passar a duração de sua doença em quarentena. — Estou bem.

— Você estava... — Sonja olhou para trás e abaixou a voz, o que era ridículo, levando em consideração que elas eram as duas únicas pessoas no apartamento — ...vomitando?

— Sim, mas estou bem. Acho que eu apenas...

— Oh, meu deus — disse sua mãe, fechando os olhos.

— Não estou doente, juro. Não preciso ser colocada em quarentena. Apenas andei enjoada nos últimos dias, mas passa à tarde.

Quando sua mãe abriu os olhos, ela não parecia menos preocupada. O aposento começou a rodar, e a voz de Sonja ficou fraca, como se estivesse falando de algum lugar distante. Glass mal foi capaz de entender a pergunta, algo sobre quanto tempo tinha se passado desde sua última...

Repentinamente, a confusão de Glass se solidificou numa bola de terror. Ela levantou os olhos na direção de Sonja e viu a percepção terrível refletida nos olhos de sua mãe.

— Glass. — A voz de Sonja estava rouca. — Você está grávida.

Olhando para o rosto de Luke, cheio de compaixão e compreensão, Glass sentiu seu último pedaço de autocontrole se estilhaçar.

— Sinto muito. — Sua respiração ficou presa na garganta enquanto ela tentava reprimir um soluço. — Eu devia ter lhe contado. Eu apenas... não via nenhuma razão para que nós dois morrêssemos.

— Ah, Glass. — Luke esticou o braço e envolveu-a com força. Ela se aninhou agradecida em seu abraço familiar, as lágrimas se derramando no paletó de seu uniforme de guarda. — Não acredito nisso — murmurou ele. — Não acredito que você fez tudo isso sozinha. Eu sabia que você era corajosa, mas nunca achei... O que aconteceu? — perguntou finalmente, e Glass sabia o que ele queria dizer. A quem ele se referia.

— Ele... — Ela engoliu em seco enquanto lutava para respirar. Parecia que seu coração estava prestes a se despedaçar, incapaz de abrigar ao mesmo tempo a tristeza e o alívio que se derramavam em seu peito. Finalmente, ela simplesmente balançou a cabeça. Não havia palavras.

— Meu deus — sussurrou ele, segurando a mão de Glass e entrelaçando os dedos nos dela com força. — Eu sinto muito. — Ele suspirou. — Por que você não me contou nada disso na noite em que fugiu? Eu não fazia ideia. — Ele fechou os olhos, como se quisesse apagar a memória.

— Você estava com Camille. Eu sabia que ela era uma boa amiga para você e imaginei que...

Você tinha finalmente encontrado alguém que o fazia feliz. — Glass sorriu e secou as lágrimas que ainda escorriam em seu rosto. — Você merecia isso depois de tudo pelo que fiz você passar.

Luke esticou o braço para colocar uma mecha de cabelo atrás de sua orelha: — Há apenas uma pessoa no universo que pode me fazer feliz, e ela está sentada bem aqui comigo. — Ele olhou fixamente para ela, como se tentasse absorvê-la. — Desde o momento em que a vi novamente, eu soube que não era Camille... Ela é uma ótima amiga, sempre será, mas isso é tudo o que ela é para mim agora, e eu falei isso para ela. Eu te amo, Glass. Nunca deixei de te amar. E

nunca deixarei.

Ele se inclinou para a frente e roçou seus lábios nos dela, de leve a princípio, como se dando às bocas uma chance de se reacostumarem. Por um segundo, aquele pareceu o primeiro beijo novamente. Mas um segundo era tudo de que eles precisavam.

Ele pressionou o corpo contra o de Glass, seus lábios se separando enquanto as

bocas se uniam.

Ela estava vagamente ciente da mão dele se enroscando em seu cabelo e então descendo por suas costas, a puxando para mais perto enquanto passava o outro braço em volta da cintura.

Finalmente, Glass se afastou e seus lábios se separaram.

— Eu te amo — sussurrou ela, necessitando desesperadamente dizer aquilo. Eu te amo eu te amo eu te amo, latejava pelo seu corpo enquanto Luke sorria e a puxava novamente para junto dele.

Era quase meio dia, e Clarke tinha saído há horas. Uma das garotas arcadianas a tinha visto entrar na floresta mais cedo aquela manhã, e tinha sido necessário todo o autocontrole de Wells para não sair correndo atrás dela. A ideia de ela se aventurar sozinha transformava seu estômago num saco de pancadas para sua imaginação. Mas ele tinha que aceitar que, de todas as pessoas no acampamento, Clarke sabia como cuidar de si mesma. Ele também sabia como era importante encontrar os medicamentos perdidos. Ontem mesmo eles tinham cavado mais uma cova.

Ele vagou na direção do cemitério improvisado que tinha sido criado no lado mais afastado da clareira. Durante os últimos dias, Wells tinha conseguido que marcadores de madeira fossem posicionados no alto de cada monte de terra, algo que ele lembrava ter visto em velhas fotografias.

Ele quis entalhar os nomes nas cruces, mas só sabia a identidade de três dos cinco jovens dormindo sob a terra, e não parecia correto deixar as outras em branco.

Ele tremeu e virou novamente para os túmulos. O conceito de enterrar os mortos tinha inicialmente lhe parecido repulsivo, mas não parecia haver alternativa. A ideia de queimar os corpos era ainda pior. Mas, apesar de a prática normal de arremessar os cadáveres no espaço ser certamente mais limpa, havia algo reconfortante em juntar os mortos. Mesmo na morte, eles nunca ficariam sozinhos.

Era também um estranho conforto ter um lugar para visitar, para dizer as coisas que você não era capaz de dizer às pessoas que você podia ver. Alguém, possivelmente uma garota de Walden que ele tinha visto perambulando perto das árvores, tinha juntado galhos caídos e os tinha posicionado junto dos marcadores de madeira. À noite, as cápsulas ainda brilhavam, derramando uma luz suave sobre o cemitério que lhe dava uma beleza quase sobrenatural. Teria sido agradável ter algum lugar na nave onde não parecesse estranho ele conversar com sua mãe.

Wells levantou os olhos para o céu que escurecia. Ele não sabia se a Colônia tinha perdido contato com o módulo de transporte quando ele caiu, mas esperava que os monitores nos braceletes ainda estivessem transmitindo dados sobre a composição do sangue e frequência cardíaca das pessoas. Eles devem ter coletado informação suficiente para provar que a Terra estava segura, e certamente logo começariam a enviar grupos de cidadãos. Por um instante, ele ousou se deixar ter esperança de que seu pai e Glass estariam entre eles.

— O que você está fazendo aqui?

Wells se virou e viu Octavia se movendo lentamente até ele. Seu tornozelo estava melhorando rapidamente; ela já estava quase conseguindo caminhar sem mancar.

— Não sei. Manifestando meus pêsames, acho. — Ele apontou para os túmulos. — Mas eu já estava de saída — acrescentou rapidamente enquanto a via jogar o cabelo escuro sobre o ombro. — É minha vez de buscar água.

— Eu vou com você. — Octavia sorriu, e Wells afastou os olhos, desconfortável. Os

longos cílios que a faziam parecer tão inocente quando estava dormindo na barraca da enfermaria agora davam um brilho selvagem aos seus enormes olhos azuis.

— Você tem certeza de que é uma boa ideia, com o tornozelo assim? É uma longa caminhada.

— Estou ótima — disse ela, sua voz cheia de uma irritação amigável enquanto tentava acompanhar o passo. — Embora você seja muito fofo por estar preocupado. Você sabe — continuou ela, andando mais rápido para alcançar Wells, que não tinha notado que acelerou o passo —, é ridículo todo mundo seguir cada palavra de Graham. Você sabe muito mais do que ele.

Wells apanhou um dos jarros vazios junto à barraca de suprimentos e se virou na direção da floresta. Eles tinham descoberto um riacho que não ficava muito longe do acampamento, e todos que fossem fortes o suficiente para carregar um recipiente cheio se revezavam para buscar água. Ou pelo menos deveriam se revezar. Ele não via Graham ir há dias.

Octavia parou quando Wells atravessou a linha das árvores.

— Você vem? — perguntou ele, olhando por cima do ombro.

Ela inclinou a cabeça para trás, seus olhos se arregalando enquanto examinava os contornos sombrios das árvores na luz enfraquecida:

— Estou indo. — Sua voz ficou baixa enquanto ela se apressava para chegar ao lado de Wells.

— Não entrei na floresta ainda.

Wells amoleceu. Mesmo ele, que tinha passado a maior parte da vida sonhando em vir à Terra, achava assustador de vez em quando: a vastidão, os sons desconhecidos, a sensação de que qualquer coisa poderia estar se escondendo além da luz da fogueira. E ele tivera tempo para se preparar.

Podia apenas imaginar como era para os outros, que foram arrancados de suas celas e jogados no módulo de transporte antes que tivessem tempo para processar o que estava acontecendo, que eles estavam sendo enviados a um planeta estranho que nunca tinha sido mais para eles do que uma palavra vazia.

— Cuidado — alertou ele, apontando para um emaranhado de raízes escondido sob uma massa de folhas roxas. — O solo fica muito desnivelado aqui.

Wells segurou a pequena mão de Octavia e a ajudou a subir numa árvore caída. Era estranho pensar que algo sem pulso pudesse morrer, mas a casca encharcada que se soltava do tronco tinha decididamente uma aparência cadavérica.

— Então é verdade? — perguntou Octavia enquanto eles começavam a descer a inclinação que levava ao riacho. — Você realmente arrumou uma forma de ser Confinado para poder vir com Clarke?

— Acho que sim.

Ela suspirou melancolicamente:

— Essa é a coisa mais romântica que já ouvi.

Wells sorriu de forma irônica:

— Acredita em mim, não é.

— Como assim? — perguntou Octavia, inclinando a cabeça para um lado. Nas

sombras da floresta, ela parecia quase infantil novamente.

Wells afastou os olhos, repentinamente incapaz de encará-la. Ficou se perguntando tristemente o que Octavia diria se soubesse a verdade.

Ele não era o bravo cavaleiro que tinha vindo resgatar a princesa. Era a razão pela qual ela tinha sido trancada na masmorra.

Wells checou seu chip de colarinho pela décima quarta vez desde que tinha se sentado, dois minutos antes. A mensagem que Clarke lhe enviara mais cedo naquele dia tinha soado ansiosa, e ela vinha agindo de forma estranha durante as últimas semanas. Wells mal a tinha visto e, nas poucas vezes em que conseguira encontrá-la, ela estava praticamente se contraindo de energia nervosa.

Ele não conseguia evitar se preocupar com a possibilidade de ela estar prestes a terminar o namoro. A única coisa que impedia a ansiedade de abrir um buraco em seu estômago era saber que ela provavelmente não teria escolhido a biblioteca para dar um fora nele. Seria cruel macular o local que eles dois amavam mais que tudo. Clarke não faria aquilo com ele.

Ele ouviu passos e se levantou enquanto as luzes superiores voltaram a acender.

Wells tinha ficado imóvel por tanto tempo que a biblioteca tinha se esquecido de sua presença, as luzes de segurança fracas no chão fornecendo a única iluminação. Clarke se aproximou, ainda vestindo seu uniforme do hospital, o que normalmente o fazia sorrir — ele amava o fato de ela não passar horas se preocupando com sua aparência, como a maioria das garotas em Phoenix —, mas a bata e a calça azuis estavam muito folgadas em seu corpo e ela tinha olheiras.

— Ei — disse ele, se aproximando para beijá-la delicadamente. Ela não se afastou, mas também não o beijou de volta. — Você está bem? — perguntou, apesar de saber muito bem que ela não estava.

— Wells — falou, sua voz falhando. Ela lutou contra as lágrimas. Os olhos dele se arregalaram com preocupação. Clarke nunca chorava.

— Ei — murmurou ele, passando o braço em volta dela para levá-la até o sofá. Suas pernas pareciam se dobrar debaixo dela. — Vai ficar tudo bem, prometo. Apenas me conte o que está acontecendo.

Ela olhou fixamente para ele, que foi capaz de ver o ímpeto dela em confiar nele lutando contra seu medo:

— Preciso que você me prometa que não vai dizer nada sobre isso para ninguém.

Ele assentiu:

— Claro.

— Estou falando sério. Isso não é fofoca. Isso é real, vida ou morte.

Wells apertou sua mão:

— Clarke, você sabe que pode me contar qualquer coisa.

— Eu descobri... — Ela respirou fundo, fechou os olhos e então começou novamente.

— Você sabe sobre a pesquisa de radiação dos meus pais. — Ele fez que sim com a cabeça. Os pais dela estavam encarregados de um enorme estudo em andamento para determinar quando, se é que um dia seria possível, seria seguro para os humanos voltarem à Terra. Todas as vezes que seu pai tinha falado sobre uma missão à Terra, Wells tinha

achado que aquilo era uma possibilidade distante, mais uma esperança do que um plano real. Ainda assim, ele sabia o quão importante era o trabalho dos Griffin para o Chanceler e para toda a Colônia. — Eles estão fazendo testes em humanos — disse Clarke suavemente. Um calafrio correu pela espinha de Wells, mas ele não disse nada, apenas segurou a mão dela com mais força. — Eles estão fazendo experimentos com crianças — falou Clarke finalmente, sua voz apenas um sussurro.

Sua voz estava vazia, como se a ideia estivesse circulando há tanto tempo que já não significasse mais nada.

— Que crianças? — perguntou ele, seu cérebro disparando para compreender.

— As que não são registradas — falou Clarke, os olhos cheios de lágrimas brilhando com uma raiva repentina. — Crianças do centro de custódia cujos pais foram executados por violar as leis populacionais. — Ele podia ouvir a acusação implícita: Pessoas que seu pai matou. — Elas são tão jovens... — A voz de Clarke perdeu a força. Ela recostou e pareceu encolher, como se a verdade tivesse levado uma parte dela consigo.

Wells passou o braço por trás dela, mas, em vez de recuar como tinha feito todos os dias nas últimas semanas, ela se aproximou dele e encostou a cabeça em seu peito. Ela continuou:

— Elas estão tão doentes. — Ele podia sentir as lágrimas encharcando sua camisa. — Algumas delas já morreram.

— Sinto muito, Clarke — murmurou ele enquanto procurava algo para dizer, qualquer coisa para fazer sua dor desaparecer. — Tenho certeza de que seus pais estão fazendo todo o possível para se assegurar de que seja... — Ele parou. Não havia nenhuma palavra que melhoraria aquela situação. Ele tinha que fazer algo, colocar um fim nisso antes que a culpa e o horror a destruíssem. — O que eu posso fazer? — perguntou ele, sua voz se tornando firme.

Ela ajeitou a postura, assustada, e olhou para ele, um tipo diferente de terror enchendo seus olhos:

— Nada — disse ela, com uma determinação que o pegou de surpresa. — Você tem que me prometer que não vai fazer nada. Meus pais me obrigaram a jurar não contar a ninguém. Eles não queriam fazer isso, Wells. Não foi uma escolha deles. O Vice-Chanceler Rhodes está os obrigando. Ele os ameaçou. — Ela segurou as mãos de Wells. — Quero que você me prometa que não vai dizer nada. Eu apenas... — Ela mordeu o lábio. — Eu simplesmente não conseguia mais esconder isso de você. Eu precisava contar a alguém.

— Prometo — disse ele, embora sua pele estivesse quente de fúria. Aquele desgraçado asqueroso não tinha direito de passar por cima do Chanceler daquela forma.

Ele pensou em seu pai, o homem que tinha um senso inabalado do que era certo e errado. Seu pai nunca teria aprovado testes em humanos. Ele poderia dar um fim àquilo imediatamente.

Clarke olhou fixamente para ele, examinando seus olhos, e então deu um sorriso tímido e trêmulo que desapareceu quase tão rápido quanto tinha aparecido: — Obrigada.

Ela voltou sua cabeça ao peito de Wells, e ele passou o braço em volta dela.

— Eu te amo — sussurrou ele.

Uma hora mais tarde, depois de acompanhar Clarke até sua casa, Wells seguiu de

volta até a plataforma de observação sozinho. Ele precisava fazer algo. Se alguma coisa não mudasse logo, a culpa ia destruí-la, e ele se recusava a ficar de fora apenas olhando.

Wells nunca tinha quebrado uma promessa antes. Aquilo era algo que seu pai tinha lhe ensinado desde muito jovem — um líder nunca volta atrás em sua palavra. Mas então ele pensou nas lágrimas de Clarke e soube que não tinha escolha.

Deu a volta e começou a caminhar na direção do gabinete do pai.

Eles encheram a jarra no riacho e começaram a voltar ao acampamento. Depois de dar respostas monossilábicas suficientes, Wells tinha conseguido com que Octavia parasse de fazer perguntas sobre Clarke, mas agora ela estava acompanhando-o com uma expressão taciturna, e ele se sentiu culpado. Octavia era uma menina doce, e ele sabia que tinha boas intenções. Como ela teria ido parar ali?

— Então — disse Wells, quebrando o silêncio —, o que você pode ter feito para acabar no Confinamento?

Octavia olhou para ele com surpresa:

— Você não ouviu meu irmão falar sobre isso? — Ela deu um sorriso amarelo. — Ele adora contar às pessoas como fui pega roubando comida para as crianças mais novas no centro de custódia, as pequenas que sempre são intimidadas a abrir mão de suas rações, e como os monstros do Conselho me Confinaram sem nem piscar.

Algo na voz de Octavia o fez parar:

— Foi isso o que realmente aconteceu?

— Importa? — perguntou ela, com um cansaço que repentinamente fez com que parecesse ter mais de 14 anos. — Nós todos vamos pensar o que quisermos sobre os outros. Se essa é a história em que Bellamy precisa acreditar, não vou impedi-lo.

Wells parou para reposicionar o pesado recipiente cheio de água. De alguma forma, eles acabaram numa parte diferente da floresta. As árvores ficavam ainda mais próximas ali, e ele podia ver longe o suficiente para saber o quanto tinham se afastado.

— Estamos perdidos? — perguntou Octavia, olhando de um lado para outro e, mesmo na luz fraca, Wells foi capaz de ver o pânico em seu rosto.

— Nós ficaremos bem. Apenas preciso... — Ele parou enquanto um som vibrava pelo ar.

— O que foi isso? — perguntou Octavia. — Estamos...

Wells fez um sinal para que ela se calasse e deu um passo adiante. Parecia o som de um galho fino estalando, o que significava que algo se movia logo atrás das árvores. Ele se arrependeu de não ter trazido uma arma. Seria bacana levar de volta seu próprio animal morto, mostrar que Bellamy não era o único que podia aprender a caçar. O som se fez presente novamente, e a frustração de Wells se transformou em medo. Que levar o jantar que nada — se ele não tomasse cuidado, ele e Octavia poderiam se transformar no jantar.

Ele estava prestes a pegar a mão da menina e sair correndo quando algo chamou sua atenção. Um brilho dourado avermelhado. Wells abaixou a jarra de água e deu alguns passos para a frente.

— Fique aqui — sussurrou ele.

Logo adiante, além das árvores, ele podia ver um espaço aberto. Uma espécie de clareira. Ele estava prestes a gritar o nome pairando em seus lábios quando congelou,

escorregando até parar.

Clarke estava no gramado, engatada num abraço com ninguém menos que Bellamy. Quando ela levou seus lábios de encontro aos do waldenita, fúria rasgou Wells por dentro. Calor subiu por seu peito e se estabeleceu em seu coração acelerado.

De alguma forma, ele conseguiu arrancar seus olhos daquilo e voltar cambaleando pelas árvores antes de uma onda de náusea fazer sua cabeça girar. Ele se apoiou num galho de árvore para se equilibrar, arfando enquanto tentava forçar o ar a encher seus pulmões. A garota que ele tinha arriscado a vida para proteger não estava apenas beijando outra pessoa — ela estava beijando o sujeito de cabeça quente que pode ter causado a morte de seu pai.

— Opa! — A voz de Octavia veio de trás dele. — A caminhada deles parece muito mais divertida do que a nossa.

Mas Wells já tinha se virado e começado a andar na outra direção. Ele estava vagamente ciente de que Octavia estava capengando atrás dele, perguntando algo sobre um baú de medicamentos, mas sua voz foi afogada pelo bombeamento de sangue em sua cabeça. Não importava se eles tinham encontrado os medicamentos desaparecidos. Não havia nenhuma droga forte o suficiente para curar um coração partido.

Quando Clarke e Bellamy voltaram ao acampamento com os medicamentos, a noite tinha caído. Ela só ficou algumas horas na floresta, mas quando eles cruzaram a linha das árvores que levava à clareira, parecia que ela tinha passado uma vida inteira afastada.

Eles tinham passado a maior parte do caminho de volta em silêncio, mas toda vez que o braço de Clarke acidentalmente roçava no de Bellamy, eletricidade parecia dançar sobre sua pele. Ela tinha ficado envergonhada depois do beijo, e passara os cinco minutos seguintes gaguejando ao tentar se desculpar enquanto ele sorria. Depois de um tempo, ele a interrompeu com uma risada e disse para não se preocupar com aquilo.

— Eu sei que você não é o tipo de garota que fica se agarrando com rapazes aleatórios na floresta — dissera ele com um sorriso malicioso —, mas talvez devesse ser.

No entanto, enquanto eles se aproximavam da clareira, todos os pensamentos sobre o beijo foram afastados pelo contorno sombrio da barraca da enfermaria. Clarke disparou com os medicamentos debaixo do braço.

A barraca estava vazia a não ser por uma delirante e febril Thalia e, para a surpresa de Clarke, Octavia, que estava voltando à sua cama.

— A outra barraca é simplesmente tão pequena — estava dizendo Octavia, mas Clarke só conseguiu assentir.

Ela jogou o baú de medicamentos no chão, encheu uma seringa e afundou a agulha no braço de Thalia. Então se virou novamente para a caixa à procura de analgésicos. Ela deu a Thalia uma dose rapidamente e sorriu enquanto o rosto da amiga relaxou no sono.

Clarke ficou ajoelhada ao lado de Thalia por mais alguns minutos, soltando um longo suspiro de alívio ao sentir seu pulso constante. Por um instante, ela olhou para o bracelete no próprio pulso e se perguntou se em algum lugar no céu alguém estava monitorando sua frequência cardíaca. O Dr.

Lahiri, talvez, ou outro dos principais médicos da Colônia, lendo os sinais vitais dos cem como as manchetes do dia. Certamente tinham visto que cinco pessoas já tinham morrido... Clarke se perguntou se entenderiam suas mortes como envenenamento por radiação e mudariam de ideia sobre seus esforços de colonização ou se seriam suficientemente inteligentes para perceber que eles tinham morrido em decorrência do pouso forçado. Ela não sabia qual cenário preferia. Certamente não estava pronta para que o Conselho estendesse sua jurisdição à Terra. Por outro lado, sua mãe e seu pai tinham devotado suas vidas a ajudar a humanidade a voltar para casa. Um assentamento permanente significaria, de certa forma, que seus pais tinham tido sucesso. Que não tinham morrido em vão.

Finalmente, ela juntou os medicamentos dentro do baú e o colocou no canto da tenda. Amanhã encontraria um local para guardá-lo em segurança, mas, por enquanto, Clarke sentia que podia finalmente descansar. Se alguém estava realmente monitorando do espaço quantas pessoas permaneciam vivas, ela garantiria que aquele número não baixasse de 95.

Deu alguns passos trêmulos e desmoronou sobre sua cama, sem nem mesmo se dar o trabalho de tirar os sapatos.

— Ela vai ficar bem? — perguntou Octavia. Sua voz parecia distante.

Clarke murmurou um “sim”, mal conseguindo levantar as pálpebras.

— Que outros remédios tinha ali dentro?

— Tudo — disse Clarke. Ou pelo menos tentou dizer. No momento em que a palavra alcançou seus lábios, a exaustão já tinha entorpecido seu cérebro. A última coisa de que se lembrava antes de cair num sono profundo e sem sonhos era Octavia se levantando da cama.

Quando Clarke acordou na manhã seguinte, Octavia não estava mais lá, e uma luz forte entrava pela entrada da barraca.

Thalia estava deitada de lado, ainda adormecida. Clarke se levantou com um gemido, seus músculos doloridos por causa da caminhada do dia anterior. Mas era um tipo de dor bom; ela tinha caminhado por uma floresta que não era vista por um único humano há trezentos anos. Seu estômago se contorceu quando ela pensou sobre outra distinção que tinha inadvertidamente alcançado — ser a primeira garota a beijar um garoto na Terra desde o Cataclismo.

Clarke sorriu ao correr para perto de Thalia. Ela não podia esperar até que a amiga estivesse suficientemente bem para ouvir tudo sobre aquilo. Encostou as costas da mão na testa da paciente e ficou aliviada ao sentir que ela estava mais fresca do que na noite anterior. Então puxou delicadamente o cobertor a fim de examinar a barriga de Thalia. Sua pele ainda mostrava sinais de infecção, mas ela não tinha se alastrado mais. Contanto que Thalia tomasse um ciclo completo de antibióticos, ela se recuperaria totalmente.

Era difícil saber exatamente, mas, baseado na força da luz, ela supôs que pelo menos oito horas tinham se passado desde a última dose de Thalia. Ela se virou e andou até o canto onde tinha escondido o baú de medicamentos, franzindo a testa de leve ao perceber que ele estava aberto.

Clarke agachou e soltou uma exclamação, piscando para se assegurar de que seus olhos não estavam lhe pregando peças.

O baú estava vazio.

Todos os antibióticos, os analgésicos e até mesmo as seringas; tudo tinha desaparecido.

— Não — sussurrou Clarke. Não havia nada. — Não — disse ela novamente, se levantando com dificuldade. Ela correu até a cama mais próxima e começou a puxar a roupa de cama, então fez o mesmo com a própria cama.

Seu olhar pousou sobre a cama de Octavia, e seu pânico momentaneamente se solidificou em suspeita. Ela correu até lá e começou a procurar na pilha de cobertores.

— Vamos lá — murmurou ela para si mesma, mas suas mãos saíram vazias. — Não. — Ela chutou o chão. Os medicamentos não estavam na barraca, aquilo estava claro. Mas quem quer que os tivesse levado não poderia ir muito longe. Havia menos de cem seres humanos no planeta, e Clarke não descansaria até encontrar o ladrão que estava colocando a vida de Thalia em risco. Ela provavelmente não teria que procurar muito longe.

Depois de uma busca rápida no apartamento para se assegurar de que os pais não

estavam em casa, Clarke correu até o laboratório e digitou o código. Ela sempre esperava que seus pais fossem mudar a senha, mas ou eles não sabiam com que frequência ela visitava as crianças, ou não queriam impedi-la. Talvez gostassem de saber que Clarke estava fazendo companhia a elas.

Ao caminhar na direção de Lilly, Clarke sorriu para os outros, embora seu peito se apertasse quando percebia que eram poucos os que estavam acordados. A maioria estava ficando mais doente, e havia mais camas vazias do que na última vez.

Ela tentou expulsar esse pensamento da cabeça ao se aproximar de Lilly, mas, quando seus olhos se fixaram sobre a amiga, suas mãos começaram a tremer.

Lilly estava morrendo. Seus olhos mal se abriam quando Clarke sussurrava seu nome e, mesmo quando seus lábios se moviam, ela não tinha força para transformar os movimentos em palavras.

Havia mais placas vermelhas escamosas em sua pele, embora menos delas estivessem sangrando, pois Lilly não tinha mais energia para coçá-las. Clarke ficou sentada ali, lutando contra uma onda de náusea enquanto observava as subidas e descidas irregulares do peito de Lilly. A pior parte era que ela sabia que isso era apenas o começo. Os outros pacientes tinham durado semanas, seus sintomas ficando cada vez mais terríveis enquanto o envenenamento por radiação progredia em seus corpos.

Por um instante, Clarke se imaginou carregando Lilly até o centro médico, onde poderiam pelo menos lhe dar uma medicação de alta intensidade para dor mesmo que fosse tarde demais para salvá-la. Mas aquilo seria o equivalente a pedir ao Vice-Chanceler para executar seus pais, e então ele simplesmente encontraria alguma outra pessoa para terminar o que sua mãe e seu pai tinham começado. Tudo o que Clarke esperava era que a pesquisa se mostrasse conclusiva, assim os experimentos poderiam parar e esses pacientes testados não teriam sofrido em vão.

As pálpebras translúcidas de Lilly se levantaram.

— Ei, Clarke — gemeu ela, o começo de um sorriso se abrindo no rosto antes de uma nova onda de dor arrancá-lo dali.

Clarke esticou o braço e segurou a mão dela, apertando-a delicadamente.

— Ei — sussurrou ela. — Como você está se sentindo?

— Bem — mentiu Lilly, se contorcendo enquanto lutava para se sentar.

— Tudo bem. — Clarke colocou a mão em seu ombro. — Você não precisa se sentar.

— Não, eu quero. — A voz da menina estava cansada.

Clarke delicadamente a ajudou a se sentar, então ajustou os travesseiros atrás dela.

Ela reprimiu um calafrio enquanto seus dedos roçavam nas costas de Lilly; podia sentir todas as vértebras salientes em sua pele pálida.

— Você gostou da antologia de Dickens? — perguntou Clarke, olhando para debaixo da cama de Lilly, onde ela mantinha os livros que Clarke tinha roubado da biblioteca.

— Li apenas a primeira história, aquela sobre Oliver Twist. — Lilly sorriu, tímida. — Minha visão está... — Ela parou de falar. As duas sabiam que, quando os pacientes começavam a ter problemas para ver, o fim não estava distante. — Mas não gostei, de qualquer forma. Me lembrou muito do centro de custódia.

Clarke não tinha feito nenhuma pergunta sobre a vida de Lilly antes daquilo. Tinha

ficado com a impressão de que ela não queria falar sobre o assunto.

— Era tão ruim assim? — perguntou cuidadosamente.

Lilly deu de ombros:

— Nós cuidávamos uns dos outros, não tínhamos mais ninguém. Bem, a não ser uma única menina. Ela tinha um irmão, um irmão mais velho de verdade. — Ela olhou para baixo, repentinamente ruborizando. — Ele era... legal. Costumava levar coisas para ela...

comida extra, pedaços de fita...

— Sério? — perguntou Clarke, fingindo acreditar no comentário sobre uma menina com um irmão enquanto desgrudava um cacho de cabelo da testa úmida de Lilly. Mesmo num estágio tão avançado de sua doença, Lilly tinha uma propensão à dramaticidade. — Ele parece legal — disse Clarke vagamente enquanto seus olhos pairavam sobre as placas sem cabelo na cabeça de Lilly, que estavam ficando difíceis de ignorar.

— De qualquer forma — continuou Lilly, a voz cansada —, quero ouvir sobre seu aniversário. O que você vai vestir?

Clarke tinha quase se esquecido de que seu aniversário era na semana seguinte. Não estava com muita vontade de comemorar.

— Ah, você sabe, meu melhor uniforme do hospital — disse ela num tom leve. — Eu preferiria ficar aqui com você a ir a alguma festa boba, de qualquer jeito.

— Ah, Clarke — gemeu Lilly com uma irritação de mentira. — Você tem que fazer algo. Está começando a ficar extremamente chata. Além disso, quero ouvir sobre seu vestido de aniversário. — Ela se contorceu repentinamente, se dobrando de dor.

— Você está bem? — perguntou Clarke, colocando a mão sobre o braço frágil de Lilly.

— Está doendo — respondeu ela, com uma arfada.

— Posso trazer alguma coisa? Você quer um pouco de água?

Lilly abriu os olhos, que agora estavam suplicantes: — Você pode fazer isso parar, Clarke — falou, gemendo. — Por favor, faça isso parar.

É apenas uma questão de tempo...

Clarke virou a cabeça para que Lilly não visse suas lágrimas.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou ela, forçando um sorriso falso. — Eu prometo.

Lilly choramingou antes de ficar em silêncio novamente, então recostou e fechou os olhos.

Clarke puxou os cobertores sobre o peito da amiga, tentando ignorar o demônio que abria caminho em sua mente. Ela sabia o que Lilly estava pedindo. E aquilo não seria difícil. Ela estava tão frágil a essa altura que seriam necessários apenas alguns analgésicos bem combinados para deixá-la em coma. Ela partiria sem dor.

O que estou pensando?, perguntou Clarke a si mesma, recuando, horrorizada. O sangue nas mãos de seus pais tinha espalhado para as dela. Todo esse pesadelo a tinha infectado, a transformado num monstro. Ou talvez aquilo não fosse culpa de seus pais.

Talvez ela sempre tivesse guardado essa escuridão dentro de si, esperando para subir até a superfície.

Bem quando ela estava pronta para partir, Lilly falou novamente: — Por favor —

implorou ela. — Se você me ama, por favor. — Sua voz era baixa, mas continha uma ponta de desespero que aterrorizava Clarke. — Apenas faça isso tudo parar.

Bellamy estava cortando madeira no lado afastado da clareira. Embora a manhã estivesse fria, sua camiseta já estava encharcada de suor. Clarke tentou não notar como ela se grudava ao seu peito musculoso. Quando a viu correndo em sua direção, ele deixou seu machado no chão e se virou para olhar para ela com um sorriso.

— Ora, olá — disse ele quando ela parou para recuperar o fôlego. — Não consegue ficar longe de mim, não é mesmo? — Ele se aproximou e colocou a mão na cintura de Clarke, mas ela o afastou.

— Onde está sua irmã? — perguntou ela. — Não consigo achá-la em lugar nenhum.

— Por quê? — A preocupação expulsou o tom brincalhão de sua voz. — O que houve?

— Os medicamentos que encontramos sumiram. — Clarke respirou fundo, se preparando para as próximas palavras. — E acho que Octavia pegou.

— O quê? — Os olhos dele se estreitaram.

— Ela era a única pessoa na barraca ontem à noite e parecia realmente fixada na caixa...

— Não — exclamou Bellamy, interrompendo-a. — De todos os criminosos nesse maldito planeta, você acha que minha irmã é a ladra? — Ele olhou fixamente para ela, seus olhos queimando com raiva. Mas quando ele falou novamente, sua voz saiu baixa. — Achei que você fosse diferente.

Mas estava errado. Você é apenas mais uma piranha idiota de Phoenix que acha que sabe mais do que todo mundo.

Ele chutou o cabo do machado, então passou por ela dando um esbarrão e sem dizer mais nenhuma palavra.

Por um instante, Clarke ficou enraizada no chão, muito chocada pelas palavras de Bellamy para se mover. Mas então sentiu algo dentro dela se rasgar e de repente estava correndo na direção das árvores, tropeçando enquanto entrava na sombra da floresta. Com a garganta seca, ela se jogou no chão, passando os braços em volta dos joelhos para evitar que a angústia escapasse de seu coração.

Sozinha nas sombras, Clarke fez mais uma coisa pela primeira vez na Terra. Ela chorou.

Bellamy parou para ajeitar o pássaro que tinha sobre o ombro. O desentendimento com Clarke o tinha deixado tão agitado que ele tinha pegado seu arco e corrido para a floresta sem pensar duas vezes.

Apenas depois de matar o pássaro perto do riacho, começou a se acalmar. Foi um belo disparo — seu primeiro pássaro, muito mais difícil do que animais de solo — e suas penas seriam perfeitas para as novas flechas em que estava trabalhando para levar quando ele e Octavia partissem por conta própria. Quando voltou ao acampamento, percebeu que não via a irmã desde bem cedo naquela manhã e sentiu uma pontada de preocupação. Ele deveria ter checado como ela estava antes de sair.

O fogo já estava aceso, e uma dúzia de rostos se virou para olhar Bellamy enquanto ele se aproximava. Mas ninguém estava sorrindo. Ele mudou o pássaro para o outro ombro para que eles pudessem ver melhor o animal que ele tinha matado. Por que diabos estavam olhando para ele daquele jeito?

Um grito furioso chamou sua atenção para um grupo no lado mais afastado da clareira, perto dos destroços do módulo de transporte. Eles estavam agrupados em volta de algo no solo, e Bellamy arfou quando o vulto no chão se moveu.

Então ele viu o que era, e sua confusão explodiu numa raiva diferente de tudo que ele já tinha sentido.

Era Octavia.

Ele jogou o pássaro no chão e partiu em disparada.

— Saiam da minha frente — gritou Bellamy enquanto forçava passagem para entrar no círculo.

Octavia estava no chão, lágrimas escorrendo pelas bochechas. Graham e alguns dos arcadianos estavam acima dela, com um brilho demente nos olhos.

— Saiam de perto dela — berrou Bellamy enquanto partia na direção deles. Mas antes que pudesse chegar a Octavia, um braço se enganchou em seu pescoço, quase esmagando sua traqueia.

Bellamy lutou para respirar e olhou em volta freneticamente. Wells estava parado à sua frente, sua expressão fria e firme. — Que merda é essa? — perguntou Bellamy com raiva. — Saia da minha frente.

Quando Wells não se moveu, Bellamy rangeu os dentes e partiu para cima dele, mas alguém segurou a gola de sua camisa e o puxou para trás.

— Tire as mãos de mim! — cuspiu Bellamy, impulsionando o cotovelo para trás com força suficiente para fazer quem quer que o estivesse segurando grunhir e o soltar.

Octavia ainda estava no chão, os olhos arregalados com terror enquanto seus olhos se revezavam entre Bellamy e Graham, que estava de pé sobre ela.

— É melhor você me contar o que está acontecendo nesse instante — prosseguiu Bellamy através dos dentes cerrados.

— Ouvi você e Clarke conversando sobre os medicamentos desaparecidos mais cedo

— falou Wells, com uma calma irritante. — Ninguém além de Octavia sabia sobre aquilo. Ela deve ter roubado os remédios.

— Eu não roubei nada — choramingou Octavia. Ela limpou o rosto com as costas da mão e fungou. — Eles estão todos loucos. — Ela se levantou, tremendo, e começou a dar um passo na direção de Bellamy.

— Você não vai a lugar nenhum — exclamou Graham, segurando o pulso de Octavia e o torcendo às costas.

— Tire as mãos de cima dela! — berrou Bellamy. Ele se atirou sobre Graham, mas Wells se colocou na sua frente e outra pessoa torceu seu braço para trás. — Tirem as mãos de cima de mim! — Bellamy se debatia de forma selvagem enquanto tentava se libertar, mas havia muitas mãos o segurando.

— Escutem — continuou Bellamy, tentando em vão manter a voz firme —, ela está machucada desde que pousamos. Vocês realmente acham que ela teria condições de roubar medicamentos e levá-los a algum lugar fora do acampamento?

— Ela foi capaz de me seguir até a floresta ontem — respondeu Wells calmamente. — Andamos até muito longe juntos.

Bellamy se debateu novamente contra os braços que o estavam segurando, incapaz de conter a fúria quando entendeu o que estava subentendido nas palavras de Wells. Se ele tivesse colocado um dedo em sua irmã...

— Apenas fique calmo — disse Wells. Ele acenou com a cabeça para um rapaz de Walden, que se aproximou com uma corda.

— Então mande aquele desgraçado tirar as mãos de cima da minha irmã — disparou Bellamy.

Clarke apareceu de repente, abrindo caminho através da multidão.

— O que está acontecendo? — perguntou ela, os olhos arregalados quando pararam sobre Octavia. — Você está bem?

Octavia sacudiu a cabeça, lágrimas escorrendo em seu rosto.

— Apenas precisamos que Octavia nos diga onde estão os medicamentos — falou Wells calmamente —, então isso tudo estará resolvido.

— Não estão comigo. — A voz de Octavia tinha um tom de irritação.

— Nós sabemos que você está mentindo — disse Graham com desdém. Octavia uivou quando ele apertou seu pulso, e Bellamy lutou contra as mãos que o seguravam. — Você está apenas piorando as coisas.

— Então o que vocês vão fazer? — perguntou Bellamy a Wells, com raiva. — Manter nós dois amarrados?

— Exatamente — respondeu Wells, o maxilar enrijecendo. — Vamos manter Octavia presa até ela nos dizer onde escondeu os medicamentos ou até acharmos provas apontando para outro suspeito.

— Vão prendê-la? — Bellamy fez um gesto para que ele olhasse para a clareira ao seu redor. — E como você pretende fazer isso?

Clarke se aproximou com uma expressão tensa.

— Eu já passo a maior parte do dia na enfermaria, de qualquer forma — disse ela, de forma sucinta. — Octavia pode ficar lá. Vou ficar de olho nela e me assegurar de que não

fuja.

— Você está falando sério? — debochou Graham. — Ela roubou os medicamentos debaixo do seu nariz e seu plano é ficar de olho nela?

Clarke se virou para Graham com um olhar sério: — Se isso não for bom o suficiente para você, Graham, pode deixar um guarda do lado de fora da porta.

— Isso é ridículo. — Todo o corpo de Bellamy começava a tremer enquanto sua raiva se transformava em exaustão. — Olhem para ela — falou, sem força. — Obviamente não é perigo para ninguém. Apenas a desamarrem e eu prometo que não vou perdê-la de vista.

Ele examinou a multidão que tinha se juntado à sua volta, procurando por um rosto solidário na plateia. Certamente mais alguém via que aquilo tudo era uma completa besteira. Mas ninguém estava disposto a olhar em seus olhos.

— Vocês são todos insanos. — continuou ele. Sua boca se contorceu num rosnado quando ele se virou novamente para Graham. — Você armou para ela. Você roubou os remédios.

Graham soltou uma risada e lançou um olhar na direção de Asher: — Eu disse que ele falaria isso.

O céu estava ficando escuro, as nuvens se juntando num cobertor cinza. Bellamy respirou fundo: — Certo. Acreditem no que quiserem. Apenas desamarrem Octavia e nos deixem ir. Vamos embora do acampamento para sempre. Não vamos nem levar nenhum de seus suprimentos preciosos.

— Ele olhou para sua irmã, mas ela não pareceu feliz com a ideia; suas feições pareciam congeladas de choque. — Vocês nunca terão que pensar sobre nós novamente.

Uma expressão de dor cruzou o rosto de Clarke antes de ela colocar de volta a máscara de determinação inabalável. Ela vai superar isso, Bellamy pensou de forma amarga. Encontrará outra pessoa para ir passear pela floresta com ela.

— Não acho uma boa ideia — disse Graham, com um sorriso malicioso. — Não até recuperarmos os remédios. Não podemos deixar ninguém mais morrer apenas porque sua irmãzinha é uma drogada.

A acusação fez cada nervo no corpo de Bellamy ferver até que seus dedos coçassem para se fechar em volta do pescoço de Graham.

— Chega — falou Clarke, balançando a cabeça para Graham e levantando a mão. — Quero os medicamentos de volta mais do que qualquer um, mas vocês não estão ajudando.

— Tudo bem — exclamou Bellamy. — Mas eu vou levá-la para a barraca. E ninguém vai colocar as mãos nela novamente. — Ele se libertou de seus captores e seguiu até junto de Octavia, segurando a mão dela enquanto encarava Graham. — Você vai se arrepender disso — disse Bellamy com uma voz grave e perigosa. Ele passou seu braço em volta de sua irmã trêmula e a guiou de volta à barraca da enfermaria, uma determinação sombria tomando conta dele.

Ele faria o que fosse necessário para protegê-la. Sempre tinha feito isso.

Aquela era a terceira visita de guardas nos últimos meses. Eles estavam vindo com mais frequência naquele ano, e Octavia estava ficando maior. Bellamy tentava não pensar sobre o que aconteceria da próxima vez, mas até ele sabia que não poderiam escondê-la

para sempre.

— Não acredito que eles olharam no armário — disse sua mãe com a voz rouca, olhando para Octavia, que tinha sido levada até o sofá por Bellamy. — Graças a deus ela não chorou.

Bellamy olhou para a irmã, que tinha começado a andar. Tudo nela era em miniatura, desde seus pequenos pés vestidos com meias até seus dedos impossivelmente minúsculos. Tudo menos suas bochechas redondas e seus olhos enormes, que sempre se enchiam de lágrimas que ela nunca parecia derramar. Era normal uma criança de 2 anos ser tão quieta? Será que, de alguma forma, ela sabia o que aconteceria se alguém a encontrasse?

Bellamy se aproximou e se sentou ao lado de Octavia, que virou a cabeça para olhar fixamente para ele com seus olhos azuis profundos. Ele esticou o braço para tocar uma de suas mechas escuras e sedosas de cabelo. Ela era exatamente igual à boneca que ele tinha achado enquanto procurava relíquias no depósito. Tinha pensado em levá-la para casa e dá-la para Octavia, mas decidiu que os pontos de ração que conseguiria por ela no Entrepósito eram mais importantes. Ele também não sabia se era certo dar a um bebê uma cabeça de boneca sem corpo, por mais bonita que fosse.

Ele sorriu quando Octavia segurou seu dedo com o pequeno punho.

— Ei, devolva isso — disse ele, fingindo se contorcer. Ela sorriu, mas não gargalhou.

Ele não conseguia se lembrar de um dia tê-la escutado rir.

— Passou perto demais — murmurava sua mãe para si mesma enquanto andava de um lado para outro. — Perto demais... perto demais... perto demais.

— Mãe. Você está bem? — perguntou Bellamy, sentindo o pânico voltar. Ela foi até a pia, que ainda estava lotada de pratos apesar do fato de essa manhã ter sido sua hora de água. Ele não tinha sido capaz de terminar antes de os guardas chegarem. Só em cinco dias teriam a chance de lavá-los novamente.

Ouviu-se um leve estalo no corredor, seguido por um estrondo de risadas. Sua mãe se assustou e olhou em volta:

— Leve-a de volta para o armário.

Bellamy colocou o braço na frente de Octavia.

— Está tudo bem — disse ele. — Os guardas acabaram de vir. Não vão voltar por um tempo.

Sua mãe se aproximou. Seus olhos estavam arregalados e cheios de terror: — Tire sua irmã daqui!

— Não — falou Bellamy, saindo do sofá e parando em frente a Octavia. — Aquele barulho não era de guardas. Era apenas alguém de brincadeira. Ela não precisa voltar para lá ainda.

Octavia se contorceu, mas permaneceu em silêncio enquanto a mãe mantinha seus olhos arregalados sobre ela.

— Oh, não. Oh, não. Oh, não — murmurava sua mãe, passando as mãos distraidamente pelo cabelo já desgrenhado. Ela se encostou à parede e deslizou até o chão, pousando com um baque oco.

Bellamy olhou para Octavia, então andou lentamente até a mãe, ajoelhando

cuidadosamente ao seu lado:

— Mãe? — Um novo tipo de medo surgiu dentro dele, diferente daquele que tinha sentido durante a inspeção. O medo era frio e parecia sair de seu estômago, transformando seu sangue em gelo.

— Você não entende — disse ela com a voz fraca, olhando fixamente para algo logo atrás da cabeça de Bellamy. — Eles vão me matar. Eles vão levar você e me matar.

— Vão me levar para onde? — perguntou Bellamy, a voz tremendo.

— Você não pode ter as duas coisas — sussurrou ela, seus olhos ficando ainda mais arregalados. — Você não pode ter as duas coisas. — Ela piscou e focou em Bellamy. — Você não pode ter uma mãe e uma irmã.

Glass subiu o último lance de escada e virou em seu corredor. Não estava preocupada em ser parada pelos guardas por violar o toque de recolher. Tinha a sensação de estar flutuando, seus passos leves como plumas enquanto seguia na direção de seu apartamento. Ela levou a mão até os lábios, onde a memória do beijo de Luke ainda permanecia, e sorriu.

Já tinha passado um pouco das três horas da manhã; a nave estava vazia e as luzes no corredor tinham um brilho fraco. Se afastar de Luke causou uma dor quase física, mas ela sabia que era melhor não arriscar ser descoberta por sua mãe. Se ela pegasse no sono rápido o suficiente, poderia ser capaz de fazer sua mente achar que ela ainda estava com Luke, seu corpo quente e adormecido enroscado ao seu lado.

Ela pressionou o polegar contra o painel na porta e entrou rapidamente.

— Olá, Glass — disse a voz da sua mãe, vindo do sofá.

Glass se engasgou e começou a gaguejar:

— Oi, eu estava... eu... — Ela procurava palavras, tentando pensar numa razão plausível para estar fora de casa no meio da noite. Mas não conseguia mentir; não mais, não sobre isso.

Elas ficaram paradas em silêncio por um longo momento e, embora não pudesse distinguir a expressão no rosto de sua mãe, Glass podia sentir sua confusão e sua raiva se propagando na escuridão.

— Você estava com ele, não estava? — perguntou Sonja finalmente.

— Sim — respondeu Glass, aliviada por contar a verdade. — Mãe, eu o amo.

Sua mãe se aproximou, e Glass percebeu que ela ainda estava usando um vestido de noite preto, o contorno do batom descolorido em sua boca e traços moribundos de perfume no ar.

— Onde você estava hoje à noite? — perguntou Glass, aborrecida. Aquilo era exatamente como no ano anterior. Desde que seu pai a tinha abandonado, sua mãe quase não ficava mais presente, passando todas as horas da noite fora e algumas vezes dormindo durante o dia. Mas agora Glass não tinha a energia para ficar envergonhada ou mesmo irritada com o comportamento dela. Tudo o que conseguia sentir era uma leve pontada de tristeza.

Os lábios de Sonja se contorceram numa aproximação macabra de um sorriso: — Você não tem ideia do que fiz para protegê-la — disse ela. — Você precisa ficar longe daquele rapaz.

— Aquele rapaz? — Glass se encolheu. — Eu sei que você acha que ele é apenas...

— Já chega — retrucou a mãe. — Você não percebe como tem sorte por simplesmente estar aqui? Não vou deixá-la morrer por causa de um lixo de Walden que seduz garotas de Phoenix e então as abandona.

— Ele não é assim! — exclamou Glass, sua voz ficando estridente. — Você nem o conhece.

— Ele não se importa. Você estava pronta para morrer a fim de salvá-lo. E enquanto estava no Confinamento, ele provavelmente se esqueceu completamente de você.

Glass se encolheu. Era verdade que Luke tinha começado a namorar Camille enquanto Glass estava no Confinamento. Mas ela não podia culpá-lo, não depois das coisas cruéis que ela tinha dito quando rompeu com ele numa tentativa desesperada de mantê-lo em segurança.

— Glass. — A voz de Sonja tremia com o cansaço de tentar permanecer calma. — Sinto muito por ser dura. Mas com o Chanceler ainda sendo mantido por aparelhos, você precisa ser cuidadosa.

Se ele acordar e tiver qualquer razão, qualquer razão que seja, para revocar seu perdão, ele vai fazer isso. — Ela suspirou. — Não posso deixá-la arriscar sua vida novamente. Você já se esqueceu do que aconteceu da última vez?

Mas obviamente Glass não tinha esquecido. A lembrança era tão permanente quanto as cicatrizes do bracelete em sua pele, algo que ela carregaria pelo resto da vida.

E sua mãe nem sabia de toda a verdade.

Glass ignorou os olhares estranhos dos guardas enquanto passava pelo posto de controle e começava a cruzar a ponte suspensa na direção de Walden. Eles podiam achar que ela estava indo comprar drogas se quisessem. Nenhuma punição que lhe dessem poderia doer mais do que o que ela estava prestes a fazer.

Era o final da tarde, e os corredores estavam felizmente vazios. Luke já teria voltado de seu turno matinal a essa hora, mas Carter ainda estaria no centro de distribuição, onde trabalhava separando embalagens de nutrientes. Glass sabia que era bobeira — Carter a odiava, e odiaria ainda mais quando soubesse que ela tinha partido o coração de Luke —, mas ela não poderia aguentar romper com Luke enquanto Carter estivesse no quarto ao lado.

Ela parou em frente à porta, sem perceber que estava passando a mão na barriga.

Precisava fazer isso agora. Já tinha adiado tantas vezes... Ela juntava a coragem para terminar tudo, então hesitava quando as terríveis palavras chegavam à sua boca. Na próxima vez, sempre prometia a si mesma. Apenas preciso vê-lo mais uma vez.

Mas agora sua barriga estava ficando visivelmente mais redonda. Mesmo comendo metade das rações, estava ficando cada vez mais difícil para Glass disfarçar seu ganho de peso debaixo dos vestidos folgados que causavam risos em Cora. Logo a barriga ficaria visível. E quando aquilo acontecesse, haveria perguntas. O Conselho exigiria saber quem era o pai. Se ela ainda estivesse em contato com Luke, ele descobriria e se ofereceria em alguma tentativa desesperada de salvá-la que acabaria apenas com a morte dos dois.

Você está salvando a vida dele, Glass disse a si mesma quando bateu à porta, percebendo que aquela seria a última vez que estaria naquele local. A última vez que veria Luke sorrir como se ela fosse a última garota no universo. Suas próprias palavras de encorajamento pareciam vazias aos seus ouvidos.

Mas, quando a porta abriu, não era Luke parado ali. Era Carter, vestindo nada além de uma calça de trabalho simples.

— Ele não está aqui — grunhiu Carter, seus olhos se estreitando enquanto notava suas bochechas coradas.

— Ah, desculpe — disse Glass, dando um passo para trás de forma involuntária. — Eu volto mais tarde.

Mas Carter a surpreendeu ao se aproximar e segurar seu braço, envolvendo seu pulso de forma dolorosa.

— Qual é a pressa? — perguntou ele, com um sorriso repentino que fez o estômago de Glass se contorcer. — Entre e espere. Tenho certeza de que ele está apenas atrasado.

Glass se contorceu, esfregando o pulso enquanto entrava no apartamento atrás de Carter. Ela tinha se esquecido de como ele era alto.

— Você não trabalhou hoje? — perguntou ela com sua voz mais educada, se empoleirando na beira do sofá no qual ela e Luke normalmente se sentavam. Seu coração se apertou ao perceber que nunca mais poderia se enroscar com a cabeça em seu ombro ou passar os dedos em seus cachos enquanto ele estava deitado com a cabeça em seu colo.

— Eu não estava com vontade — disse Carter, dando de ombros de forma indiferente.

— Ah — falou Glass, engolindo uma crítica. Se Carter não tomasse cuidado, seria rebaixado mais uma vez, e a única posição abaixo do centro de distribuição era a área de saneamento. — Sinto muito — acrescentou, porque não sabia mais o que dizer.

— Não, você não sente — retrucou Carter, bebendo um gole de uma garrafa sem rótulo. Glass torceu o nariz. Bourbon do mercado negro. — Você é exatamente igual aos outros babacas de Phoenix. Só se importa com você mesma.

— Quer saber, preciso ir — disse Glass, se movendo rapidamente na direção da porta.

— Diga a Luke que o vejo mais tarde.

— Espere — gritou Carter. Glass o ignorou e segurou a maçaneta, mas antes que ela pudesse abrir a porta, o garoto passou a mão por cima de seu ombro e se apoiou para fechá-la com força.

— Deixe-me sair — ordenou Glass, se virando para ele.

O sorriso de Carter se alargou, mandando calafrios pela espinha de Glass.

— Qual é o problema? — perguntou ele, se esticando para esfregar as mãos nos braços de Glass. — Nós dois sabemos o quanto você gosta de ficar com o povão em Walden. Não finja ser tão exigente.

— Do que você está falando? — cuspiu Glass, se contorcendo enquanto tentava inutilmente se libertar.

Ele franziu a testa, afundando os dedos dolorosamente nos braços dela: — Você acha que está sendo tão rebelde, se encontrando escondida com Luke. Mas conheci muitas garotas de Phoenix como você. Vocês são todas iguais. — Ainda segurando um dos braços de Glass, ele começou a passar a mão livre no cós de sua calça.

— Pare — disse Glass, tentando empurrá-lo para longe, terror se espalhando rapidamente por suas veias. Então levantou a voz. — Pare com isso! Tire as mãos de mim!

— Está tudo bem — murmurou Carter, a puxando para mais perto dele e prendendo seus braços sobre a cabeça.

Glass tentou se livrar, mas ele pesava mais do que o dobro dela. Ela se debateu loucamente, tentando acertar uma joelhada no estômago dele, mas estava presa.

— Não se preocupe — continuou Carter, enchendo seu ouvido com hálito azedo. — Luke não vai se importar. Ele me deve essa, depois de tudo que fiz por ele. Além do mais, nós compartilhamos tudo.

Glass abriu a boca para gritar, mas Carter tinha pressionado o corpo contra o dela e não havia ar em seus pulmões. Pontos escuros piscavam diante de seus olhos, e ela se sentiu perdendo a consciência.

Então a porta se abriu, e Carter pulou para trás tão rapidamente que Glass perdeu o equilíbrio e caiu no chão.

— Glass? — perguntou Luke, entrando no apartamento. — Você está bem? O que está acontecendo?

Ela tentou recuperar o fôlego, mas, antes que tivesse tempo de responder, Carter falou do sofá, onde já estava deitado numa atitude de despreocupação calculada: — Sua namorada estava apenas me mostrando o último passo de dança de Phoenix.

— Ele bufou. — Acho que ela precisa de um pouco mais de prática.

Luke tentou olhar nos olhos de Glass, mas ela os desviou. Seu coração batia de forma selvagem, a adrenalina alimentada pelo medo e pela raiva.

— Sinto muito pelo atraso... Fiquei preso conversando com Bekah e Ali — disse Luke enquanto esticava o braço para ajudá-la a se levantar, mencionando o nome de dois de seus amigos do corpo de engenharia que sempre tinham sido simpáticos com Glass. — Ei, o que houve? — perguntou ele em voz baixa quando ela não segurou sua mão.

Depois do que tinha acabado de acontecer, tudo o que ela queria fazer era se jogar nos braços de Luke, permitir que o calor de seu corpo convencesse o corpo dela de que tudo estava bem. Mas ela tinha ido até ali por uma razão. Não podia deixá-lo confortá-la.

— Você está bem? Devemos ir conversar no meu quarto? — perguntou Luke novamente.

Glass olhou na direção de Carter, deixando a fúria e o ódio por ele vir à tona e ferver seu sangue. Ela se levantou.

— Não vou entrar no seu quarto — disse ela, forçando um tom em sua voz que ela não reconhecia. — Nunca mais.

— O quê? O que houve? — perguntou Luke. Ele delicadamente segurou sua mão, mas ela a puxou de volta. — Glass? — A confusão na voz dele era o suficiente para fazer seu coração latejar.

— Acabou — disse ela, chocada com a frieza em sua própria voz. Uma apatia estranha se espalhou por ela enquanto seus nervos se desligavam para protegê-la do sofrimento que certamente a destruiria. — Você realmente achou que isso duraria?

— Glass. — A voz de Luke estava baixa e cansada. — Não sei muito bem do que você está falando, mas podemos continuar essa conversa no meu quarto? — Ele esticou a mão para o braço dela, que se afastou.

— Não. — Ela fingiu tremer de horror, afastando o olhar para que ele não pudesse ver as lágrimas em seus olhos. — Não acredito que o deixei me levar lá em primeiro lugar.

Luke ficou em silêncio, e Glass não conseguiu evitar olhar para ele. Estava olhando

fixamente para ela, os olhos cheios de mágoa. Ele sempre se preocupou com a possibilidade de não ser bom o suficiente para Glass — de estar privando-a de uma vida melhor em Phoenix. E agora ali estava ela, usando os mesmos medos que um dia tinha negado para jogar Luke contra ela.

— É realmente assim que você se sente? — perguntou ele, finalmente. — Achei que nós... Glass, eu te amo — falou ele, desamparado.

— Eu nunca o amei. — Ela forçou as palavras a saírem de sua boca com tanta intensidade que elas pareciam rasgar sua alma. — Você não vê? Isso tudo era apenas um jogo para mim, ver até quando eu poderia continuar até ser descoberta. Mas agora acabou. Estou entediada.

Luke esticou o braço para segurar o queixo de Glass, virando o rosto dela até que seus olhos se encontrassem. Ela podia senti-lo procurando algum sinal de que a verdadeira Glass estava escondida bem lá no fundo.

— Isso não é verdade. — A voz de Luke falhou. — Não sei o que está acontecendo, mas essa não é você. Glass, fale comigo. Por favor.

Por um breve momento, ela vacilou. Poderia lhe contar a verdade. É claro que ele compreenderia e perdoaria todas as coisas horríveis que ela tinha acabado de dizer. Ela apoiaria a cabeça em seu ombro e fingiria que tudo ficaria bem. Eles poderiam encarar isso juntos.

Mas então ela pensou em Luke sendo executado — a injeção letal desligando seu corpo antes de lançá-lo no vazio frio do espaço.

A única forma de salvar o coração de Luke era partindo-o.

— Você nem mesmo me conhece — disse ela, se esquivando do toque, a dor da aflição rasgando seu peito. — Aqui — completou, lutando contra as lágrimas enquanto passava a mão pela nuca para abrir o fecho da corrente que prendia seu medalhão —, não quero mais isso.

Enquanto colocava a joia na mão de Luke, ele olhava para ela sem palavras, o choque e mágoa entalhados como linhas nítidas em seu rosto.

Ela não estava totalmente consciente quando saiu correndo pela porta e a fechou com força, então saiu em disparada pelo corredor, se concentrando no som oco de seus passos ao cruzar a ponte suspensa. Esquerda, direita, esquerda, direita. Apenas chegue em casa, disse Glass a si mesma. Apenas chegue em casa e você pode chorar.

Mas no momento em que virou a esquina, ela tropeçou e caiu no chão, com as duas mãos segurando a barriga.

— Sinto muito — sussurrou Glass delicadamente, sem saber se estava falando com o bebê, com Luke ou com seu próprio coração machucado e destruído.

A tensão na barraca da enfermaria estava tão pesada que Clarke podia praticamente senti-la em seu peito quando respirava.

Ela permanecia em silêncio ao lado de Thalia, tentando em vão combater a infecção que já tinha atacado seus rins e parecia determinada a tomar seu fígado em seguida, fervendo com uma fúria silenciosa por causa do egoísmo de Octavia. Como ela podia ficar sentada ali, observando Thalia ganhar e perder a consciência, e não devolver os medicamentos roubados?

Mas então ela olhou para o canto, onde Octavia estava deitada, enroscada. Suas bochechas redondas e seus cílios espessos a faziam parecer dolorosamente jovem, e a raiva de Clarke foi substituída por dúvida e culpa. Talvez Octavia não tivesse feito aquilo. Mas se não tinha sido ela, quem fora?

Seus olhos baixaram para o bracelete que envolvia seu pulso. Se Thalia pudesse apenas esperar até a próxima onda de colonos chegar, ela ficaria bem. Mas não havia como saber quando aquilo aconteceria. O Conselho esperaria até ter dados conclusivos sobre os níveis de radiação, independentemente do que estivesse acontecendo na Terra.

A morte de Thalia, ela sabia, importaria tão pouco ao Conselho quanto tinha importado a morte de Lilly. Órfãos e criminosos não contavam.

Enquanto observava a respiração cansada de Thalia, Clarke sentiu uma explosão de fúria incandescente. Ela se recusava a ficar sentada ali e apenas esperar sua amiga morrer. Os humanos não tinham curado doenças durante milênios antes de descobrir a penicilina? Tinha que haver algo na floresta que combatesse infecções. Ela tentou se lembrar do pouco que tinha aprendido sobre plantas na aula de biologia da Terra. Como saber se aquelas plantas ainda existiam — tudo parecia ter evoluído de forma estranha depois do Cataclismo. Mas ela tinha que pelo menos tentar.

— Voltarei logo — sussurrou ela para sua amiga adormecida. Então, sem dizer uma palavra ao garoto arcadiano parado do lado de fora, Clarke saiu correndo da enfermaria e começou a caminhar na direção das árvores, sem se importar em pegar nada na barraca de suprimentos para não atrair atenção indesejada. Mas ela não conseguiu andar mais do que dez metros antes que uma voz familiar arranhasse seus tímpanos.

— Aonde você vai? — perguntou Wells enquanto a alcançava.

— Vou procurar plantas medicinais. — Ela estava cansada demais para mentir para Wells, e não importava de qualquer forma; ele sempre descobria suas mentiras. De alguma forma, o moralismo que o cegava às verdades mais flagrantes não o impedia de ler os segredos nos olhos dela.

— Vou com você.

— Estou bem sozinha, obrigada — disse Clarke, apertando o passo, como se aquilo realmente pudesse deter o rapaz que tinha viajado o sistema solar para ficar com ela. — Você fica aqui para o caso de precisarem de alguém para liderar uma multidão furiosa.

— Você está certa. As coisas saíram um pouco de controle ontem à noite — falou

ele, com a testa franzida. — Eu não queria que nada ruim acontecesse a Octavia. Queria apenas ajudar. Sei que você precisa daqueles medicamentos para Thalia.

— Você queria apenas ajudar. Já ouvi essa antes. — Clarke se virou rapidamente a fim de ficar de frente para Wells. Ela não tinha tempo ou energia para lidar com a necessidade de redenção dele naquele momento. — Adivinhe o que aconteceu, Wells. Alguém acabou Confinado dessa vez também.

Wells parou, e Clarke virou a cabeça com violência, incapaz de ver a mágoa em seus olhos. Mas ela se recusava a deixar que ele a fizesse se sentir culpada. Nada que ela pudesse dizer poderia começar a se aproximar da dor que ele tinha causado.

Clarke olhou fixamente para a frente enquanto se embrenhava nas árvores, ainda parcialmente esperando escutar o som de passos atrás dela. Mas dessa vez havia apenas o silêncio.

Quando chegou ao riacho, a fúria que Clarke tinha carregado consigo para dentro da floresta tinha sido substituída por desespero. A cientista dentro dela estava envergonhada por sua própria ingenuidade. Tinha sido tolice achar que de alguma forma reconheceria uma planta de uma aula que tinha assistido há seis anos, e ainda mais tolice achar que ela teria a mesma aparência depois de tanto tempo. Mas Clarke se recusou a voltar, reprimida parcialmente por seu próprio orgulho teimoso e parcialmente por um desejo de evitar Wells o quanto fosse possível.

Estava muito frio para caminhar pela água, então ela subiu a inclinação e seguiu pelas montanhas a fim de cruzar para o outro lado. Era o máximo que já tinha se afastado do acampamento, e havia uma sensação diferente ali; o ar tinha até um gosto de certa forma diferente do que perto da clareira.

Ela fechou os olhos, esperando que aquilo a ajudasse a identificar o estranho redemoinho de aromas que ela não tinha palavras para descrever. Era como tentar recuperar uma memória que não tinha sido dela.

O solo era mais plano ali do que ela tinha visto em qualquer outro lugar da floresta. Mais adiante, os espaços entre as árvores ficavam ainda maiores, e as próprias árvores pareciam se dividir em linhas retas de cada lado, como se pudessem sentir a presença de Clarke e tivessem aberto caminho para deixá-la passar.

Clarke começou a arrancar uma folha com formato de estrela de uma árvore, então congelou quando um brilho chamou sua atenção. Algo aninhado entre duas enormes árvores estava refletindo a luz fraca do sol.

Ela deu mais um passo adiante, seu coração disparado.

Era uma janela.

Clarke começou a andar naquela direção lentamente, sentindo como se estivesse dentro de um sonho. A janela era emoldurada por duas árvores, que devem ter crescido a partir das ruínas da estrutura, qualquer que ela tivesse sido. Mas o vidro não era transparente. Enquanto se aproximava, ela viu que a janela era na verdade feita de pedaços diferentes de vidro colorido que tinham sido arrumados para criar uma imagem, embora houvesse pedaços demais faltando para dizer qual tinha sido a imagem.

Ela esticou a mão e delicadamente passou o dedo no vidro, tremendo enquanto o frio penetrava em seus dedos. Era como tocar num cadáver. Por um instante, ela se pegou

desejando que Wells estivesse com ela. Por mais furiosa que estivesse com ele, nunca o privaria da chance de ver uma das ruínas sobre as quais ele tinha passado toda sua vida sonhando.

Ela se virou e passou ao lado de uma das grandes árvores. Havia outra janela, mas essa tinha sido quebrada, fragmentos afiados de vidro cintilando no chão. Clarke se aproximou e agachou para olhar o interior. A abertura com pontas cortantes era quase grande o suficiente para que ela deslizasse seu corpo para o interior. O sol estava apenas começando a se pôr e os raios alaranjados pareciam entrar pela abertura, revelando o que tinha a aparência de um chão de madeira. Todos os instintos no corpo de Clarke estavam gritando para ela se afastar, mas ela não conseguia se obrigar a parar.

Tomando cuidado para não deixar sua pele tocar o vidro, Clarke passou a mão pela abertura da janela e esfregou a mão na madeira. Nada aconteceu. Ela fechou os dedos num punho e deu uma pancada seca, tossindo quando uma nuvem de poeira se ergueu. Parecia sólido. Ela fez uma pausa, pensando. A construção tinha sobrevivido até então. Certamente seria capaz de suportar seu peso.

Cuidadosamente, ela passou uma perna pela abertura, então a outra. Prendeu a respiração, mas nada aconteceu.

Quando levantou os olhos e observou o que estava à sua volta, Clarke soltou uma exclamação.

As paredes se erguiam de todos os lados, convergindo num ponto muitos metros acima de sua cabeça, mais alto até mesmo do que o teto sobre os campos solares. Não estava tão escuro quanto ela esperava. Havia janelas ao longo da outra parede, que ela não tinha sido capaz de ver antes. Essas eram feitas de vidro transparente, mas não estavam quebradas. Raios de sol entravam, iluminando milhões de partículas de poeira que dançavam no ar.

Clarke se levantou lentamente. Havia um corrimão à sua frente que seguia paralelo ao chão, na altura da cintura. Ela deu alguns passos hesitantes e arfou, se assustando novamente enquanto o som ecoava bem acima de sua cabeça.

Ela estava parada numa varanda que ficava de frente para um enorme espaço aberto. Estava quase completamente escuro, provavelmente porque a maior parte da construção estava agora debaixo da terra, mas ela podia distinguir o contorno de bancos. Ela não se aventurou a se aproximar mais da borda para olhar melhor, mas, à medida que seus olhos se ajustavam à escuridão, mais formas ficavam em foco.

Corpos.

A princípio ela achou que tinha apenas imaginado, que sua mente estava usando as sombras para lhe pregar peças. Ela fechou os olhos e desejou não ser tão tola. Mas quando os abriu novamente, as formas eram as mesmas.

Dois esqueletos estavam caídos sobre um dos bancos e outro, menor, estava deitado aos seus pés. Embora não houvesse como saber se os ossos tinham sido movidos, até onde ela podia dizer, essas pessoas tinham morrido agrupadas. Será que vinham tentando se manter aquecidas enquanto os céus escureciam e o inverno nuclear se estabelecia? Quantas pessoas tinham sido deixadas nessa situação?

Clarke deu mais um pequeno passo adiante, mas dessa vez a madeira rangeu

perigosamente. Ela congelou e começou a voltar lentamente. Mas um estalo potente soou no silêncio e, com um movimento abrupto, o chão desabou debaixo dela.

Ela balançou as mãos de forma selvagem, se segurando à beira da varanda enquanto o corrimão e o chão despencavam. Suas pernas balançavam num grande espaço aberto enquanto os pedaços caíam com um baque na pedra muito abaixo.

Ela gritou, um berro alto e indistinto que subiu até o teto e dissipou, se juntando aos fantasmas de quaisquer outros gritos que ainda pairavam na poeira. Seus dedos começaram a deslizar.

— Socorro! — Usando cada grama de força em seu corpo, ela tentou se erguer, seus braços tremendo por causa do esforço, mas suas mãos estavam escorregando. Ela começou a gritar novamente, mas já não havia mais ar em seus pulmões, e a palavra morreu em seus lábios antes que ela percebesse que tinha sido o nome de Wells.

Wells partiu em disparada quando o grito de Clarke incendiou todos os nervos de seu corpo. Tinha sido difícil seguir Clarke pela floresta, especialmente por ele ter que manter distância — ela teria ficado furiosa se o tivesse visto. Mas agora ele estava voando sobre a grama, e mal podia sentir suas botas batendo no chão. Ele tinha acabado de chegar à janela com o vitral quando um segundo grito mais alto encheu o ar.

— Clarke! — berrou ele, enfiando a cabeça pela fresta do vidro quebrado. Estava escuro no interior da ruína, mas não havia tempo para pegar a lanterna. À sua frente ele podia apenas distinguir dedos se segurando a uma saliência. Wells se jogou para dentro, caindo com um baque sobre uma plataforma de madeira, então deslizou para a frente de barriga, esticando o braço sobre a beirada para envolver um dos pulsos de Clarke enquanto se agarrava à parede de pedra para se apoiar. — Segurei você — disse ele.

Mas ele falou cedo demais. Uma das mãos dela escorregou e agora ele estava segurando todo o peso dela. Ele podia sentir seu corpo deslizando na direção da beira.

— Clarke! — gritou ele novamente. — Agente firme!

Com um grunhido, ele conseguiu se sentar, então pressionou um pé contra a parede. Sua mão estava suando, e ele podia sentir que ela estava escapando de seus dedos.

— Wells — gritou ela. Sua voz esganiçada ecoou pelo espaço cavernoso, fazendo soar como se houvesse uma centena de Clarkes em apuros.

Ele rangeu os dentes e puxou, arfando com alívio e exaustão quando a outra mão de Clarke voltou a segurar seu braço:

— Você está quase. Vamos lá.

Ela posicionou os cotovelos sobre a plataforma de madeira e ele se esticou para segurar seu braço, puxando o resto de seu corpo sobre a saliência. Eles caíram embotados contra uma parede de pedra.

Clarke estava soluçando enquanto lutava para recuperar o fôlego.

— Está tudo bem — disse Wells, passando o braço em volta dela. — Você está bem. — Ele esperou que ela recuasse ao sentir seu toque, mas, ao invés disso, ela se afundou em seus braços.

Wells a abraçou com mais força.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela dentro de seu abraço, sua voz abafada. — Eu achava... eu esperava...

— Eu a segui... estava preocupado — falou Wells contra o cabelo dela. — Eu nunca poderia deixar nada acontecer a você. De forma alguma. — Ele falava sem pensar, mas enquanto as palavras saíam, ele sabia que elas eram sinceras. Mesmo se ela beijasse outra pessoa, mesmo se quisesse estar com outra pessoa, sempre poderia contar com ele.

Clarke não falou nada, mas permaneceu nos braços de Wells.

Wells a abraçou, morrendo de medo de dizer qualquer coisa e acabar com esse momento rápido demais, seu alívio se expandindo em alegria. Talvez ele tivesse uma

chance de recuperá-la. Talvez, aqui nas ruínas do velho mundo, eles pudessem começar algo novo.

Ele começaria deixando os desgraçados morrerem de fome. Então, talvez quando eles estivessem todos tão fracos que tivessem que se arrastar até ele para pedir perdão, ele pensaria na possibilidade de sair para caçar. Mas eles teriam que se contentar com um esquilo ou outro animal pequeno — de forma alguma ele mataria outro cervo para eles.

Bellamy tinha passado a noite acordado, observando a barraca da enfermaria para se assegurar totalmente de que ninguém chegaria nem perto de sua irmã. Agora que a manhã tinha chegado, ele tinha recorrido a andar de um lado para o outro no perímetro do acampamento. Tinha energia demais para ficar sentado sem fazer nada.

Bellamy se aproximou da linha de árvores, sentindo seu corpo relaxar levemente enquanto as sombras o cobriam. Durante as últimas semanas, tinha descoberto que apreciava a companhia de árvores mais do que a de pessoas. Ele tremeu quando uma brisa soprou contra sua nuca, e olhou para o alto. Os pedaços de céu visíveis através dos galhos estavam começando a fechar, ganhando um tom cinzento, e o ar repentinamente parecia diferente — quase úmido. Ele abaixou a cabeça e continuou a andar. Talvez a Terra já tivesse se cansado de suas palhaçadas e estivesse iniciando um segundo inverno nuclear.

Ele se virou e começou a vagar na direção do riacho, onde normalmente havia pegadas de animais para seguir. Mas então um lampejo de movimento numa árvore a alguns metros de distância chamou sua atenção e ele parou.

Algo vermelho vivo estava balançando no vento. Poderia ser uma folha, a não ser pelo fato de não existir nada com uma cor próxima àquela por perto. Bellamy apertou os olhos, então se aproximou alguns passos, sentindo um estranho arrepio na nuca. Era a fita de cabelo de Octavia.

Aquilo não fazia absolutamente nenhum sentido — ela não ia à floresta há dias —, mas ele a reconheceria em qualquer lugar. Havia algumas coisas que não podiam ser esquecidas.

Os corredores estavam escuros enquanto Bellamy subia, apressado, as escadas para chegar a seu apartamento. Tinha valido a pena ficar fora de casa até depois do toque de recolher, contanto que ele não fosse pego. Ele tinha entrado por um velho duto de ar, pequeno demais para qualquer adulto, e chegado a um depósito abandonado do qual ele tinha ouvido falar na plataforma C. O salão estava cheio de todos os tipos de tesouros: um chapéu com aba e um pássaro engraçado no topo; uma caixa que trazia os dizeres **ABDOMINAIS EM OITO MINUTOS** impressos nela, o que quer que aquilo significasse; e uma fita vermelha que ele tinha encontrado amarrada à alça de uma mala estranha com rodas. Bellamy tinha trocado suas outras descobertas por pontos de ração, mas ficou com a fita, embora ela fosse alimentá-los por um mês. Queria dá-la a Octavia.

Ele pressionou seu polegar contra o scanner e cuidadosamente abriu a porta, então congelou. Alguém estava se movendo no interior. Sua mãe estava normalmente dormindo a essa hora. Ele se aproximou em silêncio, apenas o suficiente para ouvir melhor, e se sentiu relaxar quando um som familiar preencheu seus ouvidos. Sua mãe estava cantando

a canção de ninar favorita de Octavia. Algo que ela costumava fazer o tempo todo, sentada no chão e cantando pela porta do armário até que Octavia pegasse no sono. Bellamy suspirou, aliviado. Não parecia que ela estava prestes a gritar com ele, ou pior, ter uma de suas crises de choro que faziam Bellamy querer se esconder no armário com a irmã.

Bellamy sorriu quando entrou em silêncio na sala principal e viu sua mãe ajoelhada no chão.

— Nana, neném, que a Cuca vem pegar, papai foi pra roça, mamãe foi trabalhar. — Outro som vagava pela escuridão, um chiado abafado. Será que o sistema de ventilação estava com problemas novamente? Ele se aproximou um passo. — Desce gatinho, de cima do telhado, pra ver se a criança dorme um sono...

Bellamy ouviu algo novamente, embora dessa vez soasse mais como uma arfada.

— Mãe? — Ele deu outro passo. Ela estava agachada sobre algo no chão. — Mãe — berrou ele, partindo para cima dela.

Sua mãe estava com as mãos no pescoço de Octavia e, mesmo na escuridão, Bellamy podia ver que o rosto da irmã estava azul. Ele empurrou a mãe para o lado e segurou Octavia nos braços. Por um segundo, no qual seu coração parou, ele teve certeza de que ela estava morta, mas então ela se contorceu e começou a tossir. Bellamy soltou o ar e seu coração começou a bater, disparado.

— Estávamos apenas fazendo uma brincadeira — disse sua mãe com a voz fraca. — Ela não conseguia dormir, então estávamos fazendo uma brincadeira...

Bellamy trouxe Octavia para mais perto de si, fazendo sons reconfortantes e olhando para a parede enquanto uma sensação estranha tomava conta dele. Ele não sabia exatamente o que sua mãe estava fazendo, mas tinha certeza de que ela tentaria novamente.

Bellamy ficou nas pontas dos pés e esticou o braço na direção da fita. Seus dedos envolveram o cetim familiar, mas, quando tentou tirá-lo dali, percebeu que o enfeite não estava apenas preso no galho — ele tinha sido amarrado ali.

Será que alguém tinha encontrado a fita e a amarrado à árvore para guardá-la em segurança? Mas por que não teriam apenas a levado de volta ao acampamento? Ele distraidamente passou a mão no galho, deixando a casca áspera arranhar sua pele enquanto seguia uma linha que ia do galho até o tronco. Mas então congelou. Seus dedos estavam pairando sobre a borda de um buraco na madeira, de onde um naco de madeira tinha sido arrancado. Havia algo saindo de dentro — um ninho de passarinho, talvez?

Bellamy segurou a borda e puxou, observando horrorizado enquanto os medicamentos que ele e Clarke tinham descoberto caíram de dentro. Os comprimidos, as seringas, os frascos — tudo estava espalhado na grama aos seus pés. Seu cérebro disparou em busca de uma explicação, qualquer coisa para escoar o pânico que se juntava no seu peito.

Ele caiu na grama com um gemido e fechou os olhos.

Era verdade. Octavia tinha roubado os medicamentos. Ela os tinha escondido na árvore e usado sua fita de cabelo como marcador para poder achá-los novamente. Mas ele não conseguia imaginar por que ela fizera isso. Será que ficara preocupada com o que aconteceria se um deles ficasse doente? Talvez ela estivesse planejando levar os

suprimentos com eles quando partissem sozinhos.

Mas então as palavras de Graham ecoaram em seus ouvidos. Não podemos deixar ninguém mais morrer apenas porque sua irmãzinha é uma drogada.

O garoto designado para montar guarda do lado de fora da barraca de enfermaria tinha adormecido.

Ele mal conseguiu se levantar e balbuciar um rápido “ei, você não pode entrar aí” antes de Bellamy passar correndo pela fresta. Ele olhou em volta para confirmar que a barraca estava vazia a não ser pela amiga doente de Clarke, que dormia, então seguiu até a cama de Octavia, onde ela estava sentada de pernas cruzadas, fazendo tranças no cabelo.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — perguntou ele com a expressão séria.

— De que você está falando? — A voz de Octavia era uma mistura de tédio com irritação, como se ele estivesse cobrando os deveres da escola como sempre fazia quando ia vê-la no centro de custódia.

Bellamy jogou a fita sobre sua cama, se encolhendo ao ver o horror se alastrar pelo rosto de Octavia.

— Eu não... — gaguejou ela. — Não foi...

— Pare de palhaçada, O — exclamou ele. — Agora você pode terminar de fazer tranças enquanto uma garota morre na sua frente.

Os olhos de Octavia focaram em Thalia, então se abaixaram.

— Eu não achei que ela estava realmente tão doente — respondeu ela suavemente. — Clarke já tinha dado o remédio. Quando percebi que ela precisava de mais, já era muito tarde. Não posso confessar agora. Você viu como eles estavam. Eu não sabia o que fariam comigo. — Quando ela olhou para cima novamente, seus olhos azuis estavam cheios de lágrimas. — Até mesmo você me odeia agora, e é meu irmão.

Bellamy suspirou e se sentou ao lado dela:

— Eu não te odeio. — Ele segurou sua mão e apertou de leve. — Simplesmente não compreendo.

Por que você fez isso? A verdade dessa vez, por favor.

Octavia ficou em silêncio, e ele podia sentir que a pele dela estava ficando suada enquanto ela começava a tremer.

— O? — Ele soltou a mão da irmã.

— Eu precisava daquilo — afirmou ela, com a voz fraca. — Não consigo dormir sem eles. — Ela parou e fechou os olhos. — No começo, era apenas à noite. Eu sempre tinha sonhos terríveis, então a enfermeira do centro de custódia me dava remédios para ajudar a dormir, mas piorou. Houve vezes em que eu não conseguia respirar, sentia que todo o universo estava se fechando ao meu redor, me esmagando. A enfermeira não me dava mais remédios, mesmo quando eu pedia, então comecei a roubar comprimidos. Era a única coisa que me fazia sentir melhor.

Bellamy olhou fixamente para ela.

— Foi isso que você foi descoberta roubando? — perguntou ele lentamente, a percepção o surpreendendo. — Não foi comida para as crianças mais novas no centro de

custódia. Foram comprimidos.

Octavia não falou nada, apenas balançou a cabeça, os olhos cheios de lágrimas.

— O — continuou Bellamy, suspirando —, por que você não me contou?

— Eu sei o quanto você se preocupa comigo. — Ela respirou fundo. — Sei que quer me proteger o tempo todo. Não quero que você ache que fracassou.

Bellamy sentiu a dor se propagando de um ponto atrás de seu coração. Ele não sabia qual doía mais: o fato de sua irmã ser viciada em drogas ou de ela não ter lhe dito a verdade porque ele tinha sido tão ofuscado pela insana necessidade de cuidar dela. Quando ele finalmente falou, sua voz estava rouca:

— E o que fazemos agora? — perguntou ele. Pela primeira vez na vida, ele não fazia ideia de como ajudar a irmã. — O que acontecerá quando devolvermos os medicamentos?

— Eu ficarei bem. Preciso apenas aprender a viver sem eles. Já é mais fácil aqui. — Ela esticou o braço e segurou a mão do irmão, olhando para ele com uma expressão estranha, quase de súplica.

— Você se arrependeu de ter vindo até aqui por mim?

— Não — disse Bellamy firmemente, balançando a cabeça. — Apenas preciso de um tempo para processar tudo. — Ele se levantou, então olhou para a irmã. — Mas você precisa se assegurar de que Clarke fique com os medicamentos. Você tem que ser a pessoa a falar com ela. Estou falando sério, O.

— Eu sei. — Ela balançou a cabeça, então se virou para Thalia e pareceu murchar um pouco. — Farei isso hoje à noite.

— Certo. — Suspirando, Bellamy saiu da barraca para a clareira. Quando chegou à linha de árvores, ele respirou fundo, permitindo que o ar úmido entrasse em seu peito dolorido. Ele inclinou a cabeça para trás e deixou o vento soprar sobre sua pele ruborizada. Agora que o céu estava desobstruído das árvores, parecia ainda mais escuro, quase preto. De repente, uma linha de luz desceu pelo céu, seguida de um estrondo ressonante que fez a terra tremer. Bellamy tomou um susto, e gritos tomaram conta da clareira. Mas eles foram rapidamente afogados por outro ribombar ensurdecedor, esse mais alto do que o primeiro, como se o céu estivesse prestes a cair sobre a Terra.

Então algo realmente começou a cair. Gotas escorriam por sua pele, pingando de seu cabelo e rapidamente encharcando as roupas. Chuva, percebeu Bellamy, chuva de verdade. Ele inclinou a cabeça na direção do céu e, por um instante, seu encanto afogou todo o resto — a raiva de Graham, Wells e Clarke, a preocupação com sua irmã, os gritos dos jovens idiotas que não sabiam que a chuva era inofensiva. Ele fechou os olhos, deixando a água limpar a terra e o suor sobre sua pele. Por um segundo, ele se deixou imaginar que a chuva poderia levar tudo embora: o sangue, as lágrimas, o fato de ele e Octavia terem fracassado um com o outro. Eles poderiam começar do zero, tentar novamente.

Bellamy abriu os olhos. Ele estava sendo ridículo, sabia disso. A chuva era apenas água, e não existia essa história de começar do zero. Esse era o problema dos segredos — você tinha que carregá-los consigo para sempre, independentemente do custo.

Enquanto ela cruzava a ponte suspensa, a terrível percepção de que sua mãe estava certa fazia peso no coração de Glass. Ela não podia arriscar um único passo em falso — não por ela, mas por Luke.

E se o Chanceler acordasse e revogasse seu perdão e então Luke fizesse algo estúpido, admitindo a verdade sobre a gravidez? Era como se a história estivesse se repetindo e, ainda assim, ela sabia que sempre faria a mesma escolha. Sempre escolheria proteger o rapaz que amava.

Ela vinha evitando Luke há vários dias, embora ele tivesse sido convocado para tantos turnos emergenciais ultimamente que ela não sabia muito bem se ele ao menos tinha percebido. Ela tinha finalmente combinado de encontrá-lo no apartamento dele naquela noite, e a ideia de ele a receber com um sorriso fazia seu peito doer. Pelo menos dessa vez não haveria nenhum truque, nenhuma mentira. Ela simplesmente lhe contaria a verdade, por mais difícil que fosse. Talvez ele procurasse conforto em Camille novamente, e tudo aquilo completaria um ciclo. O pensamento veio com uma pontada aguda, mas Glass o ignorou e continuou andando.

Enquanto ela se aproximava do lado mais afastado da ponte suspensa, seus olhos se fixaram num pequeno grupo reunido perto do posto de controle. Alguns guardas estavam parados conversando num círculo próximo enquanto um grande número de civis cochichava e apontava para algo atrás da grande janela repleta de estrelas que acompanhava o corredor. Glass de repente reconheceu alguns dos guardas — eram da equipe de Luke, integrantes do corpo de engenharia da guarda de elite. A mulher de cabelos grisalhos que mexia os dedos rapidamente no ar, manipulando um holo-diagrama em frente ao seu rosto, era Bekah. Ao seu lado estava Ali, um rapaz de pele escura e olhos verdes brilhantes fixos atentamente na imagem que Bekah estava criando.

— Glass! — exclamou Ali calorosamente, levantando os olhos enquanto ela se aproximava. Ele deu uma corrida curta e segurou as mãos dela dentro das suas. — É ótimo ver você. Com está?

— Estou... bem — gaguejou ela, confusa. Quanto eles saberiam? Será que a estavam cumprimentando como a ex-namorada de Luke, a garota arrogante de Phoenix que tinha partido seu coração, ou a namorada de Luke condenada-fugitiva? De qualquer forma, Ali estava sendo muito mais gentil do que ela merecia.

Bekah ofereceu um sorriso rápido a Glass e voltou aos seus diagramas, franzindo a testa enquanto rodava uma planta tridimensional que parecia complicada.

— Onde está Luke? — perguntou Glass enquanto olhava de um lado para o outro. Se eles ainda estavam de plantão, ele também não estaria em casa.

Ali apontou para fora da janela com um sorriso: — Olhe para fora.

Glass se virou lentamente, cada átomo em seu corpo se transformando em gelo. Ela já sabia o que veria. Dois vultos em trajes espaciais estavam flutuando do lado de fora, cada um preso à nave por uma corda fina. Eles tinham conjuntos de ferramentas

afivelados às suas costas e estavam usando as mãos cobertas por luvas para se mover ao longo da ponte suspensa.

Como se estivesse num transe, Glass se aproximou lentamente e encostou o rosto na janela. Ela assistiu horrorizada enquanto os dois vultos gesticulavam entre si, então desapareceram debaixo da ponte suspensa. A unidade de Luke era responsável por consertos cruciais, mas ele era apenas um integrante novato da equipe quando eles estavam namorando no ano anterior. Ela sabia que ele tinha sido promovido, mas não fazia ideia de que ele sairia em passeios espaciais tão cedo.

Pensar nele do lado de fora — nada o separando do vazio frio do espaço a não ser uma corda risivelmente fina e um traje pressurizado — deixava Glass tonta. Ela se segurou ao corrimão para se equilibrar, fazendo uma prece silenciosa às estrelas para mantê-lo em segurança.

Ela não saía do apartamento havia duas semanas. Nem mesmo suas roupas mais folgadas eram capazes de esconder a protuberância que tinha emergido com rapidez alarmante. Glass não sabia ao certo até quando sua mãe seria capaz de dar desculpas por ela. Tinha parado de responder as mensagens de seus amigos e, depois de algum tempo, eles tinha parado de mandá-las. Todos menos Wells, que entrava em contato com ela todos os dias sem falta.

Glass abriu sua fila de mensagens para reler o bilhete que ele tinha enviado a ela naquela manhã.

Sei que algo deve estar errado e espero que você saiba que sempre pode contar comigo para o que precisar. Mas, mesmo se você não quiser (ou puder) responder, vou continuar a encher sua fila com minhas divagações idiotas, porque, independentemente do que tiver acontecido, você ainda é minha melhor amiga e nunca vou parar de desejar que você estivesse aqui.

O resto do bilhete seguia falando sobre as frustrações de Wells com o treinamento para oficial, então terminava com algumas alusões misteriosas a algo a respeito de Clarke. Glass esperava que nada estivesse seriamente errado — Clarke precisava perceber como ela tinha sorte. Ela nunca encontraria um rapaz mais doce e inteligente em Phoenix. Embora o prêmio de rapaz mais doce e inteligente da Colônia fosse para Luke. Luke, que não estava mais em sua vida.

A única coisa que mantinha Glass sã era a presença que crescia dentro dela.

Colocando a mão na barriga, Glass sussurrava para o bebê, dizendo a ele novamente — ela tinha certeza, de alguma forma, de que era um menino — o quanto o amava.

De repente, Glass ouviu uma batida na porta, e se apressou em se levantar para tentar correr até o quarto e se trancar lá dentro. Mas os três guardas já tinham arrombado a porta.

— Glass Sorenson — falou um deles grosseiramente, os olhos viajando até sua barriga flagrantemente óbvia. — Você está presa por violação da Doutrina Gaia.

— Por favor, apenas me deixem explicar. — Ela se engasgou enquanto o pânico jorrava dentro dela. Era como se ela estivesse se afogando. A sala estava rodando e era difícil dizer quais palavras estavam saindo de sua boca e quais estavam passando por sua cabeça freneticamente.

Num piscar de olhos, um dos guardas segurou seus braços e imobilizou-os nas suas costas enquanto outro os prendia com algemas.

— Não — choramingou ela. — Por favor, foi um acidente. — Ela tentou fincar os pés no chão, mas não adiantava. Os guardas a estavam arrastando à força pela sala.

Então um instinto selvagem e frenético tomou conta dela e Glass atacou o guarda que a estava carregando, chutando suas canelas com violência e acertando uma cotovelada em sua garganta. Ele segurou seu ombro com mais firmeza enquanto a arrastava pelo corredor na direção da escadaria.

Um soluço se contorceu dentro dela ao perceber que nunca veria Luke novamente, a certeza a atingindo com a força de um martelo. Suas pernas repentinamente cederam. O guarda que a segurava cambaleou para trás enquanto ela deslizava, tentando mantê-la de pé.

Eu poderia fazer isso, pensou Glass, se aproveitando do desequilíbrio momentâneo do guarda para disparar de forma feroz para a frente. Por um momento breve e brilhante, Glass sentiu a esperança vencendo o pânico. Essa era a sua chance. Ela fugiria.

Mas então o guarda a agarrou por trás e ela perdeu o contato com o chão. Seu ombro bateu com força no patamar entre dois lances de escada e, repentinamente, ela estava rolando a escadaria íngreme, estreita e mal-iluminada.

Tudo ficou escuro.

Quando Glass abriu os olhos novamente, todo o seu corpo doía. Seus joelhos, seus ombros, sua barriga...

Sua barriga. Glass tentou mover as mãos para senti-la, mas elas estavam amarradas à cama. Não, algemadas à cama, ela percebeu com um horror crescente. Claro, porque ela era uma criminosa.

— Ah, querida, você está acordada — falou uma voz calorosa, saudando-a.

Através da visão embaçada, ela podia apenas distinguir o formato de um vulto que se aproximava. Era uma enfermeira.

— Por favor — gemeu Glass. — Ele está bem? Posso segurá-lo?

A mulher parou, e Glass soube o que ela ia falar antes que prosseguisse. Ela já podia sentir o horrível e doloroso vazio dentro dela.

— Sinto muito — disse a enfermeira em voz baixa. Glass mal podia ver sua boca, o que dava a impressão de que a voz estava vindo de algum lugar completamente diferente. — Não conseguimos salvá-lo.

Glass se virou, deixando o metal frio das algemas pressionar furiosamente sua pele, sem se importar com a dor. Qualquer sensação era melhor do que essa, essa tristeza que nunca iria embora.

Finalmente os dois vultos reapareceram ao saírem de debaixo da ponte suspensa. Glass soltou o ar ruidosamente enquanto levava a mão à janela. Há quanto tempo ela estava prendendo a respiração?

— Você está bem? — perguntou uma voz, e, por um momento, Glass imaginou, horrorizada, que estava de volta ao quarto de hospital com a enfermeira. Mas era apenas a amiga de Luke da guarda, Bekah, olhando para ela com preocupação.

Seu rosto estava molhado, Glass percebeu. Ela estava chorando. E nem conseguia se

sentir envergonhada, pois estava muito aliviada por saber que Luke tinha voltado em segurança.

— Obrigada — respondeu Glass, aceitando o lenço que Bekah lhe ofereceu, secando as lágrimas. Do lado de fora, Luke estava voltando à nave pela corda, posicionando uma das mãos cobertas na frente da outra enquanto se movia na direção da câmara de vácuo.

Ao seu redor, vários espectadores começaram a bater palmas e festejar, mas Glass permaneceu junto à janela, seus olhos fixos no local onde ela tinha visto Luke pela última vez. Os pensamentos que Glass tinha carregado consigo até a ponte suspensa pareciam tão distantes quanto um sonho há muito esquecido. Ela não era mais capaz de cortar os laços entre eles dois do que o fio que o prendia à nave. Sem Luke, a vida seria tão vazia e fria quanto o próprio espaço.

— Ei, você. — A voz dele veio de trás dela, e Glass girou, se jogando em seus braços. Sua camisa térmica estava encharcada de suor, os cachos, úmidos e sujos, mas Glass não se importava.

— Fiquei preocupada com você — disse ela, sua voz abafada pela camisa dele.

Ele riu e envolveu-a com mais força, dando um beijo no topo de sua cabeça: — Essa é uma bela surpresa.

Glass olhou para ele, sem se importar com o fato de seus olhos estarem inchados e seu nariz estar escorrendo.

— Está tudo bem — falou Luke, compartilhando um olhar bem-humorado com Ali antes de se voltar a Glass. — Isso faz parte do trabalho.

Seu coração ainda estava batendo muito rápido para ela conseguir falar, então ela apenas assentiu, oferecendo um sorriso envergonhado a Bekah, Ali e os outros.

— Vamos lá — continuou Luke, segurando sua mão e a acompanhando pela ponte suspensa.

Quando eles terminaram de cruzar a fronteira de Walden, a respiração de Glass finalmente voltou ao normal.

— Não acredito que você faz aquilo — falou ela em voz baixa. — Você não fica apavorado?

— É assustador, mas também empolgante. É tão... enorme lá fora. Sei que isso soa um pouco estúpido. — Ele parou, mas Glass balançou a cabeça. Eles dois conheciam espaços fechados, sabiam como era possível se sentir preso dentro deles, mesmo num tão vasto quanto a nave.

— Apenas estou feliz por tudo ter dado certo — disse ela.

— Sim, tudo deu certo. Bem, a maior parte. — Os dedos de Luke afrouxaram em volta dos dela, e sua voz ficou um pouco mais tensa. — Havia algo estranho acontecendo com a câmara de vácuo.

Alguma válvula deve ter se soltado, porque estava liberando oxigênio para fora da nave.

— Mas vocês consertaram isso, não?

— Claro. É para isso que somos treinados. — Ele apertou a mão dela.

De repente, Glass parou, se virando para Luke e ficando nas pontas dos pés para beijá-lo, bem ali no meio de um corredor lotado. Ela não se importava mais com quem os

via. Independentemente do que acontecesse, ela pensou, o beijando com uma necessidade quase desesperada, ela nunca deixaria nada afastá-los novamente.

Bellamy estava olhando fixamente para as chamas bruxuleantes, o burburinho da conversa ao redor se misturando ao crepitar dos galhos. Algumas horas tinham passado desde que ele confrontara Octavia, e até agora não havia nenhum sinal dela. Ele esperava que ela devolvesse os medicamentos logo. Não podia forçá-la a entregá-los, ele sabia, ou o relacionamento entre os dois nunca se recuperaria. Ele tinha que mostrar que confiava nela, que por sua vez tinha que fazer a coisa certa para recuperar aquela confiança.

A chuva tinha parado, mas o chão ainda estava molhado. Algumas brigas começaram por causa das poucas pedras que tinham se tornado assentos VIP em volta da fogueira, mas, em sua maioria, as pessoas pareciam dispostas a tolerar a grama úmida para se sentarem próximas ao calor das chamas.

Algumas garotas tinham descoberto uma terceira opção e estavam agora empoleiradas nos colos de rapazes com expressões convencidas.

Ele examinou o círculo, procurando Clarke. Havia muito mais fumaça do que habitualmente, provavelmente porque toda a lenha estava molhada, e ele demorou alguns momentos para avistar o brilho familiar de seu cabelo dourado-avermelhado. Ele apertou os olhos e percebeu, para sua surpresa, que ela estava sentada ao lado de Wells. Eles não estavam se tocando ou mesmo falando, mas algo tinha mudado entre eles. A tensão que tomava o corpo de Clarke sempre que Wells se aproximava tinha desaparecido e, em vez de disparar olhares magoados e furtivos na direção de Clarke quando ela não estava olhando, Wells encarava calmamente o fogo, com uma expressão satisfeita no rosto.

Uma ponta de ressentimento se instalou no estômago de Bellamy. Ele deveria saber que seria apenas uma questão de tempo até Clarke voltar correndo para Wells. Ele nunca deveria tê-la beijado na floresta. Ele só tinha se importado com uma garota antes — e também havia sido magoado daquela vez.

As nuvens estavam suficientemente espessas para esconder a maioria das estrelas, mas Bellamy inclinou a cabeça para trás de qualquer forma, se perguntando qual aviso eles teriam antes de o próximo módulo de carga chegar. Será que seriam capazes de vê-lo rasgando o ar em sua direção — um clarão de advertência no céu?

Mas então seus olhos foram atraídos por um vulto na escuridão, se movendo em direção do fogo: o contorno sombrio de uma pequena menina com a cabeça erguida. Bellamy se levantou enquanto Octavia entrava no espaço iluminado pelas chamas dançantes, criando uma onda de sussurros ao redor do círculo.

— Ah, pelo amor de deus. — Bellamy ouviu Graham resmungar. — Quem era o idiota que deveria estar vigiando a garota hoje à noite?

Wells olhou para Clarke, então se levantou para ficar de frente para Graham.

— Está tudo bem — disse ele. — Ela pode se juntar a nós.

Octavia parou, desviando os olhos de Wells para Graham enquanto os garotos se encaravam.

Mas antes que qualquer um dos dois tivesse tempo de falar, ela respirou fundo e se

aproximou.

— Tenho algo a dizer — anunciou. Octavia estava tremendo, mas sua voz estava firme.

Os sussurros excitados e murmúrios confusos silenciaram quando quase cem cabeças se viraram na direção de Octavia. Na luz bruxuleante da fogueira, Bellamy podia ver o pânico se alastrando no rosto dela, e sentiu um impulso repentino de correr até seu lado e segurar sua mão. Mas ele forçou seu pé a permanecer enraizado ao chão. Ele havia passado tanto tempo tentando cuidar da garotinha em sua cabeça que nunca tinha tido a chance de conhecer a pessoa que ela se tornara. E, nesse momento, isso era algo que ela tinha que fazer por conta própria.

— É verdade que peguei os medicamentos — começou Octavia. Ela parou para deixar suas palavras fazerem efeito, então respirou fundo e continuou enquanto um ribombar de eu já sabia e não te disse? começava a crescer como um trovão. Octavia contou ao grupo uma versão muito semelhante à história que ela tinha contado a Bellamy mais cedo: como tinha sido difícil crescer no centro de custódia, como sua dependência de remédios tinha se transformado num vício.

Os murmúrios pararam quando a voz de Octavia estalou: — Quando estava na Colônia, nunca achei que estivesse prejudicando alguém. Roubar apenas parecia uma forma de receber o que eu merecia. Eu achava que todos mereciam dormir à noite.

Acordar sem sentir que seus pesadelos tinham deixado cicatrizes dentro da cabeça. — Ela respirou fundo e fechou os olhos. Quando os abriu, Bellamy foi capaz de ver o brilho tímido de lágrimas. — Fui tão egoísta, estava tão assustada. Mas nunca tive a intenção de prejudicar Thalia, ou qualquer um.

— Ela se virou para Clarke e engoliu o soluço que parecia estar se formando em sua garganta. — Sinto muito. Sei que não mereço seu perdão, mas tudo o que posso pedir é que me dê uma chance de começar de novo. — Ela ergueu o queixo e olhou em volta até ver Bellamy, para quem ofereceu um sorriso breve. — Exatamente como todos aqui querem fazer. Sei que muitos de nós fizemos coisas das quais não sentimos orgulho, mas recebemos uma chance de um novo começo. Eu sei que quase arruinei tudo para muitos de vocês, mas gostaria de recomeçar... de me tornar uma pessoa melhor, de ajudar a transformar a Terra no mundo que queremos que ela seja.

O coração de Bellamy se inchou de orgulho. Lágrimas estavam começando a borrar sua visão, embora, se alguém comentasse sobre aquilo, ele fosse colocar a culpa na fumaça. A vida de sua irmã tinha fora cheia de sofrimento e dificuldades desde o início. Ela cometera erros — os dois cometido —, mas mesmo assim tinha conseguido permanecer corajosa e forte.

Por um momento, ninguém falou. Até mesmo o crepitar do fogo diminuiu, como se a própria Terra estivesse prendendo a respiração. Mas então a voz de Graham ecoou no silêncio: — Isso é babaquice.

Bellamy se eriçou enquanto uma centelha de raiva cruzava seu peito, mas ele rangeu os dentes.

Era óbvio que Graham agiria como um idiota em relação àquilo — o que não significava que os outros não tivessem ficado comovidos com o discurso de Octavia. Mas,

em vez de causar zombarias ou sussurros reprovadores, as palavras de Graham deram início a uma maré de consentimento sussurrado que se inchou rapidamente até se transformar em gritos. Ele olhou ao redor enquanto continuava:

— Por que devemos dar duro o dia inteiro cortando madeira, carregando água, fazendo o preciso para manter todos vivos, apenas para uma drogada sem contato com a realidade se aproveitar de todos nós? É como ser...

— Certo, já chega — disse Bellamy, o interrompendo. Ele olhou para Octavia. Seu lábio inferior tinha começado a tremer enquanto seus olhos disparavam em volta da fogueira. — Você explicou seu argumento. Mas há 94 outras pessoas aqui com as próprias opiniões, e elas não precisam que você lhes diga o que pensar.

— Eu concordo com Graham — gritou uma voz de menina. Bellamy se virou e viu uma waldenita de cabelos curtos olhando feio para Octavia. — Nós todos tivemos vidas de merda quando estávamos na Colônia, mas você não vê ninguém mais roubando. — Ela estreitou os olhos. — Quem sabe o que ela vai pegar da próxima vez?

— Vamos todos apenas relaxar. — Clarke tinha se levantado. — Ela se desculpou. Temos que dar uma segunda chance. — Bellamy olhou para ela com surpresa, esperando a explosão de indignação. Afinal de contas, ela fora a pessoa a acusar Octavia em primeiro lugar. Mas, ao olhar para Clarke, tudo o que sentiu foi gratidão.

— Não. — A voz de Graham era dura e, enquanto ele olhava para o círculo à sua volta, seus olhos brilharam com algo além do reflexo da fogueira. Ele se virou para Wells, que estava de pé ao lado de Clarke. — É como você disse: tem que haver algum tipo de ordem, ou não conseguiremos sobreviver.

— Então o que você recomenda? — perguntou Wells. Graham sorriu, e Bellamy sentiu como se alguém tivesse derramado água gelada em suas costas. Olhando fixamente para Graham, ele correu até Octavia e passou o braço em volta da irmã.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou ele.

— Sinto muito — falou Graham, se virando para Bellamy e Octavia. — Mas não temos escolha.

Ela colocou a vida de Thalia em risco. Não podemos correr nenhum risco. Octavia precisa morrer.

— O quê? — balbuciou Bellamy. — Você está louco? — Ele balançou a cabeça de um lado para o outro, esperando ver um mar de rostos igualmente revoltados. Mas, apesar de algumas pessoas estarem olhando para Graham com uma expressão de choque, muitos balançavam a cabeça de forma afirmativa.

Bellamy entrou de forma protetora na frente de Octavia, que estava tremendo violentamente. Ele incendiaria o planeta inteiro antes de deixar qualquer um chegar perto de sua irmã.

— Devemos votar? — Graham ergueu o queixo e acenou com a cabeça para Wells. — Era você que estava tão empolgado em trazer a democracia de volta à Terra. Isso parece justo.

— Não foi isso que sugeri — retrucou Wells. Seu rosto tinha perdido a reticência política, as feições contorcidas com fúria. — Não vamos votar sobre se vamos matar pessoas.

— Não? — Graham levantou uma sobrancelha. — Então seu pai pode fazer isso, mas nós não podemos.

Bellamy se encolheu e fechou os olhos enquanto ouvia sons de concordância por toda a multidão.

Seria exatamente o que ele diria naquela situação, a não ser pelo fato de que Bellamy teria apenas usado aquilo para atingir Wells. Ele nunca realmente proporia matar alguém.

— O Conselho não executa pessoas por diversão. — A voz de Wells tremeu de raiva. — Manter a humanidade viva no espaço exigiu medidas extraordinárias. Algumas vezes cruéis. — Wells fez uma pausa. — Mas temos uma chance de ser melhor do que isso.

— Então o que acontece? — rosnou Graham. — Você vai apenas lhe dar uma palmada e fazer todo mundo jurar pela vovozinha que não vai desobedecer as regras? — Algumas risadas irônicas emergiram na multidão.

— Não. — Wells balançou a cabeça. — Você está certo. É necessário que existam consequências. — Ele respirou fundo. — Vamos bani-los do acampamento — disse ele com a voz firme, mas, ao virar para Bellamy, seus olhos pareciam conter uma mistura estranha de angústia e alívio.

— Bani-los? — repetiu Graham. — Para que eles possam voltar escondidos quando quiserem para roubar mais suprimentos? Isso é ridículo.

Bellamy abriu a boca para falar, mas sua voz foi afogada pelo burburinho crescente das outras vozes. Finalmente, uma garota que Bellamy reconhecia vagamente de Walden se levantou: — Isso parece justo — falou ela, levantando a voz para ser ouvida sobre a multidão, que silenciou enquanto as cabeças se viravam para olhá-la. — Contanto que eles prometam nunca mais voltar.

Bellamy apertou o braço em volta de Octavia, que tinha perdido a força nas pernas. Ele balançou a cabeça:

— Partiremos quando o sol nascer. — Ele se virou a fim de sorrir para Octavia; era isso o que ele tinha planejado desde o início. Então por que ele estava sentindo mais apreensão do que alívio?

O fogo se apagou, e a escuridão cobriu o acampamento como um cobertor, abafando passos e silenciando vozes enquanto figuras sombrias desapareciam em barracas ou carregavam cobertores na direção das bordas da clareira.

Bellamy montou uma cama improvisada para Octavia na ponta mais afastada, perto dos destroços do módulo de transporte. Eles não tinham falado em voz alta, mas nenhum dos dois queria dormir numa barraca aquela noite.

Octavia se enroscou com seu cobertor e fechou os olhos, embora estivesse claro que ela não dormiria. A viagem de volta à floresta com Clarke para recuperar os medicamentos tinha sido tensa.

Ninguém tinha falado, embora Bellamy pudesse sentir os olhos de Clarke fazendo buracos em suas costas enquanto ele as guiava.

Agora ele estava sentado ao lado de Octavia, suas costas encostadas a uma árvore, olhando para a escuridão. Era difícil se acostumar com o fato de que no dia seguinte eles partiriam para sempre.

Um vulto se moveu entre as sombras na direção deles. Wells. Ele tinha o arco de

Bellamy pendurado no ombro.

— Ei — disse Wells em voz baixa enquanto Bellamy se levantava. — Sinto muito pelo que aconteceu lá. Sei que banimento pode parecer severo, mas eu não sabia muito bem o que mais poderia fazer. — Ele suspirou. — Realmente achei que Graham os convenceria a... — As palavras se perderam enquanto seus olhos se fixavam em Octavia. — Não que eu fosse deixar isso acontecer, mas somos apenas dois e eles são muitos.

Bellamy sentiu uma resposta atravessada subir por sua garganta, mas a engoliu. Wells tinha feito a melhor coisa que poderia naquela situação.

— Obrigado.

Eles se entreolharam por um instante, então Bellamy limpou a garganta e continuou: — Escute, eu deveria provavelmente... — Ele fez uma pausa. — Sinto muito pelo seu pai. — Bellamy respirou fundo e se forçou a fitar os olhos Wells. — Espero que ele esteja bem.

— Obrigado — respondeu Wells calmamente. — Eu também espero. — Ele ficou em silêncio por um instante, mas, quando falou novamente, sua voz estava firme. — Sei que você estava apenas tentando proteger sua irmã. Eu teria feito a mesma coisa. — Ele sorriu. — Acho que até certo ponto, fiz. — Wells ofereceu a mão. — Espero que você e Octavia fiquem em segurança fora daqui.

Bellamy apertou sua mão e sorriu com tristeza:

— Não consigo imaginar nada pior do que Graham lá fora. Fique de olho naquele sujeito.

— Farei isso. — Wells assentiu, então se virou e seguiu de volta para a escuridão.

Bellamy se sentou sobre o cobertor e olhou para a clareira. Ele podia apenas distinguir a forma da barraca da enfermaria onde Clarke estaria dando a Thalia o tão aguardado medicamento. Seu estômago se contorceu de forma estranha enquanto pensava novamente sobre a cena junto à fogueira, as chamas bruxuleando sobre o rosto determinado de Clarke. Ele nunca tinha conhecido uma garota que era ao mesmo tempo tão bonita e tão intensa.

Bellamy se deitou com um suspiro e fechou os olhos, se perguntando quanto tempo levaria até ela deixar de ser a última pessoa em quem ele pensaria antes de pegar no sono.

Os antibióticos estavam funcionando. Embora poucas horas tivessem se passado desde que Clarke entrou correndo na barraca com os medicamentos debaixo do braço, a febre de Thalia já tinha abaixado e ela estava mais alerta do que há dias.

Clarke se abaixou para sentar na beira da cama de Thalia enquanto os olhos da amiga se abriam lentamente.

— Bem-vinda de volta — disse Clarke com um sorriso. — Como você está se sentindo?

Os olhos de Thalia dispararam ao redor da barraca vazia, então se levantaram para encontrar os de Clarke:

— Isso não é o paraíso, é?

Clarke balançou negativamente a cabeça:

— Meu Deus, espero que não.

— Bom. Porque sempre imaginei que haveria garotos lá. Garotos que não usavam racionamento de água como desculpa para não tomar banho. — Thalia conseguiu sorrir. — Alguém construiu o primeiro chuveiro da Terra enquanto eu estava inconsciente?

— Não. Você não perdeu muita coisa.

— De alguma forma, acho difícil acreditar nisso. — Thalia levantou os ombros numa tentativa de se sentar, mas desistiu com um gemido. Clarke delicadamente posicionou um cobertor enrolado atrás dela. — Obrigada — murmurou ela, e então examinou Clarke por um instante antes de falar novamente. — Muito bem, o que está errado?

Clarke deu um sorriso confuso:

— Nada! Estou apenas feliz por você estar se sentindo melhor.

— Por favor. Você não consegue esconder nada de mim. Você sabe que eu sempre consigo arrancar os segredos de você. — disse Thalia de forma direta. — Você pode começar me dizendo onde encontrou os medicamentos.

— Octavia os pegou — explicou Clarke, então rapidamente contou a Thalia o que tinha acontecido. — Ela e Bellamy vão embora amanhã — concluiu. — Isso é parte do acordo que Wells fez com todo mundo. Sei que parece loucura, mas realmente parecia que eles estavam prestes a atacá-

la. — Ela balançou a cabeça. — Se Wells não tivesse interferido, não sei muito bem o que teria acontecido.

Thalia estava olhando para Clarke com uma expressão curiosa.

— O que foi? — perguntou Clarke.

— Nada, apenas... essa é a primeira vez que ouço você falar o nome dele sem parecer que quer socar uma parede.

— Verdade — admitiu Clarke, com um sorriso. Ela achava que seus sentimentos tinham mudado, ou pelo menos estavam começando a mudar.

— E então? — provocou Thalia.

Clarke começou a mexer nos frascos de comprimidos. Ela não queria contar a Thalia

o que tinha acontecido na floresta para que a amiga não se sentisse culpada — afinal, ela tinha saído à procura de plantas para ajudá-la e acabara quase morrendo.

— Há outra coisa que não contei. Não parecia importante antes, quando você estava muito doente, mas... — Ela respirou fundo e fez um relato breve de quando Wells a salvou na ruína.

— Ele seguiu você pelo caminho todo até lá?

Clarke assentiu:

— A parte estranha é que, enquanto eu estava pendurada naquela saliência, convencida de que ia morrer, ele era a única pessoa em quem eu estava pensando. E, quando ele apareceu, nem fiquei furiosa por ele ter me seguido. Fiquei apenas aliviada por ele ter se importado o suficiente para ir atrás de mim, apesar das coisas terríveis que falei a ele.

— Ele ama você. Nada que fizer ou disser poderá mudar isso.

— Eu sei. — Clarke fechou os olhos, embora tivesse medo das imagens que ela sabia que sairiam das sombras. — Mesmo quando estávamos no Confinamento e eu disse para você que queria ver os órgãos dele explodirem no espaço, acho que existia uma parte de mim que ainda o amava. E

aquilo tornava a dor ainda pior.

Thalia olhava para ela com uma mistura de pena e compreensão: — Está na hora de você parar de se punir, Clarke.

— Você quer dizer parar de puni-lo.

— Não. Quero dizer que está na hora de você parar de se punir por amá-lo. Não é uma traição aos seus pais.

Clarke enrijeceu:

— Você não os conhecia. Não faz ideia do que eles pensariam.

— Eu sei que eles desejavam o melhor para você. Estavam dispostos a fazer algo que sabiam que era errado para mantê-la em segurança. — Ela fez uma pausa. — Assim como Wells.

Clarke suspirou e dobrou as pernas debaixo de seu corpo, se sentando na cama de Thalia exatamente como costumava fazer na cela que as duas dividiam: — Talvez você tenha razão. Não sei se posso mais lutar contra isso. Odiá-lo é exaustivo.

— Você deveria conversar com ele.

Clarke balançou a cabeça:

— Vou fazer isso.

— Não, estou falando que você deveria conversar com ele agora. — Os olhos de Thalia brilhavam de empolgação. — Vá falar com ele.

— O quê? Está tarde.

— Tenho certeza de que ele está deitado totalmente acordado, pensando em você...

Clarke desdobrou as pernas, então se levantou.

— Certo — disse ela —, se isso é o necessário para fazê-la ficar quieta e descansar.

Ela caminhou até a outra extremidade da barraca, olhando com uma expressão de impaciência para Thalia enquanto abria a fresta. Ela saiu para a clareira e parou, imaginando se estava cometendo um erro.

Mas era tarde demais para voltar. Seu coração estava batendo tão rápido que parecia ter um ímpeto próprio, mandando uma mensagem frenética a Wells através da escuridão. Estou indo.

Wells olhou para o céu. Ele nunca tinha se sentido confortável nas barracas superlotadas e, depois do que tinha acontecido essa noite, a ideia de ficar amontoado com pessoas que estavam prontas para matar Octavia era insuportável. Apesar do frio, ele gostava de pegar no sono olhando para as mesmas estrelas que via de sua cama em casa. Ele amava os momentos em que a lua desaparecia atrás de uma nuvem e ficava escuro demais para que ele pudesse ver os contornos das árvores. O céu parecia se estender até o solo, criando a impressão de que eles não estavam na Terra, mas de volta no espaço, entre as estrelas. Ele sempre sentia uma pequena dor ao abrir os olhos pela manhã e descobrir que elas tinham sumido.

Ainda assim, nem mesmo o céu era suficiente para acalmar a mente de Wells essa noite. Ele ergueu o corpo até ficar sentado, se encolhendo enquanto movia o cobertor sobre as pedras e os galhos espalhados. Um farfalhar numa árvore próxima chamou sua atenção e ele se colocou de pé, virando o pescoço para olhar melhor.

Wells assistiu maravilhado enquanto a árvore, que nunca tinha ostentado um único botão desde que eles tinham pousado, explodiu em flores. Pétalas cor-de-rosa cintilantes saíram de casulos que ele não tinha notado antes, como pontas de dedos se esticando no escuro. Eram lindas. Wells ficou nas pontas dos pés, esticou os braços para cima e envolveu os dedos no talo de um dos botões.

— Wells?

Ele se virou e viu Clarke parada a alguns metros de distância.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

Ele estava pronto para lhe fazer a mesma pergunta, mas, ao invés disso, caminhou silenciosamente na direção dela e colocou a flor em sua mão. Ela olhou para aquilo e, por um momento, ele achou que ela poderia empurrá-la de volta para ele. Mas para sua surpresa e alívio, ela olhou para ele e sorriu.

— Obrigada.

— Não há de quê. — Eles se olharam por um momento. — Você também não conseguiu dormir?

— perguntou ele, e ela balançou a cabeça.

Wells se sentou numa raiz de árvore exposta que era grande o suficiente para apenas duas pessoas e gesticulou para que ela se acomodasse ao seu lado.

Depois de um momento, ela se sentou, deixando um pequeno espaço entre eles.

— Como está Thalia? — perguntou ele.

— Muito melhor. Estou tão agradecida por Octavia ter admitido o que fez. — Ela abaixou os olhos e passou o dedo pelo botão de flor. — Apenas não consigo acreditar que eles vão embora amanhã.

Havia um tom de arrependimento em sua voz que fez o estômago de Wells embrulhar: — Achei que você ficaria feliz por vê-la partir depois da situação em que ela a colocou.

Clarke ficou em silêncio por um instante.

— Pessoas boas podem cometer erros — respondeu ela lentamente. Então levantou a cabeça, e seus olhos se encontraram com os de Wells. — Isso não quer dizer que você deixa de se importar com elas.

Por um longo momento, tudo o que eles podiam ouvir era o vento balançando as folhas, o silêncio se enchendo com todas as palavras que não foram ditas. As desculpas que nunca poderiam começar a revelar o pesar de Wells.

O julgamento dos dois cientistas mais famosos de Phoenix tinha se tornado o evento do ano. Havia mais pessoas reunidas na câmara do Conselho do que em qualquer palestra ou qualquer outro evento que não fosse a Cerimônia de Lembrança.

Mas Wells estava apenas vagamente ciente da plateia. O nojo que ele sentia da curiosidade mórbida deles — como romanos esperando o derramamento de sangue no Coliseu — desapareceu no momento em que seus olhos se fixaram na garota sentada sozinha na primeira fila. Ele não via Clarke desde a noite em que ela tinha lhe contado os segredos sobre a pesquisa de seus pais. Wells tinha contado ao seu pai, que avaliou a informação cuidadosamente. Como Wells esperava, o Chanceler não sabia nada sobre os experimentos, e abriu imediatamente um inquérito. Mas a investigação tinha sofrido uma reviravolta terrível que Wells não esperava e agora os pais de Clarke enfrentariam o Conselho, respondendo por acusações criminais. Culpado e apavorado, Wells tinha passado a última semana desesperado para encontrar Clarke, mas seu dilúvio de mensagens tinha ficado sem respostas e, quando foi ao apartamento dela, o encontrou interdito por guardas.

A expressão dela estava vazia enquanto observava os membros do Conselho ocuparem seus assentos. Mas então ela se virou e viu Wells. Eles se olharam fixamente, a expressão dela cheia de um ódio tão intenso que fazia bile brotar no estômago dele.

Wells se inclinou em seu assento na terceira fileira. Ele só tinha desejado que seu pai interrompesse a pesquisa dos pais dela para dar fim à infelicidade de Clarke. Nunca imaginou que eles acabariam num julgamento, com as vidas em risco.

Dois guardas escoltaram a mãe de Clarke até um banco na parte da frente do salão.

Ela mantinha o queixo erguido enquanto examinava o Conselho, mas então seus olhos pararam sobre a filha e sua expressão ficou desolada.

Clarke se colocou de pé com um salto e disse algo que Wells não conseguiu ouvir, mas não importava. O sorriso triste no rosto da mãe dela era o suficiente para partir seu coração ao meio.

Outro par de guardas trouxe o pai de Clarke, e o julgamento começou.

Uma integrante do Conselho iniciou os procedimentos oferecendo uma visão geral da investigação. De acordo com os Griffin, ela relatou, eles tinham recebido ordens do Vice-Chanceler Rhodes para conduzir testes de radiação em humanos, o que Rhodes negou veementemente.

Uma estranha dormência se espalhou por Wells enquanto ele observava o Vice-Chanceler se levantar com o rosto sério enquanto explicava que, embora tivesse aprovado o pedido de um novo laboratório feito pelo casal, ele nunca tinha falado uma palavra sobre fazer experimentos em crianças.

As vozes de todas as pessoas pareciam muito distantes — os fragmentos das perguntas dos membros do Conselho e as respostas dos Griffin que chegavam distorcidos aos seus ouvidos, como ondas sonoras de uma galáxia distante. Wells ouviu as exclamações da multidão antes que seu cérebro tivesse tempo de processar a que eles estavam reagindo.

Então, repentinamente, o Conselho estava votando.

O primeiro culpados atravessou a névoa que tinha se estabelecido ao redor de Wells. Ele se virou para olhar Clarke, que estava sentada imóvel e rígida.

— Culpados.

Não. Wells pensou. Não, por favor.

— Culpados. — A palavra ecoou pela mesa até que fosse a vez de seu pai. Ele limpou a garganta e, por um breve momento, Wells acreditou que existia uma chance. Que seu pai encontraria uma forma de mudar a maré.

— Culpados.

— Não! — O berro angustiado de Clarke cobriu os sussurros chocados e os murmúrios satisfeitos. Ela se levantou com um salto. — Vocês não podem fazer isso. Não foi culpa deles. — Seu rosto se contorceu de raiva enquanto ela apontava para o Vice-Chanceler.

— Você. Você os forçou a fazer aquilo, seu desgraçado mentiroso e diabólico. — Ela deu um passo à frente, e foi imediatamente cercada por guardas.

O Vice-Chanceler Rhodes soltou um longo suspiro: — Receio que você seja muito melhor em fazer experimentos em crianças inocentes do que em mentir, Srta. Griffin. — Ele se virou para o pai de Wells. — Sabemos pelos registros de segurança que ela visitava o laboratório regularmente. Ela sabia sobre as atrocidades que seus pais estavam cometendo e não fez nada para impedir. Pode inclusive ter ajudado.

Wells puxou o ar com tanta força que foi capaz de sentir seu estômago pressionar as costelas. Ele esperou seu pai lançar um de seus olhares desdenhosos na direção de Rhodes, mas, para o choque de Wells, o Chanceler estava olhando com uma expressão séria para Clarke. Depois de um longo momento, seu maxilar se contraiu e ele se virou a fim de ficar de frente para os outros membros do Conselho.

— Eu, assim, apresento uma moção para julgar Clarke Griffin pelo crime de cumplicidade à traição.

Não. As palavras de seu pai afundaram na pele de Wells como um paralisante, parando seu coração.

Ele era capaz de ver as bocas dos membros do Conselho se movendo, mas não conseguia entender o que elas estavam dizendo. Cada átomo de seu corpo estava focado em rezar para qualquer deus esquecido que pudesse estar escutando. Deixem-na ir, suplicou ele. Eu farei qualquer coisa. Era verdade. Ele estava pronto para oferecer sua vida em troca da dela.

Levem-me no lugar dela.

O Vice-Chanceler se inclinou para sussurrar algo para o pai de Wells.

Eu não me importo se for doloroso.

O rosto do Chanceler ficou ainda mais sério do que estava antes.

Atirem-me pelo portal de lançamento para que meu corpo imploda.

A pessoa ao lado de Wells tremeu ao ouvir algo que o Chanceler tinha falado.

Apenas deixem-na ir.

Ele teve a sensação desconfortável do som retornando aos seus ouvidos enquanto arfadas foram ouvidas na plateia. Dois guardas seguraram Clarke e começaram a arrastá-la.

A garota que ele faria qualquer coisa para proteger logo seria condenada à morte. E teria todo o direito de morrer o odiando.

Aquilo era tudo sua culpa.

— Sinto muito — sussurrou Wells, como se, de alguma forma, aquilo pudesse melhorar as coisas.

— Eu sei — respondeu ela, a voz suave.

Wells congelou e, por um momento, ele teve muito medo de olhar para ela, medo de ver o pesar se acumulando na ferida que ele sabia que nunca cicatrizaria. Mas quando finalmente se virou, ele viu que, apesar de seus olhos estarem brilhando por causa das lágrimas, ela estava sorrindo.

— Eu me sinto mais próxima deles aqui — falou ela, levantando os olhos na direção das árvores.

— Eles passaram suas vidas tentando descobrir como nos trazer para casa.

Wells não sabia o que ele podia dizer sem quebrar o encanto, então, em vez disso, ele se inclinou e a beijou, prendendo a respiração até ver os cílios salpicados de lágrimas se fecharem lentamente.

A princípio foi delicado, seus lábios roçando levemente a boca de Clarke, mas então ele a sentiu retribuir o beijo, incendiando cada célula de seu corpo. A familiaridade do toque e o gosto do beijo liberaram algo dentro dele, e ele a puxou para mais perto.

Clarke se afundou nos braços de Wells, os lábios presos aos lábios dele, a pele se derretendo na pele dele, seu hálito se combinando com o hálito dele. O mundo ao redor dos dois desapareceu enquanto a Terra se transformava em nada mais do que um redemoinho de aromas pungentes e ar úmido que o fazia se aproximar ainda mais dela. O solo macio os acolheu quando eles deslizaram de cima da raiz. Havia tanta coisa que ele precisava contar a ela, mas suas palavras estavam perdidas enquanto seus lábios viajavam pela pele dela, se movendo da boca até seu pescoço.

Naquele momento, não havia mais ninguém. Eles eram as duas únicas pessoas na Terra.

Exatamente como ele sempre tinha imaginado que seriam.

Música foi tocada em Phoenix duas vezes naquele ano. O Conselho tinha aprovado a exceção e, pela primeira vez desde que qualquer um conseguia se lembrar, os instrumentos feitos na Terra foram tirados de suas câmaras de preservação e carregados cuidadosamente até a plataforma de observação para a festa de passagem do cometa.

Aquela deveria ter sido uma das noites mais mágicas da vida de Glass. Toda a população de Phoenix tinha se reunido na plataforma de observação com suas melhores roupas, e a multidão vestida elegantemente zumbia com excitação. À sua volta, as pessoas estavam conversando e rindo enquanto caminhavam na direção das enormes janelas, segurando copos de vinho espumante de raiz.

Glass estava parada ao lado de Huxley e Cora, que estavam conversando animadamente. Mas, embora Glass pudesse ver as bocas de seus amigos se movendo, suas palavras nunca alcançavam seus ouvidos. Cada célula em seu corpo estava focada nos músicos que estavam silenciosamente ocupando seus assentos na parte afastada da plataforma de observação.

Mas, enquanto os músicos começavam a tocar, Glass transferia seu peso de um pé para o outro, ficando inquieta enquanto pensava em Luke. Sem ele, a música que normalmente se envolvia nela como um encantamento parecia estranhamente vazia. As melodias que um dia pareceram expressar os segredos mais profundos de sua alma não estavam menos bonitas dessa vez, mas saber que a única pessoa com quem ela as queria compartilhar estava em outro lugar fazia seu coração doer.

Glass olhou em volta e rapidamente encontrou sua mãe, usando um longo vestido cinza e as luvas da família — couro de pelica, um dos únicos pares remanescentes na nave, manchadas com a idade, mas ainda infinitamente preciosas. Ela estava conversando com alguém usando o uniforme de Chanceler, mas não era o Chanceler. Glass percebeu com um susto que era o Vice-Chanceler Rhodes.

Apesar de tê-lo visto apenas algumas vezes, ela reconheceu seu nariz pontudo e seu sorriso sarcástico.

Glass sabia que devia se aproximar, se apresentar, sorrir para o Vice-Chanceler e erguer seu copo para ele num brinde. Ela deveria lhe agradecer por sua liberdade e parecer grata e muito feliz enquanto a multidão de phoenicianos bem-vestidos olhava para ela e cochichava. Isso é o que sua mãe gostaria que ela fizesse; isso é o que ela deveria ter feito, se desse valor à sua vida. Mas, quando Glass fitou os olhos escuros e detestáveis do Vice-Chanceler, ela descobriu que não conseguiria se obrigar a se mover na direção dele.

— Aqui, fique com isso. Preciso de um pouco de ar — disse Glass, entregando para Cora sua taça ainda cheia de vinho. A amiga levantou as sobrancelhas, mas não discutiu: eles só tinham direito a uma taça cada essa noite. Com um último olhar para se assegurar de que sua mãe não a estava vendo, Glass teceu seu caminho pela multidão e voltou ao corredor. Ela não cruzou com uma única pessoa enquanto voltava rapidamente ao seu apartamento, onde tirou o vestido e vestiu uma calça do dia a dia, prendendo o cabelo

debaixo de um gorro.

Não havia uma plataforma de observação designada em Walden, mas havia muitos corredores com pequenas janelas no lado estibordo da nave, onde esperava-se que o cometa fizesse sua aparição. Os waldenitas que não tiveram turnos naquele dia tinham começado a se agrupar no começo da manhã para reservar os melhores assentos. Na hora em que Glass tinha chegado, os corredores estavam inundados de grupos conversando com vozes animadas e se aglomerando ao redor de pequenas janelas. Algumas das crianças já estavam pressionando seus rostos contra o vidro de quartzo ou subindo nos ombros dos pais.

Quando ela virou uma esquina, seus olhos se fixaram num grupo junto a uma janela próxima: três mulheres e quatro crianças. Ela se perguntou se as mulheres estavam tomando conta da quarta criança para uma vizinha ou se era um órfão que elas tinham acolhido.

A criança mais nova usou sua habilidade recentemente adquirida de andar para se aproximar de Glass e piscar para ela com um sorriso tímido.

— Olá! — disse Glass, se abaixando para ficar da mesma altura da menina. — Você está animada com o cometa? — A menina não disse nada. Seus grandes olhos escuros estavam fixos na cabeça de Glass.

Glass levantou a mão, envergonhada, franzindo a testa levemente quando percebeu que seu cabelo tinha saído de dentro do gorro. Ela começou a escondê-lo novamente, mas a menina esticou o braço e puxou uma das mechas soltas.

— Posy, deixe a moça em paz. — Glass levantou os olhos e viu uma das mulheres andando na direção delas. — Sinto muito — disse para Glass com uma risada. — Ela gostou do seu cabelo.

Glass sorriu, mas não falou nada. Tinha aprendido a abrandar seu sotaque de Phoenix, mas quanto menos falasse, melhor.

— Vamos lá, Pose — falou a mulher, colocando a mão no ombro da criança e a levando embora.

Já eram mais de 21h. O cometa deveria aparecer a qualquer minuto. Em Phoenix, a plataforma de observação estaria em silêncio enquanto todos esperavam em reverência. Ali, crianças estavam rindo e pulando, e um casal de adolescentes gritava uma contagem regressiva.

Glass vasculhou o corredor, mas não havia nenhum sinal de Luke.

— Vejam! — gritou uma menininha. Uma linha branca estava se elevando sobre o contorno da lua. Ao invés de diminuir como na maioria dos cometas, ela aumentava, a cauda se expandindo enquanto se incendiava no espaço. Aquilo fazia até mesmo as estrelas parecerem apagadas.

Glass se aproximou de forma quase inconsciente, e um casal encostado à janela mais próxima chegou para o lado a fim de lhe dar espaço. Era tão lindo, Glass pensou, maravilhada. E assustador.

Ele estava crescendo cada vez mais, preenchendo todo o campo de visão na escotilha, como se estivesse vindo diretamente na direção deles.

Será que tinham calculado errado? Glass se segurou no peitoril com tanta força que

podia senti-lo machucando as palmas das mãos. Ao seu redor, as pessoas começaram a recuar, com uma agitação de murmúrios baixos e gritos assustados.

Glass fechou os olhos. Ela não podia assistir.

Um braço a envolveu. Ela nem teve que se virar para saber que era Luke. Conhecia seu cheiro e seu toque como uma segunda pele.

— Eu estava procurando por você — disse ela, olhando para ele. Apesar de o maior evento astronômico de toda uma vida estar acontecendo no lado de fora bem diante de seus olhos, ele olhava apenas para ela.

— Estava torcendo para você vir — sussurrou no ouvido de Glass.

Os murmúrios ansiosos da multidão se transformaram em exclamações de admiração enquanto o cometa passava sobre a nave numa bola de fogo. O braço de Luke se apertou em volta dela, que se encostou ao seu peito.

— Eu não consegui imaginar ver isso sem você — disse ela.

— Não teve nenhuma dificuldade para sair?

— Não, na verdade, não. — Seu estômago se contorceu quando ela se lembrou da mãe junto ao Vice-Chanceler. — Eu apenas gostaria que não tivéssemos que ficar escondidos. — Ela esticou o braço, e seus dedos deslizaram pela bochecha dele.

Luke segurou a mão dela e a puxou até os lábios.

— Talvez exista uma forma de mudar a opinião da sua mãe — disse ele seriamente. — Talvez eu possa conversar com ela. Você sabe, provar que não sou nenhum bárbaro. Que levo meu futuro a sério... nosso futuro. Que levo você a sério.

Glass deu um sorriso delicado:

— Eu gostaria que fosse fácil assim.

— Não, estou falando sério. — Ele segurou as mãos dela entre as suas. — Ela acha que sou apenas um babaca de Walden se aproveitando de você, e precisa saber que isso não é apenas um caso. Que é real.

— Eu sei — disse Glass, apertando a mão dele. — Eu sei.

— Não, não acho que você saiba — falou Luke, tirando algo de seu bolso. Ele se virou para ficar de frente para ela, sem piscar. — Glass — falou ele, com os olhos brilhando —, não quero passar mais um dia sem você. Quero ir dormir toda noite com você ao meu lado e acordar perto de você todas as manhãs. Não quero nada além de você para o resto da minha vida.

Ele esticou a mão com a palma virada para cima, e um pequeno objeto dourado brilhou dentro dela. Era seu medalhão.

— Sei que não é exatamente uma aliança, mas... — concluiu ele.

— Sim — disse ela simplesmente, porque não havia mais nada a dizer, nada mais a fazer a não ser colocar o medalhão e beijar o rapaz que ela amava tanto que doía, enquanto atrás deles o cometa formava uma listra dourada no céu.

Bellamy não conseguia dormir. Sua mente era um amontoado de pensamentos, todos se acotovelando em busca de sua atenção, tornando impossível dizer onde um terminava e o outro começava.

Olhando para as estrelas, ele tentou imaginar o que estava acontecendo na nave. Era estranho pensar que a vida continuava da mesma forma a centenas de quilômetros de distância — os waldenitas e arcadianos dando duro enquanto os phoenicianos elogiavam as roupas uns dos outros na plataforma de observação e ignoravam as estrelas. Aquela era a única coisa de que ele sentiria falta na Colônia — a vista. Antes do lançamento, ele tinha ouvido falar da passagem de um cometa, o que teria sido bastante espetacular de se ver da nave.

Ele apertou os olhos para a escuridão, tentando descobrir há quantos dias eles estavam na Terra.

Se ele tivesse contado corretamente, o cometa deveria aparecer essa noite. Haveria uma festa de observação elegante em Phoenix e reuniões menos formais em Walden e Arcadia. Bellamy se sentou e examinou o céu. Ele não conseguia ver nada da clareira — as árvores bloqueavam uma parte muito grande do céu —, mas teria uma visão melhor da montanha.

Octavia dormia pacificamente ao seu lado, o cabelo sedoso espalhado debaixo dela e o laço de cabelo vermelho amarrado ao pulso.

— Já volto — sussurrou ele, então partiu numa corrida para cruzar a clareira.

A cobertura espessa de folhas bloqueava a maior parte da luz das estrelas, mas depois de todas as suas expedições de caça, ele conhecia bem essa área da floresta, prevendo onde estariam a próxima inclinação, a próxima curva e o próximo tronco escondido. Quando finalmente chegou à montanha, parou para recuperar o fôlego. O ar fresco da noite tinha ajudado a limpar sua cabeça, e a queimação em suas panturrilhas era uma distração oportuna.

O céu repleto de estrelas tinha a mesma aparência de todas as outras noites desde que tinham pousado na Terra mas, ainda assim, havia algo diferente a respeito dele — as estrelas estavam pulsando, carregadas, como se esperassem algo acontecer. E então, de repente, aconteceu. O cometa irrompeu pelo céu, uma listra dourada contra o prateado cintilante, iluminando tudo ao seu redor, até mesmo o solo.

Sua pele esquentou como se algumas das fagulhas tivessem invadido o próprio corpo, revigorando suas células com algo que ia além da energia — com esperança. Amanhã ele e Octavia iriam embora de uma vez por todas. Amanhã estariam livres da Colônia para sempre, e ninguém lhes diria o que fazer ou como ser.

Ele fechou os olhos e imaginou qual seria aquela sensação. Liberdade de todos e de tudo — até mesmo de seu passado. Até mesmo, talvez, das memórias que o tinham assombrado durante toda a vida.

Bellamy desceu o corredor em disparada, ignorando os resmungos dos vizinhos e as

ameaças vazias dos guardas que ele sabia que eram preguiçosos demais para perseguir um menino de 9 anos consideravelmente rápido apenas para repreendê-lo. Mas, à medida que ele se aproximava de seu apartamento, a excitação foi sumindo. Desde aquela noite terrível em que encontrou sua mãe tentando machucar Octavia, ele ficava nervoso ao voltar para casa.

Ele destrancou a porta e entrou rapidamente.

— Mãe? — gritou ele, cuidadosamente fechando a porta atrás dele antes de dizer qualquer outra coisa. — Octavia? — Ele esperou, mas não havia nada além de silêncio. — Mãe? — falou ele novamente.

Bellamy cruzou a sala principal, os olhos se arregalando ao ver a mobília revirada.

Sua mãe devia estar em outro daqueles seus dias de mau humor. Ele seguiu lentamente na direção da cozinha, seu estômago se contorcendo como se tentasse escapar pelo umbigo.

Alguém gemeu, e ele correu para dentro, encontrando sua mãe no chão, deitada numa poça de sangue. Uma faca estava caída ao seu lado.

Ele arfou e correu na direção dela, sacudindo-a freneticamente pelos ombros.

— Mãe — gritou ele. — Acorde. Mãe. — Mas tudo o que ela fez foi tremular as pálpebras e soltar outro gemido fraco. Bellamy se levantou com um salto, prendendo a respiração ao perceber que os joelhos de sua calça estavam ensopados de sangue. Ele tinha que procurar alguém. Tinha que conseguir ajuda.

Correu de volta à sala principal, e estava pronto para disparar à procura de um guarda quando um barulho o fez parar imediatamente. Seus olhos se viraram para o armário, que estava levemente aberto, uma fatia de sombra aparecendo entre a porta e a parede. Ele deu alguns passos naquela direção enquanto um pequeno rosto coberto de lágrimas se revelava.

— Você está bem? — sussurrou ele para a irmã, esticando o braço para segurar sua mão. — Vamos lá. — Mas ela se encolheu novamente na escuridão, tremendo. O medo de Bellamy por sua mãe desapareceu enquanto ele olhava para a pequena menina na qual ela tinha criado um pavor de aparecer na luz. — Vamos lá, Octavia — persuadiu ele, e lenta e hesitantemente ela colocou a cabeça para fora novamente.

Finalmente, ela saiu andando do armário, olhando para o espaço ao redor com olhos arregalados.

— Aqui — disse Bellamy, apanhando do chão do armário a fita vermelha que ele tinha lhe dado. Ele a amarrou em volta de seus cachos escuros em sua melhor aproximação de um laço. — Você está linda. — Ele segurou a mão dela, sentindo seu próprio coração inflar quando os pequenos dedos dela envolveram o seu. Ele a levou até o quarto da mãe deles, a colocou em cima da cama e então se enroscou ao lado dela, rezando para não ouvir nenhum outro barulho vindo da cozinha.

Eles ficaram juntos sobre a cama, esperando em silêncio até que finalmente os gemidos pararam e tudo o que restou foi silêncio.

— Está tudo bem, O — disse ele, abraçando a irmãzinha junto ao peito. — Está tudo bem. Você nunca mais terá que se esconder novamente.

Enquanto o rastro do cometa se apagava e a escuridão voltava a tomar conta,

Bellamy voltava apressado, descendo a inclinação ansiosamente para chegar antes de Octavia acordar e perceber que ele tinha saído. Mas, ao fazer a curva, procurando a coleção familiar de barracas, tudo o que ele foi capaz de ver foram chamas.

Todo o acampamento estava pegando fogo.

Bellamy deslizou até parar, engasgando quando seus pulmões inalaram a primeira lufada de fumaça. Por um instante, sua visão foi preenchida por chamas e sombras, mas então vultos começaram a emergir. Pessoas estavam correndo em todas as direções, algumas saindo das barracas em chamas enquanto outras disparavam na direção das árvores.

Apenas um pensamento o consumia enquanto ele corria na direção de seus cobertores, seus olhos vasculhando a escuridão à procura do corpo adormecido de sua irmã. O nó de terror em seu estômago lhe dizia o que ele já sabia. Octavia não estava lá.

Ele gritou o nome dela, virando a cabeça de um lado para o outro e rezando para que ela respondesse da beira da clareira, de algum lugar seguro.

— Octavia — berrou ele novamente, olhando desesperadamente em todas as direções, apertando os olhos para ver além da fumaça. Não entre em pânico, disse a si mesmo, mas não adiantou. As chamas rasgavam a escuridão, e Octavia não estava em lugar algum.

Bellamy tinha voltado de observar os céus apenas para se encontrar nas profundezas do inferno.

Por certo período de tempo — minutos, horas, Clarke não tinha certeza — tudo o que ela podia ouvir era o som de seus corações, o sussurro de suas respirações misturadas. Mas então um grito abriu caminho à força, vindo da clareira e afastando os dois. Clarke e Wells se levantaram com um salto, Clarke se apoiando no braço de Wells para se equilibrar enquanto o mundo voltava a seu foco assustador.

Ele segurou a mão dela e eles voltaram correndo à clareira. Ela ouviu mais gritos, mas nenhum era tão assustador quanto o rugido e o crepitar que deixaram cada nervo de seu corpo em estado de alerta.

Chamas se elevavam nas barracas, algumas das quais já tinham desmoronado em montes de material em combustão, como cadáveres num antigo campo de batalha. Vultos sombrios disparavam para a segurança da floresta, perseguidos por rastros de chamas famintas.

Thalia, pensou Clarke, horrorizada, e começou a correr. Ela estava fraca demais para sair da barraca da enfermaria sozinha.

— Não! — gritou Wells, forçando a voz sobre o caos de gritos. — Clarke, não é seguro!

Mas as palavras dele apenas roçaram nela como um galho de freixo. Ela seguiu em linha reta na direção da barraca, fumaça enchendo seus pulmões, piscando para ver algo no ar quente.

O braço de Wells envolveu sua cintura como uma faixa de aço, a puxando à força para a proteção das árvores.

— Deixe-me ir — guinchou ela, se debatendo com toda a força. Mas Wells a segurou firme, a forçando a observar desamparadamente enquanto o fogo envolvia a enfermaria a menos de cem metros deles. Toda a lateral da barraca estava em chamas. A lona plástica no topo estava derretendo e fumaça saía pela fresta usada para entrar e sair.

— Deixe-me ir! — Ela soluçou, se contorcendo novamente enquanto tentava se soltar. Ele deslizou o braço para baixo dela e começou a arrastá-la de costas.

— Não — gritou ela, sentindo o som rasgar sua garganta, batendo nele desesperadamente com os punhos. — Eu preciso tirá-la de lá. — Ela afundou os calcanhares na grama, mas Wells era mais forte, e ela não foi capaz de impedi-lo. — Thalia!

— Clarke, eu sinto muito — sussurrou Wells em seu ouvido. Ela sabia que ele estava chorando, mas não se importava. — Você vai morrer se entrar lá. Não posso deixá-la ir.

A palavra morrer incendiou uma reserva de força que explodiu dentro dela. Clarke rangeu os dentes e fez força, momentaneamente se livrando de Wells. Todo o seu ser tinha se reduzido a um único pensamento — salvar a única amiga que ela ainda tinha no universo.

Ela gritou quando seu braço foi torcido às suas costas.

— Deixe-me ir. — Dessa vez era mais uma súplica do que uma ordem. — Estou

implorando a você. Deixe-me ir.

— Não posso — disse ele, envolvendo os braços nela novamente. Sua voz estava tremendo. — Não posso.

A clareira estava vazia agora. Todos tinham fugido para a floresta, carregando todos os suprimentos que podiam carregar. Mas ninguém tinha pensado em buscar a garota frágil que agora estava sendo queimada viva a apenas alguns metros de distância.

— Socorro — gritou Clarke. — Alguém, por favor, me ajude.

Mas não houve nenhuma resposta a não ser o rugido e o crepitar do fogo.

As chamas sobre a barraca da enfermaria ficaram mais altas, as laterais desmoronaram uma sobre a outra, como se o fogo estivesse inalando a barraca e tudo que havia dentro dela.

— Não.

Houve um estalo, e as chamas se elevaram ainda mais. Clarke guinchou com horror enquanto toda a barraca desmoronava numa tempestade de fogo, então lentamente se esfrelava em cinzas.

Era o fim.

Enquanto saía do centro médico, Clarke quase podia sentir o frasco pulsando em seu bolso, como o coração da velha história que Wells tinha descoberto na biblioteca no outro dia. Ele tinha se oferecido para ler para ela, mas ela recusou de forma seca. A última coisa de que precisava nesse momento era ouvir literatura pré-Cataclísmica aterrorizante.

Ela tinha cenas de horror suficiente em sua vida real.

O frasco que Clarke carregava em seu bolso nunca poderia ter batimentos cardíacos, ela sabia; apenas o contrário. O coquetel tóxico de medicamentos dentro dele tinha sido planejado para fazer um coração parar de uma vez por todas.

Quando Clarke chegou em casa, seus pais não estavam lá. Embora os dois passassem a maior parte do dia no laboratório, durante as últimas semanas eles tinham convenientemente encontrado desculpas para sair de casa logo antes de Clarke voltar do estágio, e raramente voltavam antes de quase estar na hora em que ela dormia. Era provavelmente melhor assim. À medida que Lilly ficava mais doente, Clarke mal podia olhar para seus pais sem sentir raiva. Ela sabia que não estava sendo justa — no momento em que qualquer um protestasse, o Vice-Chanceler mandaria executar seus pais e Clarke seria Confinada alguns dias depois. Mas aquilo não tornava mais fácil para ela encará-los.

O laboratório estava silencioso. Enquanto Clarke encontrava o caminho naquele labirinto de camas vazias, tudo o que conseguia ouvir era o zumbido do sistema de ventilação. O suave burburinho de conversas tinha se extinguido enquanto cada vez mais corpos eram levados embora.

Lilly parecia ainda mais magra do que no dia anterior. Clarke se aproximou da cama em silêncio e passou a mão delicadamente no braço da amiga, tremendo quando pedaços de pele se soltaram. Ela enfiou a outra mão no bolso e envolveu os dedos no frasco. Seria fácil. Ninguém nunca saberia.

Mas então as pálpebras pálidas de Lilly se abriram de forma trêmula, e Clarke congelou. Enquanto ela fitava os olhos de Lilly, uma onda gelada de pavor e repulsa bateu

nela. O que ela estava pensando? Um impulso avassalador de destruir o frasco tomou seu corpo e ela teve que respirar fundo para não o jogar contra a parede.

Os lábios de Lilly estavam se movendo, mas nenhum som saía. Clarke se inclinou em sua direção e lhe ofereceu um sorriso tímido:

— Desculpe, não entendi o que você falou, Lil. — Ela abaixou mais a cabeça até seu ouvido estar mais próximo da boca da amiga. — O que você disse?

A princípio, Clarke podia apenas sentir uma lufada de ar silenciosa em sua pele, como se não houvesse força suficiente nos pulmões de Lilly para empurrar as palavras para fora de sua boca. Mas então um gemido fraco escapou de seus lábios ressecados: — Você trouxe?

Clarke levantou a cabeça para os olhos castanhos tomados pelo pânico de sua amiga e assentiu lentamente.

— Agora. — A palavra saiu de forma quase inaudível.

— Não — protestou Clarke, sua voz tremendo. — Ainda não está na hora. — Ela segurou as lágrimas que tinham começado a encher seus olhos. — Você ainda pode melhorar — disse ela, mas a mentira parecia vazia, até mesmo para ela.

O rosto de Lilly se contorceu de dor, e Clarke segurou sua mão.

— Por favor. — A voz de Lilly estava em frangalhos.

— Sinto muito. — Clarke apertou delicadamente a mão de Lilly enquanto lágrimas começavam a rolar por suas bochechas. — Não consigo.

Os olhos de Lilly ficaram arregalados, e Clarke arfou.

— Lil? — Mas Lilly permaneceu em silêncio, olhando fixamente para algo que só ela podia ver. Algo que enchia seus olhos de pavor. A dor física torturando o corpo de Lilly era terrível, Clarke sabia, mas as alucinações, os demônios que estavam com ela a todo momento, pairando sobre sua cama, eram piores.

— Não mais.

Clarke fechou os olhos. A culpa e o remorso que ela sentiria nunca poderiam se comparar à dor de Lilly. Seria egoísta deixar seu próprio medo impedi-la de trazer à sua amiga a paz que ela queria — a trégua que ela merecia.

Todo seu corpo estava tremendo tanto que ela quase não conseguiu tirar o frasco do bolso, quanto mais encher a seringa. Ela parou ao lado da cama e segurou a mão de Lilly com uma de suas mãos, usando a outra para posicionar a agulha sobre sua veia.

— Durma com os anjos, Lil — sussurrou ela.

Lilly balançou a cabeça e deu a Clarke um sorriso que ela sabia que ficaria gravado em seu cérebro pelo resto de sua vida:

— Obrigada.

Clarke segurou a mão de Lilly durante os poucos minutos que se passaram até que sua amiga não estivesse mais ali. Então se levantou e posicionou os dedos no pescoço ainda quente de Lilly, procurando batimentos cardíacos.

Ela tinha partido.

Clarke afundou no chão molhado, se engasgando enquanto seus pulmões buscavam desesperadamente o ar fresco, então rolou de lado. Através das lágrimas que borravam sua visão, ela foi capaz de distinguir as formas de pessoas paradas à sua volta, suas

silhuetas escuras e sem feições imóveis e silenciosas.

Sua melhor amiga, a única pessoa que verdadeiramente conhecia Clarke, que sabia o que ela tinha feito a Lilly e ainda a amava. Thalia tinha lhe dito para fazer as pazes com Wells naquela noite — e então ele tinha impedido Clarke de se aproximar enquanto eles viam Thalia morrer.

— Sinto muito mesmo, Clarke — dizia Wells, esticando o braço para tocá-la.

Ela afastou a mão dele.

— Não acredito em você — disse ela, sua voz fria e baixa. Fúria inchava seu peito, como se houvesse chamas dentro dela que necessitavam apenas de ódio e pesar para se incendiar como um inferno.

— Você não teria conseguido — gaguejou Wells. — Eu apenas... eu não podia deixá-la ir. Você teria morrido.

— Então você deixa Thalia morrer no meu lugar. Porque você pode decidir quem vive e quem morre. — Ele começou a protestar, mas ela continuou a falar, tremendo de raiva. — Essa noite foi um erro. Você destrói tudo em que toca.

— Clarke, por favor, eu...

Mas ela apenas se levantou, sacudindo as cinzas das roupas, e entrou na floresta sem olhar para trás.

Todos tinham cinzas nos pulmões e lágrimas nos olhos. Mas Wells tinha sangue nas mãos.

— Comprarei uma aliança assim que encontrar uma no Entreposto — disse Luke a Glass, com a mão em suas costas enquanto a guiava pelos corredores lotados na direção de Phoenix. A maioria das pessoas que tinha se reunido para ver o cometa estava voltando para suas unidades residenciais nas plataformas mais baixas, dificultando a movimentação em direção à ponte suspensa. Mas Glass mal conseguia saber em que direção eles estavam indo. Seu coração ainda batia forte com alegria, e ela tremia, segurando a mão de Luke com força.

— Não preciso de uma aliança. — Ela levantou a mão para tocar o medalhão, que parecia propagar calor por seu peito. Nada poderia acontecer imediatamente, ela sabia. Apesar de ela completar 18 anos dentro de algumas semanas, eles não podiam arriscar se casar até que o Chanceler acordasse e confirmasse seu perdão; ou nunca acordasse. Sua mãe acabaria compreendendo, assim que percebesse o quanto Luke amava Glass. Eles se casariam e solicitariam uma permissão para começar uma família, algum dia. Mas, por enquanto, apenas a promessa de um futuro juntos era o suficiente. — Isso é perfeito.

Eles saíram da escadaria e entraram no corredor que levava à ponte suspensa. Luke parou repentinamente e puxou Glass para perto enquanto uma dúzia de guardas passava correndo, tão perto que algumas de suas mangas roçaram no braço de Glass, embora seus olhos estivessem focados diretamente para a frente. Ela tremeu e se encostou em Luke, que estava olhando para eles com uma expressão estranha no rosto.

— Você sabe o que está acontecendo? — perguntou ela.

— Tenho certeza de que não é nada — disse Luke rápido demais, suas palavras contrariando a tensão em seu maxilar. Mas então ele levantou seus dedos entrelaçados e beijou sua mão. — Vamos.

Glass sorriu e eles continuaram a andar. O som oco das botas dos guardas tinha sumido, e eles tinham todo o corredor só para eles. De repente, Luke parou e levantou o braço dela no ar. Antes que Glass tivesse tempo de perguntar o que ele estava fazendo, ele a rodou e jogou seu corpo para trás.

Glass riu enquanto Luke passava um braço em sua cintura e saía dançando com ela pelo corredor vazio.

— O que deu em você?

Ele parou e a puxou para ainda mais perto, então se inclinou e murmurou em seu ouvido: — Eu escuto música quando estou com você. — Glass apenas sorriu e, no meio do corredor, fechou os olhos enquanto os dois giravam de um lado para o outro.

Finalmente, Luke se afastou, apontando na direção da ponte suspensa.

— Está quase na hora do toque de recolher — disse ele.

— Certo — concordou ela, suspirando. Eles cruzaram a ponte suspensa de mãos dadas, trocando olhares sugestivos que faziam cada célula no corpo de Glass zunir com empolgação. Na entrada de Phoenix, eles pararam, relutantes em se despedir. Luke passou o dedo na corrente do medalhão.

— Eu te amo — falou ele, apertando a mão dela antes de empurrá-la de leve. — Avisa quando chegar em casa. Vou até lá amanhã para conversar com sua mãe.

— Certo — concordou ela. — Amanhã.

Finalmente, Glass se virou e começou a seguir pela ponte suspensa. Ela tinha alcançado a metade do caminho quando uma buzina estridente ecoou pelo espaço vazio. Ela olhou ao redor, assustada. O

grupo de guardas que estava na parte em que a ponte chegava a Phoenix se separou, e ela foi capaz de ouvir alguém dando ordens de forma ríspida. Glass congelou quando o som ficou mais alto e mais urgente. Ela se virou para olhar na direção de Luke, que tinha começado a dar alguns passos hesitantes em sua direção.

— A ponte está sendo fechada — anunciou uma voz de mulher através dos alto-falantes. — Por favor, liberem a área. — Houve uma breve pausa, então a mensagem foi repetida. — A ponte está sendo fechada. Por favor, liberem a área.

Glass se assustou quando uma barreira começou a descer no posto de controle de Phoenix. Ela disparou naquela direção e viu que Luke também estava correndo, mas ambos estavam muito longe.

Glass chegou à divisória transparente bem quando ela travou no chão, se chocando contra ela.

Luke deslizou até parar do outro lado. Ele estava dizendo algo, mas, embora ela pudesse ver sua boca se movendo, nenhum som chegava aos seus ouvidos.

Lágrimas encheram seus olhos enquanto ela o via bater com os punhos contra a parede, frustrado.

Ela não estava entendendo. A ponte suspensa não era fechada desde a deflagração da praga no primeiro século. Ela sabia que, se estava fechando agora, poderia nunca mais abrir.

— Luke! — gritou ela, a palavra saindo inutilmente de seus lábios. Ela pressionou a mão contra a divisória transparente e a manteve ali. Seus olhos se encontraram.

— Eu te amo — disse Glass.

Luke pressionou sua própria mão contra a parede e, por um momento, Glass quase conseguiu sentir o calor de sua pele. Eu também te amo, dizia o movimento dos lábios de Luke. Ele lhe ofereceu um sorriso triste e gesticulou para que ela começasse a andar. Glass esperou, não querendo partir sem saber o que estava acontecendo ou quando ela o veria novamente. O alarme ainda estava soando sobre sua cabeça, apitando em seus ouvidos.

Vá, disseram os lábios de Luke, seu rosto sério.

Glass assentiu e se virou, se forçando a manter seus olhos virados para a frente. Mas antes de virar para o corredor que saía da ponte suspensa, ela olhou por cima do ombro uma última vez. Luke não tinha se movido. Ele ainda estava parado lá, sua mão pressionada contra a barreira.

Glass correu até sua casa, abrindo caminho entre grupos de civis em pânico e guardas com rostos inexpressivos.

— Ah, graças a deus — disse Sonja enquanto Glass entrava correndo no apartamento. — Eu estava tão preocupada. — Ela empurrou uma jarra de água nos braços de Glass. —

Vá encher isso no banheiro. Não sei muito bem quanto tempo mais a água vai durar.

— O que está acontecendo? — perguntou Glass. — Fecharam a ponte suspensa.

— O que você estava fazendo perto da ponte? — perguntou sua mãe, e então piscou, vendo as roupas que Glass tinha colocado depois da festa de observação do cometa. — Ah — falou ela de forma seca, uma compreensão fatigada tomando conta de suas feições. — Era lá que você estava?

— O que está acontecendo? — repetiu Glass, ignorando o olhar reprovador da mãe.

— Não tenho certeza, mas tenho um pressentimento... — Ela deixou as palavras morrerem, então juntou os lábios. — Acho que é isso. O dia que todos nós sabíamos que estava chegando.

— De que você está falando?

Sonja pegou a jarra de volta das mãos de Glass e se virou para a pia: — A nave não foi construída para durar tanto. Era apenas uma questão de tempo até as coisas começarem a quebrar.

A água tinha chegado ao topo da jarra e agora transbordava na pia, mas Sonja permaneceu parada.

— Mãe?

Finalmente sua mãe fechou a torneira e se virou para ficar de frente para Glass.

— É a câmara de vácuo — disse ela em voz baixa. — Há uma ruptura. — Um grito soou no corredor, e sua mãe olhou rapidamente para a porta antes de forçar um sorriso e continuar. — Mas não se preocupe. Há uma reserva de oxigênio em Phoenix. Ficaremos bem até descobirmos o que fazer. Prometo, Glass, nós vamos sair dessa.

Glass sentiu uma percepção se assentando em sua mente, contorcendo seu estômago com horror.

— O que isso tem a ver com a ponte? — perguntou ela, sua voz tão baixa que era quase um sussurro.

— Já está acabando o oxigênio em Arcadia e Walden. Tivemos que tomar precauções de segurança para garantir...

— Não — sussurrou Glass. — O Conselho vai deixar todos eles morrerem?

Sonja se aproximou e apertou o braço de Glass.

— Eles tiveram que fazer algo, senão ninguém sobreviveria — dizia ela, mas Glass mal registrou as palavras. — É a única forma de proteger a Colônia.

— Tenho que encontrá-lo — disse Glass, sentindo um calafrio. Ela deu um passo trêmulo para trás. Sua cabeça era um frenesi de palavras e imagens que se debatiam, criando mais pânico do que sentido.

— Glass — falou sua mãe com algo que soava como pena. — Sinto muito, mas você não pode.

Não tem como. Todas as saídas estão seladas. — Ela se aproximou e puxou a filha para um abraço.

Glass tentou se soltar, mas sua mãe a segurou com mais força. — Não há nada que possamos fazer.

— Eu o amo — disse Glass soluçando, o corpo tremendo.

— Eu sei. — Sonja esticou o braço e segurou a mão de Glass. — E tenho certeza de

que ele também a ama. Mas talvez assim seja melhor. — Ela ofereceu um sorriso triste que mandou calafrios pela espinha de Glass. — Pelo menos, dessa forma, vocês não terão que dizer um terrível adeus.

Wells observou enquanto Clarke entrava na floresta a passos largos, sentindo como se ela tivesse enfiado a mão em seu peito e arrancado um pedaço de seu coração. Ele estava apenas vagamente ciente do rugido alegre das chamas enquanto elas engoliam os suprimentos, as barracas... e qualquer um que tivesse sido suficientemente desafortunado para ter sido deixado dentro delas. Ao seu redor, algumas pessoas tinham caído no chão, respirando de forma ofegante ou tremendo de pavor. Mas a maioria estava de pé, lado a lado de frente para o inferno, seus vultos imóveis e silenciosos.

— Todos estão bem? — perguntou Wells com a voz rouca. — Quem está desaparecido? — O

entorpecimento causado pelas palavras de Clarke estava indo embora, sendo substituído por uma energia frenética. Ele chegou até a beira da floresta, protegendo os olhos enquanto tentava espiar através da parede de chamas. Quando ninguém respondeu, ele respirou fundo e gritou. — Todos conseguiram sair? — Houve uma onda de acenos de cabeça mecânicos.

— Precisamos nos afastar mais? — perguntou uma pequena menina de Walden, sua voz tremendo enquanto ela dava mais um passo na direção do interior da floresta.

— Não parece estar se alastrando para as árvores — respondeu um rapaz arcadiano de forma rouca. Ele estava parado ao lado de algumas jarras de água desgastadas e alguns recipientes enegrecidos que ele tinha trazido do acampamento.

O rapaz estava certo. O círculo de terra nua que cercava a clareira era suficientemente largo para que as chamas que estavam engolindo as barracas ficassem fora do alcance dos galhos mais baixos.

Wells se virou, examinando a escuridão em busca de um sinal de Clarke. Mas ela tinha desaparecido nas sombras. Ele quase conseguia sentir seu pesar pulsando através da escuridão. Cada célula em seu corpo estava gritando para ir atrás dela, mas ele sabia que era inútil.

Clarke estava certa. Ele destruíra tudo em que tocava.

— Você parece cansado — disse o Chanceler, examinando Wells do outro lado da mesa de jantar.

Wells levantou os olhos do prato para o qual olhava fixamente, então balançou a cabeça brevemente:

— Estou bem.

A verdade era que ele não dormia há dias. A expressão de fúria com que Clarke tinha olhado para ele estava marcada em seu cérebro, e toda vez que fechava os olhos, podia ver o pavor que tomou seu rosto enquanto os guardas a arrastavam. Seu grito angustiados preenchia o silêncio entre as batidas de seu coração.

Depois do julgamento, Wells tinha implorado a seu pai para suspender as acusações.

Ele jurou que Clarke não tinha nada a ver com a pesquisa e que a culpa que ela vinha carregando consigo quase a tinha matado. Mas o Chanceler tinha simplesmente alegado

que aquilo estava fora de sua alçada.

Wells se movimentava de forma desconfortável em sua cadeira. Ele mal podia suportar estar na mesma nave que seu pai, ainda mais se sentar em frente a ele para jantar, mas tinha que manter alguma aparência de civilidade. Se ele permitisse que a raiva o dominasse, seu pai simplesmente o acusaria de ser irracional demais, muito imaturo para compreender a lei.

— Eu sei que está chateado comigo — disse o Chanceler antes de beber um gole de água. — Mas não posso indeferir a votação. É por isso que temos o Conselho, para impedir que uma pessoa se torne poderosa demais. — Ele olhou para baixo a fim de ver o chip piscando em seu relógio, então fitou Wells novamente. — A Doutrina Gaia já é suficientemente rígida. Temos que nos agarrar a qualquer retalho de liberdade que ainda temos.

— Então você está dizendo que, mesmo que Clarke seja inocente, valeria a pena deixá-la morrer para manter a democracia viva?

O Chanceler fixou os olhos em Wells com uma expressão que há alguns dias o teria feito afundar na cadeira:

— Acredito que inocente seja um termo relativo aqui. Não há como negar que ela sabia sobre os experimentos.

— Rhodes os forçou a conduzir aqueles experimentos. Ele é quem deveria ser punido!

— Já chega — falou o Chanceler, com uma voz tão fria que quase acabou com a ira de Wells. — Eu me recuso a escutar essa heresia em minha própria casa.

Wells estava prestes a lançar uma réplica furiosa, mas foi interrompido pelo som da campainha. Seu pai o silenciou com um último olhar enquanto abria a porta e recebia o Vice-Chanceler.

Wells mal conseguiu conter seu ódio quando Rhodes o cumprimentou com um rápido aceno de cabeça. O Vice-Chanceler tinha seu habitual olhar satisfeito enquanto seguia o Chanceler até o escritório. Depois de fecharem a porta firmemente, Wells se levantou da mesa. Ele sabia que deveria ir a seu quarto e fechar a porta, como sempre fazia quando seu pai tinha reuniões em casa.

Há alguns dias, ele poderia ter feito isso. Há alguns dias, não teria ousado escutar escondido uma conversa particular. Mas agora ele não se importava. Ele caminhou em silêncio até a porta e se recostou na parede.

— Os módulos de transporte estão prontos — começou Rhodes. — Não há motivo para esperar.

— Há muitas razões para esperar. — Havia um tom de irritação na voz de seu pai, como se eles já tivessem tido essa discussão muitas vezes. — Ainda não sabemos se os níveis de radiação são seguros.

Wells respirou fundo, então congelou para não perturbar o silêncio.

— É por isso que estamos esvaziando o centro de detenção. Por que não usar os condenados para algo útil?

— Até mesmo crianças Confinadas merecem uma chance na vida, Rhodes. É por isso que elas têm um rejuvimento em seu aniversário de 18 anos.

O Vice-Chanceler zombou:

— Você sabe que nenhum deles será perdoado. Não podemos nos dar ao luxo de gastar os recursos. Já estamos ficando sem tempo de qualquer forma.

O que ele quer dizer com ficando sem tempo?, Wells se perguntou, mas antes que ele tivesse uma chance de pensar no assunto, seu pai se manifestou.

— Esses relatórios são excessivamente exagerados. Temos oxigênio suficiente para no mínimo mais alguns anos.

— Então o que acontecerá? Você vai obrigar toda a Colônia a entrar em módulos de transporte e torcer para que tudo dê certo?

— Mandaremos os jovens Confinados do centro de detenção, como você sugeriu. Mas não ainda. Não até que esse seja nosso último recurso. A não ser que a ruptura no setor C14 piore, ainda temos um pouco de tempo sobrando. Os primeiros prisioneiros serão enviados em um ano.

— Se é isso que você acha melhor.

Wells ouviu o Vice-Chanceler se levantar de sua cadeira e, num piscar de olhos, correu silenciosamente até seu quarto e caiu na cama. Ele ficou olhando para o teto, tentando compreender o que tinha escutado. A Colônia estava em seu último suspiro.

Eles tinham apenas mais alguns anos no espaço.

Tudo aquilo fez sentido, por que todos estavam sendo considerados culpados: não havia recursos suficientes na nave para manter a população. Era um pensamento horrível, mas uma percepção ainda mais terrível estava abrindo caminho até a frente de seu cérebro. O aniversário de Clarke seria daqui a seis meses. Wells sabia que ele nunca convenceria seu pai a perdoá-la. Ser enviada à Terra lhe daria uma segunda chance. Mas eles não começariam a missão até daqui a um ano. A não ser que ele fizesse algo, Clarke morreria.

Sua única chance era acelerar a missão, fazer com que o primeiro grupo fosse enviado imediatamente.

Um terrível plano começou a tomar forma, e seu peito se apertou com medo ao perceber o que ele teria que fazer. Mas Wells sabia que não havia outro jeito. Para salvar a garota que amava, ele teria que colocar em risco toda a raça humana.

Bellamy deslizou de cima do tronco da árvore e se deixou cair no chão, se sentindo tão vazio quanto a carcaça queimada do módulo de transporte. Ele vinha procurando Octavia havia horas, se embrenhando na floresta e gritando seu nome até que sua garganta arranhasse, mas a floresta respondeu com nada além de um silêncio desesperador.

— Ei. — Uma voz fatigada interrompeu seus pensamentos. Bellamy se virou e viu Wells andando lentamente em sua direção. Fuligem estava manchando seu rosto, e a pele de seu antebraço esquerdo tinha um arranhão feio. — Alguma sorte?

Bellamy balançou negativamente a cabeça.

— Sinto muito. — Wells juntou os lábios e olhou fixamente para um ponto no solo logo atrás de Bellamy por um longo momento. — Se serve de algum consolo, eu realmente não acho que ela estava aqui. Acabamos de vasculhar a clareira de forma bastante minuciosa. Todos conseguiram fugir a tempo, menos... — Sua voz perdeu a força.

— Eu sei — falou Bellamy em voz baixa. — Realmente sinto muito, cara. Tenho certeza de que você fez o melhor que pôde.

Wells se encolheu:

— Nem sei mais o que isso significa. — Bellamy olhou para ele, confuso, mas antes que tivesse tempo para dizer qualquer coisa, Wells lhe ofereceu um sorriso amarelo. — Octavia logo vai aparecer. Não se preocupe. — Então se virou e se arrastou de volta até a clareira, onde algumas pessoas vasculhavam as cinzas em busca de alguma coisa que tivesse sobrevivido às chamas.

Na luz rosada da alvorada, Bellamy quase conseguiu se fazer acreditar que os horrores das últimas horas não tinham sido nada além de um pesadelo. As chamas tinham se extinguido havia muito tempo e, embora a maior parte da grama tivesse sido queimada, o solo sob seus pés estava úmido. O fogo não tinha alcançado as árvores, cujas flores se esticavam na direção da luz, alegremente inconscientes da — ou despreocupadas com a — tragédia abaixo. Mas era aquilo o que acontecia com o pesar, Bellamy sabia. Você não podia esperar que mais ninguém compartilhasse seu sofrimento. Você tinha que carregar sua dor sozinho.

Ele ouviu alguns dos jovens discutindo sobre o que eles achavam que tinha iniciado o fogo: se o vento tinha carregado uma fagulha da fogueira para chamuscar as barracas ou se alguém tinha feito algo estúpido.

Mas Bellamy não dava a mínima para o que tinha causado aquilo. Tudo com que ele se importava era Octavia. Será que ela tinha se perdido enquanto corria até um lugar seguro? Ou será que tinha deixado o acampamento antes mesmo de o fogo começar? E, se esse fosse o caso, por quê?

Ele se levantou de forma trêmula, segurando no tronco da árvore a fim de se equilibrar. Não podia parar para descansar, não agora, quando cada hora significava que Octavia podia estar mais em perigo. Agora que estava claro, ele podia procurar

novamente. Poderia ir mais longe dessa vez.

Não importava quanto tempo levaria. Não pararia até encontrá-la.

Enquanto Bellamy se aprofundava mais na sombra, ele soltou o ar, aliviado por estar afastado da luz do sol insultantemente brilhante. Aliviado por estar sozinho. Mas seus olhos pararam sobre um vulto vindo num caminho sinuoso em sua direção. Ele parou e apertou os olhos na penumbra de sombras verdes. Era Clarke.

— Ei — falou ele com a voz rouca, seu estômago se contorcendo de forma desconfortável ao ver o rosto pálido e tenso dela. — Você está bem?

— Thalia está morta? — Ela disse aquilo mais como uma pergunta, como se esperasse que ele a assegurasse de que não era verdade.

Bellamy balançou a cabeça lentamente e disse:

— Sinto muito. — Ela começou a tremer, e ele instintivamente a puxou para seus braços. Por um longo momento eles simplesmente ficaram parados ali, Bellamy apertando o corpo trêmulo de Clarke contra o seu. — Sinto muito mesmo — sussurrou ele contra o cabelo dela.

Finalmente, Clarke ajustou a postura e se afastou com um suspiro. Embora as lágrimas estivessem correndo por seu rosto, o brilho tinha voltado aos seus olhos e um pouco de cor tinha encontrado lugar em suas bochechas.

— Onde está sua irmã? — perguntou ela, limpando o nariz com as costas da mão.

— Ela não está aqui. Estou procurando há horas, mas estava muito escuro. Vou tentar novamente.

— Espere. — Clarke colocou a mão no bolso. — Encontrei isso na floresta. Depois de um riacho, na direção daquela formação rochosa enorme. — Ela colocou algo na mão de Bellamy, que suspirou audivelmente enquanto seus dedos se fecharam em volta da tira de cetim familiar. Era o laço vermelho de Octavia.

— Estava amarrado a uma árvore? — perguntou ele com a voz fraca, sem saber qual ele esperava que fosse a resposta.

— Não. — O rosto sujo de Clarke ficou mais suave. — Eu achei no chão. Deve ter caído de seu cabelo em algum momento. Ela o estava usando ontem à noite, não estava?

— Acho que sim — respondeu Bellamy, seu cérebro disparando freneticamente em busca de fragmentos de memória. — Sim. Ela estava usando quando foi dormir.

— Certo — falou Clarke com repentina firmeza. — Então isso significa que ela saiu do acampamento antes de o fogo começar. Olhe — disse ela, acrescentando quando viu o olhar confuso de Bellamy —, não há cinzas sobre ele. Nenhum sinal de que ele esteve em qualquer lugar perto das chamas.

— Você pode estar certa — falou Bellamy delicadamente, esfregando o laço entre os dedos. — Só não entendo por que ela teria saído antes de o fogo começar. — Ele olhou novamente para Clarke.

— Você não estava fora da enfermaria ontem à noite? Percebeu alguma coisa?

Clarke balançou a cabeça, sua expressão repentinamente indecifrável.

— Saí por um tempo — disse ela com a voz tensa. — Sinto muito.

— Não se preocupe — falou Bellamy, então enfiou o laço no bolso. — Nunca cheguei a me desculpar. Você estava certa o tempo todo. Sinto muito.

Clarke apenas balançou a cabeça, reconhecendo o gesto. Ele continuou: — Obrigado por me contar sobre o laço. Vou continuar procurando.

Ele começou a se virar, mas Clarke esticou o braço para segurar seu pulso: — Vou com você.

— É muito gentil de sua parte, mas não faço ideia de quanto tempo vou ficar fora. Isso não é como quando saímos para procurar os medicamentos. Pode demorar bastante tempo.

— Vou com você — repetiu ela. Sua voz era firme, e havia um fogo em seus olhos que o fez hesitar antes de contradizê-la.

— Tem certeza? — Bellamy levantou uma sobrancelha. — Duvido que Wells vá ficar feliz ao saber disso.

— Ele não vai saber disso por mim. Estamos terminados.

O cérebro de Bellamy zumbiu com perguntas que nunca chegaram aos seus lábios: — Certo, então. — Ele deu um passo à frente e gesticulou para que ela o seguisse. — Mas devo adverti-la... provavelmente vou tirar a camisa em algum momento. — Ele olhou por cima do ombro e viu um sorriso surgir no rosto dela, tão pequeno que poderia ter sido um truque da luz que penetrava pela folhagem pesada.

A Colônia estava estranhamente silenciosa, mesmo levando em conta que era uma hora da manhã.

Glass não viu mais ninguém enquanto disparava pelos corredores escuros, iluminados apenas pelo brilho fraco das luzes de emergência azuis no chão.

Ela tinha saído escondida depois que sua mãe finalmente deitara, e agora tentava se livrar da imagem de sua mãe acordando e percebendo que Glass tinha ido embora. A mágoa e o horror que contorceriam suas feições delicadas da mesma forma como tinha acontecido incontáveis vezes nos últimos dois anos. Glass nunca se perdoaria pela dor que causara à sua mãe, mas não tinha escolha.

Ela tinha que chegar a Walden e a Luke.

Ela parou na saída da escada que levava à plataforma F, escutando com atenção em busca de passos, mas não ouviu nada a não ser o som de sua própria respiração ofegante. Ou os guardas estavam em patrulha em outra parte de Phoenix ou tinham sido todos mandados de volta a Walden ou Arcadia, onde eles não roubariam mais o ar reservado para os pulmões phoenicianos.

Glass correu pelo corredor desconhecido, procurando pelo brilho prateado que indicaria um duto de ventilação. Quase no fundo da nave, a plataforma F era em sua maioria usada como área de depósito. O duto de ventilação pelo qual ela tinha rastejado depois de escapar do módulo de transporte a tinha levado à plataforma F, em Walden. Ela apenas esperava que o mesmo ocorresse em Phoenix. Diminuindo o passo para uma caminhada, ela vasculhou as paredes em busca de uma abertura, sentindo o terror penetrá-la a cada passo. E se ela estivesse errada em relação à planta? E

se o duto um dia tivesse conectado Walden a Phoenix, mas tivesse sido preenchido há muito tempo?

Então um brilho metálico chamou a atenção de seus olhos, e a tensão que se acumulava em seu peito foi varrida por excitação e alívio. Ela rapidamente subiu nas pontas dos pés, alcançando a beira da grade, mas ela era muito elevada. Glass soltou um suspiro frustrado e se virou para examinar o corredor. Nenhuma das portas estava marcada, mas não pareciam ser protegidas por scanners de retina. Ela segurou na maçaneta mais próxima e a girou. A porta se abriu com um rangido, revelando um armário de suprimentos escuro.

Os olhos de Glass pararam sobre um pequeno barril, que ela rolou até o corredor. Ela subiu no objeto, removeu a grade e se ergueu até o espaço sombrio.

Glass pensou brevemente sobre a última vez que tinha rastejado num duto de ventilação, sobre como as paredes de metal tinham dado a impressão de que ela estava sendo pressionada por todos os lados, e tremeu, enfiando a mão no bolso traseiro. Pelo menos dessa vez tinha trazido uma lanterna.

Ela direcionou o feixe de luz fraca para a frente, mas não havia nada a vista a não ser o duto de ventilação, se estendendo infinitamente à sua frente.

Ele terminaria em algum momento, Glass sabia. Ela apenas esperava não ficar sem ar antes de chegar lá. Se tivesse que morrer, queria que fosse nos braços de Luke.

O cenário em Walden era diferente do que ela esperava. As luzes pareciam estar funcionando normalmente e, enquanto andava apressadamente na direção do apartamento de Luke, Glass não viu nenhum guarda. Por um momento, ela sentiu um breve surto de esperança. Talvez sua mãe tivesse se enganado. O pânico em Phoenix era apenas um mal-entendido. Mas, à medida que subia as escadas, ela sentiu um aperto estranho no peito que apenas ficou pior quando ela parou para recuperar o fôlego. Sua ansiedade para ver Luke podia ser responsável por seus batimentos cardíacos acelerados, mas Glass sabia que não podia ignorar a verdade. O oxigênio já estava ficando escasso ali.

Ela se forçou a se mover lentamente enquanto virava no andar de Luke, respirando com lufadas curtas e cuidadosas para manter a frequência cardíaca constante. O corredor estava cheio de pessoas falando em voz baixa, olhando com preocupação para as crianças que se espalhavam pelo corredor, tão excitadas por não estarem na cama tão tarde que mal notavam a dificuldade que tinham para respirar. Glass quis dizer aos pais para manter as crianças calmas e paradas para conservar o oxigênio, mas aquilo apenas criaria mais pânico, e não havia nada que eles pudessem fazer, de qualquer forma.

Glass mal tinha começado a bater na porta de Luke quando ele a puxou para dentro de casa e para seus braços. Por um momento, ela queria saber do calor de seu corpo e do peso do seu abraço.

Mas então ele se afastou, e ela foi capaz de ver o choque e a preocupação lutando contra a alegria em seus olhos.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele, passando a mão em sua bochecha como se precisasse de mais provas de que aquilo não era uma ilusão. Ele olhou na direção da porta fechada e abaixou a voz antes de continuar. — Não é seguro.

— Eu sei — disse Glass em voz baixa, colocando a mão entre as dele.

— Eu nem sei como você chegou aqui, mas precisa voltar — falou Luke, sacudindo a cabeça. — Você tem mais chances de sobreviver em Phoenix.

— Não vou voltar sem você.

Ele a levou até o sofá com um suspiro e a puxou para seu colo.

— Escute — disse ele enquanto envolvia um cacho do cabelo dela em seu dedo —, se os guardas nos pegarem entrando escondidos em Phoenix, vão atirar em mim e provavelmente em você. — Ele fechou os olhos, franzindo a testa. — É para isso que estamos sendo treinados, Glass. Nunca foi dito claramente, mas... nós todos tínhamos uma sensação de que algo grande estava vindo, e fizemos simulações para saber como agir. — Quando ele abriu os olhos novamente, eles estavam cheios de uma fúria fria que ela nunca tinha visto neles. Ele deve ter notado a preocupação em seu rosto, porque sua expressão abrandou. — Mas você não precisa se preocupar com isso. Você vai ficar bem. E isso é tudo o que importa para mim.

— Não — falou Glass, se assustando com a própria veemência. — Eu não vou ficar bem. — Luke franziu a testa e abriu a boca para falar, mas Glass o interrompeu. — Isso vai me matar, saber que você está aqui sozinho. Isso vai me matar — repetiu ela, repentinamente frenética, se engasgando enquanto respirava com dificuldade. —E, se eu

tiver que morrer, quero que seja aqui, com você.

— Shhh — murmurou Luke, passando a mão em sua nuca. — Tudo bem, tudo bem. — Ele sorriu tristemente. — A pior coisa que podemos fazer é gastar oxigênio discutindo.

— Você está com medo? — perguntou Glass depois de um longo momento de silêncio.

Luke se virou novamente para ela e balançou negativamente a cabeça: — Não. — Ele colocou o dedo debaixo do queixo de Glass e o levantou, fazendo com que ela olhasse diretamente em seus olhos. — Nunca tenho medo quando estou com você. — Então se inclinou e a beijou delicadamente. Ela tremeu, a respiração dele fazendo sua pele se arrepiar.

Glass afastou o rosto com um sorriso:

— Isso não é um desperdício de oxigênio?

— Muito pelo contrário — sussurrou Luke, a puxando novamente para junto dele. — Estamos conservando. — Sua boca encontrou a dela novamente, e ela abriu os lábios enquanto o beijo ficava mais ardente.

Glass passou a mão por seu braço, sorrindo enquanto ele se arrepiava. Sem se afastar, ela começou a desabotoar a camisa dele, dizendo a si mesma que os batimentos cardíacos extraordinariamente rápidos eram uma resposta ao seu toque. Seus lábios se moveram para o maxilar dele, então desceram pelo pescoço. Ela parou em seu peito. Havia números tatuados em suas costelas. Dois conjuntos de datas que fizeram o estômago de Glass embrulhar.

— O que houve? — perguntou Luke, se sentando.

Ela aproximou o dedo da tatuagem, então o afastou, com medo de tocar na tinta: — O que é isso?

— Ah. — Luke franziu a testa enquanto olhava para baixo. — Achei que tinha te contado. Eu queria algo para honrar Carter. — Sua voz ficou distante. — É a data do seu aniversário e do dia em que ele foi executado.

Glass mal conseguiu evitar um calafrio enquanto olhava para o segundo grupo de números. Glass não precisava de uma tatuagem para se lembrar do dia em que Carter tinha morrido. A data estava marcada de forma tão clara em sua mente quanto na pele de Luke.

Glass gemeu enquanto puxava os joelhos até o peito. Os lençóis em sua cama estavam retorcidos e molhados de suor. Ela estava desesperada de sede, mas ainda faltavam horas para lhe trazerem sua bandeja do jantar e sua porção de água noturna. Pensou de forma saudosa em todos os anos que tinha passado alegremente sem saber que a água era racionada em todos os outros lugares da Colônia.

Glass ouviu um apito tímido, seguido de passos, e se retraiu enquanto levantava sua cabeça latejante do travesseiro e via um vulto na porta. Não era um guarda. Era o Chanceler.

Glass se ergueu até ficar sentada e tirou uma mecha de cabelo úmido do rosto. Ela se preparou para ter um surto de fúria quando seus olhos se fixaram sobre os do homem que ordenou sua prisão, mas, através da névoa de dor e exaustão, ela não viu o chefe do Conselho. Tudo o que viu foi o rosto preocupado do pai de seu melhor amigo.

— Olá, Glass. — Ele apontou para o outro lado da cama. — Posso?

Ela assentiu, sem força.

O Chanceler suspirou enquanto se sentava:

— Sinto muito pelo que aconteceu. — Ele parecia mais abatido do que nunca, pior inclusive do que quando sua esposa estava morrendo. — Nunca quis ver você ser ferida.

Sem pensar, Glass levou a mão à barriga.

— Não fui eu que fui ferida.

O Chanceler fechou os olhos por um momento enquanto esfregava as têmporas. Ele nunca demonstrava frustração ou fadiga em público, mas Glass reconheceu a expressão das poucas vezes em que o tinha visto trabalhando no escritório de casa.

— Espero que você saiba que não tive escolha. — A voz dele ficou mais firme. — Fiz um juramento de que seguiria as leis dessa Colônia. Não posso me dar ao luxo de fazer vista grossa simplesmente porque a criminoso em questão calhou de ser a melhor amiga do meu filho.

— Compreendo que você tenha que acreditar nisso — disse Glass com a voz vazia.

O rosto dele ficou mais sério:

— Você está pronta para me dizer o nome do pai?

— Por que eu deveria fazer isso? Para você poder trancá-lo aqui comigo?

— Porque essa é a lei. — O Chanceler se levantou e deu alguns passos na direção dela. — Porque não é justo que o pai não seja punido igualmente. E porque não vai demorar muito para meus investigadores examinarem os registros dos scanners de retina e descobrirem onde você vinha passando seu tempo. Vamos encontrá-lo de qualquer forma. Mas, se você nos ajudar, terá uma chance muito maior de ser perdoada no rejuízo.

Seus olhos se encontraram, e Glass virou o rosto, se encolhendo enquanto imaginava Luke sendo arrastado no meio da noite, o terror em seus olhos enquanto implorava para que os guardas lhe dissessem o que estava acontecendo. Será que eles lhe contariam a verdade, permitindo que ele tivesse tempo suficiente para que a dor se registrasse antes de eles enfiarem a agulha em seu peito? Ou será que ele morreria acreditando que tinha sido a vítima de um terrível engano?

Ela não podia deixar aquilo acontecer.

Mas o Chanceler estava certo. O Conselho não descansaria até descobrir o cúmplice do crime. Em algum momento, um dos guardas acabaria rastreando os movimentos de Glass até Walden, até o andar de Luke — talvez, inclusive, até seu apartamento.

Lentamente, ela se virou de volta para o Chanceler, sabendo o que tinha que fazer.

Quando ela falou, sua voz era tão fria quanto uma sentença de morte: — O pai era Carter Jace.

Eles ouviram um som de rangido no corredor. Glass se sentou, tentando escutar melhor o que estava acontecendo na escuridão. Sentiu o pânico apertar seu peito. Quase parecia que a nave estava gemendo.

— Meu deus — sussurrou Luke, se levantando rapidamente. O som se repetiu, seguido de um estrondo que sacudiu as paredes. — Vamos.

O corredor ainda estava cheio de gente, embora agora até mesmo as crianças tivessem ficado em silêncio. As luzes começaram a piscar. Luke segurou a mão de Glass

com força enquanto desviava da multidão, indo em direção a uma de suas vizinhas. Seu rosto estava sério enquanto ela sussurrava algo para Luke que Glass não conseguiu escutar, embora pudesse dizer, pela expressão em seu rosto, que não era nada bom. Então outro corpo se materializou ao lado deles, e Glass respirou fundo.

Era Camille. Seus olhos se estreitaram enquanto paravam sobre Glass.

Ela se virou, incapaz de olhar para Camille naquele momento. Ela não podia evitar se sentir culpada por como as coisas tinham ficado. Não culparia a outra garota por odiá-la.

Um grupo de crianças estava reunido no chão perto de seus pais, que conversavam em tom grave e preocupado. Os lábios de uma das garotinhas tinha uma coloração azulada, e o menino cuja mão ela estava segurando lutava para respirar.

As luzes piscaram mais uma vez, então se apagaram. Uma série de tosse foi ouvida na escuridão intensa e repentina. Diferentemente de Phoenix, Walden não tinha nenhuma luz de emergência.

Luke passou o braço em volta da cintura de Glass e a puxou para perto.

— Nós vamos ficar bem — sussurrou ele em seu ouvido.

Mas então outra voz atravessou as sombras. Camille tinha se movido silenciosamente e estava parada do outro lado de Glass.

— Você vai contar a ele ou devo fazer isso? — perguntou ela, num volume baixo demais para que Luke ouvisse.

Glass se virou para ela, assustada, mas não conseguiu compreender a expressão no rosto de Camille:

— Do que você está falando?

— Ele merece saber a verdade. Que o amigo dele morreu por sua causa.

Glass tremeu e, embora não fosse capaz de ver o sorriso de Camille, podia escutá-lo em sua voz: — Eu sei o seu segredo. Sei o que você fez com Carter.

Eles estavam andando há horas, fazendo círculos concêntricos que se alargavam pela floresta, tentando cobrir cada centímetro do terreno. As panturrilhas de Clarke estavam queimando, mas ela estava saboreando a sensação: a dor física era uma distração bem-vinda dos seus pensamentos. As chamas engolindo as laterais da barraca da enfermaria... os braços de Wells como algemas em volta dela... o estalo nauseante que se ouviu quando as paredes desmoronaram.

— Ei, veja isso aqui. — Clarke se virou, vendo Bellamy ajoelhado perto do local onde ela tinha achado o laço de Octavia, examinando atentamente o que pareciam ser pegadas na terra. Ela não era nenhuma rastreadora, mas as marcas de luta pareciam fáceis de identificar. Quem quer que tivesse deixado as pegadas não estava numa caminhada agradável pela floresta.

— Parece que alguém estava correndo, ou brigando — disse Clarke suavemente. Ela se absteve de terminar a frase: quase como se alguém tivesse sido arrastado. Eles tinham assumido que Octavia tinha fugido... mas e se ela tivesse sido levada?

Ela foi capaz de ler a mesma linha de questionamento na testa franzida de Bellamy, e ajoelhou ao seu lado.

— Ela não pode estar muito longe — disse Clarke, realmente acreditando naquilo. — Nós vamos encontrá-la.

— Obrigado. — Bellamy assentiu enquanto se levantava, e eles continuaram a caminhar. — Eu estou... estou feliz por você estar aqui comigo.

Eles seguiram em sua caminhada penosa pelo que pareceram horas, o sol se erguendo e então mergulhando no céu. À medida que seus círculos ficavam mais largos, Clarke podia dizer que eles estavam se aproximando da beira da floresta. Entre os contornos das árvores, ela viu uma clareira e parou. Havia mais árvores, mas essas pareciam diferentes daquelas na floresta. Tinham enormes troncos nodosos e galhos grossos cobertos com uma copa de folhas verdes. Os ramos eram envergados devido a frutas vermelhas e redondas. Maçãs.

Clarke se aproximou das macieiras, com Bellamy logo atrás.

— Isso é estranho — disse ela lentamente. — As árvores estão espaçadas de forma tão constante. Quase se parece com um pomar. — Ela se aproximou da árvore mais próxima. — Mas será que ele poderia ter sobrevivido todos esses anos?

Embora a árvore fosse muito mais alta do que ela, o galho mais baixo estava bem próximo do solo. Ficando nas pontas dos pés, foi fácil para Clarke se esticar e arrancar uma maçã. Ela virou e a arremessou para Bellamy antes de se esticar para pegar outra.

Clarke segurou a maçã perto do rosto. Plantavam frutas nos campos solares na nave, mas aquelas maçãs não se pareciam em nada com essas. A casca não era apenas vermelha; ela tinha listras cor-de-rosa e brancas espalhadas sobre ela e soltava um aroma diferente de qualquer coisa que ela tivesse sentido antes. Deu uma mordida e se engasgou quando o suco começou a escorrer por seu queixo. Como algo podia ter o gosto doce e

azedo ao mesmo tempo? Apenas por um momento, Clarke se permitiu esquecer de tudo que tinha acontecido na Terra e deixar a sensação tomar conta dela.

— Você está pensando o que estou pensando? — perguntou Bellamy, e Clarke se virou para ele.

Enquanto ela estava ocupada comendo, ele tinha começado a usar galhos caídos para medir a distância entre as árvores.

— Para ser sincera, eu não estava pensando em nada além de como isso é gostoso — admitiu Clarke, sentindo a ponta de um sorriso brotando em seus lábios. Mas Bellamy não sorriu ou a provocou. Ele apenas continuou a olhar fixamente para as árvores perfeitamente espaçadas.

— Essas árvores não sobreviveram ao Cataclismo e não simplesmente cresceram assim — disse ele lentamente, sua voz cheia de admiração e pavor. Antes mesmo de ele terminar, Clarke já sabia o que ele ia falar. Seu peito se apertou com medo. — Alguém as plantou.

— Está melhor?

Wells se virou e viu Asher, o garoto arcadiano, apontando para o tronco que estava cortando. A grama estava coberta de aparas de madeira e pedaços que tinham sido descartados; mas esse realmente parecia promissor.

— Definitivamente. — Wells balançou a cabeça e agachou ao lado do tronco, passando os dedos nos sulcos. Asher tinha entalhado a madeira. — Apenas se assegure de que todos tenham aproximadamente a mesma profundidade, ou os troncos não vão se fixar.

Enquanto Wells se levantava, Graham passou ao seu lado, carregando uma tira de lona derretida na direção da pilha crescente de suprimentos recuperados no meio da clareira. Wells ajustou a postura, esperando uma zombaria ou algum comentário malicioso, mas Graham continuou olhando para a frente e seguiu sem dizer qualquer palavra.

O fogo tinha destruído suas barracas, mas a maior parte das ferramentas tinha sido salva, assim como os medicamentos. Tinha sido ideia de Wells tentar construir estruturas de madeira permanentes. Era mil vezes mais difícil do que os livros faziam acreditar, mas eles estavam lentamente pegando o jeito.

— Wells! — Uma menina de Walden se aproximou. — Como vamos pendurar as redes? Eliza disse que elas vão ficar presas nas vigas do teto, mas isso ainda vai demorar dias para ficar pronto, não é mesmo? Além disso, eu estava pensando...

— Falo com você em alguns minutos, OK? — disse Wells, a interrompendo. Um olhar magoado surgiu no rosto redondo da garota. — Tenho certeza de que você e Eliza estão fazendo um trabalho excelente — acrescentou, lhe dando um pequeno sorriso. — Já vou até lá.

Ela balançou a cabeça e se afastou rapidamente, passando ao lado de uma pilha de hastes de barracas que ainda pareciam quentes demais para serem tocadas.

Wells olhou por cima do ombro, então começou a andar na direção das árvores. Precisava de um momento para si, precisava pensar. Ele se movia lentamente, o peso em seu peito parecendo se alastrar para os membros, tornando cada passo difícil e doloroso. Na beira da floresta, ele parou, puxando o ar fresco para dentro dos pulmões, e fechou os olhos. Tinha sido ali que ele beijara Clarke pela primeira vez na Terra — e pelo que certamente seria a última vez em sua vida.

Ele achou que já tinha sentido o tipo mais terrível de dor possível — saber que Clarke o odiava, que ela não podia suportar vê-lo —, mas ele estava errado. Vê-la partir com Bellamy tinha quase o matado. Ela nem olhara para ele quando foi juntar o que sobrou de seu equipamento. Apenas assentiu em silêncio para o resto do grupo antes de seguir Bellamy floresta adentro.

Se ela ao menos soubesse o que ele realmente fizera para ficar com ela na Terra. Ele tinha arriscado tudo. E não servira para nada.

Nenhum dos guardas olhou para Wells com atenção quando ele levantou os olhos na

direção do scanner de retina e seguiu pelas portas. A entrada no setor C14 era extremamente restrita, mas seu uniforme de oficial, seu andar confiante e seu rosto conhecido lhe garantiam acesso a praticamente qualquer parte da Colônia. Ele nunca tinha se aproveitado de seu status, até agora. Depois de ouvir a conversa de seu pai com o Vice-Chanceler, algo dentro de Wells tinha estalado.

Seu plano era inconsequente, estúpido e incrivelmente egoísta, mas ele não se importava. Tinha que se assegurar de que Clarke fosse enviada à Terra em vez de ser mandada para a câmara de execução.

Wells correu pela escadaria estreita e vazia, iluminada apenas por luzes de emergência fracas. Não havia razão para que alguém visitasse a câmara de vácuo a não ser para checagens de rotina, e Wells já tinha invadido os arquivos de manutenção para checar os horários. Ele estaria totalmente sozinho.

A câmara de vácuo do C14 era original da nave e, apesar dos esforços dos engenheiros para mantê-la em boas condições, depois de trezentos anos no espaço diante de temperaturas extremas e raios ultravioletas, ela tinha começado a se deteriorar. Havia pequenas rachaduras junto à borda e quadrados brilhantes onde material mais novo tinha obviamente sido usado para remendar a câmara.

Wells levou o braço às costas para pegar o alicate que tinha prendido na cintura da calça. Ficaria tudo bem, disse a si mesmo, os braços tremendo. Todos logo seriam evacuados, de qualquer forma. Ele estava apenas acelerando o processo. Ainda assim, no fundo, ele sabia que não havia módulos de transporte suficientes para todos. E não fazia a menor ideia do que aconteceria quando chegasse a hora de usá-los.

Mas isso era um problema para seu pai, não para ele.

Então esticou o braço e começou a soltar a borda frágil da câmara de vácuo, se encolhendo quando ouviu um chiado tímido. Então se virou e correu de volta na direção da escadaria, tentando ignorar o terror se acumulando em seu estômago. Ele mal podia suportar pensar no que tinha acabado de fazer, mas, enquanto descia a escada apressadamente, disse a si mesmo que tinha feito o que precisava fazer.

Wells se levantou de forma cansada. Estava ficando escuro e ainda havia muito trabalho a ser feito nas novas cabanas. Eles precisavam terminar pelo menos alguns dos abrigos antes da próxima tempestade. Enquanto se aproximava do acampamento, imaginando se Clarke tinha levado cobertores suficientes consigo, se ela ficaria aquecida quando a temperatura caísse, Asher veio até o seu lado e começou uma nova série de perguntas. Ele estava segurando um dos troncos cortados e parecia querer a opinião de Wells sobre o tamanho e o corte.

Wells estava muito imerso em seus próprios pensamentos para escutar o que o outro estava dizendo. Enquanto os dois caminhavam lado a lado na direção das barracas, ele podia ver a boca do rapaz se mover, mas as palavras nunca chegaram aos ouvidos de Wells.

— Escute — começou Wells, pronto para dizer a Asher que aquilo podia esperar até a manhã seguinte.

Exatamente naquele instante, algo passou zunindo pelo seu rosto. Ele escutou um baque nauseante e viu Asher voar para trás. Sangue borbulhava de sua boca enquanto ele

caía no chão.

Wells caiu de joelhos.

— Asher — gritou ele enquanto seus olhos lutavam para entender a imagem adiante. Havia uma flecha espetada no pescoço do rapaz.

Seu primeiro e louco pensamento foi: Bellamy. Ele era o único que sabia atirar daquela forma.

Wells se virou com um berro, mas não era Bellamy que estava atrás dele. Era um grupo de vultos sombrios parados no sopé da montanha, o sol poente atrás deles. Ele respirou com dificuldade enquanto choque e pavor corriam por suas veias. De repente, ficou totalmente claro quem tinha ateadado fogo ao acampamento — e quem tinha levado Octavia. Não era alguém da Colônia.

Os cem podiam ser os primeiros humanos a chegar no planeta em três séculos, mas eles não estavam sozinhos.

Alguns nunca tinham ido embora.

FIM

Tenho uma incomensurável dívida de gratidão com Joelle Hobeika, que não apenas sonhou a premissa de *The 100*, mas cuja imaginação, sagacidade editorial e tenacidade foram essenciais para lhe dar vida. O mesmo se aplica a Katie McGee, Elizabeth Bewley e Farrin Jacobs, cujas perguntas incisivas e sugestões inteligentes moldaram o livro em todos os níveis. Também sou grata às pessoas intimidantemente perspicazes na Alloy, especificamente Sara Shandler, Josh Bank e Lanie Davis, e às dedicadas equipes na Little, Brown e na Hoddler & Stoughton.

Obrigada aos meus amigos extraordinários em ambos os lados do East River, do Gowanus Canal, do Mississippi e do Atlântico por seu apoio e encorajamento. Um “alô” especial para meus confidentes e coconspiradores nos dois lados do número 557 da Broadway, para a equipe da Crossroads, que me apresentou à ficção científica, e a Rachel Griffiths por ir anos-luz além de suas obrigações a fim de me ajudar a crescer como escritora e editora.

Acima de tudo, sou grata à minha família — meu pai, Sam Henry Kass, cuja escrita transborda com perspicácia incomparável e coração inigualável; minha mãe, Marcia Bloom, cuja arte brilha com a sabedoria de um filósofo e a alma de um esteta; meu brilhante irmão, Petey Kass, que me faz rir até eu não conseguir mais respirar; meus avós inspiradores, Nance, Peter, Nicky e David; e os clãs dos Kass/Bloom/Greenfield, que me fazem me sentir em casa em tantos lugares.

The 100

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/369543-os-escolhidos>

Matéria sobre o livro

<http://www.sobrelivros.com.br/livro-the-100-sera-publicado-pela-galera-record/>

Good read da autora

https://www.goodreads.com/author/show/6922454.Kass_Morgan

Twitter da autora

<https://twitter.com/kassmorganbooks>